



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Nº 16

Salvador, Bahia
2010

ISSN Nº 1982-3444

Editoração e Impressão:

Colégio Apoio

Capa:

Manoelito Damasceno

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Largo do Campo Grande, n.º 8

Revista da Academia Baiana de Educação, v.1, n. 16 2010 – Salvador:
ABED, 2010.

350 p.

O 1.º volume foi publicado em 1991.

Anual

ISSN – 1982-3444

1. Educação – Bahia – Periódicos. I. Academia Baiana de Educação

CDD:370.5

CDU: 37(05) (813.8)

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Fundada em 9 de setembro de 1982, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada.

VOLUME 16 (2010)



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

DIRETORIA (2008-2010)

Presidente de Honra:	Leda Jesuíno dos Santos
Presidente:	José Rogerio da Costa Vargens
Vice-presidente:	Germano Machado
1.º Secretário:	João Eurico Matta
2.º Secretário:	Rosa Pereira Levita
Tesoureiro:	Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Diretor da Revista:	José Nilton Carvalho Pereira
Diretora de Arquivo e Biblioteca:	Vanda Angélica da Cunha

S U M Á R I O

Homenagem a Carlos Corrêa de Menezes Sant’ Anna <i>J Rogerio C Vargens</i>	8
Homenagem ao Acadêmico Cícero Pessoa da Silva <i>J Rogerio C Vargens</i>	34
Saudação ao Educador do Ano Francisco Soares Senna <i>J Rogerio C Vargens</i>	36
Faculdades Integradas Olga Mettig – FAMETTIG <i>Maria Augusta Cruz Abdon</i>	51
Discurso de Saudação ao prof. Geraldo Leite na Academia Baiana de Educação <i>Antônio Jesuino dos Santos Neto</i> <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	121
Ahimsa – O Apelo à não Violência <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	139
A Perspectiva Axiológica da Educação <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	143
Joselice Macedo de Barreiro uma Significativa Ausência <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	146
Discurso de Saudação ao Professor Francisco Pinheiro por ocasião da Outorga do Título de Emérito pela Academia de Educação da Bahia <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	149
Carlos Chiacchio, o Mestre <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	154
Discurso de Agradecimento pela Outorga do “Prêmio Baker” da Fundação 2 de julho <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	180
Professor Cícero Pessoa perda na Academia Baiana de Educação <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	182

Saudação à Professora Thetis Nunes pela Concessão do Título de Membro Correspondente da Academia Baiana de Educação <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	184
Denise Tavares — A Fada Madrinha Um ser de amor, uma educadora dentro dos parâmetros atuais <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	187
Comemoração dos 30 anos da UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	190
Valores e Contemporaneidade <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	196
Responsabilidade Materna no Mundo Contemporâneo <i>Leda Jesuino dos Santos</i>	199
Prêmio Cogito de Arte, Cultura, Filosofia e Educação 2010 a Leda Jesuino <i>Zilma Parente de Barros</i>	205
Criação e Implantação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Bahia <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	209
Luzeiro da Educação: Aurélio Rodrigues Viana <i>Geraldo Leite</i>	222
Luzeiro da Educação: Armando Sampaio Tavares <i>Geraldo Leite</i>	224
Luzeiro da Educação: Aristides Novis <i>Geraldo Leite</i>	227
Luzeiro da Educação: Aristides Pereira Maltez <i>Geraldo Leite</i>	233
Luzeiro da Educação: Antônio do Prado Valadares <i>Geraldo Leite</i>	236
Luzeiro da Educação: Abílio César Borges (Barão de Macaúbas) <i>Geraldo Leite</i>	243

Luzeiro da Educação: Augusto Couto Maia <i>Geraldo Leite</i>	245
Luzeiro da Educação: Augusto Cezar Viana <i>Geraldo Leite</i>	248
Dimensão Antropológica da Universidade <i>José Newton Alves de Souza</i>	259
Academia Baiana de Educação <i>Hermano Gouveia Neto</i>	267
Faculdade de Educação da UFBA: Realidade e Possibilidades da Educação para Além do Capital. <i>Celi Nelza Zulke Taffarel</i>	269
Uma visão da Bahia <i>Remy de Souza</i>	290
Você acredita num Mundo de Paz? <i>Helena Parente Cunha</i>	294
Efeitos Perversos da Lei 5692/1971 <i>Alirio Fernando Barbosa de Souza</i>	303
Prof. Augusto Alexandre Machado, Machadinho, um grande educador, 1896 – 1974 <i>Hermano Augusto Palmeira Machado</i>	308
Estatuto da Academia Baiana de Educação.....	323
Regimento da Academia Baiana de Educação.....	335
Patronos da Academia Baiana de Educação e Acadêmicos Titulares.....	340
Acadêmicos Titulares.....	344
Endereços dos Acadêmicos Titulares.....	345

HOMENAGEM A CARLOS CORRÊA DE MENEZES SANT'ANNA

J Rogerio C Vargens

12.08.2010

Dois momentos de alta relevância na História contemporânea deste País completaram múltiplos lustros especiais neste ano de 2010.

Em abril, ainda que sob o desconforto de atmosfera turvada por circunstâncias, celebrou-se o cinquentenário da inauguração de Brasília. Em janeiro, deveria se ter celebrado com mais brilho e importância, os vinte cinco anos da eleição de Tancredo Neves para a Presidência do Brasil.

A cronologia que liga esses dois momentos esta marcada pela nódoa da interrupção democrática. Entretanto, indispensavelmente, eles se completam no encontro de nosso povo como nação.

A inauguração de Brasília não representou apenas a realização de uma utopia, desacreditada por muitos, atacada por forte oposição e sonhada apaixonadamente pela figura inigualável do presidente Juscelino Kubitschek. A aventura de erguer a mais moderna capital do mundo, em menos de 4 anos e do nada, desfraldando um manto de esperança do litoral para todo o interior vasto e esquecido, tudo isto pelo talento, a competência e a força de genuínos brasileiros, até então inferiorizados pelo subdesenvolvimento, representou a afirmação inquebrantável da capacidade de realização desse povo.

A eleição de Tancredo é o marco da redemocratização. Mas não se trata de um fato com a singularidade de um instante. É antecedido por laboriosa arquitetura política, edificada sem

tapumes em terreno adversário, compondo interesses, atenuando desconfianças, apaziguando disputas, agregando contrários, mobilizando pessoas sem atirá-las à imprudência, semeando esperanças sem vender utopias.

Somente um grande conciliador, com a firmeza e a respeitabilidade do grande estadista seria capaz de semelhante feito. Tancredo, entretanto, não esteve só. Desde os primeiros momentos, soube acompanhar-se de uma corte de valores. Nosso confrade Roberto Santos foi um deles.

A eleição em si foi um delírio. A esmagadora maioria obtida no colégio Eleitoral ecoava a voz do povo nas ruas e nas praças desde a campanha das diretas. A festa teve a unanimidade do território nacional.

Instalou-se um clima de otimismo generalizado.

Todavia, raramente um povo foi tomado por emoções tão fortes, tão inesperadas e tão controversas, em lapsos de tempo tão curtos. Na eleição explodiu em alegria, na noite da véspera da posse cala-se atordoado com a notícia do internamento do presidente eleito e, seis semanas depois, no dia em que Brasília completou 25 anos, chora a morte deste presidente na comoção mais unânime e mais profunda da sua História.

Se houve antes toda uma construção vitoriosa, há agora, agravado pela falta do grande artífice, um monumental desafio para corresponder às expectativas. Contudo, o sonho da Nova República não poderia ser e nem foi abandonado. Este período que se desenvolve após Tancredo, graças aos que a ele deram seguimento, foi capaz de legar à nação um mandato presidencial que, indiscutivelmente, consolidou a democracia e uma Carta Constitucional que, apesar das imperfeições e alterações, fundamenta um pacto social republicano e consistente.

Se a construção da Brasília de Juscelino fundou a nação contemporânea, a Nova República de Tancredo configurou esta nação.

Este cenário é posto, como ante-sala da homenagem que se quer prestar, para situar o baiano que, de forma muito destacada, esteve presente ao longo de todo este processo.

Com Tancredo foi dos mais próximos e mais atuantes. Após Tancredo, foi dos mais leais e dos mais persistentes na consecução dos objetivos deste grande momento da vida nacional.

Estudante excepcional, professor encantado com a carreira acadêmica, médico com forte consciência do compromisso social, parlamentar e político exemplar, Carlos Corrêa de Menezes Sant'Anna nasceu aqui em Salvador a 12 de agosto de 1931, faria hoje 79 nove anos.

Filho do médico Arnaldo Affonso Reis Sant'Anna, que soube transmitir aos filhos o interesse pelas profissões da saúde, e de Alayde Moniz Corrêa de Menezes Sant'Anna, teve 6 irmãos: Célia, médica, Regina, que se diplomou em odontologia, Arnaldo que seguiu carreira militar, diplomado em veterinária e, posteriormente, em medicina, Décio, médico e Sônia que preferiu ser professora.

Contemplado por uma inteligência exuberante, uma forte inclinação pelos estudos e um grande apetite pelo saber, foi aluno brilhante.

Cursou o primário na Escola Getúlio Vargas, concluído em 1942. Prestou exame de admissão e foi esta a única vez, durante a vida escolar, que não se classificou em primeiro lugar. Todavia, em contrapartida, se dá um encontro precioso: Orlando Peixoto Pereira, a quem coube o primeiro lugar, e Bernardo

Fernando Vianna Pereira, seus dois maiores, melhores e inseparáveis amigos. Agregam-se em uma convivência cotidiana e ininterrupta, como colegas, ao longo de toda a formação escolar, da admissão à graduação em Medicina, cimentando uma belíssima amizade que se prolonga por toda a vida!

Realiza o curso secundário no Colégio Estadual da Bahia, concluído em 1949, quando é laureado com o Prêmio Manoel Devoto por ter sido classificado em primeiro lugar, em todo o curso.

No ano seguinte ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, onde continua desenvolvendo currículo exemplar.

Ainda como acadêmico de medicina, em 1951, emerge sua vocação docente, iniciando sua atividade como professor de Física no Colégio Estadual da Bahia, na condição de assistente e, posteriormente, em 1963, como Catedrático.

Habilitando-se ao registro no Ministério da Educação como Professor de Ciências Naturais e Física, lecionou eventualmente outras disciplinas, como Química e Biologia, bem como, em outros estabelecimentos, como os Maristas e as Sacramentinas.

Entretanto, a grande inclinação era a Física. É nesta disciplina e no Colégio da Bahia, o famoso Central, que desde logo se destaca como professor.

Igualmente, já nos seus tempos de estudante aflora sua vocação política.

Foi presidente do Grêmio do Colégio da Bahia, em 1948, vice-presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de

Medicina, em 1953, e presidente do Diretório Central de Estudantes da UFBA, em 1954.

Na condição de líder estudantil fazia oposição ao Reitor Edgard Santos, que, entretanto, ao ser nomeado Ministro da Educação o convidou para sua posse no Rio de Janeiro. O estudante não só aceitou o convite, mas lá saudou o Ministro Reitor com bela e educada oração. Evidenciou-se a habilidade do Reitor e a postura ética do jovem líder.

No quarto ano de Medicina, sofre uma grande perda – sua mãe Alayde.

É ainda estudante de medicina quando se apaixona e percorre o curso enamorado de sua colega de turma Eurides Avelar Freire Sant’Anna, com quem se casa três meses antes da formatura a 17.09.1955. A qual se integra completamente à sua vida e lhe dá sete filhos: Alayde, Carlos, Cláudio Augusto, Celso Eduardo, André Luiz, Alba Patrícia e Cecília Antônia.

Nenhum desses múltiplos afazeres paralelos, a docência no ensino médio, a política estudantil ou os deveres de chefe de família, foram capazes de impedir que o estudante brilhante, ao concluir o curso de medicina, em 1955, fosse agraciado com a mais alta honraria, a Medalha de Ouro Manoel Vitorino, por ter obtido ao longo de todo o curso as melhores notas daquela turma.

Esta não foi a única distinção, foi também escolhido Orador da Turma. O dom da oratória, que haveria de ter grande valia na vida pública, já era reconhecido nos meios estudantis. À época, a Faculdade de Direito costumava organizar concursos de oratória destinados a estimular os futuros bacharéis – Sant’Anna, que nada tinha a ver com semelhantes atividades, mas já gostava de competir, inscrevia-se e não raro vencida.

A Colação de Grau contou com o Professor Estácio Luiz Valente de Lima como Paraninfo, cuja oratória era consagrada, mas o discípulo não fez por menos.

Em brilhante discurso, inflamado pelo calor dos ideais, traça em linhas muito nítidas a realidade conjuntural na qual os novos médicos iriam imergir: o número insuficiente de profissionais e os desequilíbrios na distribuição geográfica dos mesmos, a subnutrição como fator que predispõe à doença e a marginalização e a ineficiência das estruturas de assistência social.

Vale pinçar alguns trechos:

“a grande responsável pela devastação do povo brasileiro, cuja mortalidade infantil, por exemplo, foi rotulada pela ONU de vergonhosa,, a grande causadora desta legião de doentes que perambulam pelas cidades, morrem pelas ruas e pelas estradas nos sertões é, sem dúvida alguma, a fome; a fome causa de miséria orgânica; miséria orgânica que predispõe as doenças, doença que torna o homem incapaz para o trabalho e, portanto, o transforma em fator negativo para a sociedade; afeta-lhe a capacidade mental, exterminando-lhe as resistências morais e o interesse pelos problemas sociais dos quais se coloca totalmente a margem”

Indagando e sentenciando adiante :

“Que povo pode ser este, que energias lhe podem restar? A apatia, a inércia, a letargia deste povo tem suas causas nesta miséria orgânica, conseqüente da fome”

para concluir:

“Vê-se daí, que não se trata apenas de um problema médico, mas de um problema médico-social”

Entre muitos exemplos, perguntando, aponta:

“Que assistência social se dá no Brasil às gestantes?

.....
“Não me refiro, evidentemente, às classes bem favorecidas, mas a esmagadora maioria do povo. Fácil se torna, então, entender a grande natimortalidade brasileira. E quando as crianças nascem são umas desperdadas da sorte, candidatas a todos os tipos possíveis de doenças carenciais, distrofias, atrofias, para não falarmos no grave problema das mães solteiras, cujos filhos, quando passam incólumes pela seleção natural, são candidatos, por sua vez, ao abandono, à delinquência juvenil e ao crime.”

Conseqüente e responsável o orador não se atem apenas à crítica, aponta a importância da medicina coletiva, da medicina do trabalho, das vantagens, do ponto de vista social, da profilaxia sobre a terapêutica e a necessidade de aliar a assistência médica e a assistência social.

Por outro lado, o orador, nascido em 1931, atravessou a infância e adolescência na ditadura Vargas, ouviu os ecos da II Guerra e realizou o curso de medicina na primeira metade dos anos cinquenta, em governo constitucional também de Getúlio Vargas, cujo lodaçal tragou o próprio Presidente.

É então, ainda indignado, que prossegue:

“Estamos presenciando a decadência moral e material de nossa pátria. Decadência que cada vez mais se acentua e torna insuportável a vida dos brasileiros.

Assistimos boquiabertos, estupefactos e contristados ao naufrágio espetacular do Brasil.

Nestas três últimas décadas de nossa História, temos visto a sucessão de inúmeros governos. Tem-se modificado regularmente a estrutura administrativa sem que se tenha posto um paradeiro à desintegração lenta, gradual e progressiva, desta pátria tão querida.

Todos os setores da vida nacional estão minados.

Até os concursos para o provimento dos cargos públicos os mais inferiores tornaram-se uma farsa. Sabem-se, de antemão, os vencedores, menos pela competência, sobretudo pelo protecionismo, pelo nepotismo, que vem cavando a ruína, a sepultura da nacionalidade. Criam-se os cargos para os homens. Não se escolhem os homens para os cargos. Resulta, daí, a incapacidade administrativa que nos acostumamos a ver nos que exercem funções públicas, o desconhecimento total dos problemas nacionais, a inércia com que encaram os problemas transcendentais a resolver, sobrepondo, tantas vezes, interesses pessoais e políticos aos sagrados interesses da pátria.

Vivemos a época da irresponsabilidade: o favoritismo, o parentesco e a apadrinhagem são o “abre-te cesamo” de todas as portas e condição indispensável de preenchimento de qualquer cargo público.

A competência, a honradez, o zelo pela coisa pública de nada valem, neste país, em que se entrechocam vorazes os interesses de grupos econômicos e grupos políticos.

O povo mal governado, mal nutrido, com um índice educacional e de saúde dos mais baixos que se possa conceber não tem, nem poderia ter, discernimento para escolher bons governantes.

Narcotizado, anestesiado, facilmente confunde bons e maus, e deste amalgama resulta o prestígio que a demagogia tem na política brasileira dos dias atuais.”

Neste belíssimo e substancial discurso, conclama seus colegas a lutar pela superação daquela realidade.

Infelizmente, muitas de suas palavras ainda têm absoluta atualialidade. Houve mazelas que foram atenuadas ou corrigidas, outras, todavia, perduram.

Importa, entretanto, que lá adiante, décadas depois, o jovem idealista orador não esqueceu suas palavras. Ao exercer atividades parlamentares nas casas legislativas, altas funções de Estado ou o privilégio de Constituinte, não se furtou às lutas que ele próprio propôs.

Na Educação, contribuiu substancialmente para a melhoria da oferta e qualidade do ensino, inclusive do ensino médico.

À Saúde serviu de todas as formas, mas muito especialmente, como intransigente defensor da Saúde Pública, quando prestou a mais relevante contribuição na reforma das estruturas da Saúde no Estado Brasileiro – provavelmente, a mais importante de nossa História.

De outra parte, a honradez, a probidade inegociável, a ética, a competência, a devoção e a subordinação ao interesse público, foram as marcas que pontuaram toda sua vida pública.

Ao formar-se com 24 anos de idade já estavam assinaladas suas trajetórias: a docência, o exercício da medicina, a inclinação pela política e o compromisso com a instituição da família, já então constituída.

Contraditoriamente, sua primeira ocupação depois de formado, em 1956, atendendo a um convite de seu tio Evandro Corrêa de Menezes, reconhecido professor e jurista, mas então presidente da Caixa Econômica Federal no Paraná, foi exercer a chefia do seu gabinete em Curitiba. Passou lá pouco tempo e retornou para a Bahia. A condição de burocrata de instituição financeira, Graças a Deus, não lhe encantou.

Verifica-se a coincidência de ter a mesma designação o seu primeiro cargo depois de diplomado, assim como, o último formal na vida pública, mas com uma diferença abissal: no primeiro tratava-se da chefia de gabinete na presidência de um banco, a última referia-se a esta função na Presidência do Congresso Nacional!

Regressando à Bahia, retoma suas atividades como professor de nível médio, reafirmando sua liderança ao se tornar Presidente da Associação dos Professores Oficiais do Ensino Médio da Bahia, no biênio de 1957 a 1958, e inicia propriamente sua carreira como médico.

Seus atributos intelectuais e a excelente didática motivaram alunos a lhe pedir para ministrar um curso de Física destinado ao concurso vestibular. Sant'Anna respondeu que se reunissem, pelo menos, dez alunos ele alugaria uma pequena sala para dar o curso.

Sobraram alunos e o curso foi, obviamente, um sucesso que se amplia a cada ano, quer do ponto de vista do número de alunos, como das disciplinas lecionadas, para as quais foram convidados professores de semelhante prestígio no mundo estudantil: Raimundo Pereira para matemática e Valença para química.

É assim que nasceu o famoso curso ANDES, o qual passa a ocupar andar inteiro do Edifício Itaípe e se constitui em

importante fonte de renda para o nosso homenageado. Médico, gestor público e político sem qualquer pretensão mercenária e impecavelmente correto, jamais ao longo da vida houve qualquer outra atividade que lhe desse melhor retribuição pecuniária. Neste período é que ameahou, praticamente, todo o seu patrimônio.

Embora esta atividade lhe demandasse muitas horas de trabalho diário e tivesse tanto significado econômico, a força da vocação não impediu para que desenvolvesse carreira paralela como médico e como professor universitário, abraçando a pediatria sob influência do eminente Professor Hosannah de Oliveira, incorporando-se como voluntário à sua famosa clínica na Faculdade de Medicina.

Como autônomo, manteve com sua esposa Eurides consultório particular no Edifício Rio Branco. Ao lado disto, foi médico a partir de 1959, inicialmente extranumerário e posteriormente efetivado, da Secretária de Saúde do Estado da Bahia, em cuja estrutura, entre 1963 e 1973, exerceu os cargos de Diretor Geral do Departamento da Criança, Diretor da Divisão de Educação Sanitária do Departamento de Higiene, Diretor Geral do Departamento de Assistência e Coordenador do Programa Materno-Infantil da Fundação da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, neste mesmo período teve oportunidade de integrar como membro, o Conselho de Saúde Pública e Assistência Social do Estado da Bahia, o Conselho da Fundação Gonçalo Muniz e o Conselho Deliberativo da Fundação Hospitalar da Bahia.

Paralelamente, como foi dito, desenvolve carreira docente na Universidade Federal da Bahia a partir de 1958, como Professor Assistente do Departamento de Pediatria, promovido por concurso a Professor Adjunto, em 1974. Na condição de docente, representou a matéria Pediatria e Puericultura no Colegiado de Curso de Graduação em Medicina, tendo atuado como Relator da Comissão que apresentou o anteprojeto do

currículo de adaptação da Faculdade à Reforma do Ensino Médico e, posteriormente, em 1972, da Comissão de Reforma Curricular. Igualmente na UFBA foi Chefe do Ambulatório de Pediatria e da Enfermaria do Hospital de Clínicas Professor Edgard Santos.

O professor universitário procurava aperfeiçoar-se participando de encontros e cursos no domínio de sua especialidade, destacando-se um curso patrocinado pelo Centro Internacional da Infância e pelo Instituto Interamericano da Criança, realizado no Rio de Janeiro, em 1970.

Entretanto, a natureza dos compromissos com o Curso ANDES, além de serem repetitivos, subaproveitando o potencial do homenageado, não admitiam interrupção. Representavam, assim, um impedimento para que percorresse com mais desembaraço os caminhos da pós-graduação, tão necessária à carreira acadêmica – que era na verdade sua preferência.

Porem, o curso representava sua principal e pródiga fonte de renda, incomparável à modéstia das demais. Condição que tinha significativo peso para o chefe de família com prole numerosa.

Contudo, a preferência para a carreira acadêmica não era só sua, contava com a preocupação de uma figura central em sua vida: seu pai. Ao que parece, Dr. Arnaldo, ao recebê-lo no nascimento o viu como sucessor que ele gostaria de ter e o anteviu alçando vôos a que ele próprio não se destinou. É para que assim seja que conduz toda a sua formação.

Chega um momento em que o velho Arnaldo lhe adverte propositadamente incisivo: “há um tempo para ter e um tempo para ser! Eu não lhe eduquei nem lhe preparei para ganhar dinheiro!”. Censurando-o pela recusa a algumas oportunidades.

A esposa, Eurides, a despeito da comodidade e segurança com que a situação contemplava a família e as incertezas de novos caminhos, sobrepondo a trajetória do companheiro aos seus próprios interesses, também partilhava das preocupações do sogro, fazendo ver ao marido que a sua dimensão não podia se restringir ao que a Bahia oferecia.

É sob estas pressões que Sant'Anna aceita deslocar-se em 1971 para realizar em Paris, na França, como bolsista da OMS, o Curso de Pediatria Social realizado pelo Centro Internacional da Infância.

Volta ao Brasil decidido a concentrar sua dedicação à carreira na Universidade, de tal modo que transfere o Curso ANDES para seu colega Raimundo, em 1972, com a condição de poder retornar quando assim entendesse. Uma prudência de que jamais se serviu.

Não obstante, surpreende-se com a indicação do Governador da Bahia para que ele realizasse o Curso de Altos Estudos e Estratégias da Escola Superior de Guerra, sediado no Rio de Janeiro e, à época, com grande prestígio e vaga anual muito cobiçada. Mesmo assim, desejou inicialmente recusar o convite, pois que então estava interessado em preparar-se para os concursos que em futuro próximo deveriam ser abertos para suprir a Cátedra tão brilhantemente ocupada pelo Professor Hosannah. Aconselhado por todos a não recusar, realiza este curso em 1973, que, aliás, foi de grande utilidade ao percurso que logo iria trilhar.

Ao regressar, presta concurso e é promovido a Professor Adjunto em 1974, mas decepçiona-se com os desdobramentos que precipitaram a realização de concurso para Professor Titular, a que ele tanto almejava disputar. Nem por isto desiste da carreira universitária.

Todavia, o destino lhe reserva outros caminhos, reacendendo sua vocação política.

O bipartidarismo, que consistia na fórmula para dar sustentação política aos governos do regime militar, já apresentava sinais de esgotamento. De tal sorte que, mesmo dentro do grande partido do governo – a ARENA – coabitavam diversas correntes. Por isso, a figura elogiável de Petrônio Portela percorre o País realizando sondagens e avaliando a situação em cada Estado, com vistas à composição do quadro de nomes para governadores do quadriênio 1975-1979 a ser apresentado à escolha das respectivas Assembléias Legislativas, sem provocar fissuras.

Na Bahia aflora o nome do Professor Roberto Santos, ex-Reitor, ex-Secretário de Saúde e então Presidente do prestigiado Conselho Federal de Educação, aceito como alternativa e sem arestas com as quatro correntes predominantes.

Por sua vez, considerando também toda a conjuntura, Roberto Santos escolhe Edivaldo Brandão Correia para ser Vice-Governador.

Edivaldo era um deputado estadual com grande reduto eleitoral no recôncavo, sediado em Cachoeira, sua terra natal. Vê-se, pois na contingência de buscar um nome que pudesse legar e preservar este patrimônio eleitoral.

Parece ter sido Sabino de Andrade e Silva, seu colega de turma e da Clínica de Hosannah, que sugere o nome de Sant'Anna ressaltando as qualidades. Atributos elogiáveis e difíceis de haver par, mas não era um nome que constasse na lembrança de suas relações mais próximas.

No entanto, ao descobrir que se tratava do filho de Arnaldo, seu contemporâneo e amigo, que morou em Cachoeira onde foi médico e angariou a admiração e a gratidão de toda a comunidade, com quem vivenciou momentos de alegria, mas também de apreensão, como uma inesquecível tempestade no navio em que os dois dividiam o mesmo camarote viajando para congresso médico em São Paulo. Edivaldo não precisa de nenhuma outra alternativa.

Faz-se Carlos Sant'Anna candidato a Deputado Estadual.

A eleição foi um sucesso. Aos votos de Edvaldo aliou-se o grande contingente de ex-alunos e admiradores, do ensino médio, do curso ANDES, da Universidade - muitos com grande influência nas comunidades locais. Acrescente-se a isto o entusiasmo e a fluência de oratória do candidato nos comícios.

O resultado foi surpreendente. Sant'Anna obteve número de votos superior cerca de três vezes o necessário para se eleger – foi o segundo mais votado em todo o Estado. A bem da Bahia e do Brasil, está iniciada a carreira parlamentar de nosso homenageado.

Este mandato, contudo, só seria efetivamente exercido no último ano, porque o novo Deputado é convocado pelo governador eleito, também por indicação de Edivaldo Brandão Correia, para Secretário da Educação e Cultura .

No Governo Roberto Santos a área da educação, sem surpresas, foi prioritária. Dentro desta área priorizou-se o investimento no ensino de 2º grau, tendo em vista que o 1º grau era amparado pelas políticas municipais sustentadas pelo salário educação e o nível superior era assumido pela União. Contudo, todos os níveis foram contemplados nesta profícua administração.

No ensino de 1º grau os esforços foram concentrados com a preocupação da universalização deste nível, ressaltando-se a construção de 2.000 salas de aula para 190.000 novos alunos, o programa de Habilitação de Professores Leigos-HAPROL, beneficiando 10.000 professores e a adoção de currículo especial para atender às peculiaridades das escolas das zonas rurais. Ao disto, um interessante programa foi destinado a incentivar o atendimento às crianças de 4 a 6 anos, com treinamento de mães, docentes e monitores com o objetivo de promover a integração dos aspectos educacionais e com os de saúde e nutrição.

Na área do 2º grau, além da reforma, equipamento e ampliação de muitas unidades, foram construídas e postas em funcionamento 18 escolas de cunho profissionalizante com habilitações correspondentes às maiores carências do local para onde foram destinadas.

No ensino superior foi construído e instalado, em convênio com o Governo Federal, o Centro de Educação Tecnológica da Bahia destinado a oferecer cursos para formação de tecnólogos, em caráter pioneiro e modelar, posteriormente, disseminados por todo o País com a designação de Cefets. Foram feitos investimentos na Universidade Estadual de Feira de Santana, em construção e instalações, bem como, absorção de pessoal docente, tornando possível seu funcionamento. A interiorização do ensino superior foi contemplada ainda com a criação da Faculdade de Formação de Professores de Jequié e com a autorização de novos cursos nas Faculdades de Alagoinhas e Vitória da Conquista.

Para atender aos que não freqüentaram a escola na idade própria, foi construído um grande Centro de Ensino Supletivo em Narandiba, com capacidade de 10.000 alunos e um adjacente Centro de Treinamento de Recursos Humanos de Educação, além

de vários centros menores distribuídos em outros locais do Estado.

Tudo isto já seria o suficiente para que o homenageado e o Governador Roberto Santos, nosso confrade, merecessem o aplauso desta Academia.

Em 1978, Carlos Sant'Anna transmite o cargo de Secretário para assumir seu mandato como Deputado Estadual, desincompatibilizando-se para concorrer à Câmara Federal nas eleições daquele ano.

Eleito Deputado Federal com ampla margem de votos, segundo mais votado no seu Partido, então a ARENA, toma posse em 01.02.1979.

Pouco depois desta alegria, em 03 de março daquele ano, sofre uma grande tristeza: a perda irreparável de sua amiga e amada esposa, colega de turma e de juventude, companheira de todos os momentos, que tanto gostaria de ver e participar de seu sucesso, ela que foi participe indispensável de sua realização mais preciosa: seus sete filhos!

A Eurides, meu registro e minha reverência.

Estréia na tribuna da Câmara criticando o bipartidarismo, questionando se as duas legendas partidárias poderiam se caracterizar como partidos políticos e afirmando serem as eleições o instrumento para legitimar os partidos, num evidente aceno para a necessidade da restauração das eleições diretas. Engaja-se assim, desde logo, nas lutas que conduziriam à redemocratização.

Inicialmente, no processo de distensão, o regime militar faculta o pluripartidarismo e autoriza as eleições diretas para governador. Organizam-se os novos partidos, entre os quais o PP

liderado por Tancredo Neves, agregando ex-governadores que já vinham se articulando em torno desse projeto, incluindo Roberto Santos que assume a responsabilidade de fazê-lo aqui na Bahia. São realizadas as convenções do PP, estaduais e nacional.

O governo, entretanto, percebe que vai perder as eleições e decreta a vinculação de votos, isto é, em nome de uma pretensa coerência partidária, o eleitor teria de votar em todos os postos, de governador a vereador, em candidatos da mesma sigla partidária, inviabilizando, por falta de estruturas municipais, os novos partidos. Em contrapartida, realiza-se a fusão das duas grandes agremiações de oposição, o tradicional MDB e o novo PP, numa nova agremiação, o PMDB.

Realizam-se então convenções desta nova agremiação. Ocorrem as eleições estaduais. Em alguns estados o PMDB sai vitorioso, a exemplo de Minas e São Paulo. A Bahia não teve o mesmo resultado.

Surge a emenda das “Diretas Já”, que preconizava eleições diretas para a Presidência da República. O PMDB e o Povo se encontram nas praças em comícios monumentais – mas sabia-se que o governo não cederia.

Instala-se mais uma etapa, unir o partido e disputar as eleições no Colégio Eleitoral, aproveitando o racha na convenção do próprio partido do governo na disputa Maluf-Andreaza.

O PMDB abrigava muitas correntes, aglutinando dois blocos, um mais moderado que ganhou as convenções, outro mais radical, constituído de alguns integrantes do antigo MDB, que se designavam “Autênticos” e não admitiam o Colégio Eleitoral e, por conseguinte, recusavam a tese de Tancredo: Ir ao Colégio Eleitoral era ruim, não ir era pior!

Além disso, a eleição no Colégio só seria possível com a adesão de contingentes descontentes do próprio partido do Governo – o que também encontrava resistências em setores da oposição e natural hesitação dos imigrantes.

Tudo isto se deu com um esforço enorme de articulação, de negociação, de criatividade, de persistência, de competência e habilidade.

Carlos Sant’Anna participou intensa e incansavelmente de todo este processo, exibiu suas notáveis qualidades, afirmou-se e ganhou a admiração dos que tiveram a oportunidade de o observar. Muito especialmente, desde o início, o próprio Tancredo.

É por isto que já eleito e em novo, delicado e complexo processo de negociação para formação do Ministério, quando tem de compor, sob fortes pressões, as mais diversas indicações, Tancredo escolhe Carlos Sant’Anna Ministro da Saúde, por sua própria iniciativa.

No curso destes acontecimentos, nessa primeira metade dos anos oitenta, entra na cena de sua vida a figura de sua ex-aluna, velha amiga de sua irmã Sônia e também médica, Fabíola de Aguiar Nunes, que passa a acompanhar suas atividades e torna-se sua companheira e esposa, prestando-lhe, especialmente nos últimos anos de sua vida, quando mais precisou, dedicadíssima assistência e apoio.

A enfermidade de Tancredo, como já referido, leva Sarney a tomar posse como Presidente, que, obviamente, respeitou as escolhas de Tancredo.

Foi relativamente fácil para Sarney, que já conhecia Sant’Anna pela sua atuação no parlamento e no processo político atrás referido, identificar que as qualidades do seu Ministro eram

bem mais valiosas do que supunha – inclusive da sua irretocável lealdade. Estava selada a mútua confiança, que iria perdurar por todo o Governo.

Neste período foi Ministro da Saúde, Constituinte, Líder do Governo e Ministro da Educação.

Com relação à Saúde como na Educação, suas ações se confundem e se completam como Ministro e como parlamentar.

De antemão deve se colocar que, como Constituinte, posicionou-se ao lado daqueles que defenderam o princípio basilar de ser “direito de todos e dever do Estado”, expresso para a Saúde no Art. 196 e para a Educação no Art. 205, universalizando as responsabilidades do Estado e o direito das pessoas aos benefícios destas duas importantes áreas.

No que se refere à Saúde abraçou a causa e foi intransigente defensor de um novo modelo para o sistema, preconizado pela OPAS, Organização Pan-americana de Saúde, consubstanciado na unificação das ações de saúde.

Anteriormente, ao Ministério da Saúde cabiam tão somente as ações no campo da medicina preventiva, enquanto que as da medicina curativa, como as ações da previdência social, alojavam-se originalmente no Ministério do Trabalho porque restritas aos trabalhadores formais.

Posteriormente, com o desdobramento que cria o Ministério da Previdência, estas ações são também transferidas para o novo ministério, permanecendo os inconvenientes da dissociação entre as ações da saúde e de forte desequilíbrio orçamentário.

O Sistema Único de Saúde – SUS, afinal estabelecido na nova Constituição, unifica as ações da assistência médica

preventiva e curativa, conferindo-lhes maior eficácia, aponta como diretrizes a descentralização, o atendimento integral e a participação comunitária, indica as fontes de financiamento e reúne um conjunto de atribuições intervenientes na questão da saúde.

Além do importante papel que teve nesta grande conquista da sociedade brasileira, Sant'Anna encampou e defendeu a proposta vitoriosa de proibição da comercialização do sangue, no momento em que a Aids fazia cada vez mais vítimas devido a transfusões com sangue contaminado, afirmando que “sangue é vida e a vida não se comercializa”!

Na Educação, participou ativamente de todo o processo que resultou na elaboração da seção destinada a este setor na Carta Constitucional e assumiu, pessoalmente, a defesa da manutenção da aplicação pela União do mínimo de 18% da receita dos impostos, recomendada anteriormente pela emenda Calmon, em alusão a autoria do Senador João Calmon na Constituição anterior.

Encontrou o Ministério da Educação marcado pela troca freqüente de Ministros, um para cada ano de governo. Contudo, reabriu o diálogo com as Universidades e retomou os investimentos nestas instituições. Neste contexto, deu atenção especial ao ensino médico e realizou investimentos em hospitais universitários.

Fundamentou razões e obteve sustentação jurídica para que se tornasse possível aplicar recursos do FNDE nas universidades, tendo como argumento de que estas instituições são formadoras dos professores para o ensino básico.

Foram instituídas as Universidades do Amapá e Roraima, únicas unidades da Federação que ainda não contavam com este importante patrimônio.

Deu andamento a um programa, em convênio com estados e municípios para a construção e instalação de 50 escolas técnicas, que na Bahia beneficiou Barreiras, Guanambi, Juazeiro, Valença e Vitória da Conquista, bem como, outras unidades de educação, que aqui no Estado, contemplou Salvador, com cinco unidades, Igaporã e Itaberaba.

Com a participação de dirigentes, assessores, técnicos dos vários órgãos do MEC e segmentos da sociedade mais diretamente envolvidos no processo educacional, fez elaborar uma proposta para a futura lei de diretrizes e bases da educação nacional, a qual foi encaminhada à Câmara e ao Senado para ser discutida por suas respectivas Comissões de Educação.

A Constituinte ocorreu num turbilhão de manifestações e aspirações das mais diversas tendências ideológicas, até então sufocadas pelas restrições impostas pelo longo período do regime militar, que afloram ansiosamente como se aquele momento fosse apenas um lampejo de liberdade, agravando o entrelaço de interesses que, inevitavelmente, ocorrerá sempre que se quiser assentar o pacto social de uma nação.

Uma outra questão acentuava as dificuldades, quem exercia o Poder Executivo não era propriamente o titular escolhido. O Presidente contava com a oposição do seu próprio partido. O parlamento quer reduzir o seu mandato de 6 para 3 anos, subtraindo-lhe a metade.

Havia uma transição democrática, mas havia também fragilidade. Estabelece-se um bloco moderado de centro, cuja importância a história ainda haverá de reconhecer. Sant'Anna situa-se neste bloco, entretanto, na condição de Líder do Governo, figura que foi abolida durante o regime militar e é restaurada por Sarney, todos os dardos são atirados contra ele.

As dificuldades, no entanto, fizeram ressaltar o brilho do seu talento, como articulador, como tribuno e pela capacidade e paciência em convencer.

Ao exercer a Liderança do Governo foi irretorquivelmente leal ao Governo, mas houve momentos em que se licenciou desta função para defender suas próprias convicções. Não é necessário apontar mais nada para revelar três traços marcantes de sua personalidade: a lealdade, a coerência e a ética!

Ao terminar o mandato Presidencial, em 1990, retornou à Câmara e continuou servindo à Educação como Presidente da respectiva Comissão Permanente, a qual teve efervescente atividade quando discutiu e consolidou as diversas propostas para a LDB, com ampla participação dos diversos segmentos interessados na questão. Posteriormente, esta proposta foi substituída pela alternativa de Darcy Ribeiro, que se constitui na atual Lei.

A escolha de meu nome na lista apresentada ao Presidente da República, em 1987, para ser nomeado Reitor da Universidade Federal da Bahia, contou com o apoio decisivo de Carlos Sant'Anna.

Disto nasceu o compromisso de ajudar a Universidade e a isto não se furtou. Na verdade, ele tinha um enorme interesse pela Universidade que o formou e para a qual ele dirigiu sua vocação docente.

Para nossa sorte, um ano depois foi nomeado Ministro da Educação. Nesta condição, mais de uma vez veio à Bahia, reuniu-se com o Conselho Universitário, onde no passado estivera como representante estudantil, e ouviu diretamente as reivindicações de cada um dos diretores de escolas e faculdades.

Foram muitas as realizações que resultaram da alocação de recursos disponibilizados pelo seu Ministério. Entre as principais, estão a recuperação do CPD e o reequipamento de todo sistema de informática, a restauração do Palácio da Reitoria e instalação de ar condicionado no Salão Nobre, a construção do Pavilhão de Aulas Alceu Hiltner, a construção do Ambulatório Professor Magalhães Netto, a restauração e reforma de praticamente toda a planta física da Universidade, a conclusão do Biotério, a restauração da Maternidade Climério de Oliveira e instalação de um berçário de alto risco, até então inexistente, diversas intervenções e investimentos no Hospital de Clínicas Professor Edgar Santos, a completa restauração do Hospital Veterinário e duas velhas aspirações, a construção do Instituto de Letras, que se encontrava desabrigado, e a Escola de Dança, que nunca antes tivera sede própria.

Mesmo depois do Governo Sarney, a Universidade valeu-se do seu prestígio pessoal na intermediação de dois benefícios: a transferência para o patrimônio da UFBA de uma Fazenda Experimental em Entre Rios, que nós transformamos no Centro de Desenvolvimento da Pecuária, e da vinda à Bahia do Ministro da Saúde Alcení Guerra com o fim especial de assinar conosco um Convênio para transferir as instalações que, a seu pedido e pela sua gratidão ao grande mestre, designei com o nome do Professor Hosannah de Oliveira.

Seu compromisso com a UFBA era tal que, ao concluir seu mandato como Deputado Federal em 1991, dignou-se aceitar meu convite para retornar à Universidade e emprestar sua competência e experiência no aconselhamento de questões inerentes à condução da mesma.

Permaneceu conosco até quando foi convocado pelo Governo do Distrito Federal para exercer a Secretaria de Governo e, posteriormente, a Secretaria de Saúde, onde serviu até 1993.

Em março de 1994 efetivou-se como Deputado Federal na legislatura 1991-1995.

Findo este mandato, aceita convite para exercer a Chefia de Gabinete da Presidência do Senado Federal no biênio 1995-1996. Quando encerra sua longa e digna trajetória de homem público.

O agravamento da enfermidade que há tempos lhe perseguia, colheu sua vida em 04 de julho de 2003.

Perdeu a nação um eminente homem público e notável exemplo de responsabilidade cívica.

Perderam seus contemporâneos a figura de um grande líder, dotado de inteligência brilhante, visão ampla, extraordinária capacidade de formular e padrão de honestidade, dignidade e honra.

Perderam os mais próximos o amigo profundamente leal e sensível.

Perdeu a família o ente profunda e afetivamente ligado aos seus.

Com relação aos pais é ele mesmo quem fala naquele discurso de formatura, quando lamenta o falecimento precoce de sua mãe, com palavras que são capazes de emocionar todos os que tenham sofrido uma grande dor:

“Aos nossos pais, símbolo do mais puro e desinteressado amor o nosso profundo e imorredouro agradecimento!”

Não me permitiram os fatos que eu aqui tivesse aquela que foi a mais querida, a mais santa de todas as mães.

.....

Mas, não. A morte só nos rouba a presença material daqueles que amamos. De mim, não conseguiu roubar aquele anelo, aquelas palavras sublimes que ainda me soam, com o mesmo timbre, que o tempo não dissipará ao ouvido saudoso. Não roubou, nem roubará sua vivência espiritual. Não me fez esquecer as carícias, os desvelos e as ternuras daquele imenso amor, a cuja majestade, neste momento, eu me curvo, eternamente, agradecido”.

Sobre os filhos, posso apontar, foi sua própria vida quem falou com a sublime devoção que, em todos os instantes, a eles consagrou.

Senhoras e senhores,

Esta é a homenagem que a Academia Baiana de Educação lhe presta, entre tantas que a Bahia ainda lhe deve.

Mas é também o tributo de apreço e de saudade dos muitos amigos que preenchem este auditório, dos que tem assento neste sodalício, dos que dignificam a mesa, de quem ocupa esta tribuna que, como tantos outros, teve ao privilégio de conhecê-lo, admirá-lo e estimá-lo e, reverenciando sua memória, se cala!

Muito obrigado!

HOMENAGEM AO ACADÊMICO CÍCERO PESSOA DA SILVA

J Rogerio C Vargens
09.09.2010

A Academia Baiana de Educação deve realizar no dia 9 de Setembro de cada ano uma Sessão Pública para celebrar sua fundação, ocorrida nesta data no ano de 1982.

Por outro lado, considerando que entre as suas finalidades se insere cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outros vultos da educação, nada mais oportuno que entrelaçar estes compromissos.

A que se realizou no ano passado foi dedicada a homenagear a figura do eminente Professor Orlando Gomes, inserindo-se a Academia, daquela forma, nas comemorações do Centenário de seu nascimento.

Neste ano, ao completar 28 anos, dedica esta Sessão a reverenciar a memória do saudoso Acadêmico Cícero Pessoa da Silva, falecido em 14 de maio próximo passado.

No ano anterior, ao fazê-lo, deslocou-se à Academia de Letras Jurídicas, sodalício em que Orlando foi fundador e primeiro Presidente.

Neste ano reúne-se aqui no Colégio Anchieta, o último estabelecimento entre os muitos em que Cícero atuou, também fundou, brilhante e dedicadamente dirigiu e há pouco ainda exercia a função de Presidente do Conselho Técnico. A Academia vem, portanto, prestar sua homenagem no ambiente em que permanece viva sua imagem, por todos querida, admirada e respeitada.

É também nesta data que, a cada dois anos, se inicia um novo mandato com a posse da diretoria eleita no mês anterior. Todavia, a Academia julgou conveniente manter os atuais diretores.

Incumbe-me, portanto, tão somente agradecer a colaboração prestada pelo ilustre confrade Germano Machado e o prestígio com que seu nome acreditou nossa diretoria nestes últimos dois anos, uma vez que as funções de Vice-Presidente foram transferidas à confreira Maria Augusta Abdon.

Devo salientar que esta alteração se deu por circunstância de Maria Augusta se encontrar com maior disponibilidade para preencher os sucessivos afastamentos que neste novo período não poderei evitar.

Desta forma, declaro empossada no cargo de Vice-Presidente a Acadêmica Maria Augusta Carvalho Cruz Abdon e reconduzidos os demais membros.

Devo finalmente esclarecer que, de fato, Maria Augusta já vem exercendo estas funções, a exemplo desta Sessão, que coube a ela organizar, uma vez que eu me encontrava no exterior nestas duas últimas semanas.

Substituindo, portanto, os protocolares votos de sucesso, dirijo à nossa Vice-Presidente iniciais agradecimentos.

Acolhendo a honrosa presença de todos com estes esclarecimentos, passo a palavra à nossa Presidente de Honra Professora Leda Jesuíno dos Santos para dar início aos depoimentos que vão constituir a Homenagem da Academia Baiana de Educação à memória do Professor Cícero Pessoa da Silva, que será também contemplada por pronunciamentos dos confrades Elsior Moreira Alves e Maria Anália Costa Moura.

SAUDAÇÃO AO EDUCADOR DO ANO FRANCISCO SOARES SENNA

J Rogerio C Vargens
01.12.2010

A Academia Baiana de Educação, cumprindo decisão unânime de seu plenário, realiza nesta Sessão Solene a outorga do Título de Educador do Ano ao ilustre Professor Francisco Soares Senna.

Saudar uma personalidade que possui um conjunto tão vasto e rico de qualidades e atributos impõe uma grande dificuldade de saída: selecionar algumas dessas características que possam delinear satisfatoriamente seu perfil sem, entretanto, enfadar a paciência dos que ouvem.

Se, além disso, aquele que tem a tarefa de fazê-lo foi contaminado, como eu, pela formação cartesiana, surge uma outra dificuldade, ainda maior: ordenar este conjunto.

Que critério deve ser aplicado? Entre os clássicos, talvez o mais nobre: o da importância. Não, não é assim tão fácil! Desse ponto de vista como se deve estabelecer, por exemplo, a precedência entre a inteligência e a cultura, que no homenageado transbordam? Ou entre a criatividade e a produtividade, que nele também sobressaem?

Como contraponto, talvez o mais elementar dos métodos: a ordem alfabética. Todavia, aos que como ele se dão ao privilégio de educar, será mesmo justo anteceder a capacidade de aprender à de transmitir, ou a habilidade da palavra à honradez como exemplo?

Num rápido olhar na audiência percebe-se que cintilam respostas. Num primeiro momento parecem óbvias. Contudo, a reflexão subsequente e imediata desfaz a simplicidade dessas respostas.

Em casos como este recorre-se ao critério cronológico, de natureza indiscutível, porque está subordinado à unidade mais absoluta do universo: o tempo - implacavelmente irredutível!

Do ponto de vista de antiguidade, a característica que há mais tempo se manifestou foi a singularidade! Aflorou pela primeira vez no exato momento em que ele próprio nasceu!

Filho primogênito de uma união muito feliz nasceu na manhã do dia 27 de fevereiro de 1952, exatos nove meses após a noite de núpcias de seus pais, ocorrida em 26 de maio de 1951!

Dir-se-á, todavia, que não é bem assim. Afinal, neste mundo de tantas almas, muitos nasceram nove meses após o casamento dos pais. Efetivamente, núpcias foram concebidas para procriar e o tempo de gestação da espécie humana é mesmo de nove meses.

Porém, isto baliza apenas a antiguidade, mas ao se combinar com outras características não restam dúvidas.

A década de 50 encantou o mundo com a influência do famoso *way of life* dos norte americanos. O fausto europeu, demolido pelas sucessivas guerras, é substituído pela expressão de um luxo com novas formas, feições, cores e atores. Uma economia pujante, uma indústria insuperável e uma sociedade deliciada pelo consumo, pelas liberdades e pelo bem estar, impunham e disseminavam novos hábitos. O paletó e a gravata são substituídos pela informalidade do traje esporte, as calças e logo bermudas e biquínis, são incorporados aos guarda roupas femininos.

O cinema, com galãs e formosíssimas beldades, levam esses encantos mundo afora e a cores — o prodigioso *Technocolor*!

A audácia dos arranha-céus fazia sucesso. Mas, a grande marca deste esplendor eram os carrões que movimentavam uma mocidade alegre, feliz e travessa!

O luxo das *Limousines*, a elegância dos *Cadilacs*, o colorido dos *Oldsmobiles* e dos *Belairs*, se constituíam no sonho de consumo de todas as gerações que alcançaram esta década: crianças, moços ou velhos!

Pois bem, o nosso homenageado, nascido no alvorecer dessa década, que nunca fez qualquer restrição ao modo de vida dos americanos, que viveu lá, aprecia seu povo e suas paisagens, visita este país com frequência, não gosta de automóveis! Nunca se interessou por automóvel!

Sempre que possível — quando sua atividade não exige ou quando a organização a que serve lhe oferece transporte funcional — não tem automóvel. Longos períodos passaram sem que ele possuísse qualquer um. Um desses períodos levou 18 anos!

Definitivamente não gosta de automóvel! O que ele gosta mesmo é guarda-chuva!

Chova ou faça sol, em qualquer clima, qualquer estação, qualquer lugar, qualquer circunstância, não pode passar sem a companhia de um desses objetos. Podem estar certos de que aqui deve haver algum. Se não estiver à mão, esta pendurado em algum canto deste museu!

Atualmente, em uso, tem cerca de 30 a 40 exemplares das mais diversas origens e nacionalidades. Mas não é coleção não —

ele gosta de colecionar outras coisas – mas guarda chuva é para usar mesmo.

Habituação ao senso estético e, portanto, sempre elegante e cuidadoso no vestir, impecavelmente combina todas as peças do traje, tecidos e couros, e, naturalmente, o indispensável guarda-chuva.

Certo dia, combinamos sair para jantar e atualizar conversa. Encerrou o telefonema dizendo: passo aí e lhe pego. Estranhei, mas enfim...

Na hora marcada chega ele devidamente equipado com um carro dotado de traços esportivos. Entrei, conferi o cheiro e os estofamentos recém saídos da linha de montagem, e sentei no banco do carona. Sua excelência o guarda chuva repousava confortavelmente no banco traseiro.

Fiquei impressionado com a desenvoltura com que deu partida e conduzia. Afinal, sua prática, no particular, nunca foi tão notória. Preocupado e pretendendo conter o desembaraço, exclamei em tom de quem pede moderação: você esta parecendo *Fittipaldi*!

Ao que prontamente respondeu: aprendi com ele!

Pasmem senhores: não mentiu!

Nem é preciso fazer qualquer cálculo de probabilidades. Um indivíduo cuja gênese obedeceu com absoluta ortodoxia às núpcias de seus pais, que, nascido na década do esplendor dos automóveis, não se interessa por eles, em contrapartida tem especial predileção por guarda chuvas e, mesmo sem qualquer inclinação por automóveis, teve a oportunidade de receber instruções de um dos mais famosos campeões mundiais do automobilismo, é indiscutivelmente único.

E é. Não necessariamente, pelas características que foram apontadas, ainda que possam ser embaadoras do rigor de uma análise estatística.

Nem tampouco porque seja conservador, sem ser antiquado, intransigente com seus princípios, sem jamais radicalizar, ou prefira situar-se como atemporâneo.

Tenho a certeza que quantos o conheçam concordam, à unanimidade, que Francisco Soares Senna, ou melhor, Chico Senna, como é conhecido, é único porque é inigualável!

É inigualável pela forma essencial e intrínseca de ser. É inigualável pelo conjunto indescritível e inexcedível de atributos com que trata as pessoas e as situações – todas as pessoas e em todas as situações!

Esta preciosidade, no entanto, não teria aflorado aos seus contemporâneos se houvesse rolado como diamante bruto nas incertezas dos cascalhos de aluvião.

Muito ao contrário, o conjunto notável de seus atributos natos foi cuidadosamente lapidado por sua história: suas origens, sua formação e o proveito que soube tirar de suas próprias experiências.

Descendente de tradicionais famílias baianas, de Salvador e do Recôncavo, que se pautaram sempre em valores éticos e morais, de espírito cristão e elevado nível de educação, nosso homenageado recebeu fortes influxos de suas origens.

Sua primeira grande referência na infância foi seu bisavô paterno e padrinho de batismo, Manoel Dias de Moraes, médico e industrial baiano, que se destacou pela sua postura perante a sociedade e a família. É dele que herdou o interesse pela História e sua vocação como memorialista.

Ao longo dos 87 anos de vida, este patriarca organizou um notável acervo com registros e farto documentário sobre a família e fatos que marcaram a Bahia de sua época, em oito grandes volumes, que hoje se encontram sob a guarda do bisneto.

Não chegou a conhecer seu avô paterno, médico e professor, mas herdou dele o nome Francisco Soares Senna.

Criança teve o privilégio de co-habitar com o especial afeto de sua avó paterna e madrinha Maria de Moraes Senna.

Pelo lado materno, é trineto do jornalista cachoeirano Augusto Ferreira Motta, fundador do importante jornal do Recôncavo baiano no século XIX “O Guarany”. Abolicionista, este senhor abria suas oficinas à noite para alfabetizar os escravos. Quem sabe venha daí o gosto pelo ensino e o apreço pela liberdade.

A bisavó Georgeta Motta Pereira, foi matriarca de um extenso clã.

Sua grande afinidade se dá, no entanto, a partir dos 8 anos, com sua avó Nola Araújo, que eu próprio ainda tive o privilégio de conhecer.

Escritora, poetisa, cronista e romancista, publicou 4 livros e cerca de 300 crônicas no jornal “A Tarde”. No próximo dia 24 de janeiro a Bahia vai comemorar o seu centenário de nascimento.

É esta notável personalidade quem lhe transmite uma visão de mundo com o olhar da poesia e da igualdade de gêneros e raças.

Com ela aprendeu a construir um texto, a ela deve seu gosto pela poesia e pela literatura e seu profundo amor pelas tradições baianas.

Seu avô materno Arlindo Gomes de Araújo, homem de grande fidalguia, era filho do engenheiro e jornalista Demétrio Ignácio Pires de Araújo, fundador do jornal “O Propulsor”, que alcançou grande importância em cidades do Recôncavo, como São Felix, Cachoeira, Santo Amaro e Feira de Santana.

Conviveu com vários familiares reconhecidos como educadores, mas a maior presença nesta área foi nossa saudosa e emérita confreira, também laureada como Educadora do Ano em 1999, sua tia avó e eminente educadora Olga Pereira Metting, em cuja escola cursou o primário. Com ela aprendeu o interesse pelas viagens e a vontade de conhecer o mundo e os povos.

São seus pais, entretanto, que se constituem na grande referência de sua vida.

Renato de Moraes Senna, médico e professor universitário, serviu à UFBA por 46 anos dos 86 que conta hoje. Com rigor e disciplina, educou os sete filhos destacando sempre a importância da educação na formação do ser humano, conduzindo-os pelo exemplo e propiciando-lhes os melhores cursos, nas melhores escolas, com acompanhamento permanente, sem transgressões ou concessões. Cada filho devia acrescentar aos programas normais da escola a aprendizagem de uma língua estrangeira e a iniciação numa arte. À Francisco coube o Inglês e a Pintura.

Almíria d'Araújo Senna, sua senhora mãe, é educadora nata, casou-se aos 16 anos e dedicou-se aos filhos com atualizada e renovada postura, sempre conciliadora, agregadora e incentivadora. Formada para a vida e prendada no imenso leque das tarefas domésticas pelo seu temperamento e espírito familiar,

foi sempre o eixo da balança do equilíbrio, da concórdia e do exemplo.

Com os irmãos aprendeu a conviver, compartilhar e repartir.

Sua formação escolar iniciou-se brevemente na Escola Modelo e integralizou-se no curso primário, como já foi dito, na Escola Nossa Senhora do Carmo de Olga Metting. Neste período teve sua iniciação musical com a tia Olívia Senna e a prima Carmen Metting Rocha que, no entanto, não era sua vocação.

Cursou todo o secundário no famoso Colégio de Aplicação da UFBA, então sucessivamente dirigido por Leda Jesuino, Maria Angélica Matos e Zilma Parente de Barros. Ao lado de outros bons professores, teve a felicidade de ser aluno de Therezinha Teixeira Guimarães, a quem deve o conhecimento da língua inglesa - tão importante no decorrer de sua vida. Foi ela quem lhe propiciou, o primeiro trabalho como professor, aos 17 anos, quando lhe confiou dois alunos de “banca” de inglês.

Em 1969 logrou uma das primeiras classificações no vestibular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e, concomitantemente, no programa de intercâmbio com os Estados Unidos “América Field Service”, o que lhe levou a residir e cursar um ano de estudos na Califórnia.

Fez parte da geração rebelde dos anos 70, cursando a Faculdade de Arquitetura num período de grandes transformações e convulsões políticas. Lá, entretanto, passou a conviver com professores que iriam marcar sua carreira, inicialmente como aluno e posteriormente como docente, como Américo Simas Filho, Carlos Alberto Reis Campos, Diógenes Rebouças, Fernando Luiz da Fonseca, Maria do Socorro Targino Martinez, Mario Mendonça de Oliveira, Pasqualino Magnavita, Paulo Ormindo de Azevedo e Walter Velloso Gordilho.

Graduou-se em Arquitetura em 1977 e realizou cursos de especialização em Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos na UFBA, em 1982, e na Cidade de Florença, na Itália, em 1985.

Sua carreira regular como professor, todavia, teve início muito antes de se graduar, aos 19 anos, percorrendo os domínios da língua inglesa, da técnica de turismo, da cultura baiana e da história da arquitetura. Inicialmente no ensino básico, Colégio Nossa Senhora do Carmo, onde estudou, e Sofia Costa Pinto. Participou como professor dos cursos de formação de guias de turismo oferecidos pelo Estado da Bahia em Salvador, Recôncavo Baiano, Ilhéus, Porto Seguro e Lençóis.

Sua carreira docente na Faculdade de Arquitetura da UFBA se inicia em 1977, como Professor Colaborador, efetivando-se a partir de concurso realizado em 1979. Ao lado de funções de ensino como Professor Adjunto, desempenhou com denodada dedicação as funções de Chefe de Departamento, Coordenador de Colegiado, Diretor em exercício da Faculdade e Pro-Reitor de Extensão.

No ensino superior é também Professor das Faculdades Integradas Olga Metting, nas unidades de Turismo e Administração.

Ao lado de sua carreira docente e não distante dela, desenvolve, também desde cedo, sua atividade profissional. Em 1971 ingressa, através de concurso, na recém criada Bahiatursa como funcionário e instrutor dos cursos de guia de turismo.

Durante onze anos, de 1973 a 1984, integrou a equipe do arquiteto Paulo Ormino David de Azevedo que realizou o famoso Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia do IPAC, obra publicada pelo Governo do Estado em sete volumes, tendo sido co-autor do último volume.

Durante o período em que foi Pró-Reitor de Extensão da UFBA, entre 1988 e 1992, dedicou à área de artes uma atenção muito especial e propiciou às respectivas unidades um momento de grandes realizações.

Foi Gerente de Promoção de Investimentos do PRODETUR, entre 1995 e 1966, na Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia.

De 1997 a 2004 foi Presidente da Fundação Gregório de Mattos, quando este órgão de cultura da estrutura municipal, pelo seu extraordinário empenho e dedicação, viveu os melhores e mais produtivos momentos de sua existência. Nesta gestão publicou livros, muitos dos quais inéditos, sobre a História da Bahia. Apoiou a educação patrimonial e promoveu a restauração de monumentos e sítios históricos. Concedeu especial atenção às manifestações da cultura popular e foi responsável pelo brilho que os desfiles do Dois de julho lograram ter àqueles dias. Presidiu as comemorações dos 450 anos da Fundação da Cidade do Salvador e representou esta cidade em encontros internacionais da UCCLA e da UNESCO.

Nos últimos anos, entre 2005 e este de 2010, teve oportunidade de conviver com uma das grandes personalidades da Bahia de nossos dias, o Engenheiro Norberto Odebrecht, como seu Assessor na Presidência do Conselho de Administração da Fundação que leva seu nome.

É atualmente Presidente do Conselho Diretor deste Museu Carlos Costa Pinto.

Integra, como Membro Titular, a Academia de Letras da Bahia e a Academia de Letras e Artes *Mater Salvatoris*.

Ao longo da vida, estimulado pela vocação de conhecer sítios e povos tem viajado por todos os continentes e ampliado seu trato com idiomas.

Aprofunda incansavelmente o conhecimento dos temas da sua preferência, como as artes, notadamente as artes plásticas, a história, especialmente a história da arquitetura e sobre as manifestações da cultura baiana. Tem reunido um notável acervo documental sobre as matérias com que tem lidado.

Constitui-se em uma das culturas mais completas, na sua geração, da Bahia de nossos dias.

O que é notável é que disponibiliza generosamente todo o seu o seu patrimônio cultural em favor de seus alunos e da sociedade em geral, a bem da Bahia que ele tanto ama.

Durante sua carreira produziu, com pessoal esforço e as suas próprias expensas, uma preciosa coleção de cerca de 3.000 diapositivos sobre a evolução da arquitetura baiana, com a finalidade de ilustrar suas aulas e apresentações.

Tomando conhecimento deste valioso acervo através de uma palestra que lá proferiu, a ADEMI – Associação de Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário, em meritória iniciativa, patrocinou a transformação deste material para meio eletrônico de modo a facilitar a conservação, manuseio, organização, segmentação e apresentação em equipamentos mais modernos.

Pois bem, imediatamente ele autorizou a livre utilização deste acervo, inclusive a veiculação pela *internet*, sem qualquer retribuição!

De longa data e em sucessivas administrações, o Cerimonial Oficial do Estado tem recorrido ao nosso

homenageado para fazer o receptivo de gradas personalidades que tem visitado a Bahia, a exemplo do Ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chieh, que chefiou a importante missão diplomática encarregada de reatar as relações com o Brasil nos idos dos anos 70.

Assim também ocorreu com os nobres visitantes das Casas Reais da Noruega, da Dinamarca, da Bélgica e da Espanha. Com Chefes de Estado ou destacadas personalidades como Kofi Annan, Secretário Geral da ONU ou Hillary Clinton, essa notável figura da política norte americana.

Sem desviar-se da sua refinada educação ou das normas protocolares, houve situações em que impressionou o visitante com sua forma espontânea, mas nunca irreverente de ser.

Numa ocasião eu estava nadando nas imediações do *pier* do *Yacht* Clube, obviamente vestindo apenas um calção e completamente molhado, quando vejo desembarcar de uma grande lancha um conjunto de pessoas e Chico me acenando. Aproximei-me a nado, naturalmente, e vejo incrédulo que se trata de um senhor de notoriedade mundial! Pior, meu caro amigo dirigindo-me referência elogiosa insiste na apresentação do ilustre visitante.

Vencendo o embaraço inicial procurei corresponder ao cumprimento, entretanto, apesar da reconhecida habilidade dos portugueses no domínio dos mares, fiquei morrendo de medo que aquele simpático senhor, alto e dotado de certo volume, curvado na beira do *pier*, despencasse nas águas deliciosas de nossa magnífica Bahia!

Tratava-se nada mais nada menos que o respeitável Presidente de Portugal Mario Soares!

Esse grande estadista não se sentiu nem um pouco arranhado pela descontração do nosso homenageado: concedeu-lhe a honrosa Comenda da Ordem do Infante Dom Henrique, que enobrece a coleção de muitas outras a que também fez jus.

D’outra feita, vem a Bahia o famoso campeão Emerson Fittipaldi em viagem particular, cercada de cuidados com a privacidade, a discricção, a segurança e inimaginável padrão de conforto.

Nada de Cerimonial Oficial, entretanto, reconhecida a fama do nosso homenageado pelos organizadores da visita, foi ele solicitado a apresentar os principais pontos da Cidade. Gentil, como sempre, aceitou.

Não foi necessário mais que o primeiro momento para que se instalasse total identidade. O campeão deixou de lado o aparato que lhe acompanhava e incorporou nosso homenageado no cotidiano dos dias que aqui passou.

Certa noite iam todos no próprio carro de Francisco – um gol – Fittipaldi no banco do carona, sua esposa e dois filhos espremidos atrás. Chovia fino, esse tipo de chuva que não lava a calçada, mas se mistura com a poeira deixando o pavimento muito escorregadio.

Quando subiam a empinada ladeira da Gamboa de Cima, o carro começou a patinar. Fittipaldi recomendou calma ao seu anfitrião e impetuoso motorista. Disse-lhe para parar e deu-lhe todas as instruções de como retomar a marcha e vencer a impertinente ladeira. Alcançaram o Largo dos Aflitos completamente ilesos! Foram essas as famosas lições a que, no início, me referi!

Uma trajetória paralela à docência com tanta atividade e oportunidades tão diversas, não desviaram nosso homenageado

do foco com o ensino. Na verdade, a carreira docente inicialmente não foi seu projeto de vida, mas o conquistou. Ser professor lhe basta, no sentido amplo do educador.

Seu maior compromisso é com o ensino, com a formação acadêmica de seus alunos, com a transmissão do conhecimento, com a capacitação acadêmica e cidadã, como educador que não se preocupa apenas com o conteúdo programático, mas com a possibilidade de construir um mundo melhor, mais digno, consciente e envolvido no sentido do aperfeiçoamento do ser humano.

Completo este ano o tempo para se aposentar da UFBA. Já conta, portanto, com um grande acervo de serviços prestados. Sua atuação, entretanto, não se limita apenas aos cursos formais.

Movido pelo fascínio em transmitir o que sabe, é necessário acrescentar o elevado número de palestras, versando sobre a História, a Arquitetura e a Cultura baianas e dirigidas a instituições públicas e privadas no Brasil, em nosso Estado e especialmente nos estados do Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo ou no Exterior, na Argentina, Chile, Paraguai, Cuba, Estados Unidos, França, Itália, Portugal, China e Japão, proferidas nos idiomas de Português, Inglês e Italiano.

É impressionante a frequência com que ocupa os auditórios em Salvador e no Recôncavo e, invariavelmente, cativa todas as audiências.

Os alunos do ensino regular, em sucessivas turmas, o tem reconhecido com a sua escolha para Paraninfo, Patrono ou Professor Homenageado nos cursos de Arquitetura, Belas Artes, Museologia e Yorubá da UFBA, Arquitetura da UNIFACS e Turismo da FACTUR.

Acaba de ser convidado pelos concluintes deste ano do Curso de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia para ser, mais uma vez, Parainfo!

Esta Academia Baiana de Educação, subscrevendo o reconhecimento dos seus alunos formais, interpretando o sentimento dos baianos que têm tido a felicidade de lhe ouvir e contemplando a excelência de sua carreira profissional e docente, lhe concede o TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO.

Ao encerrar estas palavras quero, todavia, apresentar uma desculpa: embalado pela pessoal admiração e apreço, me perdi. Não sei se arrolei todos os atributos que devia e, seguramente, não os ordenei como no início prometi.

Não posso, todavia, omitir um deles que até mesmo a ordem alfabética o colocaria por aqui: a visão.

Sempre que expõe e ensina quer melhorar o mundo. Mas, repararem uma coisa muito interessante: só apresenta, justamente, o lado melhor do mundo!

Só sabe mostrar o bem e o belo! Sabem por que?

É o olhar da poesia, que lá atrás, sua avó Nola ensinou!

Muito obrigado!

APRESENTAÇÃO

Há, no panorama educacional de cada época, instituições que marcam, ficam indelevelmente no território funcional onde atuam, emprestando uma respeitosa dignidade.

O Colégio Nossa Senhora do Carmo e, logo depois, as Faculdades Integradas Olga Mettig trouxeram com sua *performance* uma reconhecida contribuição a uma época de inovações e esperanças em melhores perspectivas para a educação no País. As reuniões da CORDEF – Coordenação de Faculdades de Educação se processavam com muito vigor e havia no Norte, onde elas aconteciam, um clima de fé e esperança, expectativas otimistas para a formação de educadores, num país que se ressentia da falta deles em todos os níveis. Afinal, os educadores, nas primeiras décadas do século passado, eram engenheiros, advogados, médicos e ou profissionais liberais. As Faculdades de Educação vieram com propósitos definidos e objetivos bem delimitados. Vieram para ficar e avançar um pouco no tempo.

A Faculdade de Educação Olga Mettig e, posteriormente, as Faculdades Integradas, formando pedagogos e outros profissionais, deram um passo significativo, retirando o curso de Pedagogia das Faculdades de Filosofia para um território específico. Foi um avanço, sem dúvida. Olga Mettig, aluna do curso da Faculdade de Filosofia da UFBA, naquele momento minha aluna, estava pronta para investir na área educacional. E assim o fez, com dignidade e êxito. Em torno de seu ideal e da sua cativante personalidade, estiveram professores de escol, que aceitaram integralmente sua proposta de trabalho e sua liderança. Maria Augusta Cruz Abdon é uma delas. Atendeu a seu chamado

e entendeu os seus propósitos. Integrou-se ao núcleo fundador da Faculdade de Educação e, depois, das Faculdades Integradas, tornando-se colaboradora incansável, amiga e, agora, neste momento extremamente melancólico, quando se fecha um ciclo de sucesso e produtividade por uma fatalidade destas que descem do Além, como dizia Castro Alves, decide pontuar através de suas vivências o que na realidade representou e produziu a obra de Olga Mettig, mestra, amiga e líder incontestada, companheira de muitas horas.

Emocionalmente envolvida no processo de desativação dos vários cursos das Faculdades Integradas, decide numa homenagem justa, apresentar um retrato da obra onde viveu crescendo e atuando depois com maturidade para seu indiscutível êxito. Sua narrativa está toda ela impregnada de um anseio incontido de demonstrar o que representou a instituição onde viveu e aprendeu a “aprender a desaprender” e aprendeu que na prática a teoria é outra. Enfim vivenciou as práticas pedagógicas e viveu o clima complexo das instituições que lutam dignamente por um lugar ao sol. Sua narrativa é muitas vezes recorrente, mas, expressa algo especial do coração humano que se chama **Gratidão.**

Leda Jesuino

HOMENAGEM

OLGA METTIG

um sonho.....

uma realidade...

Assumindo a significativa responsabilidade de apresentar uma educadora da mais alta categoria, pela sua demonstrada eficiência, pela incrível *performance* na realização de seus sonhos, sinto-me com aquela exata sensação de uma pequena lanterna, no dever de iluminar, por um momento, a sua ampla e vasta trajetória, enriquecida por criações pioneiras reconhecidamente apreciadas e aplaudidas.

Louvada entre os que usufruíram do seu agradável convívio, pela sua compreensiva empatia para com os problemas “do outro”, sua atitude configurava uma rara simplicidade e a humildade com que exercia o poder.

Focalizando o consciente sobre seus objetivos, até que o subconsciente transformando-os em realização, e, desta maneira, seus assessores mais diretos e grandes colaboradores contribuíram e contribuem para a expansão da sua personalidade criativa, realizadora e, sobretudo, produtiva. Liderando com suavidade e firmeza, reciprocamente obteve de seus assessores amizade, boa vontade, interesse e grande entusiasmo.

Sinto-me privilegiada por compor seu mundo de amizade e partilhar de sua trajetória educacional há 52 anos, sempre crescendo, aprendendo e cada vez mais admirando seu jeito de ser: simples, tranquilo, sensível, cordial, organizado, pontual e, especialmente, amigo.

Ela encarna a mulher que o grande estadista americano
Abraão Lincoln descreveu:

Gosto de ver uma mulher
orgulhosa de sua Pátria
e gosto de vê-la viver
de tal forma que
a Pátria se sinta
orgulhosa dela.

Maria
Augusta Cruz Abdon
Vice-Diretora
Geral das FAMETTIG

FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG – FAMETTIG

ESTRUTURA ORGANAZACIONAL

As Faculdades Integradas Olga Mettig, doravante denominada simplesmente FAMETTIG, é um estabelecimento particular de ensino superior, de pesquisa e de prestação de serviços à comunidade, regendo-se pela Legislação Federal vigente, pelo Estatuto da Associação Cultural e Educacional da Bahia – ACEBA e por um regimento unificado, aprovado pelo MEC/Conselho Nacional de Educação, através do Parecer 335/2000 e Portaria Ministerial nº674/2000.

Para a consecução de seus objetivos, as FAMETTIG se constituem em uma comunidade integrada por dirigentes, professores, alunos, ex-alunos e pessoal técnico-administrativo e de apoio, comprometida com a sociedade que lhe dá origem e lhe determina a forma e as funções.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DA BAHIA – ACEBA (SALVADOR – BAHIA)

O brasão de armas da Associação Cultural e Educacional da Bahia é representado por um escudo púrpura, uma cruz flor-de-lis de ouro entre quatro moletas. A insígnia é um facho de ouro, aceso ao natural. Este brasão foi idealizado em 1971, por Dom Paulo, membro do Mosteiro de São Bento, considerada a pessoa mais entendida em Heráldica, no Brasil.

QUEM SOMOS?

Bachelard diz, em um de seus sábios ensaios, que “não se encontra o espaço, é preciso construí-lo sempre”. Foi assim que a Professora Olga Pereira Mettig fundou e vem construindo continuamente, sem interrupção, o espaço da Associação Cultural e Educacional da Bahia, desde 1966. São 44 anos de construção e trabalho, com a responsabilidade de manter e supervisionar as Instituições por ela geradas.

À Associação Cultural e Educacional da Bahia – ACEBA, como entidade mantenedora, cabe tomar as decisões e medidas necessárias de caráter econômico-financeiro e prover os serviços de manutenção que garantam um atendimento de qualidade à comunidade baiana.

MISSÃO DA ACEBA

Educar, através de ensino, pesquisa e extensão, pessoas de visão crítica, capazes de agregar valores e se realizarem pessoal e profissionalmente, sustentadas por princípios éticos, democráticos e de cidadania.

FILOSOFIA DA ACEBA

1 – O ser humano é a essência de tudo, com sua sensibilidade, fé e criatividade.

2 – Educar, com base em valores éticos e morais, pessoas capazes de atuarem em seu entorno social, transformando-o.

3 – Exercitar princípios democráticos, como respeito às liberdades individuais, direitos humanos e lealdade a princípios.

4 – O meio ambiente deve ser valorizado, conservando para beneficiar o ser humano.

ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DA BAHIA

*FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG

*FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA – FEBA

*FACULDADE DE TURISMO DA BAHIA – FACTUR

*FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO – FACEX

*CENTRO DE ESTUDOS DE PÓS-GRADUAÇÃO OLGA METTIG
– CEPOM

*INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL – IEM

*FACULDADE LIVRE DA MATURIDADE

*CURSO SEQUENCIAL

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Maria Ligia Lordello de Magalhães

Vice-Presidente: Olga Pereira Mettig Filha

Diretor Financeiro: Marcelo Augusto Carvalho Rocha

FAMETTIG – FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG

FAMETTIG

Diretor Geral: Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha

Vice-Diretora Geral: Prof^a Maria Augusta de Carvalho Cruz
Abdon

CONSELHO SUPERIOR – 2001 / 2002

1. Marcelo Augusto Carvalho Rocha – Diretor Geral
2. Bel. Paulo Sérgio Mettig Rocha – Diretor/FACTUR
3. Prof. Antonio Carlos Lé Martini – Diretor/FACEX
4. Prof^a Eny Kleyde Vasconcelos Farias – Diretora/CEPOM

5. Profª Zuleide Alves C. Cavalcanti – Repr. Titular/FEBA
6. Prof. Astor de Castro Pessoa – Repr. Titular/FEBA
7. Profª Francisca de Paula S. da Silva – Repr. Titular/FACTOR
8. Prof. Thyrso Sacramento Maltez – Repr. Titular/FACTOR
9. Prof. Fernando Roque de Lima – Repr. Titular/FACEX
10. Prof. José Lúcio de Farias – Repr. da Classe de Professor Adjunto
11. Prof. Sudário de Aguiar Cunha – Repr. da Classe de Professor Assistente
12. Profª. Maria Cândida B. Paranhos – Repr. da Classe de Professor Auxiliar
13. Profª Olga Pereira Mettig Filha – Repr. Ass. Cult. E Educ. Bahia
14. Prof. Francisco Soares Sena – Repr. da Comunidade

CONSELHO SUPERIOR 2003 – 2011

- 1 – Prof. Paulo Sergio Mettig Rocha
Diretor Acadêmico
- 2 – Prof. Nelson Eloi da Silva
Representante Titulares/FEBA
- 3 – Profª. Zuleide Cardoso Cavalcante
Representante Titulares/FEBA
- 4 – Profª. Carmélia Anna Amaral de Souza
- 5 – Prof. Tadeu Bello Leonídio Rego
Representante Titulares/FACTOR
- 6 – Prof. Henrique Tito Leonídio Rego
Representante Titulares/FAPEB
- 7 – Profª. Sonia Regina Araújo Caldas
Representante Classe de Professores Adjuntos
- 8 – Prof. Fernando Henrique Oliveira Santos
Representante Classe de Assistentes
- 9 – Profª. Olga Pereira Mettig Filha

Representante da Sociedade Cultural e Educacional
da Bahia
10 – Profa. Odete Benevides Randam
Representante da Comunidade

**Professores Fundadores das Faculdades Olga Mettig
6/04/1967**

Ana Lúcia França Magalhães
Ângelo Lyrio de Almeida
Anna Carolina Nascimento Daltro
Antônio Rodrigues Soares
Aracy Esteves Gomes
Arnaldo Affonso dos Reis Santana
Augusta Emilia Viana Bandeira
Belchior Maia de Athayde
Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
Carlos Costa
Dougival Moraes de Oliveira
Francisco Pinheiro Lima Júnior
Haidé Correia da Silva
Hélio Rocha
Hermano José de Almeida Gouveia Netto
Irmão Martin Marie Dubois
Jandira Leite Simões
Leda Jesuino dos Santos
Leopoldo Roberto Martins de Carvalho
Lúcia Maria Góes Ito Rocha
Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Maria Anália Costa Moura
Maria Augusta Cruz Abdon

Maria Augusta Rosa Rocha
Maria de Lourdes Marques
Maria Terezinha Guzzo
Olga Pereira Mettig
Remy Pompilio Fernandes de Souza
Ricardo Vieira Pereira
Romano Galeffi
Washington Luis de Trindade

PROFESSORES FAMETTIG DO PERÍODO 2010-2011

- 01 - Adriana Lima Balaguer - Arte e Educação
- 02 - Alessandra Giovana F. da Silva de O. Borges - Fundamentos de Administração e Comércio Exterior
- 03 - Ana Maria de Souza Teixeira Carmo - Metodologia da Matemática
- 04 - Arismar Cerqueira Sodré - Administração, Financeira e Orçamentária
- 05 - Arlinda Lucia Gomes da Silva Gonçalves - Análise de Demonstrações Contábeis e Auditoria
- 06 - Aurivan Sérgio Jesus da Silva - Gestão da Informação
- 07 - Carlos Márcio Pedreira de Cerqueira - Direito Aplicado à Administração
- 08 - Carmélia Anna Amaral Sousa - Políticas Públicas para o Turismo
- 09 - Cecília Maria do Amaral - Prática Educativa
- 10 - Celiamaria Serra Azevedo - Relações Humanas
- 11 - Claudete Rejane Blatt - Gestão do Lazer e Empreendimento
- 12 - Cristiane Maria Barreto Silva de Siervi - Estrutura dos Meios de Hospedagem
- 13 - Eliana Mariano Vianna Martins - Sociologia
- 14 - Eliseu Alves Teixeira - Contabilidade

- 15 - Everon Lima Bragança - Laboratório de Alimentos e Bebidas
- 16 - Fabio Alex Franca Teixeira - Organização, Sistemas e Métodos
- 17 - Fernando Henrique Oliveira Santos - Economia Internacional
- 18 - Ioná Cristina Magalhães da Paixão Barata - Avaliação Educacional
- 19 - Iumara Silva Andrade Coelho - Ludicidade e Educação
- 20 - João Leonardo Vieira dos Santos - Gestão do Lazer e Empreendimento
- 21 - Jorge Soares Fernandes dos Santos - Filosofia da Educação
- 22 - Josana Fernandez Baqueiro - Elaboração de Projetos
- 23 - José Correia Filho - Gestão de Eventos
- 24 - José Manoel de Assis Sousa - Interpretação do Patrimônio
- 25 - José Roberto Tavares Sampaio - Planejamento Estratégico
- 26 - Juscelino Martins Primo - Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais
- 27 - Liliana Marguerita Onôro Acosta - Administração de Recursos Humanos
- 28 - Lino Mosquera Navarro - Pesquisa Operacional
- 29 - Loris dos Anjos Almeida Brantes - Estágio Supervisionado
- 30 - Lucas Almeida de Souza - Tópicos Avançados em Teorias da Administração
- 31 - Luzmar da Silva Cardoso - Psicologia do Desenvolvimento
- 32 - Marcela de Souza Farias - Língua Brasileira de Sinais (Libras)
- 33 - Marcos Pereira de Ramos - Teoria da Administração
- 34 - Maria Bernadete da Silva Barbosa - Alfabetização e Letramento
- 35 - Maria Lucia de Abreu - Língua Estrangeira
- 36 - Maria Menezes do Amaral - Economia Brasileira

- 37 - Marlene Cardoso Tavares - Espanhol
- 38 - Mônica Susmaga da Silva - Comunicação, Linguagem e Comunicação
- 39 - Nelson Elói da Silva - Metodologia das Ciências Naturais
- 40 - Paola Guerra Garcia - Inglês
- 41 - Paulo Emilio Parente Barros - Música na Educação
- 42 - Rejane Silva Mira - Pesquisa e Análise do Mercado Turístico
- 43 - Ronaldo Bruno Leal - Gestão do Setor Público
- 44 - Rosalva Christina Dias Cruz Rodrigues - Educação e Tecnologia
- 45 - Rosalva Maria Horn - Sociologia Aplicada à Administração
- 46 - Seliz Grassini Rego - Gestão de Alimentos e Bebidas
- 47 - Sônia Maria Moraes Ferreira - Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais
- 48 - Sonia Regina de Araújo Caldas - Técnicas Publicitárias para o Turismo
- 49 - Soraia Borges da Silva - Ética e Educação
- 50 - Sueli Carvalho Santana de Paula - Jogos de Empresa
- 51 - Tadeu Bello dos Santos - Projeto Turístico Multiprofissional
- 52 - Tulio do Bonfim Barbosa - Matemática Comercial
- 53 - Valdevino Tabajara Gomes - Educação das Relações Étnico-Raciais
- 54 - Vandevilson Daniel de Almeida - Agenciamento de Viagens
- 55 - Werber Bomfim Leite - Administração de Sistema da Informação
- 56 - Zuleide Cardoso Cavalcanti - História da Educação

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA – FEBA PRIMEIRA DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Diretora – Olga Pereira Mettig

Vice Diretor – Marcelo Augusto Carvalho Rocha

Coordenadores: Dinorah Berbert de Castro

Belchior Athayde

Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira

Maria de Lourdes Marques

Heloisa Helena Soares

Maria Lúcia Palmeira

Edilene Barbosa

Lúcia Maria Muniz de Souza

Diretor Coordenador: Astor de Castro Pessoa

– HISTÓRICO

Com a experiência na administração do Colégio N. Sa. do Carmo, Olga Mettig desejou para suas alunas normalistas, concluintes do Curso Normal, uma continuação de estudos, aperfeiçoando sua formação para o magistério. Desejava que esses estudos fossem em nível superior com especialização para o exercício profissional.

Sentia que o Curso de Pedagogia da Universidade não atendia ao que os professores de Ensino Primário precisavam e desejavam. Com sua experiência docente e de inspetora de ensino, percebeu a necessidade de esses professores aprofundarem seus conhecimentos em Psicologia Infantil, Psicologia da Aprendizagem, Metodologia e Prática de Ensino, matérias educacionais que deveriam compor um currículo para a formação dos profissionais que vão trabalhar com crianças e

adolescentes, fases importantes do desenvolvimento físico, emocional e moral do ser humano. A Professora Maria Ligia Lordello Magalhães, grande e incansável colaboradora, aplaudiu a sua ideia e as duas entraram em campo para saber como criar e implantar este novo empreendimento para a formação profissional do magistério.

Participaram de Congressos, entrevistas com diretores de estabelecimentos de ensino de outros Estados, visitas ao Conselho Federal de Educação, estudo de vários pareceres sobre formação de professores. Buscaram todas as informações necessárias para o amadurecimento da ideia e escolheram o nome da instituição: Faculdade de Educação da Bahia – FEBA.

Informada pelo MEC de que o primeiro passo para instalar uma Faculdade de Educação seria ter uma entidade mantenedora para dar suporte à Instituição Superior de Ensino, Olga Mettig optou pela forma de associação e, instruída por seu advogado Dilton Berbet de Castro, redigiu o estatuto da mantenedora, dando-lhe o nome de Associação Cultural e Educacional da Bahia, instituição com objetivos culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Reuniu seus familiares e a Professora Ligia Lordello Magalhães para garantir a credibilidade da instituição de ensino que desejava criar.

Com o estatuto pronto, a instituição foi registrada em Cartório de Títulos e Documentos. Estava assim constituída a Associação Cultural e Educacional da Bahia, com personalidade jurídica para agir no âmbito cultural e educacional da Bahia, a partir de 26 de agosto de 1965, tendo a professora Olga Pereira Mettig como presidente. Aprovada a Carta Consulta pelo Conselho Federal de Educação, seguiu-se a segunda fase do processo: a elaboração do Projeto do Curso para autorização do funcionamento da Faculdade de Educação da Bahia.

Para esse segundo momento, em 1965, constituiu-se um grupo de trabalho, sob a coordenação da professora Olga Mettig, assessorada pela professora Ligia Lordello Magalhães. A equipe era composta das professoras Maria Augusta Cruz Abdon, Orientadora Educacional do Colégio Nossa Sra. do Carmo; Elvira Peixoto Pereira, que exercia funções no Centro de Estudos Educacionais e Aperfeiçoamento do Professor, órgão da Secretaria de Educação; do professor Antonio Victor Lubi, secretário da Fundação Educacional de Santa Catarina, instituição que acabava de fundar a Primeira Faculdade de Educação no Brasil, e que também foi especialmente convidado para assessorar o Processo de Autorização para o funcionamento da Faculdade de Educação da Bahia.

Foram colaboradoras suas filhas: Olga Pereira Mettig Filha e Carmem Maria Mettig Rocha.

Em curto prazo de tempo, esse grupo trabalhou em silêncio, com tarefas divididas: à professora Maria Augusta Abdon coube a incumbência de recrutar professores para a formação do Corpo Docente. Os nomes apresentados passavam pelo crivo da professora Olga Mettig. Aprovados, Maria Augusta dirigia-se, em seu nome, para fazer o convite. Quando aceito, ela providenciava a documentação exigida na época, que além do *curriculum vitae* com seus títulos comprovados, incluía certidão de antecedentes, fornecida pela Secretaria de Segurança Pública, e certidão de idoneidade moral, fornecida por magistrado.

Elvira Pereira, que seria a futura secretária da Faculdade de Educação, ficou encarregada de datilografar todo o material necessário à montagem do processo.

A Ligia Lordello Magalhães, além de participação direta em todos os trâmites realizados, coube apresentar a documentação do Colégio Nossa Senhora do Carmo para atuar como Colégio de Aplicação na nova Faculdade. O referido

Colégio colocou a disposição da instituição a ser criada o seu Curso Normal, o seu prédio, com todo mobiliário e equipamentos, a Biblioteca e todas as outras instalações necessárias, além de salas de aula. A professora Olga Mettig coordenava e supervisionava todo o trabalho que estava sendo executado.

Em junho de 1965, o processo iniciou sua tramitação no Ministério de Educação e no Conselho Federal de Educação. Seu relator foi o Conselheiro Valnir Chagas, que após apreciação exigente e minuciosa emitiu parecer favorável. Durante o prazo de um ano e oito meses, as professoras Olga Mettig e Ligia Lordello Magalhães realizaram várias viagens ao Rio de Janeiro com a finalidade de acompanhar o trâmite do referido processo nas diversas Câmaras daquele Conselho e, finalmente, em Sessão Plenária de 6 de abril de 1967, foi autorizado o funcionamento da Faculdade de Educação da Bahia, através de Parecer 123/67 do CFE, homologado pelo Decreto Presidencial nº 60.720, de 19 de abril de 1967.

REALIZAÇÃO DO 1º VESTIBULAR

Em três dias de inscrição, a demanda foi bastante expressiva para o preenchimento de 50 vagas oferecidas.

Os quesitos elaborados ficaram sob responsabilidade do professor Antônio Rodrigues, professor de Psicologia da Universidade Católica de Salvador. Devido a muitos compromissos, o professor desistiu da incumbência assumida, e a professora Maria Augusta Abdon, professora do Colégio Nossa Senhora do Carmo, recorreu a sua ex-professora de Sociologia do Colégio Estadual da Bahia, Odette Silva, e juntas elaboraram os quesitos para o 1º vestibular da Faculdade de Educação da Bahia, auxiliadas pela professora Ligia Lordello Magalhães e Dinorá

Berbert de Castro. Os outros vestibulares foram realizados pela Fundação Carlos Chagas em São Paulo. A partir de 1994 até 2007, o vestibular das FAMETTIG foi efetuado pela Consultec, liderada pela professora e acadêmica Adelaide Rogério Resende, de comprovada experiência no setor, com a mais expressiva dedicação, competência e seriedade, comprometida e atualizada nas atribuições que lhe eram confiadas. O vestibular sempre foi um período vivido pelas FAMETTIG, com bastante tranquilidade e confiança absoluta no resultado de suas avaliações.

COORDENAÇÃO

A Coordenação Acadêmica desenvolve o gerenciamento técnico-pedagógico, trabalhando juntamente com toda a equipe técnica, visando integrar todos os elementos que atuam na formação do Profissional. Acompanha o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do currículo, orientando e intervindo quando solicitado e/ou necessário. Promove ações que otimizem as relações interpessoais entre professores e na relação professor x aluno. Também promove e incentiva a realização de encontros, seminários e oficinas sobre assuntos e/ou temas de relevância para professores e alunos. Promove reuniões pedagógicas com o corpo docente e mantém com o alunado integração efetiva na resolução de problemas diversos na área pedagógica. Acompanha, orienta e avalia o trabalho desenvolvido pelos professores, garantindo o alcance dos objetivos e a qualidade do processo do ensino-aprendizagem. Assessora no planejamento didático e na elaboração de instrumentos de avaliação, proporcionando todo suporte técnico aos docentes, a fim de garantir a qualidade do ensino. Articula a interação entre docentes, discentes, equipe técnica, administrativa e a direção da FEBA.

OBJETIVOS

A Faculdade de Educação da Bahia – FEBA, através de suas funções básicas de ensino, pesquisa e extensão, tem como objetivos: desenvolver uma formação profissional, que garanta uma atuação significativa do pedagogo na educação básica, em espaços educativos diversos; oferecer uma formação pluricultural com fundamentos epistemológicos sólidos, que permita o aprimoramento dos estudos e atuação nas várias áreas e campos de pedagogia; capacitar o pedagogo numa perspectiva interdisciplinar, favorecendo a atitude de pesquisador e consolidando a formação de um profissional para atender às necessidades da comunidade; possibilitar experiências individuais e coletivas em escolas, empresas e comunidades, através de projetos educativos e culturais.

RECONHECIMENTO DA FEBA

Para comemorar o reconhecimento da Faculdade, a Direção, o Colegiado Superior, Professores e alunos reuniram-se em 10 de novembro de 1970, em sessão solene. Naquela data, foi cantado o Hino da Faculdade, com letra de autoria do Coordenador Professor Belchior Maia de Athayde e composição musical da professora Carmem Maria Mettig Rocha. Nesse dia, sendo entrevistado por jornalistas do Jornal da Bahia, o professor Leopoldo Roberto de Carvalho afirmou: “sinto-me feliz em compor o Corpo Docente da Faculdade de Educação da Bahia, que prima pela organização e excelente ambiente de trabalho, ao lado de elevado nível cultural que se transmite ao nosso aluno”.... No mês seguinte, em 16 de dezembro de 1970, em ato solene de colação de grau, formava a primeira turma da Faculdade, constituída de 45 pedagogos, Licenciados em Pedagogia. O curso

estava, então, credenciado para as habilitações em Orientação Educacional, Supervisão e Administração Escolar.

DIRETÓRIO ACADÊMICO

O Diretório Acadêmico, recebeu o nome de “Olga Mettig”, o que representava uma prova da admiração dos alunos pelo desempenho da Diretoria. A Semana da Educação era o ponto alto do D.A. Acontecia sempre na última semana do mês de abril, aniversário da Faculdade e representava um momento de efervescência intelectual, com seminários e palestras de alto nível. Estes seminários foram substituídos por “Encontros de Imagens e Ideias”, integrando oficinas com temas sobre Educação. Muitos dos presidentes do Diretório Acadêmico foram dinâmicos e eficientes, realizando um bom trabalho de conscientização e integração. A professora Olga Mettig não perdia uma *chance* de educar, convidando sempre o presidente do D.A. para um diálogo. Certa vez, um aluno fez propaganda política de um candidato em eleição, o que levou a professora Olga a adverti-lo: “Aqui é uma casa de educação. Peço-lhe retirar os cartazes e não trazer o seu candidato para finalidade de campanha eleitoral. Meu irmão, Augusto Públio, é candidato a Deputado Federal e vocês não têm conhecimento de sua candidatura nem de campanha alguma feita na Faculdade”.

PRIMERIO DECÊNIO DA FEBA

Em abril de 1977, a Faculdade de Educação da Bahia, preparou-se para as festividades do seu primeiro decênio. Nesse período, diplomaram-se sete turmas e um número expressivo de 654 pedagogos para atuar em diversas áreas. Professor Dr. Washington Trindade, Titular da disciplina Estudos de Problemas Brasileiros, discorreu sobre o tema “As transformações Sociais e

Econômicas do Mundo Moderno e o Compromisso das Faculdades de Educação”. Naquele dia, os ex-alunos também homenagearam a Faculdade, através de um substancial discurso proferido pela aluna da primeira turma Odete Benevides Randam, em coro falado com seus colegas. Nessa oportunidade, a diretora Olga Mettig agradeceu a seus professores, companheiros de lutas e vitórias para o engrandecimento da Faculdade.

A sessão solene, realizada nesse dia, 27 de abril de 1977, no auditório da FEBA, foi presidida pelo Eminentíssimo Cardeal Dom Avelar Brandão.

Vários cursos de extensão foram realizados, possibilitando aos seus alunos e professores o enriquecimento de seus currículos. O lançamento da *Revista da Faculdade de Educação da Bahia* foi um dos pontos altos da programação comemorativa do primeiro decênio da Faculdade. Do Conselho Editorial, participavam os professores: Dinorah Berbert de Castro, Hermano Gouveia Neto e Elsior Moreira Alves.

Outra realização que merece destaque no programa das comemorações foi a realização da Primeira Semana Universitária do Livro Baiano, com o objetivo de divulgar e dar publicidade às produções estaduais e tornar mais conhecidas os seus autores, especialmente entre os estudantes. Assim, surgiu a SELIBA – SEMANA DO LIVRO BAIANO, movimento cultural idealizado e dinamizado pelo professor Hermano Gouveia Neto em estabelecimentos de ensino médio, que também ampliou sua área de atuação para o ensino universitário.

A Professora Olga Mettig sempre contou com a colaboração de sua filha Olga Pereira Mettig Filha, que, como sua assessora, agia com dedicação, ocupando a função de interlocutora entre alunos e professoras. Carmem Mettig Rocha, sua segunda filha, responsável pela disciplina Música na Educação realizava um trabalho muito significativo com os

alunos de Orientação Educacional. Exímia pianista, imaginação fértil, dirigia grupos de alunos para apresentação no auditório, em datas comemorativas. Alguns alunos se revelaram e brilhavam no palco como verdadeiros artistas. Os encontros para os ensaios desenvolviam as relações interpessoais e contribuíam para a descoberta de talentos.

Ligia Lordello Magalhães, ética, silenciosa, reservada, elegante, fiel aos seus princípios, foi sempre um baluarte da Instituição.

No ano de 2002, Ligia Lordello Magalhães apresentou o Calendário Acadêmico 2002, distribuído aos professores, com o título *ACEBA – Associação Cultural e Educacional da Bahia – Salvador/Bahia – Ano 2002*.

Em maio de 2006, a professora Ligia Lordello Magalhães escreve um livro completo e verdadeiro sobre a grande mestra:: Olga Mettig: *Quando crescer, quero ser professora. Vida e obra de uma educadora baiana*. O livro em questão é excelente para a pesquisa e memória de uma personalidade carismática e marcante que jamais será esquecida

Seus livros encorajaram-me a realizar este documentário para a Revista da nossa Academia Baiana de Educação, divulgando entre os confrades e confreiras a grandeza de uma Instituição que, durante 44 anos, prestou serviços à comunidade baiana, com eficiência, eficácia, integridade, ética e competência.

NOVA DIRETORIA CONSTITUÍDA

Após vinte e dois anos de atividades, em 27 de abril de 1989, em sessão de aniversário da Faculdade de Educação da Bahia, a professora Olga Pereira Mettig renunciou à direção da FEBA e transmitiu o cargo ao Vice-Diretor, Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha.

O novo diretor da Faculdade designou como Vice-Diretora, a professora Maria Augusta Cruz Abdon, titular da disciplina Princípios e Métodos de Orientação Educacional e integrante do Grupo de Trabalho que atuou no Projeto de Implantação da Faculdade de Educação da Bahia, chefe do Departamento de Orientação e Educação e uma das mais antigas professoras da FEBA. Assumiu a coordenação da Faculdade, a professora Maria Lúcia Palmeira.

Por força de circunstâncias administrativas, no ano 2000, Marcelo Rocha assumiu novos encargos na Associação Cultural e Educacional da Bahia, mantenedora da Faculdade. Essa Associação integrou, com as modificações de forma jurídica da entidade mantenedora, a Faculdade de Educação da Bahia às demais faculdades mantidas, compondo as Faculdades Integradas Olga Mettig – FAMETTIG. Assumiu a direção geral, Marcelo Rocha, contando com a assessoria acadêmica da Professora Lícia Regina Moreira de Souza.

A Faculdade conta com muitas décadas de serviços relevantes prestados à comunidade baiana. A afirmação do saudoso e querido professor Hermano Gouveia Neto retrata a instituição: “A Faculdade não sou eu, somos nós”.

O poder criativo e empreendedor da Professora Olga Mettig sempre foi intenso. A ousadia de seus sonhos com responsabilidade a levava a acreditar na sua equipe de colaboradores, transformando seus sonhos em acontecimentos. Mesmo com muitos obstáculos, implantou e implementou várias instituições que vieram beneficiar a comunidade, propiciando a centenas de jovens e adultos o crescimento intelectual, emocional e a capacitação e qualificação profissional. O Colégio Nossa Senhora do Carmo e a Faculdade de Educação da Bahia foram suas obras mestras no campo da Educação. Estimulada pelo sucesso das instituições anteriores, e contando com apoio e

entusiasmo de sua equipe, implantou a Faculdade de Turismo, o Centro de Pós-Graduação, o Instituto de Educação Musical, a Faculdade Livre da Terceira Idade, hoje Faculdade da Maturidade, a Faculdade de Administração, o Curso Sequencial e o Instituto Superior de Educação. Todas as instituições citadas acima gozaram de prestígio, promovendo programas de recursos humanos capacitados para contribuir com o desenvolvimento da sociedade. Seus Diretores, coordenadores, professores, pessoal de apoio contribuíram com sua competência, dinamismo e, sobretudo, dedicação para o crescimento e êxito no desempenho de suas atividades. A Faculdade de Educação, no curso do seu desenvolvimento cada vez presente, obteve um êxito palpável – a Associação de Orientadores da Bahia – AOEB, o que significou na verdade um resultado significativo do curso de Orientação Educacional implantado pela Faculdade de Educação .

O êxito indiscutível da AOEB representou sempre para a Faculdade de Educação uma grande e indiscutível realização. Exatamente por isso, torna-se imprescindível, neste documentário, a presença desta Associação que, durante muitos anos, foi produtiva.

Em 1959, Universidade Federal da Bahia – UFBA lançou o primeiro curso de Pós- graduação em Orientação Educacional, coordenado pelo Professor João Mendonça. Em 1960, a Universidade Católica de Salvador – UCSAL instalou três cursos, em nível de pós-graduação, coordenados pelo Psicólogo e diretor do Instituto de Psicologia da UCSAL Irmão Martin Dubois. Os cursos foram ministrados por docentes de alto nível: João Mendonça, Martin Dubois, Rosa Florence, Raimundo Mata, Luiz Rogério, Auto de Castro, Machado Netto e também outros luminares do ensino superior na Bahia, qie formavam seu corpo docente. O Irmão Martin Dubois, grande entusiasta e conhecedor dos problemas da educação brasileira, implantou e implementou

o Centro de Orientadores Educacionais da Bahia – COEB, em 13 de maio de 1961, o qual, anos mais tarde, passou a denominar-se Associação de Orientadores Educacionais da Bahia – AOEB. Sob a presidência de Irmão Dubois, o grupo de sócios se reunia constantemente no espaço do inesquecível Colégio Maristas, para discutir a prática educativa, elaborar projetos, estudar leis e estabelecer as relações interpessoais dos nossos sócios. A AOEB contou com o apoio irrestrito das professoras Jandira Barbosa e Idalina Belo, nesse período de desenvolvimento. O presidente, contando sempre com o prestígio e a amizade do Superintendente Jair Brito, no Governo de Lomanto Júnior, conseguiu a contratação dos estagiários do SOE para atuar nos Colégios da rede estadual de ensino de Salvador. Outros presidentes da AOEB que sucederam o Irmão Dubois contribuíram com muito esforço e trabalho, dando continuidade à valiosa ação do presidente para a importância e credibilidade no desempenho das atividades específicas do Orientador Educacional. As orientadoras educacionais, Ângela Ravazano, Maria das Neves Guimarães Lima, Ana Margarida Martins, Célia Cardoso, Maria Augusta Cruz Abdon, Brites Solla foram atuantes presidentes. Na gestão de Maria de Lourdes Ornelas e Miriam Leopoldino, a AOEB foi desativada.

Os eminentes Secretários de Educação Edivaldo Machado Boaventura, Carlos Santana e Romulo Galvão apoiaram e valorizaram a atuação do Serviço de Orientação nas escolas.

Tendo o secretário Rômulo Galvão comparecido a uma reunião no Colégio Costa e Silva para discussão de um projeto de Implantação do Núcleo de Orientação Educacional, demonstrou não estar bem informado sobre o trabalho desenvolvido sobre Orientação Educacional e seu objetivo. Afinal que é o SOE? – indagou, desejando mais informações. Tudo lhe foi explicado e, desde então, o seu apoio foi importante e decisivo.

Na oportunidade, após realização de concurso específico na área, foram nomeados para as escolas públicas estaduais novos Orientadores Educacionais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL ENQUANTO PRÁTICA PEDAGÓGICA INSERIDA NO CONTEXTO POLÍTICO DOS ANOS 1985 A 1990

Prática educativa criada como habilitação do curso de Pedagogia em 1968 e somente regulamentada em 25 de setembro de 1973 pelo Decreto 7246, a Orientação Educacional, registrou um momento de significativa importância na dinâmica funcional das escolas de primeiro e segundo graus, pois tinha como objeto da sua prática “prestar assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino, visando o desenvolvimento integral e harmonioso da sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas”.

Com o fim da ditadura militar e a promulgação da nova constituição em 1988, um movimento de redemocratização do País tomou conta das Instituições, estendeu-se para os partidos políticos que saíam do esconderijo e passavam a encampar movimentos reivindicatórios por mudanças, nem sempre bem definidas nas pautas usadas como bandeiras de luta. Quem acompanhou esses movimentos e pôde fazer uma análise de mero observador, certamente notou que a intenção maior era promover o partido político, sobretudo, aqueles que sofreram as perseguições e massacres no período da ditadura militar. Assim é que se destacaram as lideranças do PC do B (Partido Comunista do Brasil), do PC (Partido Comunista, chamado de Partidão) e do

PT (Partido dos Trabalhadores), os que mais lutavam por conquistar qualquer espaço de liderança que lhes permitisse efetuar as mudanças políticas e as diretrizes educacionais.

Nesse contexto político, a prática da Orientação Educacional era considerada elitista e fora da realidade, diziam eles nos discursos de palanques, por ter sido uma prática criada pelo regime militar.

Em 1986, se não me falha a memória, houve um Congresso de Orientação no Rio de Janeiro e a Bahia foi representada por um grupo significativo de Orientadoras, sob a Coordenação da então Presidente da Associação dos Orientadores Educacionais da Bahia, Profa. Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon e sua Vice-Presidente Profa. Miriam, cotada para substituir a Presidente que estava no seu final de mandato. No auge das discussões, em plena Assembleia, quando se discutiam e se apresentavam propostas para o trabalho do Orientador a partir de habilidades (desenvolver uma proposta curricular focada nas habilidades inerentes a cada disciplina, foco das atenções no momento), a Profa. Vice-Presidente tomou o microfone e assumiu posições contrárias à política administrativa da nossa Associação, como também agrediu verbalmente a companheira Presidente, causando um enorme vexame.

Assim, em 1987, assume a presidência da Associação a Orientadora Célia Cardoso O. Vilela, tendo de enfrentar um grupo desmobilizado, desanimado e sem esperanças. O movimento sindical queria recuperar o espaço de participação nas decisões sobre piso salarial, condições de trabalho, abertura de concursos e planos de cargos e salários, isso acontecendo em todos os Estados, inclusive nos tidos como modelos na prática da Orientação (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Norte, Pernambuco). O momento exigia união das categorias dos educadores para assegurarem uma

pressão maior que levasse às conquistas. Em nenhum momento, a Associação de Orientadores esteve ausente nesse novo tempo, num contexto político delicado pelas posições radicais. A posição que a Presidente assumia nas votações era de coerência com os objetivos da própria prática, lutando pela prioridade para que o aluno tivesse o direito de ter aulas de verdade e pudesse dispor de acompanhamento pedagógico que facilitasse seu desenvolvimento. Ao finalizar o período da gestão administrativa, a Presidente Célia, por não ter a disponibilidade de tempo para continuar a militância político-sindical (trabalhava três turnos, tinha uma filha menor a exigir seus cuidados), abriu o processo convocando eleição para novo grupo administrar a Associação dos Orientadores da Bahia, tendo sido votada a Orientadora Maria de Lourdes Ornelas para presidir a entidade.

Lamentavelmente, o movimento político optou por esvaziar a prática da Orientação nas escolas, primeiro retirando o horário que era reservado na grade curricular para o Orientador realizar as sessões de grupo em cada turma. O orientador passou a adaptar-se como coordenador pedagógico, muitas vezes chocando sua presença com a do supervisor. Com o tempo, percebeu-se que tanto o Orientador quanto o Supervisor e também o Professor estavam desmotivados, desencantados, mal remunerados e desassistidos pelos órgãos gestores das práticas educativas. O resultado de tudo isso é o comportamento que se observa hoje nas escolas, com os alunos fazendo de conta que estudam, professores fazendo de conta que ensinam, jovens despreparados, enveredando-se para a criminalidade e marginalização e famílias desorientadas.

Percebe-se hoje que não era acabar com a Orientação Educacional nas escolas que seria a solução mas ressignificar a prática, de modo que o aluno pelo menos tenha um profissional com sensibilidade para escutar suas dificuldades, perceber suas

possibilidades e orientá-lo nas tomadas de decisão, nas escolhas, na aquisição de valores morais e éticos.

HINO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA

Letra: Belchior Maia de Athayde
Música: Carmem Maria Mettig Rocha

Educar é brilhar como estrelas
– diz o livro com sábia razão –
Forjar Mestres é de astros enchê-las
A Família, a Escola, a Nação.

Estas classes – da Ciência viveiros sejam
berços que embalem clarões
dentro em breve, os eternos luzeiros,
a aclarar gerações, gerações

[Estrilho]

Esta casa em que aprendo nesta hora
a sublime missão de educar,
será hoje, amanhã, vida a fora,
minha Escola, meu Templo meu Lar.
Numa terra que o nome proclama
de Divino Rabi – Salvador –
esta Escola mantém viva a chama
do Saber, alentado no amor.

É o amor que, na Escola, garante
os caminhos augustos da luz,
que dimana, serena e constante,
das mãos claras do Mestre Jesus.

O hino da Faculdade de Educação da Bahia tem como tema LUZ e AMOR. Os versos do hino foram escritos, em 24 de agosto de 1970, por Belchior Maia de Athayde, saudoso professor coordenador e assessor para assuntos pedagógicos desta Faculdade, que deixou rastros luminosos de sua capacidade e exemplo de dedicação ao Magistério. A música é de autoria de Carmem Maria Mettig Rocha, mestra jovial, ímpar pelo afeto com que trabalha e convive com alunos e colegas. É a diretora do Instituto de Educação Musical – IEM.

A FACULDADE DE TURISMO DA BAHIA - FACTUR

DIRETOR – Paulo Sérgio Mettig Rocha

COORDENADOR ACADÊMICO – Professor Thyrso

Sacramento Maltez

Em suas inúmeras viagens, a professora Olga Mettig sempre conciliou o lazer com estudos e observações. Conheceu quase todos os Estados do Brasil e, depois, realizou viagens ao exterior. Na observação dessas suas viagens, comparando os serviços e os pontos turísticos chegou à conclusão de que a nossa Bahia possui belezas históricas e cultura que podem ser exploradas com planejamento enriquecedor para sua economia. Com seus permanentes compromissos ligados à educação e uma vasta experiência adquirida em viagens, enriquecida com a leitura de livros, revistas, jornais, nasceu a ideia de criar uma Faculdade de Turismo na Bahia. Essa instituição de Ensino teria a finalidade de preparar mão de obra cientificamente especializada, para atender à expansão deste tão promissor mercado de trabalho. No Sul do Brasil existiam apenas cinco Faculdades de Turismo e o

Conselho Federal de Educação já havia definido um currículo mínimo para estudo nesta área de conhecimento. Na Bahia, a Bahiatursa, era o órgão do governo responsável pelo planejamento do turismo e tinha como linha norteadora a concepção de turismo como indústria econômica.

Olga Mettig solicitou ao Dr. Francisco Senna, arquiteto, professor, paraninfo de várias turmas na UFBA, profundo conhecedor da História da Bahia, palestrante, para apresentar nomes de pessoas que pudessem integrar o Corpo Docente. O professor Francisco Senna, trabalhava na Bahiatursa e também atuava como guia turístico e intérprete para personalidades que visitavam a Capital baiana. A aula inaugural foi por ele proferida. Com tantos conhecimentos na área de turismo, foi designado para assumir a Coordenação Acadêmica da Faculdade de Turismo, e o fez com determinação, dedicação e carinho. Um ano depois, afastou-se para dedicar-se com exclusividade à Universidade Federal da Bahia.

Para substituí-lo, a professora Olga Mettig contou com a colaboração do professor Carlos Alberto de Cerqueira, professor titular da disciplina Estatística na Educação e um dos primeiros a compor o corpo docente da FEBA. Esse notável mestre usufruía da amizade e confiança da Diretora Olga Mettig, de seus alunos e colegas, pois iniciou as suas atividades de ensino no Colégio Nossa Senhora do Carmo.

A coordenação de Eventos ficou a cargo da professora Carmélia Amaral Souza, que, com responsabilidade, competência e dedicação total, desempenhou sua tarefa satisfatoriamente. Por longo período, lecionou a disciplina Políticas Públicas para o Turismo. A Faculdade de Turismo gradativamente foi adquirindo credibilidade no meio turístico. As empresas faziam questão de receber seus estagiários.

Através da Portaria Ministerial nº 169, assinada em 08 de março de 1988, foi reconhecida oficialmente. Os primeiros 38 alunos diplomados foram rapidamente absorvidos pelo mercado de trabalho e ocupam lugar de destaque no cenário nacional.

Em maio de 1999, Olga Mettig renuncia à direção da FACTUR, indicando para substituí-la o Bacharel em Turismo, seu neto, Paulo Sergio Mettig Rocha que, orientado pela experiência da avó, desenvolveu um trabalho sério, dinâmico e inovador, colocando a FACTUR como uma das melhores Faculdades de Turismo do País.

O pronunciamento do professor Dr. Francisco Senna, transcrito abaixo, é uma referência sobre a FACTUR.

A lucidez de um ideal, o alcance de uma missão, o poder da fé, foram fundamentos do projeto educacional da Professora Olga Mettig, que envolveu pessoas na formação de mão-de-obra especializada para um setor emergente na Bahia... o turismo.

Sou testemunha do seu pioneirismo e incansável empreendedorismo para a criação da Faculdade de Turismo da Bahia em 1984, juntamente com sua competente equipe de trabalho, vencendo obstáculos, abrindo caminhos, revelando possibilidades. A FACTUR criou as bases da formação acadêmica para este setor na Bahia, sem a qual não haveria sustentabilidade e profissionalismo.

Tive a honra de compor o seu Corpo Docente, proferir a sua aula inaugural e, hoje, sinto-me feliz em constatar a sua

trajetória de sucesso, no conjunto das Faculdades Olga Mettig, como uma escola de referência em nível nacional.

DIFERENCIAIS DA FACTUR

- * Pioneira em turismo no Norte e Nordeste.
- * Melhor curso de Turismo da Bahia, segundo melhor do País e uma das 10 melhores da América Latina.
- * Um dos 10 centros de excelência acadêmica do País.
- * Única instituição de ensino conveniada com o Governo do Estado para implementação do PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo).
- * Melhor biblioteca em acervo do Norte e Nordeste.
- * Um dos melhores projetos pedagógicos do País.
- * Cerimonial de Eventos.
- * Empresa Júnior.
- * Laboratório avançado de informática.
- * Agência-escola de viagens e turismo.
- * Laboratório de Alimentos e Bebidas.
- * Centro de Pesquisa e Extensão.
- * Centro de Desenvolvimento Pessoal e Profissional
- * Banco de dados privado de informações turísticas de empreendimentos e serviços do Estado.
- * Vários convênios nacionais e internacionais.
- * Membro das maiores associações de classe.
- * Corpo de professores especialistas, mestres, doutores e/ou consultores da área.
- * Ganhadora do prêmio de empreendedorismo acadêmico "Case" Nacional.
- * Participação nos maiores projetos nacionais e internacionais de mudança no turismo.

- * Várias pesquisas inovadoras que geraram resultados sociais e econômicos.
- * Publicações de livros de circulação nacional.

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO COMÉRCIO EXTERIOR – FACEX

DIRETOR – Professor Antônio Carlos Lé Martini

Em 31 de março de 1996, o projeto do Curso de Administração foi protocolado na Delegacia Regional do Ministério de Educação em Salvador, a DEMEC, seguindo para os trâmites regimentais em suas diversas instâncias. Finalmente, foi autorizado o funcionamento da Faculdade pela Portaria Ministerial 2070, de 31 de outubro de 1997.

A direção da Faculdade de Administração a FACEX coube ao professor Antônio Carlos Lé Martine, professor de disciplina Introdução à Administração da Faculdade de Turismo da Bahia. A aula inaugural foi proferida pelo Dr. Geraldo Machado, Superintendente da Promoexport e, logo depois, foi ouvido o professor Dr. Rui Lemos Barbosa, do Departamento de Comércio Exterior, que discorreu sobre a parte operacional das transações internacionais.

Em 2001, a Portaria Ministerial nº149, de 01/02/2001, autorizou, na Faculdade de Administração, a Habilitação em Tecnologia da Informação.

OBJETIVOS

* Despertar senso crítico com capacidade para analisar e interferir na sua capacidade de aprendizagem, com sólida base conceitual, sintonizando com evoluções sociotécnicas do seu entorno, ético e com elevada capacidade de inter-relacionamento pessoal;

* Estender o ensino e a pesquisa à comunidade, mediante cursos e serviços especiais;

* Manter intercâmbio e colaborar com órgãos nacionais e internacionais para promover atualização e aperfeiçoamento da formação profissional e científica de recursos humanos para a Tecnologia da Informação.

Em 2001, a Portaria Ministerial nº149 de 01/02/2001, autorizou na Faculdade de Administração a Habilitação em Finanças e Mercado de Capitais. Oferece 100 vagas no horário noturno, sendo 50 no primeiro semestre e 50 no segundo semestre. Tem duração média de 04 anos, ou seja, 08 semestres. O currículo pleno com carga horária de 3.180 horas, 166 créditos, é composto de 42 disciplinas.

O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL – IEM
DIREÇÃO/ COORDENAÇÃO – Professora Carmem
Maria Mettig Rocha

Diplomada em Pedagogia pela Universidade Católica de Salvador (Bahia), em Piano e Licenciatura em Música pela Universidade Federal da Bahia, tem Especialização em Teoria Musical também pela Universidade Federal da Bahia.

Ensinou a disciplina Música e Educação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia.

Participou dos Cursos de Educação Musical do pedagogo Edgar Willems quando esteve no Brasil nos anos de 1963, 1971 e 1972 e recebeu do próprio Willems “Le Certificat D’Education Musicale”.

Introduziu o Método Willems nas classes de Licenciatura em Música (formação de professores) nas disciplinas Iniciação Musical I, II e Prática de Ensino.

Criou e coordenou o Projeto “Iniciação Musical Coral Infantil” na Escola de Música da UFBA (com 200 crianças), através da FAPEX, de 1968 a 1991.

Participou de Reencontros Willems duas vezes em Lyon (França – 1990 / 1992) e uma vez em Lisboa (Portugal – 2000).

Exerce a função de vice-presidente da APEMBA (Associação dos Professores de Educação Musical da Bahia) e ministra a Pedagogia Willems nos seus encontros anuais de Vivências Musicais.

Ministra cursos de Educação Musical Willems em diversos Estados do Brasil.

Coordenou junto à direção da APEMBA a vinda do pedagogo Jacques Chapuis e da educadora musical Bêatrice Westphal para a realização do XI Encontro de Vivências Musicais, em 2002.

Recebeu do pedagogo musicista Jacques Chapuis, então presidente da Associação Internacional de Educação Musical Willems, o Diplôme Professionnel Didactique.

Regeu e ministrou o curso para regentes de coros infantis no Festival Gran Finale (II Festival de Corais Infantis) – São Paulo (2003).

Coordenou, através da APEMBA, o Gran Finale Nordeste (Festival de Coros Infantis), que reuniu 200 crianças de diversos Estados do Brasil (2007).

É autora de diversos livros de Educação musical, coral infantil, piano, solfejo e canções para iniciação musical, além de 2 CD'S para Movimento Corporal.

Diretora do Instituto de Educação Musical (IEM).

Coordenou, como representante do Método Willems no Brasil, o Congresso Willems (Salvador – Ba) 2009.

Em 1992, é criado o Instituto de Educação Musical, logo transformado em um dos centros de excelência no ensino da música para crianças e adolescentes. Tornou-se sua diretora, ao aposentar-se da Universidade Federal da Bahia, como professora de música, ainda com muitas ideias e grande capacidade de trabalho, estimulada pela professora Olga Mettig, sua mãe.

Carmem lidera com amor, dedicação, dinamismo e conhecimento, desenvolvendo não só ensinamento musical, mas também uma educação humana, através da música, com uma equipe eficiente de professores, muitos deles ex-alunos da universidade que conseguiram firmar o nome do Instituto de Educação Musical com o respeito de toda a classe musical do País.

O objetivo primordial do IEM é realizar uma educação humana e musical, capaz de despertar e sensibilizar a criança para a música, tornando-a mais dinâmica, mais sensível, mais harmoniosa, enfim, mais feliz.

CURSOS COM PROFESSORES CONVIDADOS

O IEM, nestes 11 anos de trabalho, propiciou uma série de oficinas e cursos para desenvolvimento instrumental dos alunos como:

PIANO: Pierre Klose (Suiça) – Paulo Gondim (Bahia) – Tereza Gondim(Bahia) –Diana Santiago (Bahia)

VIOLINO: Shinobu Saito (Campinas) – Ademaro Rocha(Paraíba) – Stéphane Tran Nagoc (Lyon – França) – Leonardo Lacerada (Minas Gerais)

FLAUTA: Elena Rodrigues (Bahia) – Tota Portela (Bahia)

VIOLÃO: Mário Ulloa (Costa Rica) – Burkhard Hiob(Alemanha)

CORAL: Teruo Yoshida (São Paulo) – Dulce Primo (Curitiba) – Elza Lakschevitz (Rio de Janeiro) – Edla Lacerda (Minas Gerais)

FACULDADE LIVRE DA MATURIDADE – 3ª IDADE

Iniciando suas atividades sob a Coordenação da professora Lúcia Palmeira, a partir de 2007, a Faculdade Livre da Maturidade está dirigida por Graça Senna

Graça Senna é Assistente Social, graduada pela Universidade Católica de Salvador, Pós-graduada em Gerontologia Social pela Faculdade Olga Mettig e em Saúde Mental pela Universidade Federal da Bahia. Tem Curso de Formação de Conselheiros em Direitos Humanos, é Especialista em Gerontologia Social pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

Tem como Secretária Clécia Nobre de Oliveira, Graduada em Pedagogia e Cursos livres de Gerontologia.

A Faculdade Livre da Maturidade foi criada em 1993 pela educadora Olga Mettig. É um curso livre de atualização cultural ligado às Faculdades Olga Mettig, e tem como proposta pedagógica núcleos temáticos envolvendo tópicos ligados a diversas áreas de conhecimento. Inicialmente, o curso se chamava Faculdade Livre da Terceira Idade. Em 2009, passou

por uma reestruturação e reposicionamento, que, ao incluir o termo “maturidade” em seu nome, amplia e moderniza o propósito da Instituição. Seus alunos são homens e mulheres que estão na maturidade e que sabem o que querem – ou estão buscando algo diferente. Todo o curso é pensado para levar o aluno a enxergar esse momento de sua vida com entusiasmo e dignidade, aceitando novos limites e pensando na qualidade de vida como meio para a preservação de autonomia e independência de poder escolher e fazer o que desejar.

A direção da Faculdade Livre aponta como um dos seus principais objetivos a aceitação do envelhecimento através de um processo que permita aos alunos reciclar seus conhecimentos, ao mesmo tempo em que facilita o acesso a informações capazes de fazê-los criar novos grupos sociais ou até mesmo reintegrá-los ao mercado de trabalho. As turmas estão subdivididas em Bronze (1º ano), Prata (2º ano), Ouro (3º ano) e Diamante (4º ano ou mais). Sendo assim, uma série de disciplinas (fixas e optativas) oferece a oportunidade de um aprendizado crescente, a ser complementado e enriquecido gradualmente. Existe uma estrutura comum: as aulas são oferecidas sempre às segundas, terças, quartas e quintas-feiras, das 14h às 17h (segundas e quartas com aulas opcionais).

O CURSO SEQUENCIAL

COORDENADORA DO CURSO: Professora Carmélia Anna Amaral

COORDENADORA AUXILIAR: Thereza Christina Magalhães Santos

O Curso Sequencial qualifica em dois anos os concluintes do Ensino Médio, com processo seletivo, conferindo-lhes um certificado ou diploma de nível superior, conforme o tipo de curso oferecido. O projeto do Curso Sequencial Gestão de

Negócios em Turismo foi autorizado pelo MEC através de Pparecer nº 1.078, de 22/08/2001 com conceito “A” da comissão verificadora do Ministério da Educação, sendo reconhecido através da Portaria 3.103 de 31/10/2004. Este curso está sob a supervisão da Faculdade de Turismo. Vários professores colaboraram com o referido curso, mas a participação efetiva da assessora de coordenação Thereza Christina Magalhães Santos, com sua determinação, boa vontade, capacidade de liderança, contribuiu para o sucesso do curso. Com o assessoramento eficiente da coordenadora, professora Carmelia Amaral, foram assegurados o equilíbrio e o conceito confirmado pelo alunado e pelo mercado de trabalho.

O CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO OLGA METTIG – CEPOM

COORDENADORES

Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
Maria de Lourdes Marques
Eny Kleyde Farias

DIRETORA COORDENADORA

Eny Cleyde Farias

ASSESSOR

Paulo Guilherme Mettig Rocha

COLABORADORES

Eliene de Sousa Santos
Maria da Conceição Oliveira
Marcelo Moreno

A Faculdade de Educação festejava 15 anos de funcionamento, com sucesso e entusiasmo.

A Faculdade fluía graças à qualificação e à dedicação de seus professores, ao encantamento e interesse de seus alunos e ao braço firme da diretora e da coordenação. Olga Mettig, incentivada pelo professor da FEBA Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira, instalou, em 1982, o curso de Pós-Graduação em Ensino Superior, ampliando, aperfeiçoando e especializando os graduados em Educação. Assumiu a coordenação o professor Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira.

Com a saída do professor Carlos Alberto, assumiu a coordenação a professora Maria de Lourdes Marques, professora de Didática do Colégio Nossa Senhora do Carmo e da Faculdade de Educação da Bahia, grande mestra, que primou pelo exemplo, sendo também bastante conceituada no ensino público estadual. Lourdes Marques, para assessorar suas atividades no CEPOM, convidou a Professora Eny Cleyde

Por motivo de incompreensão lamentável demitiu-se, deixando uma enorme lacuna nos meios educacionais. Meses depois, veio a falecer. Nesse período – ano 2000 – a professora Olga renunciou à direção do Centro de Pós-graduação e indicou a professora Eny Kleyde Vasconcelos Farias para assumir essa direção.

Primeiro centro de pós-graduação de uma instituição particular de ensino superior no Norte-Nordeste, o Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig foi criado em 1981 pelas Faculdades Olga Mettig – FAMETTIG. Ele já formou mais de 100 turmas em seus 28 anos de atividade e oferece dezenas de cursos distintos, muitos deles com exclusividade e pioneirismo. Todos são reconhecidos pelo MEC e CNE (Conselho Nacional de Educação), através do Parecer nº 335/2000 e Portaria MEC nº 674 de 24/05/2000.

O sucesso do Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig está no fato de todos os cursos possuírem um Consultor Científico, um especialista com grande conhecimento e experiência na área que prepara a estrutura do curso, seleciona os professores, ajuda a elaborar o cronograma de aulas e dá suporte aos alunos durante o curso, enriquecendo o andamento das aulas com propostas inovadoras. Outro diferencial é que todos os cursos dedicam um tempo significativo à produção científica ou a ações sociais, resultando na publicação de artigos e pesquisas por parte dos alunos. O Centro oferece também o Programa de Estudos Independentes, onde estudantes e profissionais de nível superior escolhem o que desejam estudar, conhecer ou investigar em diversas áreas do conhecimento. O programa prevê encontros com o Professor-Orientador indicado pela FAMETTIG, para planejamento, desenvolvimento e conclusão do projeto individual, com horários e locais de estudo determinados em comum acordo.

Metodologia do Ensino Superior – Considerado o mais tradicional dos cursos de pós-graduação da FAMETTIG, ele é dirigido a profissionais interessados em ensinar e/ou pesquisar em faculdades e universidades. A primeira turma, iniciada em 2010, tem aulas ministradas semanalmente, às sextas à noite e aos sábados pela manhã, durante 12 meses. Ele tem uma carga horária de 360 horas, apresentando disciplinas como *Análise histórica da educação*, *Metodologia de pesquisa*, *Teoria da Educação* e *Extensão Acadêmica*. As aulas têm consultoria científica da Profa. Eny Kleyde Vasconcelos Farias, Diretora do Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig, professora da Faculdade de Turismo da Bahia e pesquisadora em Cidadania, Prevenção da Violência, Educação Patrimonial e Interpretação do Patrimônio. Segundo sua coordenação, além do elevado nível dos profissionais envolvidos na pós-graduação, a grande procura pelo

curso se deve ao fato dele abrir campo para uma nova atividade ligada à educação e pesquisa, permitindo que profissionais de diversas áreas trabalhem nos cada vez mais variados cursos superiores da Bahia.

História e Cultura Indígena – Inédito e exclusivo, este novo curso da Pós-Graduação Olga Mettig visa qualificar professores da educação básica para compreensão e reconhecimento dos povos indígenas, numa perspectiva de respeito, valorização e fortalecimento da história e da cultura indígena no Brasil e na Bahia, entendidas como elementos fundantes da Identidade brasileira. O curso é respaldado pela legislação indígena específica, em atendimento à Lei nº 11645/2008. São 390 horas de aulas, ministradas semanalmente (às terças e quartas, das 18h30 às 22h), durante 14 meses. O curso é dirigido a professores e coordenadores pedagógicos, não índios, que atuam ou irão atuar como professores da Educação Básica dos sistemas públicos e/ou rede particular de ensino. A Consultoria Científica ficará a cargo da Profª Suzana Maria Silva Martins, especialista, Membro do Fórum Estadual de Educação Indígena, Coordenadora da Educação Indígena do Estado da Bahia (de 2002 a 2007) e com atuação na formação de professores indígenas.

Gestão Escolar – Inédito, o curso tem Consultoria Científica do Prof. Carlos Alberto Ferreira Danon – Mestre em Educação e Contemporaneidade, Especialista em Metodologia da Pesquisa e Extensão – e é dirigido a profissionais da educação e licenciados nas diversas áreas do conhecimento que visualizem a gestão escolar como uma área de pesquisa e/ou exercício profissional. Com uma carga horária de 390 horas, essa nova Pós-graduação tem o objetivo de compreender o fenômeno educativo a partir de uma visão de gestão política que compreende a escola para além da administração técnica. Entre as disciplinas

trabalhadas, estão Cultura Organizacional e Educação, Gestão de Pessoas, Comunicação e Identidade, Legislação Educacional Contemporânea e Avaliação Escolar Institucional, entre outras.

Gestão e Organização em Eventos – Em sua quarta turma, o curso visa oportunizar debates e reflexões sobre questões emergentes do segmento mercadológico de eventos, fazendo seu participante atuar no setor de eventos, dominando as técnicas de planejamento, organização e gestão dos seus vários tipos. Ele é dirigido a profissionais com curso de graduação em Turismo, Hotelaria, Administração, Secretariado, Relações Públicas e/ou portadores de diploma de curso superior que atuam ou desejam atuar no mercado de eventos. O Objetivo do curso é capacitar os participantes a planejar, organizar e operacionalizar eventos de pequeno e grande porte, tanto no setor público quanto no privado. O profissional formado no curso, portanto, terá uma visão crítica e analítica capaz de levá-lo a adotar ações estratégicas para obter sucesso num mercado tão mutável e competitivo como o de eventos. A consultoria científica ficará a cargo da Profa. Rejane Silva Mira (Mestre).

Análise do Discurso – Com vagas para sua segunda turma, essa Pós-Graduação FAMETTIG leva seus alunos a conhecer, compreender e analisar os conceitos da Análise do Discurso, visando a percepção das múltiplas possibilidades de leitura nos diversos gêneros textuais. Segundo seus organizadores, a ideia é ampliar a capacidade de leitura na perspectiva da Análise do Discurso, buscando o aperfeiçoamento de professores de língua portuguesa e profissionais das áreas de Comunicação, Direito e Ciências Sociais. Ele é dirigido a profissionais egressos de nível superior com graduação reconhecida pelo MEC, principalmente oriundos de Pedagogia, Letras, Direito, Ciências Sociais e Comunicação Social com habilitação em Publicidade, Relações Públicas e Jornalismo. A

carga horária total é de 360 horas, com aulas durante uma semana por mês – de segunda a sexta-feira à noite (18h30 às 22h) e aos sábados (8h às 12h e 13h30 às 15h). A consultoria científica do curso está a cargo da Prof^a Dr^a Sônia Regina de Araújo Caldas, Doutora em Letras na área de Estudos Culturais – UFBA, Especialista em Leitura e Análise do Discurso – UCSAL e professora e coordenadora do Projeto Experimental do Curso de Turismo da FACTUR.

Psicopedagogia – Com foco no processo de construção da aprendizagem na vida humana – o que interfere nesse processo e o que o favorece – e ênfase na compreensão acerca das dificuldades de aprendizagem, o curso oferece um laboratório psicopedagógico com instrumentos de avaliação e intervenção psicopedagógica, para que o aluno possa experimentar e aprender sobre a prática clínica e institucional antes de ir a campo. O laboratório será fundamental para o desenvolvimento das quatro áreas de estágio prático: Psicopedagogia Clínica, Psicopedagogia Educacional, Psicopedagogia Hospitalar e Psicopedagogia Empresarial. O curso terá 600 horas, com aulas quinzenais, sempre às quintas e sextas-feiras, das 18h30 às 22h, e aos sábados, das 8h às 12h e das 13h às 16h. A Pós-graduação em Psicopedagogia é dirigida a Pedagogos, Terapeutas Ocupacionais, Psicólogos, Fonoaudiólogos e outros profissionais das áreas de saúde e educação, que poderão atuar em clínicas e consultórios, ONGs, empresas, hospitais, escolas e qualquer instituição que necessite de um profissional capaz de compreender o processo de construção da aprendizagem e suas *nuances* e de poder nele intervir.. As aulas terão como Consultora Científica a Terapeuta Adriana Balaguer, docente das Faculdades Olga Mettig – onde leciona matérias ligadas a desenvolvimento infantil, entre outras. Terapeuta Ocupacional com especialização em psicomotricidade, neuropsicologia e docência do ensino

superior, trabalhou quatro anos em educação infantil e atualmente atende, na parte de clínica, pacientes com transtornos da infância e adolescência, onde lida com pessoas com algum tipo de deficiência, distúrbio ou dificuldades de aprendizagem, dentro de uma abordagem ecológica e holística.

Orientação Educacional – Com o objetivo de oferecer aos profissionais de educação um curso visando a qualificação e atualização para inserção no processo educativo de maneira eficaz e eficiente, a pós-graduação em Orientação Educacional oferece 465 horas de aulas dedicadas a profissionais da educação e, principalmente, orientadores educacionais de escolas públicas e privadas interessados em atuar nessa área. Durante o curso, os alunos terão contato com disciplinas como Projetos de Intervenção em Orientação Educacional, Novas Tecnologias Educacionais, Apoio Psicopedagógico ao Aluno e Família e Neurociência, entre outras. Esta nova Pós-graduação da Famettig conta com a Consultoria Científica das Professoras Maria Augusta Cruz Abdou (Mestre em Orientação Educacional) e Célia Cardoso Oliveira Vilela (Especialista em Orientação Educacional, Psicologia Analítica e Mestranda em Ciência Familiar).

Gestão de Pessoas – Criado com o objetivo de preparar profissionais na gestão estratégica da mão-de-obra de uma empresa contemporânea, o curso direciona seu foco para o complexo – e delicado – desenvolvimento de um programa de RH, oferecendo fundamentações teórico-práticas sobre processos sociais e comportamentais em organizações dos mais variados tipos. O curso conta com a consultoria científica do professor Fernando Roque de Lima (Sociólogo – Ufba, Mestre em Administração – Ufba e Doutorando em Análise Regional – Universidade de Barcelona) e tem uma carga horária de 435h, em aulas ministradas semanalmente, sempre às terças e quintas-

feiras, à noite. Durante 15 meses, procura proporcionar aos alunos um conhecimento multidisciplinar para a atualização de novos modelos e ferramentas específicas para a área de recursos humanos. Sem esquecer o assessoramento às demais áreas de uma empresa, o curso pretende também formar profissionais com potencial reflexivo e crítico, capacitados para a produção de conhecimentos aplicáveis à gestão e ao desenvolvimento de pessoas.

Educação Infantil – O curso tem como objetivo assegurar a formação adequada – e com qualidade – para a aquisição das competências pedagógicas inerentes ao educador da infância, por meio do estudo sistematizado sobre a educação infantil. Ele é dirigido a professores que estão atuando na educação infantil. A Consultoria Científica será feita pela Professora Josana Fernandez Baqueiro, Educadora da FAMETTIG, Especialista em Educação Infantil. As aulas são ministradas as quartas, quintas e sextas-feiras, à noite, e aos sábados pela manhã.

Coordenação Pedagógica – Dirigido a pedagogos, administradores e graduados na área de Ciências Humanas, o curso tem como objetivo capacitar coordenadores em ações político-pedagógicas. Ele tem Consultoria Científica da professora Marina Araújo, uma das mais respeitadas consultoras sobre coordenação e projetos pedagógicos do Estado. Ela está à frente de um time de professores responsáveis por disciplinas como Cultura organizacional, Seminários Temáticos, Teoria e Prática de Currículo e Relações Interpessoais. Juntas, as disciplinas possibilitarão aos alunos trabalhar desde a gestão em educação e currículo até a coordenação de cursos (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Superior), passando ainda pela representação de ONGs e de instituições políticas ou religiosas.

Gestão de Negócios – Destina-se a aperfeiçoar os conhecimentos sobre gestão estratégica e administração de empresas; desenvolver, através de técnicas e métodos selecionados pelo curso, a tomada de decisão; orientar a utilização de ferramentas teóricas de gestão empresarial aplicáveis à realidade das organizações. Esses são os objetivos da Pós-graduação em Gestão de Negócios, dirigida a empresários, gerentes, analistas de recursos humanos e demais profissionais interessados em aprimorar os conhecimentos nessa área.. Com aulas ministradas as quartas, quintas e sextas-feiras à noite, o curso tem Consultoria Científica da Profa. Lóris Brantes, Mestre em Ciências Sociais e Professora da FAMETTIG.

Metodologia da Pesquisa Científica – Este curso inédito visa promover a reflexão e o conhecimento das metodologias contemporâneas da pesquisa científica, a partir da reconstrução da ciência, suas técnicas, procedimentos e práticas metodológicas. Ele é dirigido a todos os profissionais que desejam conhecer, vivenciar e aprofundar a pesquisa científica, os métodos e as técnicas de pesquisa. É dirigido também a professores e estudantes de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* das diversas áreas do conhecimento, que desejam se preparar para seleção de mestrado e doutorado. Com aulas ministradas as quartas, quintas e sextas-feiras à noite, o curso tem a Consultoria Científica da Profa. Lóris Brantes, Mestre em Ciências Sociais e Professora da FAMETTIG.

Curso de Especialização em Patrimônio Cultural da Cidade do Salvador – Tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre a Cidade do Salvador no período compreendido entre o século XVI e as primeiras décadas do século XIX, em seus aspectos históricos, sociais, artísticos, literários, sua territorialidade e diversidade cultural. Dirige-s a profissionais graduados em turismo, artes plásticas, arquitetura,

história, geografia, entre outros graduados em outras áreas, interessados em adquirir conhecimentos sobre a Cidade do Salvador Colonial, antiga “Cidade da Bahia”.

BIBLIOTECA CENTRAL DR. MARCELO ROCHA

Bibliotecária Responsável

1967 – Lícia Maria Marques Amaral

1992 – Regina Ferreira Pinto

1994 – Maria Cristina de Oliveira Senna

2000 – Lícia Marques Amaral

2002 – Mary Rosa da Silva Diamantino

2005/2010 – Tania da Conceição Abreu Torres

O atual acervo da Biblioteca Central Marcelo Rocha dispõe de um total de 14.300 volumes 6.607 títulos de livros. Atende às áreas de Pedagogia, Turismo e Administração, oferecendo uma bibliografia atualizada para o estudo e pesquisa das disciplinas dos currículos dos diferentes cursos da Instituição.

No seu acervo, encontram-se: obras de referência, dicionários, enciclopédias e coleções, periódicos, monografias, publicações técnicas, vídeos, relatórios de estágio.

As professoras Leda Jesuíno e Maria Anália Costa Moura ofereceram preciosos exemplares de suas coleções.

VIDEOTECA

São várias as fitas de vídeos e CDs que são utilizados para motivação e ilustração das aulas do quadro curricular. Existem na biblioteca cabines de vídeo.

ORGANIZAÇÃO

Os livros estão classificados através do sistema CDD e podem ser consultados pelos alunos através de programa conectado à rede Intranet com terminal para pesquisa por autor, título ou assunto de periódicos, livros, CD-Rom, disquetes, vídeos, monografias, além do acesso à Internet. O acervo é considerado um dos melhores existentes em bibliotecas do Norte-Nordeste do País.

SALA DE LEITURA

Há uma sala destinada para leitura em grupo a fim de facilitar os alunos ao trabalho em equipe, tendo a liberdade de questionar em voz alta sem preocupação de incomodar os colegas.

O mezanino da biblioteca fica à disposição de leituras individuais.

FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG

O NOBRE LEGADO DE OLGA METTIG A MARCELO ROCHA

MARCELO ROCHA – Ainda jovem desempenhou tarefas nas Faculdades de alta confiabilidade. Há 46 anos contraiu nupcias com a Professora Carmem Maria, filha da professora Olga Mettig. Dessa união 5 lindos rebentos vieram alegrar a família e todos receberam o pré- nome de Paulo.

PAULO GUILHEREME – o primogênito, primeiro neto, ansiosamente esperado. Graduado em Medicina, com especialização em cabeça e pescoço pela Universidade de São Paulo. Coordenador e professor de Cirurgia de Cabeça e Pescoço

do Hospital das Clínicas da UFBA. Médico Coordenador da Cirurgia de sua especialidade do Hospital Ana Nery e Presidente da Sociedade Brasileira de sua área de especialidade regional – Bahia. Casado, dois filhos: Rafaela e Henrique. Sua esposa, mineira, Tatiana Gomes de Souza Mettig Rocha, com graduação em Administração de Empresas, pós-graduada em Gestão Hoteleira e de Pessoas. Por falar fluentemente inglês e francês, recentemente participou com êxito do Projeto de Intercâmbio Profissional e Cultural do Rotary Club na França, região do Rhones. Nas FAMETTIG, como integrante do setor financeiro, desenvolveu um trabalho dedicado e de grande comprometimento.

PAULO ROBERTO – Formado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Assessoria de comunicação da TV Bahia, *Correio da Bahia*. Assessor de Imprensa das Faculdades Integradas Olga Mettig, até 2010. Assessor de Imprensa de diversos empreendimentos culturais na Bahia e em São Paulo. Assessor de Imprensa do Teatro Oficina de São Paulo. Participou como ator de diversas peças de teatro e musicais.

PAULO SÉRGIO – Formado em Administração do Turismo pelas Faculdades Integradas Olga Mettig. Especialidade em Ecoturismo. MBA Gestão de Empreendimentos Turísticos. MBA Gestão Empresarial – FGV e USP. Diretor da Faculdade de Turismo das Faculdades Integradas Olga Mettig. Casado, uma filha: Beatriz. Sua esposa Heliana Farias Mettig Rocha é graduada em arquitetura pela UFBA, pós-graduada em Urbanismo e professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

PAULO MÁRCIO – Formado em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda pela UNIFACS. Especialista em Design Gráfico pelo SENAC/São Paulo. Design Gráfico da

Editora C4 e atua como assistente de produção, setor de divulgação e distribuição de livros em São Paulo.

PAULO ANDRÉ – Bacharel em Direito pela UCSAL, Pós-graduado em Processo Civil pela UNIFACS. Violinista, com participação em grandes eventos. Casado com Ana Soraya Lima Mettig Rocha, formada pela UCSAL em Ciências Biológicas, MBA em Sistemas de Qualidades Saúde e Meio Ambiental e Pós-graduada em Gestão Ambiental, Auditoria e Perícia.

Pelo equilíbrio familiar afetivo, Marcelo Rocha encontra a tranquilidade que transmite e, também a força, a energia e a operosidade incansável que demonstra, com certeza alicerçadas na ambiência afetiva, favorecendo o desempenho profissional. Presença constante na Faculdade, atendendo alunos com paciência, compreensão e tentando, sempre superar os problemas por eles apresentados. Graduou-se em Medicina em 1964, pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Especializou-se em Cirurgia Geral e Gastroenterologia Cirúrgica, pelo Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, em 1965. Atendendo a sua curiosidade e aptidões variadas, partiu para um aperfeiçoamento em outras áreas: Análise e Administração Financeira, Organização e Métodos, Orçamento Empresarial. E, na área educacional, especializou-se em Ensino Superior Particular, Avaliação Institucional no Ensino Superior.

Exerceu cargos e funções, com dedicação de Diretor Financeiro da Associação Cultural e Educacional da Bahia, Diretor Geral das Faculdades Integradas Olga Mettig, Membro do Colegiado Superior da Faculdade de Educação da Bahia.

Várias homenagens lhe foram prestadas. Vale ressaltar uma delas, inédita, incomum nos meios educacionais e estudantis: recebeu homenagem do Diretório Acadêmico. Os diretórios não costumam homenagear seus diretores.

Todos nós o admiramos, pelo seu próprio valor, pela retidão de seu caráter, moralmente inabalável, com a mesma firmeza e seriedade de quando nós o conhecemos há mais de 50 anos.

Sempre nos deparamos com desafios aos propósitos da professora Olga Mettig, que, como educadora, não teve o direito de ter sonhos pequenos. E nós, todos nós, tivemos por destino acalentar seus sonhos grandiosos e concretizá-los. As Faculdades Olga Mettig ganharam respeitabilidade, capacitação para empreender e realizar seus objetivos. A prestação de serviços crescia em quantidade e qualidade, em benefício da educação, da sociedade. A cidadania se fortalecia e a democracia passou a existir, não só como ideologia, mas concretamente, na prática do cotidiano.

No quadro do pintor Rafael, Platão e Aristóteles são expressões de dois modos de ser ou de duas filosofias de vida: o realismo e o idealismo. Platão aponta com uma das mãos para cima, para o ideal, para o céu. Com a outra, segura o livro *Timeu* onde expõe a primazia das ideias sobre a realidade sensível. É o homem do mundo ideal, da essência perfeita de cada ser, dos grandes sonhos, da abertura infinita do ser humano. Aristóteles, ao contrário, aponta para baixo, para a realidade empírica, para a terra. Segura o livro *Ética*, no qual aponta os princípios orientadores para a prática humana rumo à felicidade. É o homem do realismo, dos profetas viáveis, do caminho bem definido, da prática concreta. Ambos têm sua razão de ser. Somente integrando Platão e Aristóteles, céu e terra, real e ideal, a vida poderá caminhar com dois pés: um firme no chão e o outro levantado, com quem anda para frente, na direção certa.

Assim, caminharam Olga Mettig e Marcelo Rocha, sonhando e realizando, sensíveis aos saberes alternativos; pois ambos são ícones da excelência humana. Tentaram, ambos,

representar o desafio de construir um centro educacional que acolhesse e dinamicamente sintetizasse as duas partes, cada vez mais buscando uma centralidade que conferisse, simultaneamente, dinamismo e transparência à vida humana. E assim o fizeram e conquistaram, durante muitas décadas de luta, de obstáculos, de desafios, mas sobretudo de sucesso, de vitória.

DESATIVAÇÃO DOS CURSOS – LAMENTÁVEIS MOTIVOS

Infelizmente a Educação e, principalmente, a Escola passaram a não ser as verdadeiras riquezas do País. Não são e nunca foram a prioridade da política governamental. A globalização e a complexidade de inúmeros problemas, desafiam os governos, desnudando a sua incapacidade de solucioná-los. Passam, então, a proliferar as instituições privadas. Em cada canto da cidade, existe uma Faculdade, com a autorização do MEC. A educação deixou de ser educação para ser comércio.

A Lei nº 9.870, de 23 de novembro de 1999, dispõe sobre o valor das anuidade escolares e outras providências. No artigo 6º, assim se expressa: “São proibidas a suspensão de provas escolares, a retenção de documentos escolares ou a aplicação de quaisquer outras penalidades pedagógicas por motivo de inadimplência, sujeitando-se o contratante, no que couber, as sanções legais e administrativas, compatíveis com o código de Defesa do Consumidor”. As Instituições de Ensino não podem constranger o aluno, que tem o exemplo da desonestidade e impunidade de nossos líderes, e com a cultura de alguns de não assumirem seus compromissos, resolve não pagar a Faculdade. A Lei citada é um incentivo do governo à desonestidade. O aluno, tomando conhecimento da Lei, não assume seus compromissos. O aumento dos índices de inadimplência da Faculdade atingiu a

nível de 50%. O aluno não pode pagar a Faculdade, mas dispõe de um celular última geração. O baixo nível de conhecimento de alguns alunos, a falta de tempo para atender aos deveres solicitados pelos professores como complemento para melhoria da aprendizagem, preocupavam os professores e os dirigentes.

A revolta dos alunos ao receberem uma nota baixa, a chegada atrasada às aulas por conta do emprego e a inversão de valores contribuíram para uma reflexão em termos de futuro. Também foi considerado o sacrifício da família Mettig Rocha, lançando mão de seu patrimônio para cumprir os compromissos financeiros. Todos os recursos foram utilizados para evitar o fechamento dos cursos, inclusive parcerias com grupos de São Paulo. Foram realizados vestibulares em dezembro e janeiro, mas as turmas não foram formadas satisfatoriamente. Consultores foram tentados. A concorrência com outras faculdades era desigual. Em países desenvolvidos, as entidades educacionais são incentivadas. No Brasil o que percebemos é a cobrança absurda de impostos e o descaso dos governantes. Na realidade, atualmente existe uma inversão de valores. É um novo ciclo, um novo tempo! Valores outros.

O LAMENTÁVEL MOMENTO DA REALIDADE – TRISTEZA E VERDADE

No retorno às aulas em 1º de março de 2011, professores e alunos foram surpreendidos com a notícia de que alguns cursos seriam desativados: Pedagogia, Turismo, Administração e Sequencial. Permaneceriam Educação Musical, Faculdade da Maturidade e a Pós-Graduação. No primeiro momento, com a presença da diretoria, foram convocados os professores. No segundo horário, estiveram presentes os alunos. Vale informar que as aulas teriam início em fevereiro, mas os alunos só

compareceram em março. Para a maioria que não se matriculou, possivelmente foi prioridade o carnaval. Quando o Diretor Acadêmico, Paulo Sergio Mettig Rocha, com bastante emoção informou aos professores e alunos a desativação das Faculdades e as razões pelas quais as medidas foram deliberadas, a notícia causou um choque. No primeiro instante, houve silêncio absoluto e, logo após, lágrimas foram derramadas, seguidas de significativos depoimentos de solidariedade, de apoio ao Diretor Marcelo Rocha. Os alunos chorando esbravejavam: Quero meu diploma com o nome da Faculdade Olga Mettig. Essa agonia continuou por vários dias. Os alunos foram encaminhados à Universidade Católica, à Faculdade Castro Alves e à Visconde de Cairu, estando livres para outras opções. Após entendimento pessoal com o Reitor e Diretores das Faculdades, foram devidamente comunicados, e as transferências encaminhadas. Todos os nossos ex-alunos foram recebidos com atenção e cordialidade pelas novas instituições de ensino superior.

FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG – FAMETTIG

Um Sonho! Uma Realidade! Uma Saudade!

Um Sonho que se tornou realidade: “**Quando crescer, quero ser professora**” afirmava a professora Olga à sua mãe, aos oito anos; e, com singular obstinação, conseguiu fomentar os ideais de muitos educadores.

A professora Olga foi um modelo de dedicação e amor à Educação. Dizer que estivemos nessa sua casa e bebemos de seus ensinamentos, confere-nos satisfação sem igual. Uma realidade iluminada que a fez feliz, possibilitando a uma geração momentos significativos para crescimento biopsicossocial e

desenvolvimento profissional. Ofereceu, aos profissionais de várias áreas, campo para atuar, demonstrando seus conhecimentos específicos e, a outros menos favorecidos, campo de trabalho para a sustentação de sua família.

**Ai dos educadores e educadoras que
pararem sua capacidade de sonhar,
de inventar e a sua coragem de
denunciar e de anunciar.**

Uma Saudade, leve, suave de um dever cumprido, de momentos gloriosos, de um passado comprometido com o saber, com o saber fazer, com a ética, com a justiça e a certeza não do que fomos, mas do que ainda somos: educadores abnegados, exigentes e amados, acreditando nos desafios para a realização de um ideal – a educação. Deixo-lhes uma oportuníssima pérola do mestre Guimarães Rosa:

Olhar para trás, após uma longa caminhada, pode fazer perder a noção da distância que percorremos. Mas, se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos de quanto nos custou chegar até o ponto final, e, hoje, temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas somos mais juntos. Sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado. Digamos, então, que nada se perderá. Pelo menos, dentro da gente...

REFERÊNCIAS

LORDELO, Maria Lígia Magalhães. *Olga Mettig: Vida e Obra de uma Educadora Baiana* –

Agenda 2002. Salvador: Associação Cultural e Educacional da Bahia ACEBA.

CONSULTORIA:

Leda Jesuíno

Maria Lígia Lordello Magalhães

Marcelo Rocha

Astor de Castro Pessoa

DEPOIMENTOS

SILVIA QUEIROZ – ASSESSORA DA SECRETARIA

24 Anos de trabalho na FAMETTIG

Às vezes me pego questionando, 24 anos trabalhando na mesma Instituição? O que me levou a ficar 24 anos trabalhando no mesmo lugar? E logo me vem as respostas: o gostar do que faz. É tão gratificante na vida do ser humano quando ele gosta do que faz; o ambiente de trabalho, o ambiente familiar. Ah! quando me lembro da secretaria cheia de alunos e professores para serem atendidos como era bom, o bate-papo informal com os professores e alunos, o horário passava que nem percebia; a simplicidade do Diretor Dr. Marcelo Rocha, sempre com aquele semblante calmo e tranqüilo, quando eu precisava de receita médica para minha avó ou qualquer orientação médica, me encaminhava para sua sala e ele sempre com sua boa vontade me atendia; o dinamismo e sinceridade da Vice-diretora Maria

Augusta Carvalho Cruz Abdon; a cortesia e meiguice do Professor Astor de Castro Pessoa; a firmeza e descrição da Presidente Profa. Ligia Lordello.

Posso afirmar que, nesses 24 anos, a Instituição FAMETTIG contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Para nós, seres humanos, é sempre muito difícil falarmos e aceitarmos o término de qualquer situação.

Na minha visão, a Instituição FAMETTIG **não acabou**, e sim fechou o seu ciclo nas suas atividades acadêmicas. Sinto-me uma mulher privilegiada por ter passado 24 anos de minha vida trabalhando em uma Instituição séria, comprometida, cumpridora de suas obrigações. Ficam a saudade a gratidão e as amizades conquistadas.

Silvia Queiroz

Professora Nete Benevides

BREVE CANTO PARA NINAR A FEBA

Outro dia, eu chegava à Faculdade de Educação da Bahia;

Outro dia, eu chegava à Faculdade Livre da Terceira Idade e ao Grupo Teatral Olga Mettig;

EU DISSE OUTRO DIA, PORQUE ESSE TEMPO JÁ SE PASSOU.

Outro dia, eu conheci a querida e inesquecível Profa. Olga Pereira Mettig;

Outro dia, eu conheci a amizade de Maria Augusta Abdon;

Outro dia, eu conheci a dignidade e a lealdade de Dr. Marcelo Rocha, fiéis escudeiros da Profa Olga Mettig;

E TUDO FICOU NA LEMBRANÇA E O TEMPO NÃO
DESGASTOU.

Outro dia, eu circulava entre os corredores e salas de uma
das mais relevantes Casas de Educação da Bahia;

Outro dia, aprendi a ser uma professora “afetiva e
efetiva”, diria Maria Augusta;

Como esquecer de meus colegas, alunos e funcionários?

Como destacar apenas um deles?

Como quantificar o qualitativo?

Como esquecer do tempo em que eu vivia naquela Casa
de Educação?

EM QUE PARTE DALI FICOU MEU CORAÇÃO,
Sílvia Carla?

Como esquecer do carinho e respeito que tive a honra de
conhecer nessa paisagem humana?

Como esquecer nossos Natais e Carurus aconchegantes e
deliciosos?

Como esquecer a vida vivida ali dentro?

Quanta saudade, FEBA querida,

de gente tão amiga, plenas em meu coração!

Nete Benevides. Doutoranda em
Educação/NPGED/UFS; Mestra em
Artes Cênicas/Programa de Pós-
Graduação em Artes
Cênicas/PPGAC/Universidade Federal
da Bahia/UFBA (2003). Licenciada em
Teatro/Escola de Teatro da UFBA
(1995). Bacharel em Direção
Teatral/Escola de Teatro da UFBA
(1997). Professora do curso de
Licenciatura em Teatro/ Núcleo de
Teatro (NTE)/ Campus de Laranjeiras

(CAMPUS LAR)/ Universidade Federal de Sergipe/UFS. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia/IGHBA. Membro da Associação Brasileira de Artes Cênicas/ABRACE. Pesquisadora filiada ao Grupo de Pesquisa Arte, Diversidade e Contemporaneidade - ARDICO/UFS. Atriz, Diretora Teatral, Arte-educadora. Escreveu *A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque*, pelo Selo Letras da Bahia, EGBA, 2006, entre outros textos publicados.

E-mail: netebenefvides@hotmail.com

PROFESSORA CELIA MARIA SERRA DE AZEVEDO

A nova sociedade, aos poucos, vai dando conta da perda que significou o fechamento das Faculdades Integradas Olga Mettig.

Algumas pessoas se lembram expressando-se com lamentos exprobatórios, outras, compartilham do sentimento de perda pelo significado que a instituição teve em suas vidas.

De todo modo, ela será lembrada, pois sua história se fez na construção de muitas histórias de vida, daquelas que hoje exercem funções sociais importantes, bem-sucedidas, gratificadas.

Ali aprendemos que, mais importante de que contabilizar insucessos, é ver e multiplicar os ganhos obtidos.

Maior que a perda será, portanto, o orgulho de até ter forjado a sua competência profissional, com dedicação, responsabilidade, ética e respeitabilidade.

Esta não será nunca uma instituição morta, pois viverá sempre na memória daquelas que dão a Educação o seu real significado.

PROFESSORA LUZMAR

Professora da FEBA.

Disciplinas: 19 anos – Didática – Metodologia do Ensino Fundamental, Avaliação do Ensino, Currículo do Ensino Fundamental, Currículo da Educação Infantil, TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – Estágios.

A minha fala sintetiza-se em duas palavras: 1º – agradecimentos; 2º – despedidas.

Quanto aos agradecimentos, gostaria de dirigir-me, inicialmente, à Administração Central, aqui representada por Dr. Marcelo Rocha, Diretor Geral das Faculdades Olga Mettig (FAMETTIG), na condição de ex-aluna dessa Instituição e na qualidade de docente, durante 19 anos, atuando nessa mesma Instituição. Marcaram, continuamente, o perfil desse grande gestor – Dr. Marcelo Rocha: a ética, a dignidade, a dedicação e o espírito de elevado sentimento de humanidade, durante toda sua trajetória. Agradeço-lhe, sincera e profundamente, por todo apoio e respeito ao meu trabalho e por ter contribuído para a minha formação pessoal e profissional. A Faculdade de Educação (FEBA) foi um grande laboratório para mim. Aqui, vivi experiências significativas ao lado dos meus alunos, sempre buscando a unidade da teoria com a prática. Neste momento, não alimento tristezas, pois as contribuições dadas pela FAMETTIG

não se perderão ao longo do tempo; tudo que essa Instituição representou para o cenário educacional local, baiano, nacional e, até mesmo, internacional (temos vários alunos no exterior, hoje que se comunicam conosco, contando-nos dos seus sucessos lá fora e nos agradecendo pelas contribuições de todos para a formação de cada um deles) não se perderá ao longo do tempo. Essas sementes serão multiplicadas. Isso é muito gratificante para todos nós.

À Professora Maria Augusta Cruz Abdon, Vice-Diretora Geral, profissional corajosa e competente, que me trouxe para essa Casa de Educação, agradeço-lhe de coração, pela confiança e apoio de sempre. Em toda a minha caminhada, aqui busquei dar o melhor de mim, como pessoa e como profissional.

Ao Professor Astor de Castro Pessoa, ex-diretor e atual Coordenador Acadêmico da FEBA, agradeço-lhe pelo nível de coleguismo, ética, escuta e imparcialidade, quando à frente de todo o seu trabalho.

A todos os Colegas, agradecimentos que deixei para o final, propositalmente agradeço-lhes pela partilha no decorrer de todo o processo de construção do meu pequeno conhecimento. Levarei de todos vocês, indistintamente, as contribuições aqui recebidas. Nossa amizade, não se finaliza, aqui, agora. Onde estivermos, continuaremos amigos. Não fiquemos tristes, nem tenhamos receios, pois constituímos um quadro de profissionais, na área de educação, reconhecidamente experientes, engajados, comprometidos, sérios, dedicados e pesquisadores de fato. Somos, acima de tudo, éticos. Isso nos deixa à vontade para prosseguir na luta, sem medos; certos de que superaremos sempre todos os obstáculos.

Grata, Luzimar.

ALTINO ABRANTES – EX-ALUNO

A Faculdade de Educação da Bahia, considerada o “Celeiro da Educação Baiana”, representou para mim e meus colegas a grande oportunidade de crescimento profissional na área.

Ocupava, na Prefeitura Municipal de Salvador, o cargo de direção em um estabelecimento de Ensino Público. Na realidade, não possuía a formação específica.

Na época da Revolução de 1964, pertencia ao Grêmio Escolar e, como todo presidente, no setor, combatia veementemente o governo.

Eis que, de repente, surge a Lei exigindo a formação superior para exercer cargos de Diretores e Coordenadores de Ensino.

Como um milagre caído do céu, por um encanto, é anunciada a instalação da Faculdade de Educação da Bahia e criado o curso de Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional, Administração e Supervisão Escolar.

Ansiosos e felizes, participamos do vestibular e tivemos acesso a essa acreditada Casa de Educação, com excelentes professores, Direção segura e eficiente, preocupados com o desenvolvimento psicossocial de seus alunos.

Obrigado a todos pelo apoio, pela orientação para que pudéssemos desempenhar nossas tarefas com segurança e eficiência.

A FEBA é, foi e será o Celeiro de Educação.

PROFESSORA MARIA ANALIA COSTA MOURA

Era o alvorecer da década de 70, quando fui honrosamente convidada, pela Ilustre e Digníssima Mestra Olga Pereira Mettig, Fundadora e Diretora da Faculdade de Educação da Bahia, Faculdade que inaugurava, na Bahia e na Região Nordeste do Brasil, sob a coragem de grandiosos idealistas, em face da inovadora categoria de Instituição Isolada de Educação Superior, na área de Pedagogia, incluindo as Habilitações Específicas que, à época, nos termos da Legislação vigente, abrangia Formação de Professores, bem como as Habilitações Específicas para profissionais de educação.

Compareci ao singular encontro cuja excepcionalidade do valor suscitou repercussão em meu projeto de viver. Naquela ocasião, a Mestra Olga Mettig, como tradicionalmente era e é evocada, exemplo de inesquecível líder, viva marca expressiva de profunda e dolorida saudosa memória, formalizou-me o convite no sentido de que assumisse a docência na disciplina Princípios e Métodos de Supervisão Educacional incluindo a coordenação do respectivo estágio e também na disciplina Currículos e Programas.

No solo e no tempo daquele encontro, conheci o Ilustre Vice-Diretor e também Professor da referida Instituição de Ensino Superior, Doutor Marcelo Augusto Rocha, seu dileto genro, esposo de sua tão amada e admirável filha, Professora Musicista Carmem Mettig Rocha. Assim sendo, em tempo memorável, como Professora Educadora atuante na bem-sucedida Faculdade, em temporalidade enriquecedora, fui brindada, assim ocorrendo com os demais colegas docentes, com o compartilhamento da liderança democrática, descentralizada, sob a inspiração técnico-pedagógica e administrativa praticadas pelo empático e sóbrio Dr. Marcelo, cavalheiro distinto nos gestos e

na palavra pronunciada como *davar* (ação em hebraico), pensamento e reflexão formulados e relatados em situações pertinentes aos assuntos de interesse coletivo, sempre priorizando o padrão da qualidade educativa em que se constituiu o alvo do movimento que dinamizara os profissionais da Instituição, áreas pedagógica e técnica. Em Dr. Marcelo, os professores se identificavam pela sua imagem de um ser humano que se caracteriza como detentor de competências próprias à consciência da missão para a qual fora convocado pelas teias dos mistérios da vida. Como Vice-Diretor, Professor, Administrador implantou e implementou um modelo de liderança a exemplo do que fora estabelecido pela D.D. Diretora, Professora Olga Mettig.

O Médico educador, Dr. Marcelo, no desempenho de suas complexas funções, demonstrava as habilidades e as atitudes exigíveis ao exercício do compromisso assumido e definido em dimensões notáveis, na significação. Da convivência de entendimento e cooperação emergiu um clima psicossocial e organizacional entre Professores e o Líder, cuja inteligência e alma buscavam elevação de todos os bens essenciais à Paz e à Verdade. O Vice-Diretor, o Educador, Professor, Administrador e Médico Dr. Marcelo, sério, confiável e ético, sob desígnios sobrenaturais, integrava e integra o projeto do viver a Educação e a Saúde que perfazem, em estilo construtivo e saudável, caminhos unificados de reflexão e capacidade perceptiva, no pensamento e na ação. Dominando e praticando a arte de escutar, envolve-se e ilumina seu espírito profundo devotado à justiça. Disponível à interação dialógica, exercita a liderança intuitiva, em processo evolutivo de alinhamento com o cuidado, a responsabilidade, o respeito, a paciência, a simplicidade e a maestria, subindo os degraus da evolução, decidido a prosseguir galgando os patamares da realização existencial, de modo a continuar fiel na resposta à voz interna do chamado que é a sua

vocação. Dr. Marcelo foi e é abençoado pela descoberta da missão, plena de sentido para a sua Obra Prima, este sonho que a todos nós empolgou, à luz do compromisso de acreditar na destinação a que conduz a trajetória da vida.

O Educador e Médico, que sabe ser-sendo, aceita este novo tempo, acredita no devir, sob o entusiasmo clarificado da felicidade que conquista, como mérito, pela pessoa íntegra e integrada que é, pronta para resistir às intempéries e transcender as contradições inerentes à humanidade, para garantia da felicidade a qual tem o direito e o dever de assegurar para si mesmo, para com sua querida e encantadora esposa, Carmem, e para com os amorosos filhos e netos. O que importa, neste agora, Dr. Marcelo, é dedicar-se à sabedoria de selecionar um novo roteiro, a partir de um novo mapa, ampliar horizontes, construir uma nova leitura do mundo e permanecer com a humanidade conforme a mensagem de Santo Agostinho: "no essencial, a UNIDADE, no cotidiano comum, a LIBERDADE e em tudo, no viver, a CARIDADE".

Confirmo-lhe, como testemunha leal e solidária, minha justa e afetiva admiração, consagrando a certeza de minha verdadeira gratidão.

CARLOS MARCIO PEDREIRA DE CERQUEIRA

A Faculdade Olga Mettig teve, para mim, importância fundamental em minha formação profissional. Naquela Instituição me especializei em Metodologia do Ensino Superior tendo, mais tarde, lecionado nos cursos de Turismo, Administração e Pós-graduação.

Em um ambiente saudável, pautado sempre no respeito ao profissional da educação, o processo ensino-aprendizagem se

desenvolvia com comprometimento, dedicação e amor à causa da educação.

A Profa. Olga Mettig e seus colaboradores criaram um método de trabalho que, sem sombra de dúvidas, deixou uma marca indelével naqueles que tiveram a oportunidade de estudar ou trabalhar na FAMETTIG.

DEPOIMENTO DO PROF. FERNANDO ALCOFORADO SOBRE O TRABALHO DO DR. MARCELO ROCHA NAS FACULDADES INTEGRADAS OLGA METTIG

Eu sou testemunha do importante papel desempenhado pelo Dr. Marcelo Rocha como Diretor Geral das Faculdades Integradas Olga Mettig porque tive o prazer de ser Diretor de uma das unidades desta instituição de ensino, a Faculdade de Administração. Quando assumi a direção da Faculdade de Administração, tomei conhecimento do ambiente altamente competitivo no ensino superior na Bahia e no Brasil, além da mudança do perfil dos alunos das Faculdades Integradas Olga Mettig que passou a ser constituído por pessoas integrantes das classes sociais de baixa renda, ao contrário do que ocorreu no passado, quando os alunos eram na, sua maioria, integrantes da classe média.

O ambiente competitivo existente no ensino superior da Bahia e do Brasil é o resultado da existência de um excesso de oferta de vagas em comparação com a demanda, devido à política do MEC de aprovar, sem criteriosa análise, a criação de novos cursos e novas instituições de ensino no País. Esta situação fez com que muitas instituições de ensino, novas ou antigas, reduzissem os valores das mensalidades dos cursos para atrair os alunos, os quais contribuíram em certa medida para a queda na qualidade do ensino em geral. Para manter a qualidade do

ensino, as Faculdades Integradas Olga Mettig evitaram a redução dos valores das mensalidades de seus cursos de Administração, Turismo, Pedagogia e Pós-graduação. Por sua vez, a mudança do perfil dos alunos da classe média para os de classes sociais de baixa renda fez com que se elevassem os níveis de inadimplência.

Essa situação gerou, de um lado, perda do poder de competitividade das Faculdades Integradas Olga Mettig em relação aos seus concorrentes e, de outro, seu comprometimento financeiro com a escalada da inadimplência dos alunos. Apesar dos esforços das Faculdades Integradas Olga Mettig, inclusive de *marketing*, no sentido de atrair o máximo de alunos para seus cursos, e de reduzir os níveis de inadimplência, os resultados não foram satisfatórios. Quando eu me afastei da direção da Faculdade de Administração em 2005, atendendo a convite de empresa paulista para prestar-lhe meus serviços profissionais, sugeri ao Dr. Marcelo Rocha que promovesse redução de custos das Faculdades Integradas Olga Mettig, reformulando inclusive sua estrutura organizacional, adotasse medidas voltadas para a implantação da educação à distância e transferisse inicialmente os cursos de pós-graduação para a Pituba, para posteriormente implantar novas unidades neste bairro para os cursos de graduação. A escolha da Pituba reside no fato de este bairro reunir as maiores condições para atrair a classe média.

À exceção das duas últimas medidas que não foram executadas, segundo informação do Dr. Marcelo Rocha, por falta de recursos, a política de redução de custos com a reformulação da estrutura organizacional da instituição foi realizada. Fui informado pelo Dr. Marcelo Rocha que ele tentou atrair parceiros para as Faculdades Integradas Olga Mettig visando a superação da crise financeira sem ter o devido sucesso. Na medida em que passava o tempo, houve a deterioração financeira progressiva da instituição, gerando atrasos de pagamentos de professores e

forneecedores. Ao atingir um nível insustentável, o Dr. Marcelo Rocha decidiu pelo encerramento das atividades da instituição que, enquanto existiu, honrou os propósitos de sua criação de oferecer ensino da mais alta qualidade.

MARIA MENEZES DO AMARAL*

ALIANÇA E VALORES NA EDIFICAÇÃO DO SABER ÉTICO E EDUCACIONAL

A essência dos saberes e atitudes geralmente respalda-se na credibilidade a partir dos ideais que norteiam os indivíduos impulsionados pela fé, valores morais e a sensibilidade social.

Essas alianças e valores desaguam na reflexão sobre as assertivas reais, pois, segundo o pensamento do franciscano São Boaventura, “Não basta a leitura sem a unção, não basta a pesquisa sem maravilhar-se, não basta a circunspeção sem o júbilo, não basta o trabalho sem a piedade, não basta a ciência sem a caridade, não basta o estudo sem a graça”.

Com essas primeiras palavras é que tenho a honra de homenagear a saudosa professora e educadora Olga Mettig que, na sua história de vida, é o exemplo que proporcionou a compreensão da escala de valores para a infância e juventude de ontem, de hoje e de sempre, no enfrentamento de decisões de grandes desafios com responsabilidade social.

Na arquitetura humana, sobressai-se a arquitetura divina, proporcionando investimentos de vanguarda na educação primária, secundária e superior, passaportes de criatividades no serviço público, enquanto diretora das escolas Joana Angélica e Rui Barbosa, primeiro passaporte para o desenvolvimento da sua criatividade, pois, conseguiu transformar as dificuldades em realidades e externalidades positivas para o bem-estar da comunidade baiana nas suas melhores dimensões.

Em verdade, é caminhando que se abre caminho e a criatividade não tem fronteiras. Professora Olga realizou o empreendimento do Colégio Nossa Senhora do Carmo, o chamado “Templo da Educação”, que permaneceu em atividade entre o período de 1948 a 1982.

Desenvolvendo a caminhada idealista com proporções de excelência, foi escolhido o Dr. Marcelo Augusto Carvalho Rocha, ex-aluno e genro da Fundadora da Instituição, para ser o Diretor Geral da Faculdade de Educação da Bahia – FEBA. Anos a seguir, foi criada a Faculdade de Turismo, a primeira do Norte e Nordeste, seguindo-se o Centro de Pós-graduação, a Faculdade Livre da Terceira Idade, o Instituto de Educação Musical – IEM e a Faculdade de Administração em Comércio Exterior, contemplando duas habilitações: Tecnologia da Informação e Mercado de Capitais, além dos cursos: Sequencial em Gestão e Negócios em Turismo e o Curso Superior em Gestão e Empreendimentos em Comércio Exterior (este último não concluído).

De acordo com minha observação, nesses 18 anos em que trabalhei como professora da supra citada Instituição, observei a similaridade de idealismo, seriedade e dignidade de Doutor Marcelo Rocha na condição de Diretor Geral, não poupando esforços para dar continuidade e perpetuação aos ideais da Fundadora. Ele levou às últimas consequências a tenacidade de dar continuidade à Grande Obra das Faculdades Integradas Olga Mettig

Para finalizar, gostaria de relembrar e citar uma frase de Franklin Roosevelt: “É melhor lançar-se à luta, conquistar triunfo e glória mesmo expondo-se aos insucessos do que permanecer na penumbra cinzenta daqueles pobres de espírito que não conhecem vitória nem derrota”.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO PROF. GERALDO LEITE NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Antônio Jesuino dos Santos Neto
Leda Jesuino dos Santos

A Academia de Educação de Feira de Santana presencia, hoje, com uma emoção especial, a posse nesta Academia – sua irmã congênere – de um dos seus mais ilustres membros, colaborador efetivo de sua fundação, o médico plenamente realizado e professor dedicado Dr. Geraldo Leite.

Senta-se entre nós, pois, mais um educador e, como se não bastasse, mais um ex-reitor de universidade para que, junto a mais quatro ilustres ex-reitores, se constitua em um vigoroso pilar da nossa Academia. Dr. Roberto Santos, Dr. José Newton Alves de Souza, Dr. José Carlos de Almeida e Dr. Rogério Vargens, ex-reitores da UFBA, da Universidade do Crato (Ceará), da UCAL e da UFBA, respectivamente, emprestam, sem dúvida, à Academia Baiana de Educação, solidez intelectual e dignidade moral advindas de uma formação acadêmica nos cursos de engenharia, medicina e ciências sociais, reforçados, sobretudo, por valores significantes.

Traz Dr. Geraldo Leite, ao vir estar conosco, uma bagagem considerável de estudos, pesquisas e atividades que o colocam, sem nenhuma dúvida, num alto patamar de realizações produtivas que sempre responderam aos questionamentos da época e marcaram a sua passagem nas instituições em que trabalhou. Assim foi na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública onde pontificou como diretor e professor titular de

Parasitologia e de Higiene, na UFBA, também como professor de Parasitologia na Faculdade de Medicina da UFBA, no Conselho da Fundação José Silveira e na Academia de Medicina da Bahia, ocupando a Cadeira nº 6.

Cabe um destaque ao espírito associativo do novo confrade, participando das melhores instituições científico-culturais, com invejável assiduidade, e desempenhando com alta responsabilidade os encargos decorrentes da eleição para cargos nas respectivas Diretorias.

Assim foi na Academia de Medicina da Bahia, como ocupante da Cadeira nº 6, cujo Patrono é Anísio Circundes de Carvalho, em vaga decorrente do falecimento do confrade Clínio de Jesus.

Deve-se ressaltar que o seu Patrono foi incumbido, pelo ministro J.J. Seabra, de observar a organização das escolas de Medicina Tropical, tendo feito um curso de Parasitologia Tropical na London School of Tropical Medicine e visitado a Escola de Liverpool.

O Professor Anísio Circundes publicou também sobre “Anemia tropical” e “A propósito da Esquistossomose na Bahia”. No seu relatório de viagem à França e Inglaterra, “considerou de um valor especial a contribuição das pesquisas laboratoriais para elucidação do juízo clínico”.

Em 1908, o Dr. Pirajá da Silva, então Assistente do Prof. Anísio Circundes, fez a descoberta do *schistosoma manzoni* nas instalações da Clínica Médica no Hospital Santa Izabel, feito que é uma das glórias da medicina brasileira.

Na Academia de Medicina da Bahia, Geraldo Leite exerceu o cargo de Secretário Geral e membro da Comissão Social, tendo publicado trabalhos nos volumes 1, 3, 4, 5, 7, 10 e 11 da *Revista Científica* da Instituição, que valem ser consultados. Assim também, na Associação Brasileira de

Medicina, foi vice-presidente na Diretoria Estadual e presidente da Regional de Feira de Santana, local que foi sede de várias jornadas.

Registramos, ainda, a sua atuação na Associação Brasileira de Escolas Médicas, no Instituto Brasileiro de História da Medicina e Ciências Afins, na Academia de Educação de Feira de Santana, na Academia de Medicina de Feira de Santana e no Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, entre outros.

O seu desempenho nas várias atividades que desenvolveu ao longo da sua trajetória existencial, denuncia, pelas características que apresenta, amor ao trabalho, tenacidade e otimismo, o sangue sergipano que flui nas suas veias, impelindo-o para o amanhã, para o que virá, para um futuro promissor.

Quando, certa vez, foi solicitado pelo seu “avô de ouro”, como o chamava, a dizer o que desejava ser na vida quando crescesse, respondeu sem pestanejar: “Meu avô, eu quero ser médico, quero ser Reitor, quero ser Diretor de Faculdade de Medicina!”.

Com essa significativa passagem da sua infância, define-se o idealista vocacionado para o destino de muitos médicos: ser também professor. A resposta do avô, por sua vez, nos dá a exata dimensão da formação que recebeu para fazer do neto um “homem de bem”, como se definia naquela época, uma pessoa de caráter: “O importante é que você alcance os seus sonhos sem pisar em ninguém, sem atropelar os outros, sem prejudicar seus colegas e seus semelhantes. Siga o curso da sua vida, naturalmente. Cada coisa virá ao seu tempo. Eu estarei lá em cima lutando por você, abrindo o seu caminho, pedindo a Deus para que você seja, pelo menos, um médico como o seu tio Berilo, o seu tio José Vieira. Sei que não estarei vivo quando você conquistar suas vitórias, mas, se eu puder, ficarei ao seu

lado, batendo palmas, aplaudindo seus esforços, bendizendo seu futuro!”

A cidade de Estância, no Estado de Sergipe, o viu nascer num berço invejavelmente esplêndido; esplêndido, sim, porque envolvido numa autoridade incontestada e protetora de uma família de tal modo integrada que tornou a sua infância “dourada”. Era chamado o “neto de ouro” pelo seu avô paterno, que era “enérgico, compreensivo e bom”, embora “avançado para sua época”.

Seus avós foram tão significativamente presentes que tornaram a sua infância uma deliciosa aventura de criança. E esta presença foi tão forte que, ao escrever o admirável livro de suas *Reminiscências*, dedicou três capítulos àqueles nobres figurantes do cenário da sua vida nas plagas sergipanas e no qual estão registradas as suas aventuras juvenis nos engenhos e fazendas da família onde, certa vez, conseguiu transformar “um cavalo ensinado numa mula ordinária”, para grande vergonha de seu avô. Das deliciosas histórias da família, registra uma delas:

Um lobo no Engenho

Conta Ana Maria Nunes Espinheira, em livro inédito, que meu tio Celso Vieira Leite, filho de Sizenando de Souza Vieira, em 1923, era arrendatário do Engenho São Félix, cujo proprietário era seu irmão Paulo de Souza Vieira, esposo de tia Anita.

No dia 13 de dezembro daquele ano, dia do padroeiro de Santa Luzia, o Governador do Estado de Sergipe, Pereira Lobo, resolveu comparecer às festividades locais e acompanhar a procissão realizada na sede do município naquela data.

Tio Celso e tio Paulo resolveram convidar o Governador Pereira Lobo para almoçar no São Félix, convite imediatamente aceito por Sua Excelência, desejoso de conhecer o famoso engenho da família Souza Vieira.

Tios Celso e Paulo se deslocaram para o São Félix com as respectivas famílias e, é lógico, sua filharada (no total, quase vinte). As crianças encheram o sobrado de vivo contentamento, numa algazarra louca, fazendo trepidar o velho casarão ao som de seus passos alegres e juvenis.

A todo o momento o comentário era o mesmo:

– O Lobo vem almoçar aqui!

– Fezinha, mande preparar o almoço para o Lobo!

– Cuidado, o Lobo vem aí!

Ordens precisas foram dadas a um grupo de capatazes, os quais ficaram de prontidão a cerca de meio quilômetro da sede do Engenho. À passagem da comitiva do Governador, os capatazes deveriam soltar foguetes, avisando a chegada das autoridades a fim de tio Celso e tio Paulo ficarem, com os demais convidados, na entrada do engenho.

Tudo correu conforme planejado. O Governador Pereira Lobo e sua comitiva foram regamente recepcionados. Almoçaram, foram levados para conhecer a propriedade, viram as máquinas importadas da Inglaterra, examinaram a qualidade do açúcar, visitaram o porto de Guararema e o trapiche onde as barcas esperavam o açúcar ser ensacado a fim de ser exportado, etc., etc.

Ao retornar à sede, o Governador tomando um “cafezinho” perguntou admirado:

– Os senhores moram num casarão deste, com tantos cômodos, sozinhos, sem crianças para alegrá-los?

Moral da estória: Todos os “quase vinte filhos” estavam debaixo das camas, com medo do lobo! (LEITE, Geraldo. *Reminiscências*. p.52-53).

Aracaju foi a paisagem da sua puberdade onde em 1936, no Colégio Tobias Barreto, foi admitido na série B como cabo Geraldo, terminando o curso ginásial em 1942. A Capital de Sergipe é, sem dúvida, uma cidade encantadora e, como lá vivi um pouco, pude compreender o que significou para o jovem Geraldo vivenciar as cadeiras colocadas na calçada para se conversar e ver o movimento, o encantamento do dia 1º do ano com a procissão do Senhor dos Passos, o desfile das roupas novas obrigatórias, as feirinhas nas pracinhas, com a música nos coretos e a amabilidade de um povo que cultivava o relacionamento amoroso e solidário.

Nenhum cenário mais adequado que esse para um garoto educado nos moldes tradicionais, tomando a bênção aos pais, avós, tios e tias, entre primos bispos e arcebispos, encantado com a presença de Jorge Amado e revolucionando a família com sua festa de Primeira Comunhão. Uma passagem dessa época merece destaque nas próprias palavras do autor:

Uma palavra sobre mais um Bispo. Bispo não, não, Arcebispo. E ele também morava em Aracaju, na minha rua, e em Aracaju residia há muitos e muitos anos, desde o início do século, quando Sergipe não tinha nenhum Bispo e era subordinado ao Arcebispado da Bahia. Trata-se de D. Manuel Raimundo de Melo, vigário forâneo, com jurisdição em todo o Estado de Sergipe.

Eu tinha cinco ou seis anos e, aos domingos, ia com minha mãe assistir missa na residência do Arcebispo, na esquina da Avenida Barão de Maroim.

D. Raimundo era um homem alto, forte, de compleição atlética e atitude dominadora.

Todos os fiéis, seminaristas, padres e freiras prestavam à sua pessoa respeitosa reverência, beijavam o seu anel, e ele os tratava como se fossem súditos. Para mim, ele era o Papa. Era um beija-mão de mais de meia-hora. Vendo aquilo, de repente deu um estalo em minha cabeça e eu gritei, provocando verdadeiro escândalo:

– Mamãe, é o Papa!

Ela corrigiu com paciência e explicou:

– Não é o Papa, meu filho. D. Raimundo é o Arcebispo de Stobio.

A explicação para o estranho fato era a seguinte: D. Raimundo, depois de ter sido Bispo de Caetité, na Bahia, foi mandado para estância, com o título simbólico de Arcebispo de Stobio (cidade da Macedônia), onde passou algum tempo, e depois foi transferido para Aracaju, onde conservou o mesmo título. Entendeu? Até hoje não entendi nada.

Quando se tornou necessário desfazer o laço umbilical, a Bahia o recebeu, o Colégio Maristas ganhou mais um jovem estudante e, mais um hóspede, a pensão de D. Stella, no Corredor da Vitória em Salvador, cidade que o deslumbrou na década de 40. Um capítulo de suas *Reminiscências* é dedicado às soteropolitanas delícias que vivenciou naqueles anos dourados, quando a Bahia o acariciou de tal modo que se sentiu baiano,

assim como outros sergipanos ilustres do nível de Jenner Augusto. Ele comenta, em trecho de seu livro, uma observação de Jorge Amado de que “ser baiano é um estado de espírito”. E continua:

É um mistério, um santo mistério, mistério que nasce ninguém sabe onde e escorre pela cidade inteira, sob a forma de óleo pegajoso que impregna a gente. De onde ele vem, enfim? Ninguém sabe localizar. Virá do baticum dos candomblés nas noites de macumba? Virá do feitiço que os padeiros e leiteiros derramam, manhã bem cedo? Virá dos “capitães da areia”, espalhados pelas esquinas? Virá dos toques dos sinos das trezentas e sessenta e cinco igrejas? Virá dos azulejos dos sobrados? Virá dos negros risonhos? Virá das baianas vestidas com suas saias de renda? Virá dos tabuleiros das mulatas frajolas? Virá da pobre gente vestida de cores variadas? De onde vem este mistério escorregadio e pegajoso que se espraia pela cidade inteira?

De onde vem eu não sei, o que sei é o amor que tenho pela Bahia é um amor à primeira vista e ele é correspondido. Anos depois, no dia 9 de outubro de 1997, em sessão solene realizada na Câmara Municipal de Salvador, por indicação dos vereadores Domingos Bonifácio e Pedro Gordilho, os ilustres edis da nossa capital me conferiram o honroso título de Cidadão Soteropolitano.

O corte emocional, porém, foi muito doloroso para aquele jovem sensível, criado no aconchego de uma família verdadeiramente “familiar”, onde ainda o amor trazia como consequência união, solidariedade, comunhão espiritual e

convivência saudável. Nesse momento crucial da sua juventude, outra perda o coloca em contato com a profunda dor de uma eterna saudade. Morre seu “avô de ouro”, que o faz rever a Estância das fazendas e dos engenhos da “infância querida que os anos não trazem mais”. A dor, ele a registrou dolorosamente:

A casa de meu avô era linda. Uma das mais bonitas de Estância. Uma casa grande, da primeira vintena do século passado, construída com o maior apuro, com varanda na frente e varanda no fundo, sala de visitas, alcova, gabinete de trabalho, quarto de minha avó Marocas, o quarto de visitas, sala de jantar, copa e banheiro azulejado (o que era um luxo para a época), quarto de tio Lauro, subsolo amplo com depósito e instalações para os serviçais. As dependências mais nobres tinham no teto estuque decorado com tinta dourada e pintado com o melhor gosto. A mobília e os cristais refletiam a bela época, do início do século vinte.

Minha avó sobreviveu ao meu avô mais de vinte anos. Com a sua morte, sua casa levou alguns meses coberta com um tapume e depois, quando tiraram o tapume, no seu lugar surgiu uma casa diferente, mais moderna que nada tem a ver com a minha infância e com a minha adolescência.

Em seguida, passou para outro proprietário que a transformou em uma pensão.

Nunca mais entrei no seu interior nem desejo entrar. Quero continuar fechando os olhos e enxergando o que ali deixei: a saboneteira de alumínio; a toalha branca, felpuda; o telefone de parede com a manivela ao lado, os sacos

das feiras dos engenhos arrumados na varanda do fundo, Gilete sentada, batendo com uma haste de cana e chamando Banga, Banga!

É um sonho, uma miragem ...

Eu quero continuar sonhando, eu quero morrer assim!

E, na trilha existencial do jovem Geraldo Leite, abrem-se as portas da Faculdade de Medicina. É o começo da realização do seu sonho. Passou no vestibular e “o berço da medicina brasileira” onde estudaram seus tios João Vieira e Berilo Leite, o embalou durante seis longos anos. Ao término do curso, declara: “Foi naquele vetusto berço da medicina brasileira que em 14 de dezembro de 1950 recebi o grau de médico”.

Sua passagem pela gloriosa Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, tão amada quanto gloriosa, foi riquíssima e, em homenagem a ela, escreve Dr. Geraldo quase 200 páginas, registrando um sem-número de episódios que tornam os seus dias de estudante plenos de vitalidade. Homenageando seus mestres queridos, desfilam pela sua memória as imagens de grandes mestres: Alexandre Leal Costa, Hosannah de Oliveira, Magalhães Neto, Estácio de Lima, Gerson Pinto, Rubim de Pinho, Adriano de Azevedo Pondé, Fernando São Paulo, Mário Andréa, Aldemiro Guimarães, Aldemiro José Brochado, e tantos outros, todos por ele apresentados com a profunda compreensão do que representaram para sua formação e, mais, com as características que constituíam o seu perfil.

À medida que avança nos estudos, o tempo passa e novos professores magistrais, como Aristides Novis, José Silveira, Macedo Costa, atraem sua atenção e intensificam o gosto pela medicina.

Vários episódios humorísticos atenuam as dificuldades daquele filho único: enfrentar uma pensão com “onze sergipanos” e estudar intensamente sem grande conforto.

Nesse tempo de estudante de Medicina, foi testemunha de acontecimentos importantes, dentre eles o nascer da UFBA, fato que presenciei, sendo também testemunha dos grandes e vulcânicos momentos que aconteciam no Reitorado do Professor Edgard Santos, época inesquecível, dinamizada por eventos decisivos e inovadores.

Um desses acontecimentos foi o desfilar das “Pupilas do Sr. Reitor” que eram, nada mais nada menos, que as jovens estudantes da novel Escola de Enfermagem, implantada naquele momento, com todo o carinho do Magnífico Reitor que a tornou uma das melhores escolas de Enfermagem do País. Ali estudaram moças que desejavam atuar na área da saúde e que interagiam, no Hospital das Clínicas, com estudantes de Medicina, Odontologia e Farmácia. Despertaram, pois, o maior interesse dos futuros jovens médicos. O jovem Geraldo principalmente, pois encontrou, naquele grupo, o amor que tornou a sua vida uma viagem ao país da felicidade, alguém com quem sonhou os mais lindos sonhos e realizou seus três desejos: ser médico, ser Diretor da Faculdade de Medicina e ser Reitor.

O encontro com Lícia não se definiu como “amor à primeira vista”. Ao contrário, representou, na sua juventude, uma doce e prazerosa conquista. Em 1952, estava casado com a princesa de seus sonhos, carregando no coração o romantismo advindo do convívio amoroso de seus avós, de seus pais, da sua família, em contato com a beleza e a pureza das personagens bucólicas que o alimentaram.

Daí em diante, na pauta da sua vida era a medicina a peça escrita que tinha de ser tocada a dois em harmônica sinfonia conjugal. Assim foi até que a passagem de Lícia pela Terra

terminou para continuar em outra dimensão a sua jornada. Mais uma perda, uma imensa saudade eterna...

O médico está formado, pronto para tornar seu sonho grandioso. Opta por Parasitologia e as portas se abrem para que se decida a trabalhar na Princesa do Sertão, a dinâmica Feira de Santana. Inicia como médico e professor numa cidade que significou o esplendoroso palco da sua atuação onde foi um personagem, uma peça decisória para o desenvolvimento cultural e educacional.

Em 1954, foi eleito para a presidência da Associação Baiana de Medicina, Regional de Feira de Santana, cargo que possibilitou exercer sua característica de líder. Funda a Associação Cultural de Feira de Santana, que funcionou com grandes vultos culturais da época.

Dois acontecimentos importantes marcaram a sua presença na ABM: o Programa de Educação Continuada e o Movimento de Interiorização do Ensino Superior.

Nessa época, já publicava artigos em revistas médicas do Sul do País. Apresenta, aliás, 72 trabalhos sobre Educação, História da Medicina, e temas ligados a Higiene, Parasitologia e Saúde Pública, divulgados em congressos nacionais e internacionais, palestras, mesas-redondas, painéis, seminários, cursos, etc.

Como membro do Congresso Pan-Americano de Parasitologia, apresentou, em Buenos Aires, trabalho científico. Foi membro do Congresso Pan-Americano de Parasitologia, em São José da Costa Rica. No XII Congresso Brasileiro de Medicina Tropical, foi Secretário Geral. É sócio da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical.

Prestigiou sempre as instituições a que pertencia com idealismo e entusiasmo. Sempre consciente de seus objetivos,

questiona-se certa vez sobre a Universidade de Feira de Santana: idealismo ou entusiasmo?

Recordando os fatos, ocorre-me uma dúvida:

– Nós, os fundadores de Universidade de Feira de Santana, fomos entusiastas ou idealistas? A maioria das pessoas afirma que conseguimos nosso objetivo porque fomos idealistas.

Para Luiz Almeida Martins Filho, autor da obra *O Poder do Entusiasmo*, nossa vitória não é o fruto do idealismo e, sim, do entusiasmo.

Ele afirma que o entusiasta é o que acredita em si próprio e na sua capacidade de transformar os acontecimentos. A palavra entusiasmo, lembra o referido autor, contém o radical grego *theos*, que significa deus. Aplicava-se, na Antiguidade, aos que se acreditava estarem inspirados pelo divino. O entusiasta tem um deus dentro de si, e com os poderes desse deus é capaz de vencer os obstáculos e fazer as coisas acontecerem.

O mundo, afirma Luiz Almeida Filho, não necessita de otimistas e de idealistas, e sim de entusiastas. O que o mundo aspira é por indivíduos que acreditam em si mesmos e em sua capacidade de transformar a natureza dos fatos e fazê-los acontecer.

Para o referido pensador, não precisamos de pessoas reativas. Precisamos, sim, de pessoas pró-ativas. Precisamos de pessoas que não

esperam, que não aguardam, que não ficam acomodadas, na expectativa do que vai acontecer. Precisamos de pessoas que façam, que sejam motivadas e motivem seus colaboradores, que sejam verdadeiros raios de luz onde quer que estejam.

Continua a dúvida que eu divido com o leitor:

– Fomos entusiastas ou idealistas?

Certamente que o seu desempenho precisou de muito idealismo para planejar, entusiasmo para realizar e ética solidária para participar.

É membro titular do Conselho da Fundação José Silveira, sócio-fundador da Academia de Educação de Feira de Santana, membro titular do Instituto de História da Medicina, sócio da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e da Sociedade Brasileira de Parasitologia.

Porém, nada tão significativo na sua vida profissional do que a Universidade Estadual de Feira de Santana.

Quando ganhou o Prêmio “Professor Fernando Luz”, medalha de ouro, ainda estudante; quando foi estagiário do Instituto René Rachou da Faculdade de Medicina e do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais onde cursou várias disciplinas; quando afinal obteve o título de Especialista em Parasitologia Clínica, conferido pela Sociedade Brasileira de Parasitologia Clínica, estava-se preparando para alcançar os seus objetivos básicos e subir os degraus para ser Diretor da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública onde atuou como professor titular de Parasitologia; e quando iniciou suas atividades de médico e professor em Feira de Santana, preparava, pouco a pouco, o caminho certo para liderar todo o

intenso movimento para a fundação da UEFS e realizar seu sonho de ser Reitor.

A propósito das palavras de entusiasmo que eu sempre procurei transmitir aos companheiros durante os momentos mais difíceis da luta em favor da Universidade, vale a pena encerrar este capítulo com a narrativa que certo dia recebi do escritor Oscar Damião de Almeida.

Era um diálogo de autoria desconhecida, travado entre um mestre oriental e seu discípulo.

“– Mestre, indagava o discípulo, como faço para não me aborrecer? Algumas pessoas falam demais, outras são ignorantes, algumas são indiferentes...

– Viva como as flores, respondeu o mestre!

– Como é viver com as flores? Perguntou o discípulo.

– Repare nestas flores, continuou o mestre, apontando para os lírios que cresciam no jardim.

Elas nascem no esterco, entretanto, são puras e perfumadas. Extraem do adubo malcheiroso tudo que lhes é útil e saudável, mas não permitem que o azedume da terra manche o frescor de suas pétalas.

E o mestre continuou:

– É justo angustiar-se com os próprios defeitos, mas não é sábio que os vícios dos outros o importunem. Os defeitos são deles e não seus. Se não são seus, não há razão para aborrecimento. Exercite, pois, a virtude de rejeitar todo o mal que vem de fora. Isso, meu filho, é viver como as flores”.

Assim como as flores, sofreu, amou e viveu. Dr. Geraldo Leite, que neste momento senta-se na Cadeira nº 6 da nossa Academia, tendo realizado seus três desejos que o Gênio da Lâmpada lhe permitiu concretizar, segue serenamente o seu caminho, porque não há caminhos, há caminhanças na estrada multifacetada da vida. Junta-se a nós um bom caminhança, de passos largos e mente aberta.

Guarda no seu coração a Fé dos que buscam e encontram respostas objetivas e indiscutíveis dentro da evidência dos fatos, a eterna Saudade da mulher amada e o Amor aos filhos, que tornam, hoje, o seu caminho mais ameno.

As honrarias, ele recebeu como respostas ao dever cumprido, ao amor à Bahia e a toda sua dedicação à cidade de Feira de Santana. É Cidadão Honorário da Cidade do Salvador, Comendador da Ordem do Mérito do Município de Feira de Santana, portador da Medalha Professor Dival Pitombo, Mérito Histórico e Cultural, conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.

As marchas e demandas para que a UEFS se tornasse uma realidade, estão registradas pormenorizadamente no seu livro e representam um ingente esforço de um idealista, uma gigantesca maratona de um líder, superando dificuldades. Suas vivências desse período, ele as revela com as cores das emoções que o dominaram naquele áureo período feirense. Foi realmente

áureo, uma vez que muitas instituições foram implantadas, muitos idealistas e entusiastas se uniram em benefício da Princesa do Sertão.

Num preito de gratidão, Dr. Geraldo Leite os exalta nas suas *Reminiscências*. Traça-lhes o perfil. Áureo Filho, caro amigo, Maria Cristina de Oliveira Menezes (minha querida Marinita), Raymundo Gama (meu querido aluno de Filosofia), Dival Pitombo, Wilson Falcão, João Durval Carneiro, Yeda Barradas Carneiro, Edivaldo Brito, Fernando Pinto de Queiroz, e tantos outros, foram, sem dúvida, pilares de que precisava para erguer seu monumento, que, naqueles tempos efervescentes, foi um marco, mesmo com as polêmicas que surgiram ou, talvez, por causa delas.

E relembra Luiz Navarro de Brito, José Maria Nunes Marques, o grande Governador Luiz Viana Filho, o qual, naquela manhã de novembro de 1969, tão longe no tempo e tão perto na memória do nosso homenageado, assim se posicionou: “– Vamos pensar alto. Feira merece uma universidade”.

As marchas e as *démarches* da implantação da Universidade de Feira, ele as conduziu como um líder nato que tinha como meta concretizar um sonho. Esta grande aventura intelectual e administrativa, ele registrou com o coração em festa, com o testemunho de seus grandes parceiros aqui presentes – Edivaldo Boaventura e Roberto Santos – que lhe emprestaram coragem, apoio e entusiasmo, facilitando o seu percurso na caminhada para atingir a meta traçada.

Nesta época de policrise, como diz Morin, parece conhecer os sábios conselhos que o velho Oriente nos transmite: o homem deve esforçar-se para que tenha, no seu coração, um devoto religioso, na sua mente, um metafísico e, na sua vida, um cidadão honrado e eficiente.

Tem a grandeza de, ao narrar a sua trajetória existencial, homenagear todos aqueles que estiveram presentes nas suas andanças e lhe ofereceram estímulo, apoio, força e compreensão.

Os personagens significativos da sua escalada profissional surgem, no seu livro, como parceiros construtores da sua própria vida dedicada à medicina e à educação. Em função disso, sabe que “o educador se imortaliza em cada homem que educa, porque se eterniza em cada coração que forma e se predestina em cada alma que salva”.

Aprendeu com a milenar sabedoria oriental que deve ser firme como uma montanha; caminhar como um gato; mover-se como as nuvens, tão lentamente que ninguém possa perceber as mudanças que ocorrem; adquirir a rapidez do coelho e não seu medo; a persistência da tartaruga e não a sua lentidão; a singeleza do cordeiro e não a sua incapacidade de defesa; a independência do gato e não a sua infidelidade.

Duas vezes acadêmico – Academia de Medicina da Bahia e da Academia Baiana de Educação –, sentiu com fé no coração para sonhar, pensou com a mente aberta para idealizar e agiu com mãos operosas para realizar.

AHIMSA – O APELO À NÃO VIOLÊNCIA

Leda Jesuino dos Santos

O apelo vem de muito longe no tempo e no espaço. É nitidamente oriental. Surge daquela velha e misteriosa nação banhada pelo Ganges. Sai da garganta de um povo, sofrido da dor curtida em silêncio de recolhimento e êxtase, banhada pela lágrima que umedece a face e tem o gosto do orvalho da manhã que surge: o sabor da esperança. A esperança da liberdade fundamentada, não na arma que extingue e mata, mas na alma que vive e ergue não na violência que destrói e aniquila, mas na benevolência que constrói e perdoa.

Ahimsa surge como mandamento ético presente nos Upanishads sem grande relevância, porém, segundo Albert Schweitzer, reaparece num texto sagrado concebido pelos rishis videntes nos sombrios bosques indianos.

Ahimsa está inserido na própria alma de um povo que, até o século XVIII, constitui um dos países mais florescentes do globo e que, conhecendo a ordem e a prosperidade, assistiu no século seguinte à dor e à miséria.

Ahimsa é a palavra milenar da sabedoria hindu, o significativo brado da enigmática e misteriosa nação banhada pelo Ganges, traduzido em vida por Buda e Cristo, Francisco de Assis, Schweitzer e Gandhi, numa obra contínua de Amor e de Verdade, de Justiça e Fraternidade Universal, quando o Verbo se fez carne.

É o próprio Albert Schweitzer quem nos conduz até a raiz etimológica dessa palavra mágica que,

traduzindo o sagrado mandamento de não matar nem causar dano, representa um dos mais importantes acontecimentos da história espiritual da humanidade. O verbo é *hini*, a forma desiderativa de *han* – matar, causar dano –, de modo que significa desejar matar ou causar dano. O substantivo *Ahimsa* significa renúncia da vontade de matar e causar dano e aparece pela primeira vez nos *Upanishads*. Há razões suficientes, afirmam os estudiosos, para que o mandamento *Ahimsa* tenha tido importância e destaque especial no jainismo e não entre os brahmines que praticavam a matança nos sacrifícios.

No *Ayaramgassutta*, texto do séc. III ou IV a.C do jainismo,, está assim explicitado o *Ahimsa*: "todos os santos *Arhats* e *Bhagavats* – senhores do passado, do presente e do futuro – todos dizem, falam assim, anunciam e declaram: ninguém deve matar nem maltratar, nem insultar, nem atormentar, nem perseguir a nenhuma classe de ser vivo, a nenhuma classe de criatura, a nenhuma classe de coisa que tenha alma, a nenhuma classe de seres. Este é o mandamento puro, eterno, perdurável da religião, proclamado pelos sábios que compreendem o mundo".

No século XVI de nossa era, o poeta *Hemacandara* faz a apologia do célebre mandamento: "*Ahimsa* é como sua mãe amante de todos os seres, como um 'raudal' de néctar no deserto de *Sansara*; é um passo de nuvens de chuva no bosque de fogo do sofrimento, a melhor erva para curar os seres atormentados pela enfermidade; *Ahimsa*, volta perpétua de existência".

Os jainistas não pregaram apenas um mandamento. Veneraram *Ahimsa*. Abandonaram os sacrifícios cruentos, deixaram de comer carne e de caçar,

suprimiram as lutas entre animais selvagens.

Contemporâneo de Buda, Mahavira, o vendedor, concitava os monges jinistas a um comportamento pacífico. Os budistas incorporaram o Ahimsa no seu viver e conviver diário. Porém, foi da garganta de um homem esquelético, mas extraordinariamente forte, na pacífica postura dos grandes idealistas, que realizam para teorizar e não teorizam para fazer, que o brado foi lançado na mesma ótica com que Paulo desenvolveu uma ética ativa. Ahimsa! e Ahimsa, hoje, é um brado de alerta que está na garganta do mundo como um recurso psicológico de imensa repercussão social, atingindo todas as faixas etárias da sociedade hodierna, que anseia pelo bem maior que é a paz, que garante o direito de ser cidadão livre, em busca da felicidade.

A "não violência" é um direito a viver na relação interpessoal e direta que conduz à tão almejada produtividade dos economistas do nosso tempo.

Esta paz tão ansiada pela humanidade foi alvo da Unesco.

Nenhum instante mais apropriado para se falar em Gandhi, em não violência, em paz. Ao dar seu brado de alerta – Ahimsa! –, sua voz ficou gravada no coração do mundo, impregnada no Ganges, sobre o qual se debruçam 400.000 corpos esqueléticos, mas de espíritos robustos, com a inabalável fé nos poderes espirituais, buscando Deus dentro de si mesmos.

Mohana Karamancha Gandhi não armou soldados contra a Inglaterra. Armou os indianos com a disciplina interna contra suas próprias fraquezas, para que estivessem prontos para manter inalterável fidelidade aos princípios eternos da Construção Cósmica, a Verdade, a Justiça, o Amor, a Bondade e a Solidariedade, que são na

sua essência a alma do Universo, sustentando o homem que busca a coerência interna consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

Será que não foi essa a grande lição de Jesus e Buda? Será que não é a dialética da argumentação que os mestres precisam desenvolver nos jovens para combater a Injustiça, a Inverdade, a Violência, a Revolta, o Ódio; a Raiva contando com os recursos da educação emocional, a adequada canalização das emoções?

O que se está, realmente, oferecendo ao jovem além dos conteúdos programáticos das ciências, dos instrumentos linguísticos e dos esportes? Ou se estará fortalecendo o ego pelo incentivo ao individualismo como técnica da "pedagogia da sobrevivência"?

Será que não é ensinando a olhar no profundo que se aprende a ver, ou mergulhando no silêncio que se aprende, às vezes, a linguagem mais verdadeira, que é a do coração? .

Será que a "não violência" e a solidariedade humana estão embutidas nos novos currículos que o MEC estimula a serem mais livres e mais criativos?

Se o eco do Ahimsa chega às escolas e aos lares e ao coração de todos os homens do mundo, certamente teremos diante de nós, homens educados, aqueles que sabem usar adequadamente os instrumentos que aprendem a manejar, para buscarem a felicidade Ahimsa.

Referência

SCHWEITZER, Albert. *El pensamiento de la India*. México: Fondo de Cultura Económica.

A PERSPECTIVA AXIOLÓGICA DA EDUCAÇÃO

Leda Jesuino dos Santos

No momento histórico que atravessamos, as ciências básicas que fundamentam o processo educacional tomaram posições significativas em face das revolucionárias assertivas das descobertas físico-químicas e biológicas, as quais levaram a filosofia a refletir sobre um novo paradigma existencial para este homem que emerge neste fim de século tão angustiantemente vivenciado:

Da maneira como estão as coisas, existe o perigo genuíno de que a sociedade ocidental se torne, nas palavras de Gertrude Himmelfarb, uma sociedade desmoralizada..

É a famosa "a-de-moralized sociery" de que tanto falam os ingleses.

Em outubro de 1994, R.M Hartmell, historiador inglês, no seu discurso pronunciado em Canes, França, ao analisar a evidência estatística da crescente escalada de crimes e violências da sociedade atual, distúrbios civis, intolerância, falta de civilidade, aumento da delinquência juvenil, desonestidade dos governos e nos negócios, declínio da importância da família, alerta que esses fatores são agravados pela falta da educação em combater esses males, sem evidentemente minimizar os outros fatores de natureza sociopolítico-estruturais.

E, como era de esperar, a análise dessas falhas esbarra

inevitavelmente em duas questões que sempre emergem das elucubrações educacionais: o conteúdo curricular e a metodologia adequada, focos constantes dos que operacionalizam as teorias educacionais vigentes, a liberal-humanista, a integral, a construtivista e outras tantas.

Neste caminho que permite muitas reflexões, torna-se mais que necessário, creio imprescindível até, uma base confiável proporcionada pelos valores sobre os quais qualquer civilização deve ser e tem sido construída. E a perspectiva da educação é, indiscutivelmente, axiológica.

Enquanto a biologia aponta a imaturidade diante da gravidez prematura, e a psicologia adverte aos pedagogos da necessidade de dar limites, a filosofia coloca, para reflexão dos educadores, a importância significativa de trabalhar com os jovens em torno dos valores, surgindo uma velha expressão que ressurge com uma força inusitada: "a educação do caráter". Os valores como honestidade, solidariedade, civilidade, harmonia, liberdade, paz, justiça, amor à verdade e outros nestes implícitos precisam merecer dos educadores a mesma ênfase que o desenvolvimento das capacidades intelectuais tem merecido até então.

Aos conteúdos programáticos predominantemente cognitivos, informativos, necessitamos integrar valores que desencadeiem o novo processo de educação afetiva e da educação da vontade.

Precisamos de cidadãos éticos. Todos os trabalhos desenvolvidos no Novo México, na escola Nizom, experiência pedagógica consagrada na América, ou a poucos quilômetros de Londres, na escola de Krisnamurti, educador e filósofo oriental, ou mesmo na Índia, na Universidade de Bangalore, visitada por inúmeros reitores do Ocidente, na Universidade da Paz, de Pierre

Weill, comprovam a necessidade de a educação iniciar sua "revolução silenciosa" para não fenecer entre as quatro paredes da sala de aula formal.

Numa recente publicação, a Enciclopédia Britânica lançou, numa hora oportuna, uma coleção voltada para a introjeção de valores na primeira infância. Sem que a juventude esteja preparada para pautar a sua trajetória pelos chamados "grandes valores", como a fé na verdade, a busca da justiça, da liberdade, do conviver com civilidade, que é o respeito ao outro com suas individualidades, diferenças, conflitos, valores como a tolerância, a benevolência, a honestidade, dificilmente seremos como queria o célebre escritor Luís Borges: "cidadãos éticos".

Num momento decisório em que todos educam todos, pais, professores, líderes religiosos e com os padrões de comportamento e personalidades da mídia, é difícil alguém ser responsável pela educação de alguém. O planejar "um mundo descentralizado, apolítico, no qual a liberdade individual e a eficiência econômica encontrem amplos horizontes e uma defesa firme, não é só um sonho de George Stigler, mas de todo cidadão consciente que luta, dentro de suas limitações, por um mundo melhor numa Nova Era, altamente promissora dentro do valor mais alto que é a harmonia cósmica".

A qualidade total deve ser desenvolvida dentro de cada mestre, cada pai, cada político, cada sacerdote, cada comunicador, no interior de cada Homem, para que Diógenes, o grego, possa encontrá-lo com sua lâmpada, sem precisa peregrinar com focos incandescentes de luz no obscuro mundo dos homens. Busca-se o educador no *Homo Concors*, aquele que desenvolveu a coerência interna.

JOSELICE MACEDO DE BARREIRO UMA SIGNIFICATIVA AUSÊNCIA

Leda Jesuino dos Santos

Ausência que dói, fere o coração, representa espaço vazio, é esta ausência de Abril que deixa o mundo acadêmico da Bahia e a Academia Baiana de Educação de luto.

Na sua autêntica modéstia, Joselice sempre foi impulsionada por todos os seus colegas e amigos a demonstrar, através de seus trabalhos, seus pronunciamentos, os básicos valores que deram sustentabilidade à sua personalidade tão forte e expressiva como paradoxalmente tímida.

Na sala de aula, como na gestão acadêmica, conseguiu impulsionar alunos e colegas de trabalho a prosseguir nos seus estudos, a ir adiante do seu tempo, a considerar a importância e cultivar o hábito da pesquisa, do estudo, com seriedade, disciplina e, principalmente, com honestidade científica.

Comunguei com sua potente inteligência, desde os primórdios da Faculdade de Filosofia, quando Isaias Alves entrevistava, no seu gabinete, os primeiros alunos que acreditaram no seu sonho de formar professores, pesquisadores e "pensadores", por extensão. Correspondendo à expectativa de seus mestres e de seu pai – o latinista Tavares de Macedo –, conseguiu ser o que dela todos esperavam.

No exterior, sem vínculos estreitos no Brasil, pôde sobretudo desenvolver todo o seu potencial para processar, na

sua mente lúcida de lépidos raciocínios, um rico manancial de conhecimentos que, copiosa e dadivosamente, derramou nos espaços. culturais onde conviveu.

Na Reitoria de Macedo Costa, alcançou o ápice da sua ciência acadêmica junto a Heonir Rocha na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFBA. Revelou, então, uma liderança serena, sem muitos embates numa área difícil em que pululam as ideias e as vaidades.

No Colégio de Aplicação da UFBA, nos projetos que coordenei – Classes Experimentais, Premem e Colégio Universitário –, na Faculdade de Educação e na Pró-Reitoria, estive sempre usufruindo da sua companhia, do seu discreto e especial *modus faciendi*. Com poucas palavras, em argumentação segura, presença estável, Joselice sabia como fazer para esquecermos seus valiosos títulos e percebermos a professora em busca do aprofundamento científico para melhor conduzir os seus ilustres alunos, sempre ávidos de seus pronunciamentos.

Na década de 50, época de alfabetização de meus filhos Eduardo e Leda Maria, consultei-a se deveria alfabetizá-los concomitantemente em português e inglês, uma vez que, naquela época, não era uma conduta aceita academicamente. Ela me encorajou e assim aconteceu. Havia sempre de sua parte coragem para opinar com independência.

Estivemos sempre juntas e, no Conselho Estadual de Educação, atuou com pareceres sólidos e edificantes na Câmara de Ensino Superior.

A professora de Linguística Lícia Regina, sua brilhante discípula e colega ilustre na UFBA, em excelente artigo no Jornal *A Tarde*, apresentou-a com mente pronta e saudade no coração.

Perde a Linguística um elemento de escol.

No seu túmulo, representando a Academia Baiana de Educação, fiz o seguinte pronunciamento e muitas e muitas lágrimas desceram pelas faces de quem a conheceu:

A Academia Baiana de Educação registra hoje, no seu calendário, um dia de luto. Joselice Macedo, professora ilustre do Instituto de Letras da UFBA e, atuante também na UCSal., sempre foi uma presença especial, não só nas salas de aula como nos projetos acadêmicos onde pontificou.

Colaboradora eficiente da Universidade de Feira de Santana e de projetos educacionais importantes, Joselice marcou sua presença na Linguística, na Metodologia do ensino de línguas e em todos os programas em que sua participação foi solicitada.

A Academia Baiana de Educação traz hoje, neste doloroso momento de perda de um de seus membros mais brilhantes, um profundo pesar em face de tão significativa quanto dolorosa ausência.

Que de bênçãos sejam cobertas as doces lembranças de nossa querida Joselice, amiga, colega e companheira inesquecível.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO PROFESSOR FRANCISCO PINHEIRO POR OCASIÃO DA OUTORGA DO TÍTULO DE EMÉRITO PELA ACADEMIA DE EDUCAÇÃO DA BAHIA

Leda Jesuino

Sem caráter festivo, o que não soe acontecer, a outorga do título de Emérito ao Professor Pinheiro nesta Academia reveste-se, unicamente por determinação da sua vontade, da simplicidade que caracteriza sua personalidade, sua concepção filosófica de vida, característica relevante que o levou a ouvir o coração e me eleger para saudá-lo. E é neste momento que temos de entender Pascal: “Le coeur a des raisons qui la raison ne connait pas”.

Grande responsabilidade por nós assumida em um momento tão significativo para uma Academia de Educação, diante de um já Emérito professor de Filosofia da UCSal., na nonagésima década de uma vida produtiva e prenhe de fatos e feitos em nosso âmbito cultural.

Na linha de pensamento do Professor Edivaldo Boaventura, amigo querido, fujo do currículo, da enumeração dos altos cargos e das grandes honrarias. O nome do acadêmico Francisco Pinheiro fala por si só. Não creio ser necessário ressaltar o quanto atuou e como e de que modo desenvolveu seus trabalhos como professor, que o foi sempre, desde o início de sua formação – Bacharel, Licenciado, Mestre e Doutor em Filosofia, após sua básica formação em Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma.

Entre a UCSal. E a UFBA., Professor Pinheiro trilhou um vitorioso caminho, ora como um mestre reverenciado, e, muitas vezes, como gestor, chegando a ser Reitor em exercício da UCSal. Ocupou o seu tempo aprimorando o domínio linguístico, estudando alemão, grego, latim e, mais recentemente, o romeno,

com os olhos voltados para sua devoção maior, a Filosofia, que desejou sempre absorver da “própria boca dos filósofos”.

Como todo bom filósofo, desde Aristóteles, não ficou fora do âmbito da Educação. Esteve um tempo atuando na Secretaria de Educação da Bahia como técnico do CEAP.

Debruçou-se sobre as associações culturais e nestas se interessou em colaborar com eficiência. Em nossa Academia, como Diretor de Arquivo e Museu, fez o possível para que suas metas fossem cumpridas.

As circunstâncias que envolveram nossa Academia não favoreceram o seu desempenho, que foi o melhor dentro das suas possibilidades.

Encontrou tempo para publicar seus estudos e o fez com êxito, sempre dentro de sua definida vocação – a Filosofia, o seu amor primeiro, a sua paixão de toda a vida.

Nela, com ela e por ela, o Professor e Mestre Pinheiro encontrou o sentido de sua vida profissional e conseguiu alcançar as metas traçadas pelo seu ideal. E como o filósofo – desde Sócrates – desemboca sempre no vasto e exuberante campo da educação, nosso querido Professor Pinheiro esteve preparando as novas gerações, ensinando-as a pensar, o que significa problematizar a realidade, conscientizar, argumentar, analisar, exemplificar, comparar, relacionar, dar o famoso “salto crítico-analítico”, desenvolvendo as habilidades cognitivas necessárias para se fazer uma leitura crítica da realidade e nesta se situar com consciência crítica.

Difícil e árdua tarefa! Como ensinar filosofia aos jovens pragmáticos do mundo atual, desejosos do que é prático, operacional, concreto e aplicável, e imediatistas, pertencentes à “geração shopping”, à “geração relâmpago”, à “geração sem vaga”? Eis o desafio profissional do professor no presente contexto.

Mestre Pinheiro conviveu com essa realidade e nela transitou com a dignidade que lhe é peculiar, desde quando

conviveu com um dos binômios mais questionáveis de todos os tempos e, também, o mais sedutor para um filósofo, cuja pergunta maior não pode calar: “– Que é Deus?”.

A Fé e a Razão foram colunas básicas na vida do nosso homenageado, pois a Teologia e a Filosofia o envolveram desde jovem. E foi a Roma quando a Fé lhe determinou uma formação teológica. Pessoalmente, fui beneficiada pela sua Fé. O sacerdote Padre Pinheiro foi figura importante na minha juventude. Posso vê-lo na Igreja ministrando a Primeira Comunhão aos meus três primeiros filhos: Eduardo, Leda Maria e Mônica. Transmitia, como todo bom sacerdote, uma serenidade pacificadora e uma fé fortificada pela Razão. Mesmo depois, quando fez uma opção e, em vez de ROMA, inverteu a Palavra e se decidiu pelo AMOR, conseguiu conviver com a Fé e a Razão sem problemas maiores.

O problema teológico e, mais, o gnesiológico e o ontológico estiveram presentes nas elucubrações filosóficas. Sempre conjugando com lucidez a Fé e a Razão, enfrenta ainda, como todos nós, o novo paradigma que nos envolve na problemática científico-cultural do mundo pós-moderno.

No conceito de Fé, inclui-se o autodesvelamento de Deus dentro de nós, e o próprio conceito de Deus está muito além do universo das nossas ideias. São novos conceitos e novos valores que atestam a mudança do paradigma antigo, reducionista, para a concepção holista. Passa-se do pensamento linear para o não linear; há uma mudança de ênfase da autoafirmação, do individualismo, para a integração, do racional para o intuitivo.

Na área axiológica, passa-se da competição para a cooperação, o que confirma a passagem da autoafirmação para a integração, da expansão para a conservação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a participação.

Parece-nos que, no novo paradigma da teologia, a integração é o mais acertado caminho. Há uma orientação ecumênica na teologia contemporânea. A fidelidade autêntica de uma pessoa a sua própria tradição requer uma compreensão plena e aberta de outras tradições.

Há novos elementos neste novo paradigma, substituindo o paradigma cartesiano e o de Newman, sendo um deles a perspectiva feminista. O outro diz respeito à percepção da interdependência global, aliada à perspectiva de nos aniquilarmos, com a destruição do Planeta.

Em Teologia, há um modelo holográfico. Não se pode falar a respeito de qualquer proposição de fé sem implicar todas as outras. O entendimento de uma parte, de uma doutrina, ou de um ensinamento, jamais ocorre isolado do todo. O significado está no todo, não no silogismo ou numa sentença afirmativa. E este conceito pluralista, que é a filosofia de rede, leva à tolerância, e a tolerância religiosa à perspectiva de PAZ.

No entanto, em que pese toda a força dessas novas perspectivas paradigmáticas, de onde surge a declaração de um filósofo do porte de um Luck Ferry, de um Morin e de outros pensadores, ainda somos levados a reflexões preocupantes. Uma delas é harmonizar a Ecologia e a Economia, a Natureza e o Lucro. Ouçamos Ferry porque vale a pena:

Não critico a Ecologia, mas os ecologistas que não compreendem que estamos diante de um verdadeiro paradoxo, isto é, uma contradição absoluta entre duas proposições, tão difícil de resolver porque a tese e a antítese são igualmente certas. Sua formulação mais simples poderia ser aproximadamente a seguinte: a tese – as economias precisam crescer, sem o qual veremos empresas falirem, representando o aumento do desemprego e da miséria humana, à qual se acrescentará o aumento dos déficits públicos dos governos, que gerará as próximas crises econômicas incontrolláveis. A antítese – no estado atual de nossa ciência, é claro que o crescimento mundial é, literalmente, insustentável, por um

motivo que ninguém pode negar com seriedade. A Índia e a China entraram na lógica da produção e do consumo ocidental, mas se os bilhões de habitantes desses dois países tiverem o mesmo nível de vida que o nosso, todos os recursos do planeta (aço, petróleo, matérias-primas, etc.) não suportariam. O crescimento é, portanto, totalmente necessário e também insustentável. Como resolver o paradoxo? Essa é a verdadeira questão. Não se resolverá com o não crescimento, porque ninguém impedirá a China de se desenvolver [...]. A única saída é olhar para a inovação de tecnologias limpas que vão salvar o mundo. Mas não estou otimista. Nada diz que isso irá acontecer.¹

A grande preocupação de Ferry, no momento, é o Amor, e declara que a família é a única coisa que resta de sagrado no mundo de hoje.

Meu querido Professor Pinheiro, fiz uma opção: preferi falar de Filosofia e não de Educação. No panorama educacional do mundo de hoje, não estamos precisando dos teóricos; Piaget e Wigotsky já disseram muito. Estamos necessitando, com urgência, de professores que saibam dar aulas, consigam ensinar manejando bem uma classe. Na *Revista Brasileira de Educação*, intitulada *Formação*, nº 146, de setembro de 1950, o professor Coryntho da Fonsêca publica um artigo intitulado “Urgência para a reeducação dos educadores!”. Meio século depois, ainda é assunto urgente. Como percebe, educação é um tema por demais denso para a leveza dos seus 90 anos.

¹ FERRY, Luc Entrevista a GALLI, Marcelo. Viver sem medos. *Filosofia*, ano 4, ed.56, p.6-12, fev.2011. p.12

CARLOS CHIACCHIO, O MESTRE²

Leda Jesuino

No momento em que, na curva biológica do ser, o homem na incoercível aspiração do melhor se sente preso aos grilhões da palavra, percebe então como nunca a fugaz momentaneidade do presente e a construtiva e amarga distância que separa o Ideal do Sonho e o Real da Vida. Mas não esmorece ou desanima e sim crê, vive a ânsia de atingir esse Ideal, usando essa mesma palavra que limita seu pensamento e simboliza tão mal o seu profundo estado anímico, por não poder transmutar as frases frias que se volatilizam num símbolo mais significativo, mais profundo, mais produtivo talvez.

Aqui estando honrados pelo convite e agradecidos pela assistência, trazemos por obediência a quem de direito ordena, a árdua missão de oferecer palavras, feito lauréis a quem, na sua simplicidade admirável, pede apenas a afeição que se guarda no puro coração da criança e brada tornando seu o verso de Castro Alves: “eu não quero lauréis, quero as rosas da infância”.

Missão difícil esta de prestar homenagem, oferecendo desarmônicos sons a quem pede o silêncio profundo de um coração sincero ou apenas o riso alegre e ameno da infância, esse estado de alma que tem uma especialíssima tonalidade e não tem expressão na cromática dos sentimentos. Difícil, não porque deixemos nós de ter no coração rosas para ofertar. Ouvimos Chiacchio como Plotino a Amônio Saca. Aprendemos a amá-lo

² Conferência realizada no salão nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia por ocasião da inauguração do retrato do Prof. Dr. Carlos Chiacchio, no dia 28 de outubro de 1948.

como a criança o seu mestre de abc. Entretanto, é esse sentimento daqueles que, por intraduzíveis que são, não deveriam perder com o mundo exterior sua suavíssima tonalidade.

Melhor seria, pois, pelo respeito àquele a quem acreditou ter o coração da criança cintilações de estrelas e desprezou os lauréis dos homens, que nada fosse dito, que um minuto de silêncio fosse a grande compensação. Mas, na panritmia universal, não fogem às homenagens os que regeram orquestras porque o homem sente como necessidade insopitável essa eterna ânsia de dar forma àquilo que vive nebulosamente dentro de si, principalmente quando todo o seu psiquismo se colore e impressiona pela admiração, sentimento este que, maravilhoso na sua tonalidade ambivalente, suave e intenso, construtivo como base do amor e da amizade extraordinária, impulso da vida anímica, está a merecer uma apologia, uma análise psicológica, pois que encerra em si o impulso humano, forte e vivo de toda criação.

Já o Divino Platão, na sua gênese da filosofia, intuiu genialmente que é preciso no filosofar a admiração, como ponto de partida para a análise.

Entendeis, agora, talvez, vós que ouvis, de que material está feita a dinâmica espiral que aqui tão alto nos transportou. Feita dessa obediência que caracteriza os eternos discípulos, dessa afeição que seria digna de um coração infantil porque impregnada de uma sinceridade inexcedível e, mais forte que esses elos, a nossa admiração sempre crescente e, no presente, mais viva que ontem para com este que na pia batismal tomou o nome de *Carlos Chiacchio* e, na voz da juventude, foi chamado o mestre, o amigo, o esteta, o *doctor subtilis*, pela sua prosa eivada dos conceitos que se entrelaçavam envoltos em sutilíssimos juízos analítico-sintéticos. Se a justificativa da nossa presença parece cansativa e o justificar, uma trivialidade, esqueceis que

nos colocando neste momento ante o dever de silenciar, respeitando a vontade de quem homenageamos, e daquele outro de homenagear numa expressão de admiração e afeto, nos situamos de modo tal que merece a nossa atitude uma justificativa. Isto evidencia inegavelmente com que estranha emoção cumprimos o dever da homenagem, homenagem esta que pretendemos seja simplesmente a verdade sobre Carlos Chiacchio como nosso ilustre professor de Estética durante o ano de 1945, quando cursávamos o 3º ano do curso de Filosofia desta faculdade. Então, pela primeira vez na Bahia, estava programado o ensino sistemático e orgânico do difícil problema filosófico do belo, – que constitui o objeto desta difícil disciplina filosófica, que é a Estética.

O tratar da arte e da beleza surgia como uma perspectiva sedutora e o aproximar-se de Carlos Chiacchio a quem antevíamos uma dessas personalidades que nos fazem despertar da monotonia social de conhecer sempre o mesmo, assumiram uma proporção de real magnitude e de uma extraordinária significação.

Justamente por isso, naquela tarde de março de 1945, havia u’a emoção especial na espera do mestre de Estética a quem só conhecíamos através do que dele se dizia e do que dos outros dizia ele pela imprensa.

Esperávamos, pois, Carlos Chiacchio à luz mortiça do crepúsculo, quando ele entrou arrastando os pés, num andar lento, uma “esquisitice” que tivemos de fixar para entender que se tratava de alguém que tinha um doce olhar e uma voz mansa. À estética, à arte, ao belo, a esses conceitos que estavam dominando, associa-se o feio num imprevisto quase miraculoso.

E, então, por que não o sei, revi Sócrates redivivo.

Senti que estava realmente diante de um mestre, de um homem que não nos repetiria compêndios e nos diria da vida coisas surpreendentes. Esta verdade sentida soubemo-la mais tarde, quando o ouvíamos suave e maravilhoso, e sabemos mais do que antes neste momento diante do dever de analisá-lo ao rigor de um método para dele apresentar-vos uma imagem real, nova, clara e dinâmica, assumindo assim uma tal responsabilidade que nos assusta. É que Carlos Chiacchio, o crítico, o jornalista, o poeta, o esteta, o homem de letras mesmo, o mestre, que se senta no conforto de um sofá e discorre despreocupada e simplesmente temas de arte, literatura ou filosofia, todos conheceram, penetraram, e os que dele falam sentem-se forçados quase a repetir o que já é de todos sabido, o que a sua glória tornou popular.

Mas de Chiacchio o catedrático, o lente de um curso superior, que deve apresentar sistemática e organicamente os seus conhecimentos, dispondo de uma hora curta e traiçoeira, obedecendo a todas as formalidades que o cargo implica, vindo e chegando sob a pressão de ponteiros de relógio; deste Chiacchio é que vos tenho de falar sem que ninguém antes o tenha feito, e daí a responsabilidade. O tributo, aliás, por mim pago à grande honra de tê-lo ouvido como discípulo. É verdade que, em 17 de setembro deste ano, me chegou às mãos um jornalzinho publicado em Santo Antônio de Jesus, – o *Paládio* –, no qual se publica um artigo do dr. Alexandre Lopes Bittencourt, escrito com o entusiasmo feito de uma grande admiração, que se intitula: “Chiacchio, o mestre”. Como é natural, porém, trata-se do Chiacchio que sempre ensina através de sua palavra escrita ou falada, de seus versos ou de sua prosa, através das manifestações de seu espírito idealista e batalhador.

E se assim é, fica para nós a resposta a uma questão que a inata curiosidade humana de que já nos falava Sêneca, tece agora

nesse ar acadêmico. Foi Chiacchio, sentado à cátedra, tão insigne quanto o fora nas páginas da imprensa, tão humano, terno e suave quanto nas páginas da infância? Fora Chiacchio o ínclito mestre em quem depositou Isaias Alves sua confiança e de quem esperava a orientação segura que é mister possuir ao tocar as fimbrias de um horizonte como é o da arte, do belo e da estética? Fora Chiacchio o mestre de quem esperava toda a novel e então pouco famosa Faculdade de Filosofia, a profundidade de uma cultura especializada e não apenas a eloquência de uma vasta erudição? Fora aquele Chiacchio que herdara de um velho grego o hábito de desprezar sua aparência exterior, o mestre ideal? Mestre ideal o fora Sócrates, além de Platão, D. Bosco, Pestalozzi, Froebel, Kant em Konisberg? Quem o fora? E de que requisitos, qualidades, virtudes e compensações é feito o modelo, o protótipo, o mestre ideal?

Essa questão constituiu um problema para a pedagogia, passou pelo crisol dos estudos de Bonser, Schneider, Clapp, King, Kerschensteiner e outros. E se Katke, na sua ingênua fé nos princípios pedagógicos, promete fazer de qualquer indivíduo um mestre, Schneider, ao contrário, considera a vocação um fator considerável e procura, seja através dos exemplos da história e da análise do fato educativo, seja através das próprias e personalíssimas opiniões de alunos e educadores, o que significa uma pesquisa através de 3 métodos, o histórico, o dedutivo e o indutivo, na ânsia de fixar quais as qualidades que deve possuir um mestre ideal.

Analisou, pois, o problema séria e desassombradamente. Primeiro, pelo método histórico, e encontra D. Bosco o protótipo, o Ideal, o maior, o melhor. Sturn eleva a estes alcandores o Divino Platão. Spranger focaliza o gênio pedagógico de Sócrates, e vemos assim variar o conceito do verdadeiro mestre em função da filosofia dominante. Pelo método dedutivo, parte-se das

reflexões teóricas, do conceito de educação para a análise da personalidade do mestre. É um engenho que Dilthey lançou e que Kerschensteiner usa, estudando o professor em face das formas de vida de Spranger, para concluir que aquela deve ser necessariamente um tipo social, aquele que faz do amor ao próximo o eixo de sua vida espiritual. E arrisca uma definição de mestre: uma viva forma de vida do tipo básico social que, de pura inclinação, se sente apto para impulsionar e influir de maneira concreta, na medida em que lhe permita sua cultura particular, sobre a formação psíquica do homem incipiente, futuro veículo portador de valores absolutos e que encontra, na realização de sua vocação, a satisfação máxima.

É evidente. Faz-se necessário, como indispensável instrumento, o amor. Este conceito, entretanto, informa-nos Radici, mereceu de Max Scheler uma réplica: o verdadeiro desejo de perfeição supõe uma atitude pedagógica que faz necessariamente desaparecer o amor. E não só essa réplica sofre Kerschensteiner. Aloys Fischer declara: “o círculo vital do chamado tipo social é infinitamente mais extenso e rico que o do magistério”. E Schneider lança a sua crítica fria: “um autêntico representante do tipo social seria completamente inadequado à profissão de mestre, principalmente pela sua unilateralidade, o que implicaria o perigo da incapacidade prática como sucedeu a Pestalozzi”. Entretanto, ambos os métodos referidos necessitavam de uma complementação para que não se perdessem energias no arriscado e, por vezes, improdutivo terreno teórico.

Passou-se, então, à técnica dos inquéritos e questionários, fizeram-se as observações *in loco* para que se pudessem aquilatar as experiências pedagógicas. E alunos, pedagogos, diretores de escolas, psicólogos, homens interessados no fenômeno educativo foram consultados a respeito das qualidades do mestre ideal. Este

é o método indutivo, usado *a larga manu* nos Estados Unidos, na Europa, onde são conhecidas e assaz interessantes as experiências de Doring, Hyla, Bonser, Bar, King, Clap, entre outros, ora entre crianças, ora entre educadores, na ânsia de fixar o ideal. Entre nós, Backeuser realizou, na Capital federal, um interessante trabalho nesse sentido, desejando ir mais além daqueles que apenas catalogaram qualidades devidas a um bom mestre, baseando-se em suas próprias teorias. Dirigiu o seu inquérito a representantes das 6 estruturas psíquicas fundamentais de Spranger. Assim, foram consultados, na esfera econômica, o comerciante e o operário, na científica, o cientista e o estudante, e assim continuando.

Como resultado de todos estes estudos através de 3 métodos, apresentaram-nos em geral citações de qualidades as mais diversas, expostas sem nenhuma ordem lógica ou psicológica, dispostas de modo tal que numa está a outra compreendida. Assim, quem diz amor ao ensino, não diz alegria? Não implica o conceito de simpatia o de acessibilidade?

Schneider e Doring apresentam como essencial característica o caráter moral. Riboulet acentua a importância do olhar, enquanto Dupanloup vê na palavra do mestre o grande instrumento. Nas experiências de King, foram ressaltadas as seguintes qualidades: a imparcialidade, a serenidade, capacidade de explicar bem, espiritualidade, solidariedade, cortesia, amor ao ensino, dedicação, alegria, cultura geral, bondade.

E nas de Clapp, entre outras, ressaltaram-se: a vitabilidade, a reserva, a dignidade, a aparência pessoal, a acessibilidade, a sinceridade e o otimismo. Nos estudos de Bonser, temos o bom senso, a prudência, o entusiasmo, o magnetismo, a cooperação, a solicitude, a saúde, a liderança, o asseio, a fortaleza, a pontualidade, o espírito renovador, progressista, a eloquência e a simplicidade. E seguem-se as

enumerações de qualidades e virtudes, umas claramente implícitas nas outras se interdependendo. Backeuser apresenta-nos, porém, baseado na sua teoria fundamentada nas 5 formas de vida de Spranger, de que o bom mestre precisa estar dentro da estrutura estética (possuir o senso do belo, sensibilidade e viva fantasia), dentro da estrutura científica (possuir o senso da pesquisa), dentro da estrutura religiosa (o senso da simplicidade), da estrutura social (amor, abnegação, disposição), da estrutura econômica (execução dos resultados culturais com o mínimo de desperdício de energias), da estrutura política (ser guia), e também, fundamentado no resultado de suas pesquisas, arrisca uma definição do mestre ideal: é aquele indivíduo que, além de possuir conhecimentos técnicos, é dotado de qualidades acentuadas de liderança, bem como de características estruturais nítidas, tanto religiosas quanto científicas e sociais, não lhe faltando também certo número de predicados físicos favoráveis a todo homem. Isto, diz-nos Bacheuser, parece pedir a sociedade carioca.

Esse o modelo, o ápice, o sonho, a imagem que se delineia do mestre ideal. Carlos Chiacchio o fora? Guardou, na sua personalidade admirável, estes traços característicos? Até que ponto atingiu, na sua espiral da vida, o polo superior do ideal, e até que ponto se desenvolveu a sua energia tendencial da perfeição e a sua força divinatória do melhor? Será a resposta uma dedução vossa.

Era, como Fleury disse do grande Pean, de uma simpática fealdade. Sua fisionomia, vivificada pela ternura de um olhar eloquente e suave, emoldurada pelos cabelos enroscados que se uniam aos que lhe brotavam do pavilhão auricular tinha um quê de alegre e triste, de uma longínqua melancolia. O nariz socrático, os lábios caídos e as pálpebras pesadas se harmonizavam com a sua figura baixa, de peito largo e andar

lento, que traduzia o ar de abandono em que vivia, dando a impressão a quem dele ainda não ouvira a voz, de que aquela agilidade de sua pena, aquela dialética peculiar lhe eram comunicadas por algum poder mágico, como o *enteos* dominava os atenienses naqueles famosos templos eleusinos. A voz porém, quente, viva, entusiasta não vinha daquele corpo. Este era apenas o que se disse de alguém, um pretexto para uma alma viver na terra. Era uma voz possante e iluminada que na juventude, deveria dar à palavra a sua ajuia. Agora, porém, não sei por que inadequação labiodental, a dicção era defeituosa, e Platão, o Divino passara a ser Prató, o prosaico utensílio doméstico. Prató, a palavra, mas o entusiasmo com que o citava era tal que se irradiava e se expandia apressada e ilimitadamente.

Caracterizava-se o seu porte pela mais encantadora simplicidade, que mais parecia fruto de seu próprio temperamento que do desgosto que lhe havia impregnado o espírito. Suas atitudes, sem afetações, não eram porém serenas. Apaixonava-se por uma ideia, e a voz logo se alterava, os gestos se coloriam de urna tonalidade forte e viva. Mas de modo algum ostentava a presunção de um lente catedrático. Não afrontava com o seu talento. Era espontâneo, natural, sincero, era na cátedra o que era em casa, na ala, na rua e em toda parte. Sempre sentado, tendo diante de si fichas, feitas todas elas de papel almaço cortado pelo meio, produtos das mais sérias elucubrações que já tivera, mais parecia um ancião cansado que o mestre entusiasta que era. Suas mãos pesadas e feias, que decididamente moldadas o foram para as lides da pena, seguravam com pouca firmeza aqueles papéis cheios de garranchos indecifráveis quase, a olhos profanos. Aquele “traçado à-toa”, porém, indo e vindo, alto e baixo, era o valioso material preparado com o seu amor ao assunto sobre que versava e com aquela mesma dedicação que viu Sturn em Sócrates. Garranchos que nada tinham de estéticos, talvez por sempre lhe faltar também a moderna estilográfica.

Ainda, creio, escrevia molhando a pena no tinteiro. Mas, quando o fazia, por certo deixava nele um pouco de sua alma. A espiritualidade exigida no inquérito de King era visível nele. Era em tudo um ar de abandono a quem só importavam a ideia, o espírito, o sonho, o ideal, a vida do cérebro.

O corpo não era para ser cuidado e por isso mesmo merecia todo dia o mesmo fato. Uma vez, porém, quando Eça de Queiroz mereceu a homenagem do centenário, deu ele ao corpo a honra de um diferente envólucro. E por isto, por aquilo, por tudo isso, na sua maturidade pujante, guardava no físico um ar de velhice paternal, que expandia a inexcedível simpatia feita de encantamento e bondade.

De uma pontualidade, só comparável ao descambar do sol, nunca esperamos sem que a figura do mestre aparecesse. Surgia, invariável e prazenteiramente, às 5 e a nós, as crianças que ele encontrava esperando-o, chamava-as pelo nome, terna e repetidamente, como se buscasse em nossa juventude outra perdida, aquela de sua filha que a morte roubara, como se visse em nós, milagre de sua saudade, sua Rafaelina querida. Fosse por que fosse, a verdade é que parecia dedicar a nós, suas amadas discípulas, muito do carinho que a sorte o forçara a recalcar. E a nós paternalmente olhava para, num embalo, repetir nossos nomes.

A doçura exigida por Schneider se lhe estampava na fisionomia ao nosso convívio.

Com aquela simplicidade de que nos fala Clap, Bonser e Radici. não era com ar magistral que se dirigia à cátedra. Não se habituou nunca à formalidade rotineira de sentar-se distante de suas alunas. Queria-as próximas, sentadas na mesma mesa para acompanhar suas expressões fisionômicas, ansiando saber até que ponto aquelas crianças penetravam o seu pensamento. Compreenderam? Era uma palavra que se repetia em cada

parágrafo quase. Sorria, de voz em quando, do nosso espanto diante desse ignoto e maravilhoso país que se descortinava diante de nós através dele. Retomava logo, porém, seu ar sério e continuava a ler aqueles papéis que trazia num classificador preto. Não era, entretanto, cansativa essa leitura. Coloria-se pelas suas grandes pausas, quando procurava tecer considerações sobre o assunto.

Porque nunca pôde habituar-se às salas deste velho casarão, que, antigas, feias, com seus móveis usados, não eram de modo algum o panorama para seus descortinos estéticos, aproveitava as pausas para nos convidar a mudar de sala. Zombava, porém, de todas elas e por isso fomos certa vez, nesse percurso chiacchiano, até este salão nobre. Aqui, sentiu-se à vontade. Nunca suportou os gritos do dr. Machado que, então substituindo dr. Pondé, dava aos berros suas aulas de Política. Exasperava-se Chiacchio e gesticulava nervoso. Sua fisionomia tomava um ar zangado que a nós provocava um riso insopitável. E porque ríssemos, dizia: “Pois não tenho razão, não tenho razão? Fica esse gaiato a gritar e eu sem ao menos poder falar”. E mudávamos de sala. Nunca suportou ouvintes que lhe viessem perturbar o raciocínio, e porque certa vez entrasse dr. Raul Batista para ouvi-lo e como, a certa altura, discordasse do conceito de arte, parece-me, fez o mestre uma carranca ao sair seu colega e no seu tom peculiar observara: “Entende lá de sua literatura e vem para cá passar o tempo. Ora, ese Raul!”

E continuava, mas não sem esquecer o incidente e a resmungar: “Mas será que o Raul não tenha mesmo nada que fazer hoje?”

Era, entretanto, jovial e alegre. Gostava de encontrar os nossos jovens colegas de outros cursos para brincar e fazer comparações poéticas interessantes. Gostava, por exemplo, de falar em Pavlova e certa vez trouxe-nos dela a fotografia a ele

dedicada. Falava-nos com a saudade a florir na fisionomia, como se fossem aqueles longínquos dias os melhores da sua vida. A famosa Pavlova de quem dissera ser a magia no pleno domínio do indefinível, o sentido inteligente dos músculos, a harmonia em ação na ânsia eterna do azul.

A rigidez das fórmulas, dos princípios, dos decretos não se harmonizava com seu espírito livre, renovador e progressista. Rompia com laços que lhe impedissem o entusiasmo. Nos seus estudos, aliás, observa Bonser que, no inquérito feito entre administradores escolares, estas últimas qualidades referidas estão em nível muito baixo. É que com elas são os mestres incômodos aos administradores. A observação de Bonser teve uma confirmação.

Certa vez, era 8 de julho de uma tarde alegre e quente de 1945. Mas eu só percebia o que se passava comigo. Era o frio, a névoa, a angústia de me submeter à primeira prova parcial de Estética, que deveria realizar-se às 16 horas daquele dia, que seria marcante na minha vida sem que eu o pressentisse sequer. Deveria, em poucas horas, corresponder àquela dedicação, solicitude, que no mestre era bondade e amor. Às 16,30 fora sorteado o ponto e então, diante de mim, as questões.

“Fácil, fácil, tudo muito fácil” – encorajava, naquele seu jeito bondoso e suave de ser. Mas, na verdade, era o primeiro quesito de uma vastidão oceânica. Enunciava-se, simples e ironicamente, assim: Quais as definições de estética? Senti de chofre que eu estava diante da própria história do pensamento humano, que somente às 18,30, quando deveria entregar a prova segundo o prazo legal, estaria ultimando esse primeiro e imenso quesito.

Carlos Chiacchio passara durante dois longos meses a nos falar dessas várias e variadas definições. Certa vez, publicou, no seu semanal Rodapé, uma crítica às definições de Kant com

este título “Cento e uma definições de estética por diversos autores”. Mas o mestre estava, sem dúvida alguma, sendo muito modesto.

Havia ido além. Na sua conta, enganara-se ou não quis ostentar e assustar. Na verdade, porém, analisara as mais diversas definições desde as verticais e profundas, às horizontais, meramente explicativas. Parecia guardar em si a mesma ânsia de Unamuno (uma ciência da perfeição deve ser perfeita) e querer vivamente combater aquela desesperadora atitude de Gioberti diante da dificuldade de conceituar: a estética é uma ciência do *nescio quid*, do não sei quê. Assim, apresenta, expõe, analisa, dissecar, rebusca primeiro aquelas definições que a consideraram ciência do belo, depois aquelas outras que a veem ciência de arte, apresentando, num filosófico descortino, numa panorâmica visão através dos tempos, o conceito de arte e as concepções do belo. Mas, se supondes que era essa apresentação, um citar autores, que se tratava apenas de repetir conceitos, alijai de vós imediatamente essa impressão.

Era, por excelência, um crítico, um analista, um autêntico pesquisador e, mais do que isso, um espírito inovador, progressista e original. Assim, não só não nos repetia, naqueles fins de tarde, teorias de quem quer que fosse, Kant, Challaye ou Kulpe, Newman ou Cuyau, senão que a todos eles desassombradamente enfrentava e destruía, às vezes para erguer com a malha da sua inteligência pontos de vista próprios, originais e inegavelmente convincentes. Justamente por isso, não nos enfatiou nunca, não nos deixou jamais extenuados, apesar de sua vastíssima análise através da história. Inicia por fazer-nos, ora compreender o conceito de Challaye, Hegel, Valera, Veron e outros, de que é a estética, ciência do Belo na arte, que tem por objeto o vasto império do belo e seu domínio, ora passando a nos delinear com o seu próprio problema.

Rebusca, então, o pensamento estético que brota na Grécia quando a famosa tríade helenista pensou, no país do céu azul, sobre a sensação da arte, quando o belo é considerado, objetivamente, a coisa em si e definido o esplendor do verdadeiro. Neste instante histórico, Platão escreve *Hippias Maior* e o *Filebo*, identificando o Belo e o verdadeiro; Aristóteles, que foi, para Boutroux, o criador da estética, refere-se ao Belo como sendo ordem, medida, proporção e harmonia. E, no *Memorabilia* de Xenofonte, encontra-se o célebre trecho socrático em que o famoso grego, ao afirmar serem todas as coisas belas e boas enquanto se fizer bom uso delas, é interpelado pelo discípulo: “E é belo um canastro de esterco? Sim. Se apropriado ao seu fim, como um escudo de ouro é feio se não é apropriado ao seu”. Assim, concebendo o Belo objetivo identificado ao Bem, ao Bom e ao Verdadeiro, temos aquele ideal grego, o célebre *Kaloskagathos*.

Mais tarde, Plotino afirma ser o belo a forma impressa na matéria sujeita à unidade da forma e, na patrística, com o misticismo estético, é o Bem, Deus, a Suma Bondade, termo das aspirações do coração humano que, de beleza em beleza, vai à procura da Beleza Suprema.

E Chiacchio analisa o pensamento do grande Aquino – *Pulchrum respicit vim cognoscivam*; do metódico Descartes – *Pulchra dicuntur quae visa placent*; de Boileau – *N’est beau que de vrai* ; de Hobbes – *Pulchrum est id quod promittit bonum*; seguido por Darwin — *O belo é o útil à espécie, favorece a seleção natural, ajuda a luta pela vida*.

E sente o mestre, o prazer virgiliano.

Toma nossas mãos e apresenta Stendhal – *o belo é a promessa da felicidade*; Cousin – *é a unidade na variedade*; Belladín – *é o mistério das formas*; Challaye – *é a união íntima da harmonia e da expressão*. E agora Stern Kulpe, Lipp, Gross,

afirmando ser o belo, *uma livre afirmação da vida sentida na contemplação do mundo sensível*.

E no Brasil? Graça Aranha – *belo é o perpétuo equívoco entre os homens*.

Gritará Chiacchio como Gouthier, após esse vasto percurso, que o belo se compreende, mas não se define?

Não. Detém-se particularmente em Kant e tira suas conclusões.

O famoso alemão definira estética como a ciência de todos os princípios *a priori* da sensibilidade e fez a análise do Belo admitindo um juízo estético e estudando-o sob as mesmas categorias que estudara os outros juízos, isto é, sob o ponto de vista da qualidade, da quantidade, da modalidade e da relação; daí, respectivamente, as definições: belo é o objeto de uma satisfação desinteressada (uma reação aos utilitaristas), de uma satisfação universal (uma reação aos hedonistas), ou seja, belo é o que agrada sem interesse, o que agrada sem conceito, é a finalidade sem fim.

Chiacchio investe: um estado de alma desinteressado por essência é coisa que não se pode compreender jamais no ser vivo. E, se não estivéssemos sempre interessados, não haveria nenhuma arte possível. E apoia-se em Santayana para quem, ao sentimento da beleza, é indispensável um modo de estar interessado.

E continua – não é o intelecto do belo um conceito, e a dor não só é inspiração quando intelectualizada?

E tudo não tende a um fim?

E conclui: Não, belo é precisamente o que nos agrada não só com interesse, como ainda com conceito e sempre adequado a um fim. Belo é o que pode ser objetivado em arte.

Entretanto, pensava ainda não ter chegado a hora oportuna para apresentar a sua cuidada definição de estética.

Comenta a de Guyau, a de Schiller e, principalmente, a de Lalande e Newman para quem a estética é filosofia da arte. E sente, então, a ingente necessidade de nos envolver no problema da arte. E, diante de um palco, apresenta-nos: Baudelaire – *L'art tout n'est que beauté, lux, calme et volupté*, e Fouille – *Arte é uma forma de solidariedade humana entre os homens*; e Groce – *agora: É intuição; é um canto através de um temperamento*, diz Zola; *É louvor, adoração*, é Ruskin quem brada. E Keyserling – *É um fundo espiritual da realidade*; e Bergson — *É visão direta dessa realidade*; e Hegel — *É filosofia imaginativa*; e Delacroix ironicamente – *A arte não é; É – responde o mestre –, é a ciência do belo*.

A estética nem é a ciência das formas, nem da sensibilidade, nem é filosofia da arte, nem é só puramente a ciência do belo. É, e com que emoção o disse: *A estética é a ciência da arte em função da Beleza*. Eis a sua atitude para provar a Schiller irónico que a estética não era como ele o disse, a ciência das definições,

Neste descortino através da evolução da estética, que é sem dúvida, como afirma Gray, a própria evolução do pensamento humano, demonstrou Chiacchio que possuía um vivo interesse pela cadeira que lhe fota confiada.

Pois, naquela tarde, todos estes conceitos estavam girando numa espiral, constituindo minhas pobres ideias. Lia e relia aquele abismal e pelágico quesito porque tinha o dever de respeitar o prazo legal e aquele outro de não decepcionar quem tão longe fora nos seus estudos e que, por certo, gostaria de lhes ver os frutos. Iniciei: “Diante do mundo, expressão da beleza, o homem estático diante da harmonia universal, vendo em tudo

uma tendência divinatória do melhor, exclama fascinado: *aisthonomai* – eu sinto”.

Era eu essa pobre criatura estática diante dos vários conceitos, sentindo o perigo de afundar-me naquela perguntinha irônica – quais as definições da estética? Mas comecei a escrever apressada e vivamente enquanto o mestre andava, o que infelizmente acontecia também aos ponteiros do relógio. Com a ansiedade do crítico que era, mal acabara eu a primeira folha, ele apanhou e leu. Leu uma, duas, três folhas. Eram 19,30 horas, e ainda era sobre aquele primeiríssimo quesito que eu escrevia.

Há muito que da secretaria vinham os avisos — o prazo legal esgotara-se. Só conseguiam irritá-lo, porém: “Escreva, vamos escreva. Tenho eu lá nada a ver com prazos legais? Sim, podem ir embora, eu fico com a aluna? Como? Não é suficiente a minha pessoa? O jantar? E eu preciso lá de jantar?” Debalde eu quis terminar. Agora, porém, ele não era mais suave. Era imperativo: “Escreva, dizendo o que sabe, tudo que ensinei”. Fechou-se a secretaria. Sentia-me angustiada, colocada numa situação de choque. Teria o mestre de sozinho assumir a responsabilidade? Porém, mal podia pensar no assunto e a pena célere corria. “Escreva mais. A questão não pode ficar incompleta. Como? não vai escrever mais?”

Eu me sentia exausta, mas aquela ordem era imperiosa e me dominava a vontade, a inteligência e até os impulsos do coração, porque sabia que extramuros, ansiosa e enamoradamente, me esperava quem, se hoje sorri como esposo, naquela noite não o fazia. Mas aquele imperativo – Escreva – chiacchiano era uma ordem. Assim, exerceu-se o domínio até as 21 horas, quando terminara aquela prova que fora, depois, lida e relida pelo mestre, com a paciência que o amor ao ensino lhe doara. Rompera a formalidade e fora até onde a sua compreensão

o levou, prolongando um prazo a que outros obedecem rigorosamente.

Assim era. Certa vez, em que compreendera a angústia do coração de uma sua aluna que, em véspera da prova oral, perdera, arrebatado pela morte o ente do seu coração. o noivo amado, não lhe fez Chiacchio da banca examinadora pergunta alguma, dando-lhe uma meritória nota diante do seu *curriculum* escolar. Assim era entre nós. Não se prendia a liames, a preconceitos. a ridículos dispositivos legais, a tradições estáticas. Àquela inexcedível doçura, aliava-se uma sinceridade e franqueza admiráveis.

Se precisava dizer certas desagradáveis verdades, dizia-as às vistas, sentindo mais o pejo do ser hipócrita que de ser rude. “Você é um néscio” – berrou certa vez irritado, mas com que suavidade e ternura; Odete era Detinha, Leda era Ledinha, Dulce era Dulcinha.

Entretanto, meus senhores, o que nessa personalidade já por si original era maravilhoso, admirável, extraordinário era, sem dúvida, o seu espírito inovador, sua maneira de romper com o já dito e dizer, simples e convincentemente, tudo de novo, com uma originalíssima nomenclatura que embasbacava aqueles que, habituados à rotina que a tradição consagra, não podiam aceitar as inovações, os que avançam adiante, para o futuro, o indefinível, o infinito.

Não entendia bem Chiacchio, disseram-me certa vez. Realmente tinha razão de ser, assim para quem não conhecia todas as partes de sua teoria, como se visse apenas uma estranha peça de uma engrenagem que absolutamente desconhecia.

Com aquela elegante ousadia de que se servira para criticar Kant, com aquele mesmo desassombro com que ousara uma definição, renegando a tradicional divisão de estética em geral ou teórica, especial e histórica, criticando aquela outra de

Mário Filo, que considera a estética da impressão a que estuda o belo, e a da expressão a que estuda a obra de arte, opina ser a estética em verdade, dentro do seu tendencialismo, só uma, a estética tendencial.

Dentro, porém, do célebre triângulo ideia, forma e função, apresenta o mestre: a *estesilogia*, que é a estética intuicional ou especulativa, ou seja, o estudo das definições, das divisões, dos métodos, dos sistemas e dos expoentes históricos; a *estesioquia*, que é a estética formal ou especializada, estuda a arte, as categorias estéticas e seus paralelismos, assim, a arte e a Infância, e o Primitivo e o Louco e a Multidão, estudando também o belo, seus paralelismos e seus valores; por fim, a *estesiotipia*, que é o estudo do tendencialismo estético-social humanístico, do tradicionalismo dinâmico da criação organômica ou crítica organizada, da biocrítica e suas aplicações.

Infelizmente, passaram-se os meses depressa demais sem acompanharem Chiacchio na sua profundidade. Não chegou à estesiotipia, e isso foi, sem dúvida, uma infelicidade.

Não aceitou Chiacchio a existência de estéticas psicológicas, fisiológicas, metafísicas, históricas ou sociológicas. Um dia, lançou-nos a pergunta: pode-se dividir a estética segundo as ciências que a informam ou admitir essas ciências como simples métodos que a estudam? Pensava que nenhuma ciência foi como a estética tão cortejada, nenhuma recebera como ela tantos auxílios. E porque todas elas, estudando o belo, submeteram-no a suas leis, informam a própria estética. E se diz então: métodos anatômico, psicológico e psicanalítico. Usaram o 1º, Da Vinci e Rafael, no estudo da anatomia plástica; usaram o 2º, os subjetivistas alemães; o 3º, com Freud e Badoin, consiste mais no estudo do artista que na análise da criação artística, e considerou o inconsciente como fonte de arte, sublimação.

E ainda há outros métodos, como o psicopatológico, de Bronsard e Ingenieros, o biotipológico aplicado ao estudo morfogénico dos tipos mentais na arte, o histórico, o experimental, o etnográfico.

Na sua doçura, escreve Chiacchio: “Tantos métodos para urna só estética: Coitadinha!” E aceitando a biologia como sendo, de todas as ciências que informam a estética, a mais adequada a sua sistematização, apresenta o método biológico evolutivo como “o mais consentâneo à nova concepção unitária de estética”, sumariando tudo num plano de totalidade dinâmica do Belo, cujas raízes estão vinculadas à biologia do evolutivo do espírito.

Nesse método, que brilhantemente expõe na sua concepção tendencialista da estética, mostra Chiacchio, o seu profundo poder dialético e o seu incomparável espírito criador. Procura demonstrar que, se é a estética o descreve sucessivo das formas vividoiras e pretende a compreensão do mundo e dele apresentar uma solução expressiva, se é pois, assim, uma das manifestações vitais mais importantes, só a biologia, na investigação do drama evolutivo dos seres e das coisas em arte, como ciência da vida que é, pode ser seu fundamento: a estética é uma expressão de vida e uma função do dinamismo vital, logo não pode prescindir da ciência da vida. A obra artística é articulada à maneira de um ser. Tem sua origem e tende a um fim. É, pois, um organismo. E que é a estesia materializada? Cérebro, músculo, inervação, sensibilidade, excitabilidade, condutibilidade, nervos eferentes, aferentes, interferentes, enfim, a famosa tríade – Sensação – Percepção – Expressão, ou seja, dissociação, associação, integração, e, na esfera estética, arte, beleza, estética. A vida, ele a concebeu como uma tendência do Real para o ideal, a estética é expressão da vida e ambas, a vida e a estética, ou seja, a sua expressão mais forte e viva, só podem ser estudadas, analisadas, vistas sob o prisma amplo, imenso, que

é o da Biologia. Não é a atividade estética um movimento da euritmia vital por excelência? Então, deve a obra de arte ser estudada como um organismo que teleologicamente visa o melhor, o além, a superação.

Concebeu a vida como espiral indefinida e o espírito, que é o que verdadeiramente constitui a vida, uma espiral de aspirações transcendentes. Assim como, aos olhos de Copérnico, Kepler, Newton, tudo se reduziu a curvas de movimento universal e como ondulatória é a teoria da luz de Helmholtz, assim o mestre viu o mundo em ôndulas, em infinitas curvas, e aceitava a reta como o grau mínimo de uma curva imaginária.

Nessa espiral da vida, o homem como que obedece a uma lei. Assim como os corpos inorgânicos se atraem, se repulsam, se compensam nas sutilezas da polidez eletrostática no dizer chiacchiano, assim o homem parte do Real para o Ideal, sempre na ânsia de atingir além, o Indefinível, obedecendo a este impulso, a esta tendência a que ele chama Força Divinatória do Melhor, a energia tendencial da perfeição.

Nesse tendencialismo, o homem tende ao divino, como princípio e fim de toda curva biológica do ser. E porque era o mestre peripatético, no seu finalismo tudo tende a um fim. O fim do natural é a harmonia, como a dos corpos sidéreos; o do espiritual é o divino, como as criações de Beleza. Se o tendencialismo é, pois, um traço entre o humano e o divino, se a vida é tendência e, ainda, se a estética é expressão da vida, logo conclui-se que é a estética esse traço de união.

Baseado no princípio de que há uma escola tendencial da perfeição em todas as agrupações, bem, belo, bom, verdadeiro, supremo, divino, entreviu escalas entre o material e o imaterial, o físico e metafísico, o corporal e o espiritual, o humano e o divino.

É bem verdade que a física e a química não explicam a vida, por sua vez inexplicável pela física e pela química. O que há, continua o mestre, é uma tendência livre de si própria, que não exclui do corporal o espiritual, antes os encaminha, através de toda a história do homem, para um fim supremo universalmente procurado. Dai o nascimento das ciências das aspirações do melhor, e a mais específica de todas é a estética, que investiga o melhor das coisas e dos seres sob o signo do humano e do divino, pelo ritmo tendencial ascendente da beleza.

Apresentou urna classificação das Artes, divergindo nisso de Aristóteles, Spengier, Verlon e Challaye como sempre, mas construtivamente. Assim, classificou-as: artes quiroplásticas – aquelas da mão: arquitetura, pintura, escultura; artes ritmoplásticas – aquelas do movimento: dança, música e canto; artes gotoplásticas – aquelas do verbo: poesia, prosa, teatro, classificação esta baseada naquela tríade que ele cultuou, Ideia, Forma, Função. Classificou a arquitetura, a poesia e a música como artes de 1ª grandeza.

Dedicou várias aulas à estética brasileira e considerou-a em estado embrionário, aconselhando-nos a dirigir-nos não para as tradições estáticas improdutivas, mas para as dinâmicas e férteis fontes de inspiração. Condenou esta tendência de estetizar o Brasil matuto antes de ser mentalizado, e escreve: “O matuto brasileiro pode ser tipo original de uma obra de arte, enquanto focalizadas as qualidades que de qualquer forma o relacionem com o tipo ideal do brasileiro que seremos, aquelas qualidades essenciais do homem que já somos em tanta maneira modernamente. Estetizar portanto os seus costumes, a sua ignorância, os seus jogos de mau gosto, toda a sua cuspinhada psicológica dum viver recuado da civilização, não há de ser o bom caminho de renovar o pensamento e a arte do Brasil”.

Analisa, comenta, disseca à sua maneira a obra de Gonzaga Duque, João Ribeiro, Almáquio Diniz, Otávio Kelly, Augusto Magne, Pompeu Brasil. “O Baile das 4 artes”, de Mário Andrade, a “Pintura para sempre”, de Sérgio Mujiet, a “Arte no Vaticano”, de Rodrigues de Campos, a “Pintura na Bahia”, de Acácio França, a “Estética da Morte”, de Salomão Jorge, todas estas obras foram a nós apresentadas numa valorização do espírito nacional.

Nas suas belas e originalíssimas aulas sobre categorias estéticas, demonstrou, como nunca o fizera, as sutilezas da sua sensibilidade. Viu nas cores, nos sons, nas luzes que se correspondem na mesma unidade do sentimento universal do belo, os próprios sentimentos artísticos. Assim, se o trágico é o vermelho que espadana em sangue, é a vogal de Verlaine, é o agudo, as paixões, a intensidade, o belo é o azul dos astros, o sublime, é o ouro, o belo absoluto, o cômico é o amarelo, o grandioso é o verde gaio, e bonito é o gris pérola; feio é o roxo.

Acrescentou ao sublime matemático e dinâmico de Kant, o sublime estático, que são os vales, as montanhas, os desertos. Assim, há uma cromática dos sentimentos. Definiu o humor como a tangente entre a dor e a alegria.

Isso, senhores, um pouco do que transmitiu. Suas originais classificações ficaram em esboço. Não pôde terminar sua obra. Sonhou reuni-la num livro que se intitularia, talvez, *Estética*. Mas, para isso, bem o sei, precisaria de muitos anos. Toda vez que nos apresentava algo, vinha com o título de esboço e logo a emenda.

Lembro-me de que, em certa prova parcial, quando apenas 1 minuto restava antes do sorteio do ponto, pediu para refazer o esquema da sua divisão de estética!

E a vida, viu-a Chiacchio regida pelo ritmo trinitário. Deveras interessante o seu particular culto ao número três. Tinha o hábito de citar trindades. Assim: força, movimento, vida; potencial, cineal, tendencial, eis as 3 energias do famoso complexo cine-moto diretivo. Um aspecto genético do esteticismo também em tríades –primitivo, clássico, moderno; apolíneo, dionisíaco, fáustico.

Através dos tempos, estudando a continuidade tendencial estética, gostava de analisar os pensadores dispostos em tríades. Sócrates, Platão, Aristóteles; Plotino, Avicena, Averroes; Tomás, Agostinho, Duns Scotto; Descartes, Cacon, Spinoza; Leibntz, Wolf, Locke; Lessing, Goethe, Schiller; Croce, Bergson, Santayana.

Uma vez apresentou um quesito – quais as principais tríades de estetas através dos tempos? Assim, gostava de inquirir Chiacchio, de modo que o aluno fosse obrigado a escrever até o indefinível. Desta vez, eu já havia comentado 20 tríades, ou seja, 60 opiniões sobre arte, beleza e estética, e concluí cansada: é só. As tríades, quando sucessivas, lembram Plotino que por elas quis chegar a Deus. Fiquemos na terra.

Apresentou-nos a gênese histórica dos sistemas de arte na forma de uma árvore esquemática cosmogênica assim disposta: Antiguidade Oriental (arte egípcia, caldeia, semita, hebraica, persa, indo-europeia); Antiguidade Ocidental (megálica, pelágica, fenícia, dórica, jônica, coríntia, confluindo na arte grega). E ascendentemente – arte etrusca, romana, greco-romana, alexandrina, arábica, cristã, românica, bizantina, gótica renascentista, jesuítica, nacionalista, impressionista, modernista. Mas, em todas essas apresentações, dava Carlos Chiacchio a maravilha da sua vivacidade.

Ninguém mais sentiu em si como ele aquela famosa e sempre citada energia tendencial da perfeição. Tendência, ele a

concebeu como exteriorização do sentido, que tem raízes profundamente mergulhadas na vontade de ser o ser o que tem de ser. Força maravilhosa e inexplicável que se revela como uma linha entre o divino e o humano através da natureza, ligando o real ao ideal e que num círculo parte de onde chega e chega aonde parte. Tendência, força das forças. A vida é tendência clara do homem a sua obra.

Com esses voos, erguia-se o condor que era em busca do Ideal. Quem não o ouviu, perdeu a oportunidade de entendê-lo. Quem não o entendeu é que não soube ouvi-lo.

Quem mais sincero aliou à sua franqueza uma inegualável doçura? Quem mais jovial e apaixonado pela juventude o fora? Quem com mais amor de nós se aproximou como mestre? Cortez, franco, dinâmico, demonstrando nos seus descortinos u'a vasta cultura geral e uma pesquisa cada vez mais profunda no terreno da arte, ele, Carlos Chiacchio, se não foi dos meus mestres o melhor, foi, sem dúvida, o maior.

Criou uma terminologia específica, nova, original, o que obrigava, antes da discussão, o estudo dos termos. Por isso mesmo mal compreendido nos seus sonhos e ideais, porque, da mediocridade, do comum, do terreno, ele queria tornar sublime original e celeste. Este Carlos Chiacchio, assim o era. Fora o mestre ideal? A resposta porventura não já tivestes? Se não dissemos tudo, acreditais, foi pelo pudor de ultrapassar limites. O que nos falta dizer pertence ao que nele foi admirável, a doçura, a suavidade, a ternura feminina numa tão forte e viva personalidade. Esses os homens completos, os sentimentais, esses que, possuindo do masculino toda a potencial energia, têm do feminino toda a poderosa docilidade.

Mestre, a eles falei de vós. E a vós, que direi deles? Se poucos não vos puderam compreender por essa distância que, às vezes, inexplicavelmente se interpõe entre as criaturas, se alguns não vos amaram, porque não privaram convosco do quotidiano convívio, muitos os que vos leram admirados, compreenderam-vos a obra, acompanhavam-vos a trajetória para o indefinível. Esses aqui estão, lamentando tão cedo tivesse findado a curva biológica, e por isso mesmo desejando materializar vossa presença.

Se a Tirésias concedeu Júpiter uma existência 7 vezes maior que a dos outros homens, a vós, mestre, vosso talento e nossa dedicação concedem uma existência eterna, esta que é tão própria àqueles para quem “a morte não foi morte, foi Tabor”.

Conseguistes chegar até de onde partistes pelo tendencialismo do humano ao divino através da natureza. Na eurritmia universal, continuais rolando, como vós mesmo o dissestes, ao ritmo tendencial de infinitas curvas.

Perdoai a palavra feia e atentai na viva emoção destes versos:

Não, Chiacchio, por certo não morreste
Pela voz daqueles que te ouviram
Hão de saber na terra em que viveste
Que novas sendas tuas mãos abriram

Com o sofrimento e sonho escreveste
Obras de arte que teus olhos viram
É a essência daquilo que tu creste
A estética, a arte e o Belo resumiram

Pela Espiral da vida que traçaste
Partindo do Real tu alcançaste
O Ideal, o Sonho, o Indefinível

A morte não foi morte foi Tabor
Permanecendo assim indestrutível
A vida que tiveste e o nosso amor

DISCURSO DE AGRADECIMENTO PELA OUTORGA DO “PRÊMIO BAKER” DA FUNDAÇÃO 2 DE JULHO

Leda Jesuino

Heidegger, ao completar 80 anos, no momento em que recebe uma homenagem, declara enfaticamente que o agradecimento está sempre aquém do agradecido, que não consegue nunca seu agradecimento na proporção de seu sentimento de gratidão.

Sinto-me como Heidegger. Impossibilitada de encontrar palavras que sejam aquelas realmente adequadas para registrar a emoção de um agradecimento especial e singular em face de uma premiação inusitada, e acredito inovadora, no âmbito educacional de nossa cidade. Sinto-me agraciada, não só pela Fundação 2 de Julho, a qual esteve sempre presente na minha vida, da infância à maturidade, da maturidade até então, aos 86 anos; mas também me sinto efusivamente envolvida nas imagens de Mr. P. Baker e de Irene Baker que, em face das circunstâncias da minha vida, representaram meus pais espirituais, afetivos e educacionais.

Sinto-me prestigiada por ser distinguida pela Fundação 2 de Julho para receber o “Prêmio Baker”, não por méritos profissionais e, sim, pelo profundo laço de amor e gratidão que sempre procuro traduzir em ações em favor desta instituição, sempre engastada como uma joia na minha vida. Sim, como aquela joia de família que se guarda em cofre de veludo até a morte.

O fio da minha vida pessoal e profissional foi tecido nesta instituição e, se ele é forte, capaz de suportar a carga pesada

que a vida profissional e a particular lhe têm colocado, é porque foi tecido com a competência de mestres e a amorosidade de homens e mulheres extraordinariamente devotados a “fiar” no complexo tear da educação no Brasil.

Mais do que agradecidos, creio que estamos todos os agraciados convictos de que fomos premiados com a profunda convicção de que recebemos, no Colégio 2 de Julho, o que foi necessário para estarmos aqui hoje, agora e sempre.

PROFESSOR CÍCERO PESSOA PERDA NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Leda Jesuino

A Academia Baiana de Educação, neste período do ano, tem sofrido significativas perdas. Acadêmicos ilustres partiram, deixando lacunas relevantes no cenário educacional da Bahia: Joselice Macedo de Barreiro, Milton Rabelo e, mais recentemente, o colega e amigo professor Cícero Pessoa, todos participantes dos trabalhos desenvolvidos na Academia.

Cícero Pessoa foi um daqueles jovens que disseram “presente” ao apelo de Isaías Alves, no seu afã de fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Matriculou-se logo após o início dos seus cursos. Escolheu o curso de Ciências Sociais e foi colega de Raymundo Schawn. Apenas os dois conseguiram passar na rigorosa seleção para a Faculdade. Destacou-se pela sua postura de estudante consciencioso da importância de ser um pioneiro no âmbito da educação, numa época em que os professores do então curso ginásial e colegial eram os advogados, os engenheiros, os dentistas e os médicos. Ser licenciado era uma nova condição, tarefa árdua para enfrentar, quando a credibilidade era frágil e diminuta.

Naquela década de 40, Cícero preparava-se para ensinar sociologia nos cursos dos estabelecimentos públicos e particulares de Salvador. Sabia que iria encontrar dificuldades, mas foi sempre o colega tranquilo, colaborador, pronto para realizar as tarefas que o grupo solicitava, confiante no papel a ser desempenhado pelos novos e desconhecidos licenciados pela Faculdade de Filosofia, ainda ignorada pelo mundo acadêmico da época onde, aliás, poucas mulheres penetravam.

Cícero era dos que participavam ativamente para esclarecer os que duvidavam daquela empolgação do professor Isaías, que continuava a proferir seus longos e eruditos discursos. Liderados pela professora Gina Magnavita, ainda bem jovem e solteira, apresentamos, no então Teatro Guarany (hoje Espaço Cultural Glauber Rocha), a célebre peça de Molière, *O Avarento*. Cícero representou o papel principal do Harpagon, o Avarento, e foi uma noite de glória para a novel Faculdade de Filosofia. Em torno de Cícero, seus colegas sempre se sentiam confiantes pela serenidade com que enfrentava os conflitos do nosso cotidiano viver.

Leve, discreto, solidário, presente e disponível, nosso caro colega se tornou o professor que todos conheciam em face de sua atuação no Colégio Antônio Vieira, no Colégio Anchieta e em outros estabelecimentos educacionais do ensino público e privado por onde passou, deixando marcas inesquecíveis. Na Academia, não apenas passou, ficou para sempre.

**SAUDAÇÃO À PROFESSORA THETIS NUNES PELA
CONCESSÃO DO TÍTULO DE MEMBRO
CORRESPONDENTE DA ACADEMIA
BAIANA DE EDUCAÇÃO**

Leda Jesuíno

JÁ VAI LONGE NO TEMPO...

Já vai longe no tempo. Foi na década de 40, quase no meio do século passado, que Isaías Alves iniciou um movimento cultural que abalou um pouco nosso meio acadêmico. As controvérsias, as polêmicas pulularam em torno da conveniência e, sobretudo, sobre a viabilidade de se instalar, em Salvador, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para, nos moldes da Faculdade de Filosofia de São Paulo, formar **licenciados**.

O termo não era comum. Não havia muita clareza sobre qual era realmente o quefazer profissional destes licenciados. Na realidade, o ensino fundamental, naquele tempo ginásial e colegial, estava repleto de professores que eram engenheiros, médicos, advogados, que lecionavam Matemática, Desenho, Biologia, Geografia e História, Ciências, Latim, Inglês, Francês e Português.

Acredito que muitos de nós aqui voltarão no tempo para lembrar as inesquecíveis imagens de Armando Costa, Tenório de Albuquerque, Tobias Neto, Eloynaldo Chagas de Oliveira, Cristiano Muller, Basílio Catalá, Moura Bastos, Nelson Barros, os Bakers, e tantos outros ilustres mestres cujos ensinamentos marcaram muitas vidas.

Isaías Alves, naquele momento histórico, desejava nuclear professores especializados nas áreas do saber. Desejava biólogos e físicos, e não médicos e engenheiros ensinando

Biologia, Física, Matemática, Desenho e Química. Queria licenciados em Ciências Sociais e Geografia e História, ensinando Sociologia, Filosofia, Geografia e História e não advogados e bacharéis em Direito; licenciados em Línguas e não padres, sacerdotes, ensinando Grego, Latim, Português e Língua estrangeira.

O sonho era mais abrangente: atingia o âmbito científico, filosófico, cultural. A Faculdade deveria, ao longo do tempo, produzir conhecimentos, nuclear saberes e desempenhar significativo papel no meio cultural.

Em 1942, foi anunciado o vestibular e, um ano depois, 80 jovens se candidataram, não medindo talvez a responsabilidade que sobre seus ombros estaria pensando. Neste grupo de 80 jovens, estava uma jovem sergipana, falante, sempre com um sotaque típico de sua terra natal, de corpo magro, biótipo franzino e que se definiu pela licenciatura em Geografia e História que, naquela época, era única. Thetis era o seu nome e entrava naquele prédio, sede da Faculdade de Filosofia, com o anseio de aprender e desejo firme de atuar, estando decidida a vencer.

Foram 80 os candidatos, mas apenas 40 os que galgaram a aprovação. Dos 40, 3 ingressaram em Filosofia, 3 em Matemática e o maior número para Geografia e História. Maria Thetis estava entre estes futuros professores de História. Ela foi além. Conseguiu realizar o sonho de Isaías Alves. Tornou-se historiadora e desempenhou, na área educacional, papel relevante.

Convivi com Thetis os quatros anos de Faculdade, de 1943 a 1947, e pude vivenciar o quanto foi participativa e presente em todas as angústias e glória da nossa inesquecível Faculdade de Filosofia. Tornou-se amiga íntima de Lavínia Machado, sua colega, de brilhante inteligência, a serviço depois da diplomacia brasileira, e que foi oradora da turma.

Estudiosa e pesquisadora, Thetis foi sempre aluna diletta de Wanderley Pinho, Jorge Calmon e Carlos Ott, que detectaram bem os seus talentos. Na sua trajetória profissional, ocupando cargos na área de educação, teve seu desempenho reconhecido no Brasil e no exterior.

A Academia Baiana de Educação, ao conceder-lhe o título de Membro Correspondente, por proposta nossa, sente-se honrada em poder — ao reconhecer os seus méritos — contar com a sua colaboração.

É, sem dúvida, uma honra, para esta Academia de Educação, poder proclamar que, entre nós, está Maria Thetis Nunes.

DENISE TAVARES — A FADA MADRINHA UM SER DE AMOR, UMA EDUCADORA DENTRO DOS PARÂMETROS ATUAIS

Leda Jesuino

É relativamente fácil estar no mundo. Muitos de nós que aqui estamos, vivenciamos, de certo modo, este estar num mundo colorido pela natureza, envolvidos por um céu quase sempre azul, de nuvens brancas e um mar de vários matizes.

No entanto é muito difícil realizar neste mundo a tarefa se SER. Edgar Faure escreveu um livro célebre, *Apprendre à Être* (*Aprender a Ser*), e Morin coloca esta obra como uma das colunas mestras da Educação no Século XXI.

Denise Tavares conseguiu SER. Durante todo o tempo que por aqui passou, demonstrou SER um “Ser de Amor”, uma educadora dentro dos parâmetros atuais.

Sobre o que realizou como bibliotecária atuante e proativa, creio que muito já foi dito.

Quanto, porém, ela foi como luminosa criatura biopsicossocioespiritual, ainda há e haverá sempre mais o que dizer, o que acrescentar, o que pontuar.

Não muitos tiveram, como eu, o privilégio de conviver com aquela Denise suave, meiga, amorosa e conflitada.

Considero uma bênção ter podido sentir Denise. Poder interagir com ela, sempre com uma linguagem coloquial. Apreciar a sua espontaneidade, a riqueza da sua imaginação fértil, que a tornava criativa e sedutora. Poder ser envolvida pela sua extrema confiança de amiga e atingir o âmago da sua alma, do seu ser luminoso. Em momentos altamente confidenciais, estar

com ela significou sempre para mim um ritual especial e extremamente gratificante.

Encontrávamo-nos muito frequentemente, pois éramos vizinhas. Morávamos, naquelas décadas de 60 e 70, em Amaralina, usufruindo ainda das ruas não asfaltadas, de crianças andando livremente de bicicleta, de vendedores de frutas mercando na porta, vizinhos se encontrando nos tranquilos banhos de mar, no tempo em que Amaralina e Pituba eram veraneios apreciados. Denise Tavares prestigiava o bairro com a sua presença forte, vibrante, encantadoramente graciosa e sempre presente. Sua casa, bem em frente ao mar, era pequena e acolhedora e ficava na Avenida Getúlio Vargas, bem perto do famoso “fim de linha de Amaralina” onde, alguns anos depois, se instalaram as baianas de acarajé. Denise circulava no bairro, célere e brejeira, acompanhada de livros. Ela e a literatura constituíram sempre um binômio magistral. Dedicou-se à criança que havia dentro dela e às crianças da sua terra que a circundavam. Oferecer a elas a insuperável riqueza do mundo infantil através do livro foi a sua missão, a sua tarefa precípua, o seu *DARMA*. E o seu desempenho foi extraordinário! A Biblioteca foi o seu lar verdadeiro, enriquecida pelo amor de todas as crianças, pela beleza daqueles livros que a seduziam e lhe davam força para prosseguir na luta para fazer da Monteiro Lobato uma biblioteca de verdade, uma obra que engrandece Salvador, e sua vida foi dedicada ao ideal de SER. Abdicou, para isso, de ter para Ser: ser o que seu coração pedia que fosse, para SER, no mundo, mais do que alguém que está inserido num contexto; para SER aquela pessoa que pode SER exemplo, que percebeu além dos sentidos e penetrou no âmago do visível para alcançar dimensões mais elevadas do invisível.

Vinte e quatro horas antes da sua partida, estive com ela no hospital. Estava viva e visivelmente forte. Pediu um alimento

e conversou comigo. Última confiança. Sabia que era, talvez, a última. E foi...

Denise está, neste momento em que o livro é considerado o melhor presente para a criança, representando a força motriz de uma educação para um novo século de muitos desafios, de problemáticas convulsões sociais, de conflitos psicossociais e antropológicos.

O Livro e a Internet funcionarão para passar agora os novos paradigmas.

A imagem e a letra são poderosas forças propulsoras de uma educação que precisa cumprir as novas imposições categóricas dos tempos que estão vindo e dos que virão; tempos complexos, quando a globalização horizontaliza os contatos e faz permear valores com inacreditável rapidez.

COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DA UEFS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Leda Jesuino³

Quero e devo agradecer a Jesus a oportunidade prazerosa de estar, aqui, nesta Universidade que de há muito conheço.

Costumava vir aqui, quando toda esta grandiosidade era apenas um núcleo empreendedor. Vários professores da UFBA costumavam vir, como Joselice Macedo, Zahidé Machado Netto e muitos outros, para dar as suas valiosas contribuições.

Sinto-me incapaz de substituir o professor Divaldo Franco, mas me considero privilegiada pela consideração e pelo convite do professor Raymundo Lopes, e a aceitação do Magnífico Reitor Dr. Onofre Boavista da Cunha de Oliveira e da professora Évila de Oliveira Reis Santana.

É com profunda alegria que encontro aqui o querido amigo professor Josué Mello e é com admiração que recordo outros baluartes desta Universidade: Nunes Marques, Geraldo leite e Edivaldo Boaventura.

Sem a costumeira obediência à hierarquia acadêmica, neste ambiente profundamente hierático, dentro da visão holográfica do mundo contemporâneo, consideramos os aqui presentes – do Magnífico Reitor ao modesto funcionário – um todo único e indivisível, irmanados em momento tão significativo

³ Pronunciamento em 31 de maio de 2006.

num dos sentimentos mais nobres do coração humano: a gratidão ao Grande Senhor do Universo por ter concedido, a Feira de Santana, a dádiva de ver instalada e em pleno funcionamento a sua querida Universidade, que atinge, com dignidade e constante progresso, sua maturidade consciente.

Aos cidadãos de Feira de Santana, o nosso louvor, agradecendo a oportunidade de lhes poder trazer as desculpas pela ausência de Divaldo Franco e o nosso anseio de levar a seus corações o que ele considera como perda por não poder estar aqui hoje, compartilhando este momento com sua querida terra natal, por se encontrar em missão na Europa.

Saber e Cidadania são temas recorrentes nos meios acadêmicos da atualidade. A Universidade tem o papel de formar a “Cidadania desenvolvendo a inquietude do Ser social”, no dizer de Jacques Marcovitch, “esperando que cada jovem que integra a Universidade se torne, para o meio onde vive, uma fonte de energia para as transformações históricas”⁴.

A busca do Conhecimento é um dos mais nobres valores humanos porque, elevando o indivíduo, torna-o agente transformador da realidade. E, pelo Saber, ganha a força necessária para melhorar o mundo.

Exercendo o Saber e a Cidadania, a UEFS, não apenas via grade curricular mas também dentro de uma filosofia pluralista que prioriza as ações da modernidade e não simplesmente de modernização (que são bem diferentes), está evoluindo e desenvolvendo valores. Segundo Raymundo Faoro, a

⁴ Marcovitch, Jacques. A Universidade impossível. São Paulo: Futura, 1998. p.23.

modernização acumula, soma e progride, e a modernidade atualiza, aperfeiçoa e desenvolve.

É, sem dúvida, dentro da axiologia que uma universidade se engrandece, definindo seus valores com um eixo longitudinal traçado: aquele que leva o seu corpo docente e discente não só ao pluralismo, ao universalismo, à excelência, mas – e principalmente – à solidariedade, à ética e, acima de tudo, à espiritualidade consciente, que deverá encaminhar o cidadão, já tendo logrado o Saber, à busca da Sabedoria e da sua Felicidade. Na Universidade, a livre circulação de ideias é a sua razão de Ser, e a Sabedoria deve ser exercitada no convívio harmonioso de ideais diversificados. Este exercício é, sem dúvida, o fruto amadurecido da consciência de valores espirituais que – se manifestados como pilares das ações universitárias – levarão sempre o seu corpo acadêmico à produtividade e a um relacionamento equilibrado, multidisciplinar e, talvez, transdisciplinar.

A Universidade recebe, no seu seio acolhedor, seres bio-psico-sócio-espirituais, aceitando, como é o caso da UEFS, um posicionamento filosófico, que é o idealismo monista, compatível com a física quântica, segundo Amit Goswan – professor titular desta matéria, “um dos mais importantes físicos da atualidade, que penetrou fundo na espiritualidade humana”⁵ –, tentando sempre construir a ponte entre **Ciência e Religião**.

Se assim é, uma Universidade espiritual e cristã precisa atentar, com mais afinco, para a dimensão espiritual dos seus alunos, professores, técnicos e funcionários, como um todo harmonioso que visa a nobre meta de educar para a Sabedoria e a

⁵ Apud MARCOVITCH, op. cit., p.54.

Felicidade, que transcendem, aliás, o Saber e a Cidadania. A integração entre Filosofia e Espiritualidade, que pavimenta a estrada do Grande Encontro entre Ciência e Religião, clarifica a visão acadêmica, que poderá aceitá-lo sem arriscar os seus princípios de excelência, universalismo, ética e solidariedade.

Neste momento academicamente tão expressivo, a UEFS, genuflexa aos pés de Deus, apresenta-se revestida do Amor a Jesus – o Amigo Incondicional de nossas vidas, como o nomeia Divaldo Franco –, para demonstrar o quanto Allan Kardec, seguindo o grande Pestalozzi em Iverdun, assegurava o que até hoje se repete – numa atitude de dúvida, suspender o juízo, até que se obtenham as provas necessárias para lançar assertivas como verdades. Mais adiante, expressa sua humildade científica, que deve ser pilar na educação universitária: “Que ciência não tem ainda fatos misteriosos e inexplicáveis? Portanto confessamos, sem nenhuma vergonha, nossa insuficiência em relação a todos os pontos aos quais não temos condições de responder”⁶.

De mãos postas, em silêncio, a nossa oração pelo engrandecimento cada vez maior da UEFS e os nossos parabéns aos seus dirigentes, professores, funcionários e alunos, na certeza de que unidos contribuirão para o crescimento desta Instituição:

Contam que, uma vez, numa carpintaria, realizou-se uma estranha assembleia. Foi uma reunião de ferramentas, para acertar suas diferenças.

⁶ Apud GUIOT, Alain; GUIOT, Gisèle. *A verdade revelada por Allan Kardec*. São Paulo: Madras, 1999. p.24.

O martelo assumiu a presidência, mas os participantes não permitiram, dizendo que ele teria de renunciar. A causa? Fazia demasiado barulho e, além do mais, passava todo o tempo golpeando. O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, alegando que ele dava muitas voltas para conseguir algo.

Diante do ataque, o parafuso concordou, mas, por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Reclamava que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos.

A lixa aceitou a decisão, mas sugeriu que teriam de expulsar o metro, que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fosse o único perfeito.

Nesse momento, entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica madeira se converteu em fino móvel.

Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembleia reativou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse: “Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com as nossas qualidades, com os nossos pontos fortes”.

A assembleia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era

especial para lixar e afinar as asperezas, e o metro era preciso e exato. Viram-se, então, como uma equipe, capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram alegria pela oportunidade de trabalhar juntos.

Aos martelos, às lixas, aos parafusos, aos metros da UEFS, somos todos muito agradecidos, uns aos outros, e, principalmente, ao nosso Pai Supremo.

VALORES E CONTEMPORANEIDADE

Leda Jesuíno dos Santos

"O mundo hoje é, a muitos respeito, um terreno tecnológico estéril – não porque a ciência e a tecnologia ou o método científico sejam maus, mas porque nada podem dizer-nos a respeito de valores ou do significado da vida ou do que é realmente agir como um ser humano" (Theodor Hesburgh, Presidente da Universidade Notre Dame da Academia Americana de Artes e Ciências)

Na sua contundente crítica à educação eminentemente tecnológica do mundo contemporâneo, os humanistas que se reuniram numa Comissão de Humanidades presidida pelo Reitor da Universidade de Stanford, na década de 80, chegaram a conclusões relevantes: sem o senso de valor, o mundo se transforma num terreno tecnológico estéril; impossível se falar de tudo que realmente importa na vida humana, em proposições verificáveis cientificamente ou analíticas.

É um ex-presidente da Fundação Rockefeller que afirma: "Nada é mais difícil de ensinar do que valores ou a capacidade de avaliar, num mundo cada vez mais incapaz de adotar um senso cada vez mais forte de propósito e prioridades morais, num mundo destituído de ambos. Todos os envolvidos em educação devem lembrar-se de que, na área de valores, ensinam muito mais pelo que são e pelo que fazem do que pelo que escrevem ou dizem.

Os estudantes têm um radar altamente desenvolvido que separa com rapidez o sincero do falso, a convicção da pose. A honestidade intelectual, a rigorosa consideração pela evidência, a busca árdua e inflexível da verdade no meio do erro, a mente

aberta às ideias novas – até mesmo e talvez especialmente as dos estudantes, todas essas preocupações contêm valores, quer se lecionem matemática, termodinâmica ou direito

Se o futuro da educação é ditado pela mais profunda necessidade da nossa era, que é dar significação e propósito e rumo à sociedade e ao homem, redescobrir o significado da vida e dar uma visão que transcenda o poder, o dinheiro e o prazer; se assim é, nada mais importante do que a compreensão de que chegou a hora da mudança, e nada mais eficaz para a transformação do que ir em busca da axiologia e dar a devida importância à educação dos valores ..

É quando o educador se debruça sobre o estudo dos valores e se depara com afirmações de estudiosos.

Sempre foi difícil ensinar valores ou que o conceito de valor não pode ser rigorosamente definido, tudo o que se pode fazer é tentar uma clarificação do seu conteúdo.

No entanto, a sua importância fica cada vez mais evidente no panorama sociocultural do mundo de hoje, quando se pretende, em busca da paz e da solidariedade, transmitir os valores dominantes – poder, prazer riqueza – em valores que possam conduzir o homem a um mundo que não seja dividido por enormes hiatos entre poucos ricos e muitos pobres, poucos bacharéis em Filosofia e muitos analfabetos, pouco superalimentados e muitos famintos, poucos esperançosos e muitos desesperados. Um mundo onde se questione o sentido da vida e onde o homem tenha consciência de que está no mundo para ser feliz.

E se assim é, é preciso que se estruture tudo, tendo por base valores que lhe sirvam de potentes faróis.

Na pesquisa feita pela Associação Americana Católica de Psicologia, para identificar quais valores devem ser mais considerados para a educação americana, os mais presentes têm

relação com o "eu" ou a personalidade: Confiança, Integridade, Responsabilidade, Sentido da vida. Em relação a "eu com os outros": Altruísmo, Humildade, Caridade; Amor; Liberdade; Felicidade. Depois vêm os valores estéticos e religiosos.

A importância dos valores na contemporaneidade deve ser assunto prioritário na pauta dos educadores.

Pessoalmente, acredito que o que se está chamando "inversão de valores" deve ser abordado pelo educador toda vez que lhe for possível no decorrer do ensino da sua disciplina. E, então, demonstrar a importância do valor na conduta humana e que os valores constituem a sua filosofia de vida e, conseqüentemente, a sua conduta cotidiana, o seu *modus vivendi*. Pelo caminho dos valores, pode-se chegar às metas que os próprios valores de cada qual traçaram.

RESPONSABILIDADE MATERNA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO⁷

Leda Jesuino

Este é um tema complexo, que se insere em um outro de igual problemática: o da mulher no mundo contemporâneo.

Imbricados um no outro, esses assuntos-problemas são recorrentes e têm merecido atenção e estudos dos cientistas sociais, sem que se apresentem, até então, soluções práticas e viáveis.

O contexto em que a mulher atua no mundo caótico em que vivemos, tem de ser levado em conta quando se precisa analisar o seu papel de mãe, entre os vários outros que desempenha.

Quando se considera a Educação como pretensiosa solução para relevantes problemas sociais, como se fosse possível imputar a ela toda culpa de um sistema cruel, sobretudo para a mulher, a maternidade responsável assume um papel preponderante num contexto extremamente complexo.

Na esfera intelectual, diz-se que "a Verdade é uma dama esquiva que se esconde num poço extremamente fundo". Vamos até o poço encontrar a Verdade da mulher. É apenas uma conversa amena, como pede o ambiente, mas extremamente verdadeira.

A educação da mulher sofreu grandes transformações ao longo do tempo. Foi educada, no início do século passado, para ser dona de casa e mãe. Na realidade, nos colégios religiosos, onde a coeducação não se realizava, a menina era conduzida

⁷ Texto apresentado no XVI SEMF A – Seminário da Família: a ética para a educação de meu filho. Salvador, Colégio 2 de Julho, 29 de maio de 2010.

sempre a aprender as **prendas domésticas**, a cuidar das crianças, a ser a esposa colaboradora e "dona de casa exemplar". Este foi o parâmetro oferecido e, de certo modo, imposto às mulheres. Na década de 30, ainda aprendia costura – fazer bainha e remendos. Fazia parte do currículo.

Como é sabido, adveio uma transformação sociopolítica, que foi a revolução industrial, e, neste momento, a mulher entrou na força de trabalho e aprendeu a trabalhar fora do âmbito doméstico. E então começou a outra revolução – aquela que atingiu em cheio sua vida. Chegaram, inopinadamente, a duplicidade de tarefas e a ansiedade, com todas as questões que envolvem a vida das mulheres no mundo pós-moderno. E as consequências atingiram o âmago da alma feminina, aparecendo os extremismos: o feminismo de Betty Friedman, as advertências papais e as críticas retrógradas execrando a mulher que trabalha fora do lar, que fuma, que dirige o seu carro, que exerce certas profissões.

Os radicalismos envolveram a Mulher e a tomaram o centro de especulações dos economistas, que detectaram vantagens e desvantagens neste novo desempenho feminino no mundo do trabalho, e dos cientistas da saúde, que começaram a detectar as doenças advindas da fadiga, que se tomou estresse. Mas, nesse panorama socioeconômico, está presente o fator afetivo, emocional, responsável pela saúde mental da mulher, em face da sua multifacetada trilha existencial, na qual a maternidade está presente com imponderável força, afetando a vida dos casais, pais que prepararam as gerações subseqüentes do final do século XX e início do XXI.

E vemos, então, as crianças educadas por babás, e surgiram as creches, as *baby sisters*, e as escolas vão enfrentar crianças com perfis outros, bem diferentes de antes, nas diversas classes sociais.

Nas classes C e D, a falta da família cria uma situação dramática e lamentável. A ignorância da família, sua desestruturação, o desrespeito às tradições e a violência, a miséria e a droga imperam.

Nas classes A e B, a cena é diversificada. A ausência da mãe, a desestruturação da família, a violência, a ânsia do poder, do ter, predominam de modo avassalador.

A crença é que, através da educação, se alcança o sonho e se realiza a ascensão social. É a escalada atual dos jovens por um lugar ao sol.

O papel das mães, em todos esses níveis, é muito diversificado.

Nas classes C e D, é uma personagem muito emblemática. Na sua grande maioria, desempenha o papel de provedora, de pai e mãe, assumindo, sem muita consciência, uma responsabilidade bem acima de suas possibilidades, pois está sempre no trabalho ou nas ruas esmolando. Neste nível, o papel da escola é de tal amplitude que, na realidade, esta não está apta a desempenhar as funções complexas que lhe são exigidas, e até a necessária interação família-escola toma-se impossível, desde que não existe uma família estruturada.

É muito significativa minha experiência nas classes piloto e na creche Franco Belcaro, tendo de enviar solicitações às patroas para liberarem suas empregadas, mães daquelas crianças e jovens, quando havia necessidade de sua presença em reuniões ou para discussão de problemas diversos.

Focalizamos a classe média e média alta de que, acredito, está constituída esta reunião de pais.

Nos níveis menos favorecidos economicamente, o esforço realizado pela mulher, para cumprir seus vários papéis, é ingente, complexo e inaceitável numa sociedade capitalista e desumana, gerando a depressão, o estresse e as doenças

psicossomáticas.

É neste momento tão adverso para as famílias vitimadas por um sistema avassalador e desumano que a escola está convocada a um desempenho para o qual ela não está preparada.

O tema é tão gritante que os países mais prejudicados pelo trabalho da mulher e suas consequências (estresse, fadiga, constante, problemas psicossomáticos, transtornos diversos, etc.) estão estudando as várias possibilidades de alterações legislativas, aumentando o tempo da licença-maternidade, permitindo o aleitamento mais prolongado, haja vista o que acontece em culturas onde a mulher pode ficar mais tempo dedicada a seu bebê.

Então, é um fato incontestável. A jovem mãe não foi preparada para atuar na família como antes, nas gerações passadas. Diante do seu bebê, sente-se muitas vezes confusa, hesitante, impotente, precisando da experiência das suas avós, que estão ainda inseridas na força de trabalho.

Um projeto ainda a ser desenvolvido tenta privilegiar os jovens do ensino médio, preparando-os para serem os pais de amanhã.

A integração entre a família e a escola somente será estabelecida quando ficarem bem definidos os dois papéis e "como" harmoniosamente procederem para interagir, o que requer procedimentos custosos: custo monetário, custo efeito psicológico, custo energia mental, paciência, compreensão e tolerância.

O "como?" é hoje a pergunta mais significativa entre as outras interrogações: O quê? Por quê? Para quê? Quando? Onde?

Como fazer a interação de duas instituições vitimadas por um sistema capitalista, dominado por valores que, muitas vezes, não coincidem com as suas estruturas idealistas?

A família, em luta constante para educar segundo valores

éticos e tradicionais, está sendo atropelada pelos fatores educacionais externos – a mídia, os grupos, a diversidade múltipla do comportamento humano, a violência, o egoísmo, o egocentrismo e o **medo**.

A escola, em luta não menos dignificante para educar segundo valores éticos tradicionais, está sendo atropelada pelas dificuldades que o sistema impõe – reivindicações, normas e taxas, que o sistema econômico financeiro exige.

Como interagir? Educação é uma atividade que exige recursos materiais e humanos, que custam muito caro.

O poder aquisitivo das famílias não é alto, e a distribuição da renda obedece a prioridades que estão fincadas nos valores que compõem a estrutura filosófica da família quanto ao que ela espera de seus filhos, o perfil do Ser Humano de amanhã.

São, pois, duas instituições que devem atuar de acordo com suas possibilidades financeiras, dentro de orçamentos limitados. Ambas as instituições estão imbuídas desta realidade e lutam com dificuldades.

Como se ajudarem mutuamente em benefício do educando, sem conflitos que repercutam sobre ele? Interagindo com sinceridade, abertura, resiliência, alguma flexibilidade e continuidade do contato, com tolerância mútua.

Devem ser observadas, para tanto, quatro pequenas normas comportamentais:

1 - Contatos constantes.

2 - Atualização de dados.

3 - Conscientização do aluno de que vai ser orientado pela escola e pela família.

4 - Uniformidade de pensamento e de ação entre a escola e a família, na medida do possível.

Se assim não for, são estabelecidos silêncios. A escola informa a família, mas esta não informa a escola. Por exemplo, casos de pedofilia e cleptomania são tabus. Muitas vezes, uma forte discussão em casa se reflete no vômito da criança na escola

ou com demonstração de uma tristeza muito grande. Naquele dia, a escola não sabe bem como orientar. A caderneta que informa deve ser analisada diariamente.

O contato tem de ser contínuo – a ajuda no dever de casa, a opinião da família sobre a reação do aluno a suas atividades. A família tem o direito de conhecer os diversos componentes da atividade educativa da escola:

- O perfil pedagógico da classe: o terço superior, inferior e médio onde está colocado o aluno.
- O perfil sociológico da classe: o sociograma.
- O perfil psicológico da classe: os interesses pesquisados.

Além disso, os valores precisam ser discutidos e analisados com a escola:

- A mentira na criança e no adolescente.
- A solidariedade.
- A "pesca" individual e coletiva.
- O *bullying*.
- A morte.
- A paz.
- A raiva.
- A violência.
- A amizade.
- O amor.
- O perdão.

Todos esses valores representam a base do comportamento do dia a dia. Será que esses valores são realmente analisados e discutidos casuisticamente? Como são passados e introjetados no psiquismo dos jovens?

Díficeis tarefas, mas absolutamente necessárias, a serem desempenhadas pelas duas instituições, que representam o baluarte da educação dos jovens.

Prêmio Cogito de Arte, Cultura, Filosofia e Educação 2010 a Leda Jesuino

Zilma Parente de Barros
Professora aposentada da Ufba
e membro da Academia Baiana de Educação

“O vento sopra
leva-me o sonho
ocorção cobra.”

Neste mundo em que habitamos, imerso tantas vezes nos horrores da violência, da luta desesperada pelo poder e pela ganância do ter cada vez mais para se sobrepor ao outro, é admirável que se abra espaço para homenagear quem vive em plenitude o mandamento do amor.

Difícilmente seria possível, no atual cenário intelectual do nosso Estado, encontrar-se outro nome como o da educadora Leda Jesuino para receber o “Prêmio Cogito de Arte, Cultura, Filosofia e Educação 2010”.

Tenho o privilégio de, há muitos anos, acompanhar a trajetória profissional de Leda Jesuino, sendo testemunha de seu excepcional desempenho nas múltiplas atividades por ela exercidas, ao longo da sua laboriosa existência, como a reconhecida mestra de muitas gerações, a devotada dirigente de estabelecimentos de ensino, a intelectual sempre alerta e aberta aos novos conhecimentos, a inspirada escritora que, através da fantasia poética, nos leva a mundos de beleza e encantamento.

Não poderíamos, dentro do espaço que nos foi reservado, discorrer sobre seu vasto e consistente *Curriculum Vitae*, que retrata a sua profícua atuação nos meios educacionais da nossa terra. É bem verdade que sobre suas múltiplas atividades, tanto no setor do magistério - nos vários graus de ensino, como no campo da consultoria - nas diferentes esferas educacionais e, ainda, na área de gestão nos diversos níveis da administração educacional, muito já se tem falado e escrito, todas as vezes - e já foram tantas! - em que Leda Jesuino vem, merecidamente, recebendo o reconhecimento público pelo seu extraordinário trabalho.

Quem, porém, desejar aprofundar-se no assunto, poderá consultar, dentre outros, o excelente estudo da Doutora Elizete Passos, intitulado “Leda Jesuino”, que constitui o sexto volume da “Coleção Educadoras Baianas”, publicação da Editora da Ufba, datado de 2004.

Leda Jesuino licenciou-se em Filosofia em 1947, pela recém-criada Faculdade de Filosofia, que viria a integrar a Universidade da Bahia, depois, Universidade Federal da Bahia, tendo-se, posteriormente, graduado em Serviço Social, cujo Curso viria a ser incorporado à Universidade Católica de Salvador. Iniciou, ainda como aluna, sua carreira no magistério, ensinando em colégios, tais como Colégio Ypiranga, Colégio Sofia Costa Pinto, Colégio Dois de Julho, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Colégio de Aplicação.

Entre as diversas modalidades de sua atuação profissional, devemos registrar, também, algumas de suas muitas funções: Assistente Social, na Legião Brasileira de Assistência; Secretária do Instituto de Filosofia (Seção Bahia); Diretora do

Colégio de Aplicação da Ufba; Coordenadora das Classes Experimentais do CECIBA, no Colégio Estadual da Bahia (Central); Diretora da Faculdade de Educação da Ufba; Presidente da Comissão Municipal do Mobral; Pro-reitora de Ensino de Graduação da Ufba; Coordenadora do Projeto do *Campus* Avançado de Barreiras (Projeto Rondon); Membro do Conselho Estadual de Educação da Bahia; Membro da Academia Baiana de Educação, da qual foi Vice-presidente e é atualmente sua Presidente de Honra.

Neste sucinto panorama, não podemos deixar de referir sua copiosa produção científica e literária, em grande parte publicada em jornais, suplementos literários e revistas especializadas, constituída de artigos, depoimentos, pareceres, entrevistas, discursos, e mais, crônicas, contos, poemas. Cabe mencionar os títulos de seus livros:

Caminhando em sol de Outono (crônica), *Pela voz do vento* (contos), *Nuvens do entardecer, ainda no prelo* (poemas), *Vivência pedagógicas dos anos sessenta* e, em parceria com outros autores, *Luzes da Índia* (poemas) e *Solidão de uma estrela* (poemas).

Dotada de audacioso pioneirismo e lúcido idealismo, de insuperável tenacidade, incansável capacidade de trabalho, prodigiosa abertura de pensamento e de atitude para as radicais mudanças da nossa época, profundo senso de justiça, autêntico espírito democrático, Leda Jesuino sempre trabalhou em grupo, ouvindo todos que participavam da mesma tarefa, dando a cada um a oportunidade de opinar e colaborar para a sua tomada de decisão. Não causa, portanto, surpresa ter sido sempre (e continuar sendo) adorada por alunos, funcionários, técnicos,

professores e sempre respeitada e reverenciada por tantos com quem conviveu, inclusive, seus superiores hierárquicos.

Embora reconheça os excelentes resultados alcançados em todas as complexas atividades que desenvolveu, Leda Jesuino é extremamente modesta, mostrando-se sinceramente constrangida diante de qualquer tipo de elogio, pois considera que apenas cumpre com o seu dever, dando, sempre, o melhor de si mesma em tudo que faz. Por isso, não causa espanto ouvi-la repetir que seu maior título é ser mãe, avó e bisavó.

Na qualidade de membro vitalício do seu fã clube, no exercício pleno de uma “tietagem” que já se estende por mais de cinquenta anos, acreditamos que, por tudo que foi exposto e por muito mais que poderia ser dito, Leda Jesuino dos Santos é mais que merecedora do “Prêmio Cogito de Arte, Cultura, Filosofia e Educação 2010”.

Gostaríamos de finalizar, citando o pensamento do Professor Edivaldo Boaventura, seu companheiro de lides universitárias e amigo de todas as horas, expresso no prefácio de um dos seus últimos livros *Caminhando em sol de outono*. Com profundo conhecimento de causa e invulgar capacidade de síntese, Edivaldo Boaventura conseguiu pontuar a trajetória profissional de Leda Jesuino, mesclando, no seu texto, a objetividade da informação biográfica e a lírica percepção do amigo:

*...Em nosso outono tropical, as folhas não
amarelecem nem caem de vez; permanecem
sempre verdes e presas às árvores:
Assim é Leda, presa à família, aos amigos, à
Universidade e à comunidade”.*

Criação e implantação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Bahia

Edivaldo M. Boaventura

Resumo. Na busca da origem e implantação da Faculdade de Educação do Estado da Bahia (Faeeba), há de se considerar a sua criação como unidade pedagógica de base da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), com destaque para a inovação pela formação de professores do ensino infantil e fundamental. A Faculdade de Educação surge nos anos trinta entre nós e é incrementada a sua presença com a reestruturação das universidades federais e reforma universitária de 1968. Para a implantação da Faeeba, houve consulta aos professores da rede estadual de ensino soteropolitana com discussão e aprovação pelo Conselho Estadual de Educação da Bahia, em 1984.

Palavras-chave: Faculdade de Educação, Faculdade de Ciências da Educação, Escola Normal, Teachers College, College of Education

A criação da Uneb e da Faculdade de Educação

Considere-se a criação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e da Faculdade de Educação (Faeeba) como a sua unidade pedagógica de base. O meu ponto de vista é que não poderia faltar a Faculdade de Educação, na Universidade estruturada sob a forma de um sistema multicampi de educação

superior, cujo principal objetivo era de supri-la, nas interioridades da Bahia.

A Uneb constituiu-se com sete unidades existentes e mais uma Faculdade de Educação, inteiramente nova e inovadora. As sete faculdades integrantes foram: 1) Agronomia do Médio São Francisco, 2) Formação de Professores de Alagoinhas, 3) Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro, 4) Formação de Professores de Jacobina, 5) Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus, 6) Filosofia, Ciências e Letras de Caetité e 7) o Centro de Educação Técnica da Bahia (Ceteba), primeiro núcleo estadual de educação superior de Salvador em torno do qual se implantou a Uneb. A maior parte dessas instituições de educação superior compunha a extinta autarquia Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia - Seseb (Lei Delegada nº66/83, Art.5º).

Cada uma dessas faculdades tinha a sua história, todavia, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro possuía uma situação pretérita singular antes da sua estadualização. Conheci a iniciativa de sua criação desde o tempo em que fui secretário de Educação pela primeira vez, no governo Luiz Viana Filho (1967-1971). No Conselho Estadual de Educação, tomei conhecimento dos problemas de sua manutenção. Resolvi incorporá-la à Uneb e assim a estadualizei resolvendo os seus problemas financeiros e possibilitando a regularização do funcionamento com a nomeação do professor Jorge Duarte para diretor. Esta Faculdade, acalentada aspiração da comunidade de Juazeiro, foi uma iniciativa do arquiteto Pedro Raimundo Rego, de Jorge Duarte, da deputada Ana Oliveira e de outros líderes locais, primeiramente, foi uma instituição de ensino superior particular que depois passou para a administração municipal.

Atribuiu-se ainda à Uneb a capacidade de integrar outras unidades de educação superior implantadas ou que venham a ser

instituídas pelo poder executivo (BAHIA, Lei Delegada n.º 66/1983, Art. 3º)

O pioneirismo da Faeeba e a superação do ensino normal

A Faeeba foi pioneira na formação superior de docentes para a educação infantil e para as séries iniciais. A intenção foi instituí-la com as funções não somente de graduar especialistas em educação como também formar docentes para o ensino fundamental e infantil, atribuições, tradicionalmente, cometidas ao ensino normal.

As Faculdades de Educação existentes até então, na Bahia, ocupavam-se da graduação de especialistas em supervisão, orientação e administração, inspeção e da formação pedagógica das licenciaturas. Antes da Faeeba, a formação do professor para o ensino infantil e para o fundamental da primeira à quarta série, na Bahia, restava como habilitações do magistério do antigo e superado ensino normal. A escola normal pode ser definida como “um estabelecimento de ensino público ou privado, encarregado da formação do professor primário, particularmente, na França, mais também existiu em vários outros países” (LEGENDRE, 1993, p.419). No Canadá francês, por exemplo, as escolas normais foram abolidas. Toda formação dos educadores era realizada na Universidade.

Enquanto era consenso que toda e qualquer formação para trabalhar nos sistemas de ensino fosse obtida em nível superior, mantínhamos a curso normal com a figura lendária da professora normalista “ vestia de azul e branco”. Em reuniões, no Ministério de Educação, nos anos oitenta, senti a resistência à mudança na formação do professor primário. Na universidade americana, somente encontrei referência ao ensino normal nos

livros de história da educação quando tratavam do *Teachers College*, em especial do *Teachers College* da Universidade de Colúmbia, em New York. A formação dos profissionais da educação e dos docentes em nível superior para atuar na educação básica só foi possível por determinação da última lei de diretrizes e bases de 20 de dezembro de 1996.

Implantação da Uneb e da Faeeba

Implantando da Uneb, implantava também a Faeeba. Para dirigi-la, designei a professora Dirlene Mendonça, do quadro do magistério estadual com liderança e excelente desempenho na direção de um dos departamentos da Secretaria de Educação. Como secretário da Educação e Cultura do Estado da Bahia (1983-1987), acumulava, legalmente, as funções de reitor da Uneb (1983-1985), objetivando sobretudo o seu funcionamento.

Constatada a deficiência da habilitação do ensino normal em face das exigências de conhecimentos mais avançados em psicologia, sociologia e comunicação, da complexidade da modernização e da urbanização, contávamos apenas com formações defasadas e com docentes improvisados sem formação secundária completa (professor leigo). Desde o primeiro momento insistir na formação superior dos professores para o ensino infantil e séries iniciais pela Faeeba, considerando sobretudo o que vira e sentira como doutorando da Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Pennsylvania. (EUA).

Tendo conhecimento da habilitação de magistério de classes de alfabetização da Faculdade Católica de Ciências Humanas de Brasília (União Brasileira de Educação e Cultura do Distrito Federal), indiquei esse exemplo de currículo à diretora da Faeeba, embora houvessem outras habilitações de magistério para o ensino pré-escolar e fundamental, na Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, no Centro de Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (São Paulo) e na Universidade de Passo (Rio Grande do Sul).

Com eficiência e prontidão, a direção da Faeeba elaborou o plano de *Implantação da Faeeba: filosofia subjacente, funções, cursos e propostas curriculares* (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/FACULDADE DE EDUCAÇÃO, 1984) com a participação do grupo de professoras da melhor qualidade: Ana Maria Soares Greve, Arlinda Paranhos Leite Oliveira, Eliana de Almeida Quadros, Eneide Cerqueira Cazaes, Gilda Spínola Cedraz, Kátia Siqueira de Freitas, Maria Lúcia Ganem Assmar, Nilce de Oliveira, contando com Agneta da Silva Giusta, como consultora.

Animado por idéias inovadoras,

Formou-se, no grupo, um consenso em torno da necessidade de se pensar uma instituição comprometida prioritariamente com a retroalimentação dos demais níveis de ensino e, como tal, com uma preocupação basilar: a melhoria do desempenho dos recursos humanos atuantes no campo da educação, principalmente naqueles níveis onde os problemas tipicamente pedagógicos apresentam maior ressonância social (Implantação da Faeeba, p.2)

Uma das medidas da implantação foi a realização de ampla pesquisa de opinião entre os professores da rede estadual do então primeiro e segundo grau da região de Salvador:

Da análise dos dados contidos nos quadros apresentados, conclui-se que a Faeeba estará atendendo à demanda social e o mercado de trabalho retroalimentando o sistema educacional da Bahia, oferecendo inicialmente aos seus clientes em potencial o curso de Educação - Licenciatura Plena - com habilitações em pré-escolar e séries iniciais do primeiro grau (1^a. à 4^a séries com ênfase em alfabetização). Este curso será oferecido em caráter experimental, inicialmente com duas turmas.(Idem, p.20).

O plano de implantação da Faeeba foi enviado ao Conselho Estadual de Educação da Bahia (CEE/BA), em 14 de outubro de 1983, para apreciação com solicitação de autorização de funcionamento para o curso de Licenciatura em Educação com as habilitações referidas.A matéria sofreu ampla e profunda discussão no Conselho, com apoio e compreensão da conselheira Leda Jesuino dos Santos, ex-coordenadora e primeira diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/Ufba) e da professora Joselice Macedo de Barreira, doutora em lingüística, conselheira-relatora do processo. que examinou, criticamente, o currículo para formação do alfabetizador. A apreciação da relatora direcionou-se para os fundamentos psicológicos da Epistemologia Genética de Jean Piaget . A sua sugestão é que passasse a integrar a matéria Psicologia da Educação. A teoria piagetiana poderá ser abordada, segundo o seu abalizado ponto de vista, “a depender do especialista que a ministrar, também na disciplina Psicolingüística, cuja abordagem, sugerimos, seja voltada para aspectos da aquisição e desenvolvimento da linguagem. “ Continuando a sua argumentação, adverte que “ As

características cognitivo-linguísticas das crianças, na faixa etária abrangida pelas habilitações, sob discussão, constituem conhecimentos indispensáveis para o professor do pré-escolar e das quatro primeiras séries do primeiro grau.” Destaca a preocupação da proposta curricular com as disciplinas Métodos e Técnicas da Pesquisa, Estatística e Projeto. A iniciação é feita, preferencialmente, a nível de prática de pesquisa e da participação em projetos em andamento nos departamentos. Observando falhas no conhecimento sistematizado do português, sugere o aumento do número de disciplinas de Língua Portuguesa com o acréscimo da carga horária, voltadas ao estudo do sistema fonológico e das estruturas morfo-sintático-semântico do nosso idioma. Muitos outros pontos foram discutidos como acompanhamento, a didática da Filosofia no currículo, qualificação e regime de trabalho dos docentes.

O parecer de número 104/1984 da Câmara de Ensino Superior de autoria da relatora Joselice Macedo de Barreiro e a resolução de número 1.139/1984, do Conselho Pleno, constituem documentos fundantes para a implementação da Faeeba.(CONSLEHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DA BAHIA, 1984).

O Conselho examinou a natureza do curso pretendido, a denominação Licenciatura em Pedagogia, a estrutura e os quadros curriculares e estabeleceu três dimensões teóricas da proposta curricular: primeiro, Educação concepções e problemas, Filosofia, Lógica, Sociologia Geral e da Educação, Antropologia, Política, Fundamentos da Economia; segundo, Epistemologia Genética I e II (Psicologia), Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística, Biologia Educacional; terceiro, Prática Pedagógica, Educação Artística, Ensino de Educação Artística, Ensino de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais, Ciências, Educação Não Formal, Didática da Alfabetização.

Em suma, o Conselho aprovou a Licenciatura Plena em Pedagogia com as habilitações solicitadas com ênfase em alfabetização, ajustou a terminologia das disciplinas, aumentou a carga horária de Língua Portuguesa e indicou os docentes para as respectivas disciplinas.

Do ponto de vista estadual, a apreciação do regime da implantação estava positivamente concluída, faltava, entretanto, a etapa do então Conselho Federal de Educação(CFE). Porém a remessa do processo de autorização da Licenciatura de Pedagogia com as habilitações ao ex-CFE para aprovação não obteve êxito (MENDES, 1984). Tornava-se preciso aguardar a autorização de funcionamento da Uneb, que veria em 1986.

A trajetória da Faculdade de Educação

Ao inserir a Faculdade de Educação, no diploma legal da Uneb, estava bem informado e mais ainda seguro do seu significado como integrante de uma Universidade Como um dos fundadores da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia(Faced/Ufba), integrava antes a Escola de Administração e me transferir para compor o corpo docente que implantou a Faced, tendo à frente a liderança da professora Leda Jesuino dos Santos (1974). Fui inclusive o primeiro coordenador do Curso de Pedagogia e chefe do Departamento de Administração e Planejamento da Educação.

Antes de me tornar professor da Faced, fui chefe da Assessoria de Planejamento da Ufba, no reitorado Roberto Santos (1967-1971), quando discutíamos a estruturação dessa Faculdade de Educação, a primeira como unidade pedagógica de uma Universidade pública da Bahia. Discussão que contou com a participação dentre outros da professora Zahidé Machado Neto,

que trouxe experiência do pioneirismo da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tendo inclusive trabalhado com Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Entre os muitos documentos analisados, havia um que tratava da Faculdade de Educação, na extinta Universidade do Distrito Federal (UDF) e na Universidade de Brasília.

Pondere-se, todavia, a ideia da Faculdade de Educação não era recente entre nós. Surgiu na reforma Francisco Campos em 1931. Com este nome, observa Newton Sucupira (1969, p. 6)): “foi primeiramente designada a instituição multifuncional que logo depois receberia o nome da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.” Predominou, entretanto, a Faculdade de Filosofia, com múltiplas funções incluída, particularmente, a missão pedagógica de formar especialistas em educação e professores para o ensino médio.

A Faculdade de Educação integrou a Universidade do Distrito Federal (UDF), concebida por Anísio Teixeira, em 1934 (AZEVEDO, 1964, p.674). A experiência embora breve dessa universidade “marcou o sentido do que é uma escola profissional de educação, destinada à licença do magistério de nível primário, médio e superior a ao preparo de especialistas em Educação cujos graus universitários correspondem ao bacharelado e ao título de licenciado em magistério e em especialização profissional no campo da Educação” (TEIXEIRA, 1998, p.45). Neste citado estudo, o educador historia a primeira Escola (Faculdade) de Educação do Brasil, no Distrito Federal (Rio de Janeiro), sua definição e urgência em face do problema da formação do magistério, publica inclusive os documentos da década de trinta.

Com a lei de diretrizes e bases de 1961, surgiu a Faculdade de Educação como unidade isolada, a exemplo da Faculdade de Educação de Santa Catarina (Florianópolis) e da

Faculdade de Educação da Bahia, criação da professora Olga Mettig, ainda nos anos sessenta.

Origem e experiência com a Faculdade de Educação

Reforcei o meu conhecimento da estrutura e do funcionamento da Faculdade de Educação da Ufba com o doutorado, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado da Pennsylvania Penn State), especificamente, na Divisão de Estudos de Política Educacional. (BOAVENTURA, 1994, p.13). O *College of Education* de Penn State é uma complexa Faculdade com seis divisões: Educação Artística e Música, Aconselhamento e Psicologia Educacional, Currículos e Programas, Estudos de Política Educacional, Estudos Vocacionais e Profissionais, Educação Especial. A Faculdade tinha outras unidades e serviços como o Centro de Material de Currículo e vários programas de mestrado e doutorado.

Aliás, quanto à sua origem, a Faculdade de Educação é norte-americana, enquanto a Faculdade de Filosofia é européia, germânica, e pode ser entendida como: “uma instituição que oferece um programa de estudos pelo menos com quatro anos de duração para preparar professores e outros trabalhadores nas áreas de ensino, podendo ser uma instituição independente ou componente de uma universidade.” (GOOD, 1973, p.115). É também chamada de Faculdade de Ciências da Educação, especialmente, na Europa (LEGENDRE, 1993, p.604), veja-se, por exemplo, a conceituação e classificação das ciências da educação em Gaston Mialaret (1976)

A Faculdade de Educação, como unidade da universidade reformada

Faculdade de Educação, como unidade universitária, a partir da sua recepção pela inovadora Universidade de Brasília (1961), teve plena aceitação com a estruturação das universidades federais de 1966 e 1967, seguida da reforma universitária de 1968. A sua presença passou a contar entre as unidades de ensino profissional e pesquisa das universidades brasileiras como na Universidade Federal da Bahia (BOAVENTURA, 1971, p. 74)

Passamos, institucionalmente, da Faculdade de Filosofia para a Faculdade de Educação, criação como vimos da praticidade norte-americana e do progresso científico da educação e das técnicas pedagógicas. Neste particular, complementa Newton Sucupira (1969, p.25):

os americanos fizeram trabalho de pioneiros atribuindo à Universidade a tarefa de dar formação pedagógica tanto ao professor da escola secundária, como ao da escola primária e aos vários tipos de especialistas em educação. Numa perspectiva mais pragmática, e mais fecunda, não se preocuparam tanto com o problema teórico do *status* epistemológico da Pedagogia. Mas reconhecendo que era possível aplicar sistematicamente o método científico aos problemas educacionais, procuraram desenvolver processo e técnicas pedagógicas cientificamente elaboradas. Daí ser conferido a este campo de estudos e formação profissional um setor autônomo dentro da Universidade. E todos sabemos o impulso vigoroso que recebeu a pesquisa educacional nos Estados Unidos, com a disseminação dos *Teachers Colleges* e a criação das escola ou *Colleges* de Educação nas Universidades. Pense-se, por exemplo, o que representou o *Teachers*

College da Universidade de Columbia, para a formação do pensamento pedagógico americano e a elaboração de novos métodos educativos.

Enfim, a Uneb integrou faculdades existentes e criou inteiramente nova a Faculdade de Educação do Estado da Bahia (Faeeba), como sua unidade pedagógica de base, que inovou formando não somente especialistas como também professores para o ensino infantil e séries iniciais do fundamental com ênfase na alfabetização, alternativa pioneira de formação de professores, na Bahia. Eis o pioneirismo da Faeeba.

Referências

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. Programa de Automação Administração e Informática (Proadin). *Leis delegadas -1983. Lei Delegada nº 66 de 01 de junho de 1983*. Cria a Universidade do Estado da Bahia –Uneb e dá outras providências Salvador, 1983.

_____. Conselho de Educação da Bahia. Resolução nº 1.339/1984, aprovava o regimento de implantação da Faculdade de Educação da Bahia, Parecer.Nº 104/1984. Solicitação de autorização do curso de licenciatura plena em Educação – habilitação pré-escolar e primeiras séries do 1º grau, com ênfase na alfabetização. Salvador, 1984.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Universidade em mudança*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1971.

_____. *As etapas do doutorado*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia –Uneb, 1994.

_____. *A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência*. Salvador: Edufba, 2009.

GOOD, Carter V. (Ed.). *Dictionary of education*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1973.

LEGENDRE, Renald. *Dictionnaire actuel de l'éducation*. 2.ed. Montréal : Guérin ; Paris : ESKA, 1933.

MENDES, Armando Dias. Governo do Estado da Bahia. Processo nº 23000.023482/84-0. Conselho Federal de Educação/CLN, 1984.

MIALARET, Gaston. *Les sciences de l'éducation*. 7.ed. Paris : Presses Universitaires de France, 1976

SANTOS, Leda Jesuino dos. *Faculdade de Educação: implantação e atividades 1968 a 1974 – 1º semestre*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1974.

SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação. *Estudos Univesitarios*. Recife, v.9, n.2, p.5-29, abr./jun.1969.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Faculdade de Educação. Implantação. Salvador, 1984.

Edivaldo M. Boaventura é professor emérito da Universidade Federal da Bahia, doutor em direito, mestre e Ph.D. em Educação, como Secretário da Educação e Cultura criou a Uneb com a Faeeba, em 1983.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: AURÉLIO RODRIGUES VIANA

Geraldo Leite

Nasceu em 18 de setembro de 1864.

Formado em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 10 de dezembro de 1887.

Foram seus colegas de turma: Álvaro Freire Vilalva Alvim, Eduardo Lins Ferreira de Araújo, José Affonso de Carvalho e Rita Lobato Velho Lopes. Álvaro Freire Vilalva foi o pioneiro da Radiologia e da Eletricidade Médica, na Bahia. Eduardo Lins Ferreira de Araújo foi catedrático de Clínica Médica e Governador da Bahia (1911-1912). José Affonso de Carvalho, catedrático de Clínica Médica (3).

Rita Lobato Velho Lopes foi a primeira médica a ser diplomada no Brasil: natural do Rio Grande do Sul, ingressou, inicialmente, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transferindo-se depois para a Faculdade de Medicina da Bahia. Sua tese inaugural versou sobre “Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana”. Depois de formada, regressou ao seu estado natal, onde exerceu a especialidade de Obstetrícia. Faleceu em 1935, com 87 anos de idade (Vide Índice).

A carreira docente de Aurélio Vinana começou em 1894, quando, por concurso, passou a lente substituto da 12ª Secção. Desta, foi transferido para a 7ª Secção, em 1895. Da 7ª, passou para a 6ª Secção, em 1901. Em 1902, conquistou a cátedra de Patologia Médica, da qual foi transferido, em 1914, para a 2ª Clínica Médica.

Portador de ampla cultura médica, regeu, interinamente, diversas disciplinas do curso médico: Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas (1894-1895), Terapêutica (1896, 1897, 1900 e 1901), Clínica Propedêutica (1890, 1897, 1900 e 1901), Patologia Médica (1911), Fisiologia (1912) e Patologia Geral (1918).

Representou a congregação, no Conselho Superior de Ensino, em 1915, 1916 e 1918.

Na vida pública, ocupou vários cargos eletivos e executivos: Conselheiro Municipal, Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador e Governador do Estado (1911-1912).

“Se lhe decorreu, na cátedra, a maior serenidade, outro tanto não aconteceu na política, onde teve, reiteradamente, nos momentos de agitação mais viva, momentos difíceis, em decorrência do seu caráter inflexível” (1).

Do mesmo Autor: “Marca essa fase da sua vida política uma agitação permanente e forte, entrando em choque com o legislativo estadual e tomando providências de algum modo violentas, dando lugar a campanhas acérrimas, com reiterados recursos ao poder judiciário, a cujas portas batia, pugnando por seus direitos” (Ibidem).

Sá Oliveira retrata-o com as seguintes palavras: “Político intrépido, orador eloqüente, também foi o Dr. Augusto Viana um mestre brilhante e muito acatado pelos seus colegas”.

Faleceu em 20 de março de 1929.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Loureiro de Souza, Antônio – Baianos Ilustres. Salvador, 1973.
2. Sá Oliveira, Eduardo – Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador, 1992.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: ARMANDO SAMPAIO TAVARES

Geraldo Leite

Nasceu em 01 de novembro de 1894, em Santo Antônio de Jesus, Bahia, sendo seus pais Manoel Dias Tavares e Maria da Glória de Almeida Sampaio.

Seu pai era irônico. Estando “à beira da morte, foi procurado insistentemente por uma senhora, que lhe pedia determinado documento. Dizia ter sido entregue por seu progenitor, há alguns anos. Já dispneico, respondeu sarcasticamente: “Não está esse papel absolutamente comigo, mas se a Senhora quiser, quando eu chegar lá em cima, poderei dar o recado a seu pai” (3).

Armando Tavares fez o curso primário em sua terra natal, mudando-se para Salvador em 1907, onde continuou seus estudos, no Ginásio Ipiranga.

Em 1913, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, levando consigo grande bagagem de humanidades, a qual cultivou e aprimorou com o passar dos anos.

Colou o grau de doutor em Medicina, no dia 20 de dezembro de 1917.

Foram seus colegas de turma: Agenor de Souza Bomfim, Alexandre Afonso de Carvalho, Arlindo Raimundo de Assis, Armínio Fraga, Colombo Moreira Spínola, Edgar Rego Santos, e Mário Macedo Costa. Agenor de Souza Bomfim, Alexandre

Afonso de Carvalho, Colombo Moreira Spínola, Edgar Rego Santos e Mário Macedo Costa tornaram-se professores da Faculdade. Edgar Rego Santos, além de professor, foi Diretor da Faculdade, fundador e Reitor da Universidade da Bahia. Arlindo Raimundo de Assis, foi aluno laureado e figura de projeção nacional, na luta contra a tuberculose. Armínio Fraga foi professor na Faculdade Nacional de Medicina.

Após a formatura, Armando Tavares visitou a Europa, em viagem de estudos, onde passou alguns meses.

Regressou ao Velho Mundo, em 1930, representando o Brasil no VII congresso Internacional de Tuberculose.

Doi Assistente da 1ª cadeira de Clínica Médica (1918 a 1926), docente-livre da Clínica Médica (1927), regente da 1ª cadeira de Clínica Médica (1927) e professor catedrático, por concurso, da 1ª cadeira de Clínica Médica (1929 a 1944).

De 1919 a 1920, realizou curso de especialização em Patologia Clínica, no Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro.

Armando Tavares foi um grande professor. Não era apenas o mestre que apresentava com segurança a matéria teórica em aulas bem esquematizadas e claras, em linguagem escorreita e elegante, como nos diz um dos seus discípulos, Luiz Rogério, em publicação feita em O BRASIL MÉDICO: “Todos nós que fomos seus discípulos, que lhe ouvimos as lições, recordamos aquele estado estase em que fluíam as suas palavras, ao começar do pensamento sem que, nem ele que dizia, nem nós que o escutávamos, nos déssemos conta de que o tempo da aula já era findo” (2).

Sua bibliografia inclui sessenta e cinco trabalhos publicados, a maioria em revistas médicas.

Pertenceu à Academia Nacional de Medicina e a inúmeras outras instituições científicas e culturais.

“A cultura opulenta de Armando Tavares não se limitava aos assuntos médicos e paramédicos. Suas horas de lazer, dedicava-as em grande parte a estudos filosóficos e de literatura. O vernáculo, conhecia-o a fundo e cuidava-o como um artista, ao jeito de Francisco de Castro”(1).

Faleceu em 30 de março de 1944.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Cruz, Thomaz Rodrigues da – Armando Tavares: médico e mestre, sábio e bom. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Volume XI, dezembro de 1998.
2. Rocha, Heonir – Discurso de Posse. Anais de Academia de Medicina da Bahia, Volume II, junho de 1979.
3. Rubim de Pinho, Berenice Tavares – Aramando Sampaio Tavares. Salvador, 1994.
4. Sá Oliveira – Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador, 1992.
5. Tavares-Neto, José – Diplomados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana, 2008.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: ARISTIDES NOVIS

Geraldo Leite

Nasceu em Cuiabá, em 18 de junho de 1885, sendo seu pai o Dr. Augusto Novis, notável médico da Armada Nacional, destacado para servir na capital do Mato Grosso.

Chegou à Bahia em 1901, com 16 anos de idade, ingressando, no mesmo ano, na Faculdade de Medicina.

Colou o grau de doutor em Medicina, em 1907, depois de um curso brilhante. Foi aluno laureado, e recebeu, como prêmio, viagem de estudo à Europa.

Foram seus colegas de turma: Antônio Ignácio de Menezes, Durvaltercio Bolívar de Andrade, José Olympio da Silva e Pedro Augusto Mello.

José Olympio da Silva foi professor e Diretor da Faculdade. Pedro Augusto de Melo foi o introdutor da identificação civil no Estado da Bahia e, em sua homenagem, o Governo estadual criou o Instituto Pedro Melo. Durvaltercio Aguiar foi professor da FAMED (4).

Em 1911, após excelente concurso, conquistou a livre-docência de Fisiologia. Em 1917, foi professor substituto de Fisiologia e, dois anos depois, catedrático da referida disciplina.

“Professor de palavra límpida e fluente, as suas aulas tinham o fascínio da exposição corrente e brilhante, que revestia a doutrina com as galas do verbo inspirado e cintilante, prendendo os alunos na trama da sua oratória, sem que isso em nada prejudicasse a perfeita transmissão do conhecimento, que assim se tornava mais nítida e atraente” (2).

Foi presidente da Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia, diretor da Faculdade de Medicina e dos hospitais Juliano Moreira e Santa Izabel.

Membro fundador do Instituto Bahiano de História da Medicina, membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, Diretor de Saúde e Secretário de Educação e Saúde.

Foi, por vários motivos, um dos médicos mais importantes da Bahia.

Faleceu em Salvador, no dia 30 de abril de 1953.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Leite, Geraldo – Reminiscências. Gráfica Universitária. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2007.
2. Macedo Costa, Luiz Fernando – Aristides Novis. Sinopse Informativa. Universidade Federal da Bahia. Ano II, Nº II, outubro. Salvador, 1978,
3. Sá Menezes, Jayme de – Aristides Novis . Anais da Academia de Medicina da Bahia, Volume VI, Julho de 1985.
4. Sá Menezes, Jayme de – Palavras de Ontem e de Hoje. Salvador, 1993.
5. Tavares-Netto, José – Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana, 2008.

A FAMA

(Macedo Costa, Luiz Fernando – Aristides Novia. Sinópsse Informativa. Universidade Federal da Bahia, vol. II, no II, Outubro. Salvador, 1978)

*

“Na década de 40 a congregação da Faculdade de Medicina era constituída de 33 catedráticos e representava um dos organismos mais expressivos para por isso, a conduta e pronunciamentos

daqueles professores eram sonorizados em vibrações centrífugas e crescentes, que alcançavam a classe médica e desdobravam para as camadas cultas de toda a comunidade.

Os estudantes adolescentes entretinham, à distância, uma admiração reverencial pelos mestres da venerável “Escola do Terreiro”. E aquele entusiasmo, transmitido lendariamente de geração a geração, era ampliado pela visão ocasional dos professores ilustres, entrevistados no vidro de aumento da macroestesia juvenil.

Aristides Novis, “mestre” Novis, um dos arautos mais representativos daquele silogeu, simbolizava para nós – a juventude formada pelos ginásios e vestibulandos da época – o paradigma singular, que reunia, a um tempo, as virtudes cívicas do cidadão e as qualidades intelectuais do mestre culto.

Admirá-lo antes de o conhecer, pelo transmitido consenso infalível de um atavismo geracional. A fama precedeu o ícone e, afortunadamente, não o desmereceu. Pelo contrário, o professor revelou-se maior, muito maior do que o seu imenso prestígio.

O encontro com o mestre, na segunda série médica, foi um renovado motivo de admiração e entusiasmo, que o tempo, implacável e agido, nunca, jamais deliu.”

O MESTRE

(Macedo Costa, Luiz Fernando – Aristides Novis. Sinótese Informativa. Universidade Federal da Bahia, vol. II, no II, Outubro. Salvador, 1978)

*

“O Professor Aristides Novis teve sempre a fama de ministrar “belas aulas”. Tão belas que, em regra, eram coroadas de palmas. Alunos de outras séries e até de outras escolas, contagiados pelas

referências dos estudantes contemporâneos, iam ouvir suas preleções. Sem dúvida, as suas aulas eram belas.

Desse conceito, porém, resultou, por vezes, uma imerecida distorção, dedixando transparecer que suas aulas eram apenas belas. Acompanhei-as, ouvi-las, anotei-as, anos a fio, sem faltar a uma sequer, já na honrosa qualidade de seu assistente. Belas aulas, sem dúvida; belas e boas. Belas na forma, boas na substância, no conteúdo, nos conceitos atualizados, na profundidade das concepções. Às vésperas do seu desaparecimento, a última lição sobre vitaminas, com de hábito grafada no quadro, revelava idéias recentes, que naquela época deram desconhecidas para nós outros, os jovens, ávidos de modernidade. As lições, preches de contudo científico, eram freqüentemente arrematadas com perorações grandiloqüentes sobre conceitos éticos, conselhos morais e culturais de elevada grandeza, emitidos em grandes lances, altos rasgos, largos gestos. Para ele, a cátedra não era apenas o laboratório para preparar técnicos; era, ainda e sobretudo, a tribuna do magistério, de onde moldava a consciência profissional e o espírito do médico do futuro, pois Aristides Novis possuía o sentido majestático da cátedra e uma visão estatutária da Faculdade, num místico admirável de transportes românticos e arrebatamentos épicos.

Àquela altura, sem saber muito bem o que era, eu ouvia falar dos “varões de Plutarco” e da “Imponência olímpica”. Um tanto inconscientemente projetei esses conceitos sobre o mestre Novis.

Agora, tantos anos volvidos, comprovo o acerto daquelas idéias, pois não conheci, até hoje, cavalheiro mais digno do que ele para figurar na galeria imortal dos aristocratas áticos, pela imponência e elegância de atitudes. Professor de muita ciência, mestre de muitas consciências. Padrão e exemplo.

Sim, o Professor Novis era paradoxal no particular, por que, de um lado, era o padrão do rigor ascético para consigo próprio e de

intransigência inarredável em relação aos princípios morais e, de outra parte, representava um exemplo de compreensão humana, tolerância e infinita generosidade de espírito para o próximo. Assim, em matéria de normas éticas, o mestre era daqueles, como Bergerac, cujo penacho podia ser sempre seguido como um fanal, para percorrer o iluminado e retilíneo caminho da honra.

No entanto, quando se tratava de julgar os outros, sobretudo como professor, mestre Novis era o exemplo de uma complacência que se confundia com a bondade excessiva.

Então, torturava-se a desenrolar intermináveis romances de racionalização, buscando e rebuscando, em dialética divertida, a argumentação que justificasse a aprovação condescendente e até imerecida do aluno. Certa feita, percebendo que as explicações eram inconvincentes, concluiu sorrindo: “se for reprovado, o aluno talvez sinta; sofreríamos eu, como professor, e a família dele. Ora, como juiz, e de castigar a injustiça de deixar impune o estudante responsável e de castigar precisamente os inocentes, a família e eu”.

E fez justiça, a seu jeito, aprovando o discípulo. Assim era o professor”...

O AMIGO

(Extraído de Macedo Costa, Luiz Fernando – Aristides Novis. Sinópsese Informativa. Universidade Federal da Bahia, vol. II, no II, Outubro. Salvador, 1978)

*

“Aristides Novis não era um homem de efusivas manifestações afetivas. Contido nos excessos de qualquer natureza, sóbrio e

comedido em todos os momentos, tinha um invencível pejo de exibir a magnanimidade de seu espírito. Mesmo na intimidade do laboratório, o mestre não se permitia demonstrações de afeição.

Não obstante este recato digno, desenvolvia, à sua roda, um ambiente alegre e amorável, respeitoso sem sisudez, sorridente porém composto, liberal e educado, em que enunciava a pilhéria sutil e reticente e instigava, com delicadas farpas de veludo, a reação intemperante dos assistentes jovens.

Jorge, o filho e sucessor, Simões, o amigo dileto, e eu próprio, compúnhamos o grupo que debatia, por vezes com incontida veemência, os assuntos polêmicos. Em meio à discussão surgia o mestre e apaziguava os ânimos, apenas com a sua presença suave e um semi-sorriso complacente.

Por tudo isso, por ser assim e assim proceder, nas pequenas coisas e, sobretudo, nas grandes coisas, costumava pedir para seu espírito palavras simples: “sua vida foi um supremo esforço de conciliação... por vezes malogrado”.

Onde quer que ele esteja deve estar feliz, pois o seu esforço supremo afinal não foi malogrado, e realizou o ideal entresenhado: todos aqueles que viveram à sua sombra, até hoje, ajoelham-se, unidos, ante a chama votiva de sua lembrança...”

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: ARISTIDES PEREIRA MALTEZ

Geraldo Leite

Nasceu na cidade de Cachoeira, a 31 de agosto de 1882, sendo seus pais Francisco Pereira Maltez e Amélia da Glória Guimarães Maltez. Dois, dos oito filhos do casal, foram médicos.

O curso primário, realizou na cidade de Nazaré. O ginásial, no Ginásio da Bahia, em Salvador.

Em 1915, integrou o corpo docente do Ginásio da Bahia, ensinando Física, Química e História Natural. No período de 1926 a 1934, foi Vice-Diretor do referido estabelecimento de ensino, ocupando a Diretoria várias vezes.

Dominava, com facilidade, latim, grego, inglês e outras línguas. Era grande humanista, poliglota e espírita.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1902, pela qual saiu diplomado em 1908, ano em que foi eleito orador da turma.

Foram seus colegas de turma: Dionysio da Silva Lima Pereira, Eduardo Vidal da Cunha, Enjolras Vampré, Joaquim Martagão Gesteira, e Luiz Antônio de Aguiar. Dionysio da Silva Lima Pereira e Enjolras Vampré foram alunos laureados. Os demais, tornaram-se, também, professores da Faculdade (6).

Em 1910, foi preparador interino da cadeira de Fisiologia. Em 1911, Assistente de Clínica Ginecológica. Em 1914, docente-

livre de Ginecologia. Em 1919, professor substituto, por concursos, da 14ª Secção. Em 1925, professor catedrático de Clínica Ginecológica, assim permanecendo até a morte.

Em 1909, viajou para os Estados Unidos, onde realizou cursos de especialização em Ginecologia e Obstetrícia.

Foi, durante muitos anos, médico ginecologista, e cirurgião, do Hospital Santa Izabel, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

Teve, como clientes, personalidades importantes, inclusive um governador e um famoso professor da Faculdade. *“Todos a ele recorriam, apegando-se a um fio de salvação de suas vidas”*(4). José Silveira, foi testemunha de um desses casos: “Eu acompanhei Aristides Maltez numa das mais difíceis oportunidades de sua vida clínica. O doente era o mestre amado, Professor Adeodato. Não havia mais o que fazer. A ciência entrara em completa falência mas o espírito forte do mestre Adeodato exigiu do discípulo a intervenção. “Faça-me essa laparotomia, seja qual for a consequência! ”. Todos sabiam do resultado final do drama que se estava desenrolando. Maltez atendeu, satisfazendo a última vontade do querido mestre. Entrou profundamente pálido na sala, pois sabia o que lhe reservava o campo operatório. Mas a mão esteve firme e, embora adivinhássemos as lágrimas, a não desviou o olhar firme do cenário em que agia. Desde esse instante, eu que apenas admirava Maltez, passei a dedicar-lhe dedicação profunda e devotado respeito” (3).

Em 1936, iniciou o maior sonho da sua vida: a luta contra o câncer.

Resolveu criar um hospital, para minorar o sofrimento dos cancerosos pobres da Bahia. Liderou incontáveis campanhas para angariar fundos, E tudo fez para concretizar seu ideal. A pedra fundamental foi lançada em 25 de outubro de 1940.

Em 6 de janeiro de 1943, Aristides faleceu sem ver o seu hospital inaugurado...

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Castro Lima, Mário Augusto de – Discurso de Posse. Anais da Academia de Medicina da Bahia. Volume 2, junho de 1979.
2. Liga Bahiana Contra o Câncer. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?cript=sd_arttex&pid=S0102-311X1989000406012. Acesso em 13 de Janeiro de 2009.
3. Lacaz, Carlos da Silva – Médicos Baianos. São Paulo.
4. Loureiro de Souza, Antônio. Baianos Ilustres. Salvador, 1973.
5. Maltez, Ruy- Aristides Maltez. Anais da Academia de Medicina da Bahia Bahia. Volume VI, julho de 1985.
6. Tavares-Neto, José – Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana, 2008.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: ANTÔNIO DO PRADO VALADARES

Geraldo Leite (*)

Nasceu em 13 de junho de 1882, em Santo Amaro da Purificação, sendo seus pais Miguel Araújo Valadares e Mariana de Jesus Valadares.

Realizou os primeiros estudos em Santo Amaro, passando mais tarde para Salvador, onde completou os preparatórios

Matriculou-se, com apenas 14 anos de idade, na Faculdade de Medicina da Bahia, graduando-se, como aluno laureado, em 12 de março de 1902. Ganhou uma viagem de estudos à Europa, e o retrato no Panteão da Faculdade.

Foram seus colegas de turma: Antônio Bonfim de Andrade, Dário José Peixoto, Eduardo Diniz Gonçalves, Heráclio Ponciano de Menezes, José Cordeiro dos Santos Filho e Oscar Freire de Carvalho.

Antônio Bonfim de Andrade e José Cordeiro dos Santos Filho participaram, como estudantes de medicina, do Corpo de Saúde do Exército, na Guerra do Paraguai. Os demais, tornaram-se professores da Faculdade (9).

De 1905 a 1910, foi Assistente de Clínica Propedêutica; de 1911 a 1914, Professor extraordinário de Patologia Geral; de 1914 a 1915, Professor ordinário de Patologia Médica; de 1915 a 1927,

catedrático de Clínica Médica e, de 1927 a 1938, catedrático de Propedêutica Médica.

Como professor catedrático de Propedêutica, faleceu em 8 de janeiro de 1938, na cidade de Petrópoles.

Em 1926, empreendeu viagem de estudos ao Velho Mundo, quando freqüentou os melhores Serviços de sua especialidade. Todavia, esclarece Sá Menezes, *“Valadares não aceitava, de braços cruzados, ou melhor, sem antes passarem pelo crivo da sua crítica – lógica e lúcida – os conhecimentos médicos europeus”* (7).

“Prado Valadares foi, também, um grande conhecedor da literatura universal, familiarizando-se com os clássicos. Era um purista da língua, rivalizando-se, mesmo, com Ruy Barbosa” (5).

E mais: *“Era um devorador de livros, estudioso incansável, armazenou excepcional cultura médica e geral. Poliglota, bebia direto nas fontes, lendo no original os clássicos latinos e gregos, alemães e ingleses, italianos e franceses”* (3)

Em 15 de janeiro de 1938, uma semana após a sua morte, a congregação da Faculdade de Medicina da Bahia aprovou moção de pesar, declarando: *“O claro que se abre nesta congregação importa em perda irreparável, uma vez que o espírito que se apaga foi bem na vida que tão breve se desfez, fulgurante no seu talento invulgar, respeitável na cultura que o singularizava em*

vários departamentos do saber humano, entusiasta da idéia e a ela fiel em segurança de atitudes” (4).

Os Professores Adriano de Azevedo Pondé e José Silveira foram seus assistentes e, com Prado Valadares, introduziam a clínica radiológica na Bahia.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Almeida Souza, José Antônio de – Discurso de Posse. Anais da Academia de Medicina da Bahia. Volume X, dezembro de 1994. Salvador, Ba.
2. Benício dos Santos, Itazil – Itinerário de Ideais e Compromissos. Salvador, 1987.
3. Editorial: Centenário de Prado Valadares. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Volume IV, junho de 1982.
4. Lacaz, Carlos da Silva – Médicos Baianos. São Paulo.
5. Loureiro de Souza, Antônio – Baianos Ilustres. Salvador, 1973.
6. Sá de Oliveira, Eduardo – Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador, 1992.
7. Sá Menezes, Jayme de – Na Senda da História e das Letras. Salvador, 1994.
8. Silveira, José – Prado Valadares – Anais da Academia de Medicina da Bahia. Volume V, julho de 1983.
9. Tavares-Neto, José – Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, 2008.

UM MESTRE SINGULAR, UM TEMPERAMENTO DIFÍCIL

(Extrído de Silveira, José –Sinópsse Informativa. Universidade Federal da Bahia, Ano II, N° II, outubro de 1978. Salador)

*

“Embora, com muito apuro, elaborasse seu programa anual, jamais o seguia com regularidade. Suas aulas, verdadeiras Vorleseungen, no sentido alemão do termo, eram muito bem pensadas e cuidadosamente preparadas. Não para serem lidas, repletas de citações e indicações bibliográficas. Mas, para que, em lógica impecável, fossem apresentados fatos e argumentos em favor das suas próprias idéias sobre o tema escolhido.

Daí uma singularidade, que o afastava da compreensão e do interesse imediato do aluno, ávido quise sempre de aprender coisas práticas e corriqueiras. É que sua lição, excepcionalmente, se prendia a simples repetição de compêndios, mesmo cuidando de coisas triviais da Medicina.

No seu curso, jamais se formariam médicos práticos, clínicos comuns. O que ele ensinava era como raciocinar sobre os grandes problemas médicos, como tentar resolvê-los com idéias claras e orientação segura.

Seus pensamentos poderiam ser criticáveis; suas interpretações duvidosas ou mesmo absurdas; mas, sem argumentos contrários, seguros, era difícil derrubá-los. Por esse imenso poder dialético é que, às vezes, era visto como obstinado e irredutível. A culpa estava sempre em quem não lhe dava uma contra-prova racional e justa; porque, quando isso acontecia, ninguém mais disposto a ceder e mudar de opinião diante da verdade.

Esse desprezo pela imitação e essa paixão pelo que era pessoal e novo, levaram-no a uma pertinaz inquietação, configurada no que, ele próprio, chamava de **ânsia do porque**.

Raro era o dia que chegava ao Sedrviço sem trazer uma pergunta, sem colocar diante de nós uma questão. Fosse em Medicina, nas Letras ou mesmo no âmbito indefinido da cultura geral. Socrática e impertinentemente a todos interrogava, no desejo de colher a resposta certa, a solução verdadeira.

Carregado vivia seu cérebro de mil hipóteses, cheio, seu espírito de novos inventos, melhores métodos de trabalho, instrumentos mais simples e manejáveis.

Infelizmente muitas dessas idéias se perderam, por falta de uma intra-estrutura industrial, capaz de tornar realidade os seus ousados planos. Outras, mais tarde, se concretizaram, mas, sob moldes diferentes em terras distantes...

Admirável era a previsão de vários fatos – como no caso da esquistossomose – só mais tarde comprovados – pela análise científica da biologia do parasito e da natureza e particularidades do organismo do hospedeiro.

Idéias, hipóteses e teorias, consideradas nefelibatas, esdrúxulas e improváveis, tornaram-se vivas e palpitantes realidades.

Possuindo, assim, uma gigantesca força de pensamento, era, ao contrário, um tremendo fracasso, em termos de habilidade manual. Não conheci ninguém mais desajeitado para qualquer manobra instrumental.

Uma simples injeção lhe era penoso executar. Disso tinha conhecimento, mas nem assim desistia.

Tenho ainda sob meus olhos o quadro do seu sofrimento e de infinita angústia, quando na sua primeira tentativa, não conseguiu instalar, numa tuberculosa um pneumotórax extremamente fácil. Emocionado, ajeita e reajeita a posição da doente. Repete mil vezes a assepsia do local.

Examina o funcionamento do manômetro. Na própria pele experimenta, antes de flambar, a acuidade do bisel da agulha.

Passa nervosamente a usá-la, atravessando os planos superficiais, mas não consegue atingir a pleura. Repete as tentativas e, no fim, desolado, desiste para, acabrunhado e triste assistir uma punção simples e rápida feita por um de nós.

Certo que essa canhestria manual só os mais íntimos percebiam.

Como não era cirurgião e nem a isso se aventurou, deixando sempre para seus auxiliares tais intervenções, jamais essa deficiência o comprometeu. A solidez da sua cultura, a vivacidade da sua inteligência e o brilho excepcional do seu talento eram mais do que suficientes para integrá-lo na seriação brilhante dos maiores valores intelectuais da nossa Escola.

De espantar é que, uma pessoa dessa categoria, fino, atencioso e delicado, dono dos mais elevados dotes culturais, servido por nobres sentimentos e orientado sempre pelos mais rígidos princípios éticos, fosse, em geral, pouco estimado.

Tal situação ao próprio Valadares muito magoava. Chegou mesmo a pensar, que a atitude repulsiva que, sem a menor razão, às vezes provocava, teria trazido do berço. Contou-me, certa feita, que menino ainda, no primeiro ano de Faculdade – ele se formara com 19 anos incompletos- viu, nos corredores da Escola, vários rapazes contendo um colega que, e violento se dirigia em

sua direção. Serenados os ânimos, veio a saber que aquele descontentamento, com quem jamais trocara uma palavra sequer, queria agredi-lo, gratuitamente, sem nenhum fundamento e tão só “porque não podia vê-lo, não suportava a sua presença”...

Por essa misteriosa contingência, por motivos outros, que se foram acumulando no decorrer da vida e nos inevitáveis atritos do mundo, muitos dos seus pares tornaram-se ferrenhos e irredutíveis inimigos. Outros o admiravam mas insistiam em nunca procurá-lo. Raros não foram os que me advertiram: “Valadares é extraordinário... Com ele você aprenderá muito... Mas... cuidado porque briga com todo o mundo”...

Nunca dei guarida a tais boatos. À minha vista desentendimentos e brigas se processaram. Vi com imensa tristeza que o tempo passava e que, perdendo seus melhores amigos, caminhava para a triste solidão... Nada podia fazer. Percebendo, bem cedo, que a maior parte dessas incompreensões provinha do temperamento de um homem difícil, emocionalmente enfermo, capaz de se sentir profundamente magoado e ferido com qualquer coisa, tomei a providência de tratá-lo com cuidado, reverência e tolerância...”

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: ABÍLIO CÉSAR BORGES (BARÃO DE MACAÚBAS)

Geraldo Leite

Abílio César Borges nasceu em 09 de setembro de 1824 em Rio de Contas, antiga Minas do Rio Claro, atual cidade da Barra. Foram seus pais Miguel Borges de Carvalho e Mafalda Maria da Paixão Borges.

Médico e pedagogo, criador do nosso livro didático. É considerado “o Pestalozzi brasileiro”.

Cursou as primeiras letras em sua vila natal, onde concluiu a instrução primária. Antes de completar quatorze anos, partiu para a capital da província a fim de cursar as aulas do Colégio Nossa Senhora da Conceição, um dos estabelecimentos de ensino mais conceituados da Bahia.

No dia 28 de fevereiro de 1842, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

No último ano do curso, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde diplomou-se em 1847.

Informa LOUREIRO DE SOUZA (1922): “seu curso foi dos mais brilhantes, tendo conquistado vários prêmios”. Concluído o curso médico, Abílio Borges, impelido por sua verdadeira vocação, regressou, em 1848, à Bahia para exercer o cargo de Diretor da Instrução Pública e fundou, na cidade do Salvador, o Ateneu Barrense e o Ginásio Baiano.

Militou, com eficácia, na imprensa, sendo redator de vários periódicos.

Na condição de Diretor da Instrução Pública da Bahia, “em discurso dirigido ao Ministro do Império, João Alfredo Correia de Oliveira, conclamou-o a criar o Ministério da Instrução”

À frente do Ginásio Baiano esteve durante quatorze anos, período em que visitou a Europa a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos pedagógicos.

Em 1871, regressou ao Rio de Janeiro, onde permaneceu até a morte. Ali fundou o Colégio Abílio e, dez anos depois, dois outros, um em Botafogo e outro em Barbacena, Minas Gerais.

O Colégio Abílio era considerado um dos melhores da capital do Império, comparável aos mais famosos da Europa. No referido colégio estudaram Luis Edmundo, Castro Alves, Ruy Barbosa e Raul Pompéia.

Raul Pompéia foi interno do Colégio Abílio Borges e o retratou, posteriormente, em sua obra “O Ateneu”.

Em 1881, por decreto imperial, Abílio Borges recebeu o título de Barão de Macaúbas.

Abílio Borges revolucionou o ensino brasileiro, tornou-se uma das suas mais importantes personalidades, notadamente no que se refere a abolição dos castigos físicos nas escolas.

Faleceu em 17 de janeiro de 1891.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1-Loureiro de Souza, Antônio – Baianos Ilustres (1564-1925). Ed. do Governo da Bahia. Salvador, 1972.

2-Abílio Borges- Disponível em http://www.google.com.br/search?hl=Pt.BR&q=abílio+cezar+borges&btnG=Pesquisa+Google&meta=Ir%Dlang_Pt . Acesso em 20 de dezembro de 2008.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: AUGUSTO COUTO MAIA

Geraldo Leite

Diplomou-se, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1898.

Foi colega de turma de Antônio Baptista dos Anjos e Arthur Correia Cotias, também professores da Faculdade (5).

Considerado um dos pioneiros da Microbiologia em nosso estado, bebeu Augusto do Couto Maia, nas mais cristalinas fontes do saber, os ensinamentos dos grandes mestres do Velho Mundo.

Professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Bahia, assumiu a cátedra com grande dedicação, durante cinco anos (1933-1937), tempo relativamente curto, mas o suficiente, para ser considerado um dos mestres mais importantes do seu tempo.

Diz Ib Gatto Falcão: “ *O Professor Augusto do Couto Maia, da disciplina de Microbiologia, não era catedrático e sim substituto, mas tinha extraordinário prestígio. Presidia os vestibulares e falava-se que ele anotava os primeiros estudantes colocados e acompanhava seu desempenho nos anos seguintes; se eles mantinham a regularidade nos estudos e continuavam a se destacar, ele os convidava para serem internos do Hospital de Isolamento, que atualmente tem o seu nome, próximo da Igreja do Bonfim. Os acadêmicos internos, na sua maioria pobres, ali recebiam casa, comida e uma boa mensalidade. Eram a nata dos*

alunos da Faculdade. Mais tarde, alguns deles tornaram-se docentes, como o alagoano Estácio de Lima. Politicamente, o Professor Couto Maia era muito forte e dominava as decisões do colegiado, pois tinha sempre quatro ou cinco professores, oriundos do Hospital do Isolamento, que lhe deviam dedicação” (1).

O Hospital do Isolamento é o hospital público mais antigo da Bahia. Foi fundado em 09 de abril de 1853, em Ato assinado pelo presidente da província, João Wanderley, *“na tentativa de controlar a febre amarela, que afetava os marinheiros que vinham nos navios mercantes nacionais e estrangeiros que aportavam em Salvador, e que estavam afetados pela doença”* (2).

No início, funcionou de modo precário, em uma casa e roça de propriedade do Sr. Antônio Pereira Franco, arrendada ao Governo da Bahia. *“Em aditamento ao Ato de fundação, em 26 de abril do mesmo ano, o Presidente determinou a instalação de um cemitério, para que lá fossem enterrados os seus óbitos”* (Ibidem).

Diz Cucci Nunes: *“Várias epidemias, como febre amarela (1849), cólera (1855), peste bubônica(1904), gripe espanhola (1918) e febre tifóide (1924), assustaram a população baiana. O Hospital do Isolamento foi o suporte para internamento e tratamento com medicações, hoje, consideradas exóticas e pouco eficazes”* (3).

Em 1912, o Dr. Augusto do Couto Maia foi nomeado diretor do Hospital do Isolamento, e, como seu operoso e dedicado diretor, permaneceu durante mais de vinte anos.

Em 1926, foram inaugurados, pelo Governador Góes Calmon, os novos prédios, hoje existentes.

A partir de março de 1936, por solicitação do corpo clínico e de amigos, o Governo do Estado, através do decreto 9.881, modificou a designação de Hospital de Isolamento para Hospital Couto Maia.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Falcão, Ib Gatto – A Faculdade de Medicina da Bahia na década de 1930. Disponível em – <http://www.gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/2>-Acesso em 16 de janeiro de 2009.
2. Figueiredo, Maria de Fátima Lorenzo –Resumo histórico da Hospital do Isolamento. Disponível em http://www.ppgefhc.ufba.br/site_pos/res_est/06_06/Resumo_MF%E1tima.pdf. Acesso em 16 de janeiro de 2009.
3. Nunes, Ceuci de Lima Xavier – Hospital Couto Maia comemora aniversário. Disponível em <http://www.saude.ba.gov.br/noticias/noticias/noticia.asp?NOTICIA=394> . Acesso em 16 de janeiro de 2009.
4. Sá Oliveira, Eduardo – Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador, 1992.
5. Tavares-Neto, José – Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana, 2008.

LUZEIRO DA EDUCAÇÃO: AUGUSTO CEZAR VIANA

Geraldo Leite

Nasceu em 5 de abril de 1867, em Salvador.

Concluídos os estudos de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, por onde se diplomou em 1890.

Foram seus colegas de turma: Amélia Pedrosa Benebien, Belisário Augusto de Oliveira Pena, Ephigênia Veiga, e Pedro Emílio de Cerqueira Lima Júnior.

Amélia Pedrosa Benebien foi a segunda mulher diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia, junta com sua colega de turma, Ephigênia Veiga. Belisário Pena foi Ministro da Saúde (1931), cientista, colaborador do dr. Arthur Neiva em suas pesquisas sobre as condições de saúde das populações do norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte-sul de Goiás. Pedro Emílio de Cerqueira Lima Júnior foi professor da Faculdade (3).

Logo após a formatura, passou a regente da cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas, assim permanecendo até 1901, quando foi transferido para a cátedra de Bacteriologia (cujo nome mudou para Microbiologia, em 1911). Em 1915 passou a catedrático de Microbiologia, assim permanecendo até 1933.

Em 1897, concluiu o curso de Farmácia, colando grau no dia 30 de dezembro do mesmo ano.

Em 1891 e em 1914, estagiou em diversos centros médicos da Europa.

Em 1908 foi nomeado diretor da Faculdade de Medicina e, como diretor, concluiu as grandes obras de reconstrução, iniciadas por Alfredo Britto, em 1905, logo após o incêndio que quase a destruiu.

Foi reconduzido à direção do vetusto berço da medicina brasileira, em 1915 e em 1933.

Dirigiu, durante muitos anos, o Instituto Oswaldo Cruz da Bahia.

“O Dr. Augusto Viana deve ser considerado um dos grandes diretores que teve a nossa Faculdade. Durante sua longa administração, foram planejados e realizados melhoramentos da maior importância para o progresso médico da Bahia. Foi um professor justo e cumpridor de deveres, de atitudes nobres e sempre definidas; grande amigo dos moços, e sincero estimulador de valores” (2).

Aí estão, comprovando as palavras de Eduardo Sá de Oliveira, as lápides existentes na Faculdade de Medicina, na Maternidade Climério de Oliveira e no antigo Instituto Oswaldo Cruz, no bairro do Canela. No mesmo bairro, o Professor Augusto Viana adquiriu extensa área, onde construiu o Ambulatório que tem o seu nome. Na referida área foi edificado, anos depois, o hospital-escola da Faculdade.

“Homem de formação pura, cientista dos mais abnegados, professor eminente, pelo saber e pela bondade, foi um dos nomes

mais em projeção na sua época, sendo imenso o número dos que o admiravam e respeitavam” (1).

Faleceu em 18 de maio de 1933.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

1. Loureiro de Souza, Antônio – Baianos Ilustres. Salvador, 1973.
2. Sá Oliveira, Eduardo – Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Salvador, 1992.
1. Tavares-Neto, José – Formados de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Feira de Santana, 2008.

O FUNERAL DE AUGUSTO VIANA

(Extraído de Nogueira Britto- Falecimento do Prof. Doutor

Raymundo Nina Rodrigues, em Paris, a 17 de julho de 1906 e narrativa da chegada do cadáver ao porto desta capital, no dia 10 de agosto do mesmo ano.

Disponível em http://www.fameb.ufba.br/med.historia_med/hist_med_art61d.htm.)

“Na quinta-feira, 9 de agosto de 1933, o deputado estadual, Dr. Souza Britto recebeu do eminente governador do Maranhão, Dr. Benedicto Leite, o seguinte telegrama: “Dr. Souza Britto – Bahia – Comissão encarregada homenagem Nina Rodrigues aí, pediu governo deste Estado, auxiliasse despesas essas homenagens. Respondi estar pronto aceder pedido; perguntei que quantia será

precisa, comissão telegrafou-me novamente, dizendo, aceitaria qualquer auxílio que eu enviasse, Como sabeis, indispensável governo ter uma base qualquer despesa tenha determinar. Portanto, peço-vos entendais essa comissão, sentido ela dizer-me quantia auxilio precisa deste governo.

Além disso os telegramas que tenho recebido são assinados apenas “Comissão”. É indispensável ela telegrafar-me com os nomes de seus membros, a fim de ter pessoa ou pessoas determinadas, a quem mandar entregar quantia remetida, como auxílio. Peço-vos entendais com ela também a esse respeito.

Saudações – Benedicto Leite, governador.”

Em derredor do sobredito assunto, a incansável e abnegada “comissão” acadêmica incumbida das exéquias do Dr. Nina Rodrigues, enviou, dias mais tarde, em 12 de agosto, ao governador do Maranhão, Dr. Benedicto Leite, o seguinte telegramma: “Governador Maranhão – Terminadas as homenagens em memoria do dr. Nina Rodrigues, dispensamos auxilios prometidos – Comissão.”

Dentre as numerosas personalidades eminentes que acompanharam o fêretro estavam os Drs. Alfredo Britto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Themistocles Nina Rodrigues, primeiro-tenente do exército, concunhado e irmão do ilustre extinto; sr. Antonio de Almeida Couto, irmão da exma. viúva do Dr. Nina Rodrigues; Drs. Braz do Amaral, Guilherme Rebello, Pacifico Pereira, Pedro de Luz Carrascosa, Josino Cotias, Bonifacio da Costa, da Escola de Medicina; Drs. Alexandre Maia Bittencourt, Thyrso Simões de Paiva e

Archimedes de Siqueira Gonçalves, pela Escola Politécnica; Dr. Carlos Devoto, diretor do Ginásio Estadual; capitão Ernesto Cyrillo de Castro e segundos tenentes Victalino Thomaz Alves, Corbiniano Cardoso e Pedro Reginaldo Teixeira.

A diretoria do Ginásio do Estado, em protesto de veneração à memória do provecto cientista, resolveu suspender as aulas daquele estabelecimento, convidando o corpo docente e os alunos a comparecer às exéquias, e mandou hastear a bandeira Nacional a meio mastro, no respectivo edifício.

A Faculdade de Medicina da Bahia deixou de funcionar naquele dia, 10 de agosto, e não estará em atividade no dia 11, em legítimo e preciso preito de fidelidade, de gratidão, respeito, admiração e amor à memória do seu querido professor.

Na Faculdade de Direito, assim que chegou a comunicação que o corpo do inditoso professor desembarcara no Arsenal de Marinha, foi posta em funeral a bandeira simbólica da faculdade, - continuando assim no dia 11 até que tenham baixado á terra os despojos do catedrático. Estarão suspensos no dia 11, por este motivo, todos os trabalhos da faculdade. Igual procedimento tiveram os lentes da Escola Politécnica.

Capelas mortuárias

Dentre muitas capelas que serão colocadas sobre o túmulo do eminente cientista, foram observadas: uma coroa ricamente lavorada por D. Amalia Gama, armada com o máximo cuidado,

confeccionada de finíssimas flores de pano, sendo um lado de rosas e crisântemos e do outro de lindos ramalhetes de violetas, lilases e glicínias tudo de permeio com de laços de fita de seda lilás. De um lado da coroa, pende larga fita lilás com a seguinte inscrição, artisticamente pintada “Homenagem dos corpos docente e discente da Faculdade de Medicina”; uma outra belíssima coroa de contas e vidrilhos tendo numa fita, os seguintes dizeres: “Homenagem do corpo administrativo da Faculdade de Medicina da Bahia”; “Ao ilustre cientista e eminente professor dr. Nina Rodrigues – O Estado da Bahia”. Uma grande e bonita coroa de lilases e rosas amareladas; “Dr. Alfredo Britto e seus filhos”. Vistosa coroa de amores perfeitos, lírios e rosas, confeccionada de “biscuit celluloide”; “Último adeus da sua irmã e cunhada”. Um coração de contas cor de lírio, encimado por uma cruz e ornada de amores perfeitos, tendo no centro um riquíssimo quadro – estilo império – de bronze dourado, emoldurando o retrato do falecido; “Saudade eterna de sua mãe e irmãs”. Uma cruz de 1 metro e 20 centímetros, de contas cor de lilás, ornamentada de amores perfeitos e lilases brancos; “Homenagem do Jornal de Noticias”. Uma cruz de alumínio e “biscuit”, ornada de amores perfeitos e rosas.

No sábado, 11 de agosto, às 8 ½ dada manhã, serão celebradas as exéquias solenes pelos monges beneditinos, realizando-se, em seguida, o saimento fúnebre .

O Dr. Nina Rodrigues será inumado no cemitério do Campo Santo, falando por esta ocasião, em nome da mocidade estudantil, o acadêmico de Direito Aydano Sampaio e pela Faculdade de

Medicina da Bahia o Dr. Guilherme Pereira Rebello, (1857-1928), muito insigne médico, natural de Sergipe, lente de Anatomia e Fisiologias Patológicas, graduado em Medicina, em 1878, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

“Convite

A Comissão Central das exéquias do pranteado e sábio professor Dr. Nina Rodrigues convida os exmos. srs. Dr. governador, Dr. secretário de Estado, Dr. chefe de Polícia, general comandante dos corpos da guarnição federal, do Regimento Policial, funcionários da União, do Estado, do Município, o exmo. sr. provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, os corpos docentes, discentes e administrativos das Faculdades Superiores, do Ginásio, do Instituto Normal e dos colégios particulares, a distinta classe comercial, a digna imprensa da cidade e mais amigos e admiradores do grande morto, para assistirem as missas que serão celebradas, hoje, (18) às 8 ½ horas da manhã no Mosteiro de S. Bento e acompanharem o enterro, logo em seguida aos atos religiosos.”

Durante a noite do dia 10 de agosto, foi grande a concorrência de famílias e cavalheiros que foram à igreja abacial de S. Bento, em visita aos despojos do Dr. Nina Rodrigues. Algumas velas de estearina extinguíam-se e logo eram acesas. O silêncio alto da noite era quebrado pelos resposos que se rezavam ou se cantavam alternadamente, alguns engrolados em voz untuosamente evangélica por fiéis, sobretudo por idosas beatas, que entoavam molesta e soturna ladainha. De quando em vez, os monges beneditinos salmodiavam tristemente.

No dia 11, ao dealbar do nascer do sol, as ruas vizinhas iam se povoando e logo u'a multidão formiculante, em romaria, de roupa endomingada, estava queda no Largo de S. Bento, em frente ao monastério. Dava o seu último quarto de hora a 15.^a turma.

Em frente a essa, destacavam-se os estandartes das três escolas superiores. O da Faculdade de Medicina, riquíssimo e todo envolto em crepe ocupava o centro; à direita ficava o da Politécnica e, à esquerda, o da de Direito. Ambos eram encimados por laços de crepe, cujas extremidades pendiam sobre o corpo dos estandartes.

Cinco minutos antes de 9 horas, a música do correto 1.^o corpo de Regimento Policial, em grande uniforme, executou a primeira marcha fúnebre.

Por essa ocasião, já a vasta área interna do templo estava atotetada de gente, notando-se ali representadas: as congregações das três academias, as principais autoridades civis e militares, tribunais, associações, mocidade acadêmica, exmas famílias, imprensa etc. Dentre o grande número de pessoas que enchiam o templo estavam as seguintes: Dr. José Marcellino de Souza, governador do Estado; Dr. José Maria Tourinho, chefe da Segurança Pública; Dr. Antonio Victorio de Araujo Falcão, intendente municipal e lente de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia; Dr. Manoel Freire de Carvalho, secretário da Intendência; Dr. Alfredo Britto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia; Dr. Pedro Vicente Vianna, presidente do Tribunal de Apelação e Revista; Dr. Antonio G. Fróes, Dr. Reis Meirelles, senador estadual, Dr. Francisco Lopes da Silva Lima, diretor da

sessão de engenharia do município, Dr. Alexandre Maia Bittencourt, Dr. Alfredo Devoto, coronel Bellarmino de Andrade, engenheiro Augusto Maia, Dr. Manoel Carlos Devoto, Dr. Climerio de Oliveira, Dr. Braz H. do Amaral, Dr. Bernardino Madureira de Pinho; Lopes Rodrigues, pela Escola Comercial; diversas comissões, representando os corpos de alunos do Ginásio da Bahia e do Ginásio Carneiro, diretores do Grêmio Lítico Jurídico, major Joaquim da Costa Freitas, representando A Equitativa, uma comissão do Grêmio Beneficente do Professorado Baiano etc, etc.

Lá pelas 9 ½ horas da manhã começaram as missas, que foram celebradas no altar-mor e os altares laterais de Nossa Senhora de Lourdes e São Bento. No altar-mor celebrou d. Majolo João Pedro de Caigny, abade dos beneditinos, acolitado pelos religiosos D. Lourenço Seixas e D. Bernardo Poetsch. Ouvia-se ciciar de orações nos genuflexórios com eclesiásticos de breviários. Assoavam-se com grandes soluços. O incenso turificado fumaçava e impregnava o ambiente

Quatro noviços beneditinos entoaram o cantochão. A melopéia arrastada da divina oração em canto gregoriano reconfortava os circunstantes orantes.

No altar de N. S. de Lourdes foi celebrante o cônego Gustavo das Neves, deputado estadual e no de S. Bento um religioso franciscano, frei Lucas.

Nesses altares as missas terminaram às 9 horas e 50 minutos, terminando a do altar-mor às 9 horas e 55 minutos, fazendo-se ouvir, mais uma vez, o cantochão.

Levado a cabo os sobreditos atos litúrgicos católicos, uma turma de 6 acadêmicos foi buscar o esquife no alto do catafalco. Às 10 horas e 15 minutos, o caixão foi depositado no riquíssimo coche mortório, que era tirado por 3 belas parelhas de cavalos castanhos escuros, emantandos de crepe, e organizou-se um segundo préstito fúnebre que obedeceu a ordem seguinte: À frente, o coche que conduzia o caixão mortuário; o estandarte da Faculdade de Medicina da Bahia; o andor com a capela da dita Faculdade, de flores artificiais; numa larga faixa de seda cor de lírio, lia-se: Homenagem dos corpos docente e discente da Faculdade de Medicina da Bahia; a capela da família do extinto; o estandarte da Faculdade de Direito; a capela da sobredita Escola, a qual foi trabalhada de flores naturais, esperas brancas e roxas, cravos, rosas, jasmim e crisântemos, entrelaçada por extensa e larga faixa de seda branca com os dizeres: “Ao sábio mestre dr. Nina Rodrigues homenagem do corpo discente da Faculdade de Direito.”; capelas da família do Dr. Bomfim e muitas outras; o estandarte da Escola Politécnica, o andor com a capela da mesma que, como uma lembrança do acendrado amor do trabalho e da atividade do ilustre cientista morto, o grêmio daquela Escola, em feliz momento de inspiração, mandou confeccionar na forma de uma locomotiva, trabalho artesanal que foi elaborado pelo sr. Joaquim da Silva Senna, distinto funcionário público, com suspiros roxos e brancos. Nas partes laterais da casa do maquinista, viam-se as duas datas 1862 e 1906, a do nascimento e a da morte do preclaro cientista. Essa locomotiva deslizava sobre um plano coberto de flores brancas. Nas largas faixas de seda roxa, franjadas a ouro, lia-se “Homenagem da Escola Politécnica; diversas outras capelas; bandas de música dos 1.º e 2.º corpos de Polícia, e do 5.º batalhão de artilharia.

Durante o trajeto, grande massa popular se aglomerava apertadamente nas ruas por onde passava o cortejo, estendendo-se até a necrópole. Liderando o carro fúnebre iam os Drs. Braz do Amaral e Aurélio Vianna.

Cerca de 11 horas dava entrada do préstito no cemitério do Campo Santo. O féretro foi, então, retirado do coche mortuário pelos conselheiro Carneiro da Rocha, Drs. Braz do Amaral, Augusto Vianna e Alfredo Muyallert, os acadêmicos Pedro Americano, Oscar e Luiz Loureiro, Augusto Dias e o primeiro-tenente Dr. Themistocles Nina Rodrigues, irmão do pranteado morto.

Na capela da necrópole, o reverendo capelão, hissopando o corpo com água benta, procedeu à encomendação do cadáver, segurando nas alças do esquife até a beira da sepultura, os Drs. Alfredo Britto e Braz do Amaral, Ernesto Simões da Silva Freitas, acadêmicos Luiz e Oscar Loureiro, Evandro Pinho, Floro Ferreira e Oscar Cunha. Foi então colocado o caixão num estrado revestido de preto e franjas prateadas, e subiu à tribuna que fora erguida a 5 passos de distância do dito estrado, o acadêmico de Direito Aydano Sampaio, que pronunciou um comovente discurso laudatório.

DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DA UNIVERSIDADE

José Newton Alves de Souza

Entendo que a Universidade foi instituída para o homem, seu agente realizador.

No termo “Universidade” encontram-se vários elementos significativos facilmente destacáveis:

- a) a ideia de unidade
- b) a ideia de variedade
- c) a ideia de organicidade

Até aqui, temos apenas uma estrutura vocabular, com um conteúdo semântico não plenamente explicitado.

A ideia de “Universidade”, como realidade pré-institucional, perde-se no longo dos séculos, sendo lícito admiti-la a existir validamente já na velha Grécia.

Surgem, porém, as Universidades no Medievo, conformando-se a uma concepção primordial de estudos gerais e inspirando-se numa unidade superior de natureza fisiológica e religiosa, e para atender às solicitações espirituais e morais do tempo.

A ideia era agora um fato, e o fato uma instituição.

A Universidade nunca deu saltos. O espírito humano só amadureceu para lhe permitir o surgimento nos grandes séculos da Idade Média.

O Renascimento alterou parcialmente o conteúdo e conservou a forma da Universidade medieval. Não havia necessidade bastante forte para imprimir ritmo diferente e fisionomia nova a esse multissecular organismo.

Mas a Universidade não é um valor absoluto, de modo que valha por si, independentemente do tempo e do ritmo do Homem.

O Homem é invariável em sua essência, mas não o é em sua existência.

O ritmo da História mudou. Tornou-se mais rápido, sensivelmente mais rápido. A História não é também um valor absoluto. O centro e o sujeito dela é o Homem, na ordem do tempo.

O Homem constrói a História, enquanto colaborador de Deus pela inteligência operante. Cada coisa e cada homem tem uma história, tomado o termo em sua acepção vulgar. A História, como tal, não é o somatório das histórias, embora estas lhe dêem substância e riqueza. A História tende ao geral e abstrato; as histórias descrevem e analisam; a História discerne e interpreta. A Universidade surgiu na História e da História. Tem a sua história particular, dentro da qual avulta o homem, que é seu fator e beneficiário. A História, em sua temporalidade e em sua substância, é antropológica. O nosso tempo está sob o signo da História, no sentido de que o Homem como que adquiriu uma consciência mais nítida de que tem um papel decisivo, embora não onipotente, dentro dos acontecimentos, antes dos acontecimentos e sobre os acontecimentos, de modo que, estudando-os, comparando-os, interpretando-os, consegue provocar ou retificar outros, interferindo, de maneira positiva, no complexo e no rumo da História. Mas a Universidade, que surgiu da História e na História, porque procedeu das necessidades da inteligência do Homem, tem, cada vez, um papel mais positivo na História, nas histórias e na sua própria história. A pesquisa investiga, o estudo aprofunda, o método disciplina e o sistema assegura o conhecimento em progresso. A Universidade passou a ser organismo no qual o Tempo e o Mundo, a Ciência e a Cultura se examinam, reexaminam, ajustam e reajustam, formulam e reformulam em termos de precisão, exigência e desenvolvimento. Por seu caráter específico, a Universidade, tende a sua própria

história, e sendo a instituição qualificada para a pesquisa e o estudo da História, está, como nenhuma outra agência, na obrigação de salvar a si mesma, em busca de seus verdadeiros objetivos e de sua verdadeira situação no mundo atual.

O perigo maior da Universidade contemporânea, no meu entender, seria a pressa, o da permanência mutacionista, ao lado do fascínio tecnológico, sem dúvida imperativo.

Alguma coisa está no cerne e na alma da Universidade, alguma que precise ser conservada e salva a qualquer custo: O HOMEM.

A Universidade, por suas origens, por sua história, por sua natureza e por seus fins, é eminentemente antropológica. Deve adaptar-se, aperfeiçoar-se e atuar em função e serviço do Homem, primeiramente. E, dentro dela, o estudo primacial ainda é o Homem, o conhecimento do Homem. Primeiro o Homem. Não se trata de uma epistemologia do tipo “Conhece-te a ti mesmo.” Trata-se de conhecer o Homem, para que o Homem seja mais plenamente Homem na ordem de sua especificidade ontológica. Ser mais Homem, nesse sentido, é ser respeitável por sua natureza entitativa e mais realizável pelos reclamos de seus fins próprios. Pelo conhecimento, sempre mais profundo e amplo do Homem, a Universidade pode desenvolver-se reformar-se, adaptar-se atualizar-se, sem perder o endereço.

Estou evitando falar em Universidade humanística, preferindo a expressão Universidade antropológica, não para que assim seja chamada, mas para assim ser entendida. Salvar o Homem na Universidade e pela Universidade, para a Universidade não perder o Homem nem o Homem nem a Universidade.

Comecei considerando os elementos significativos captáveis na estrutura morfológica do termo “Universidade.” Volto a eles, para elucidar meu pensamento.

Unidade: Unidade, no caso, poderia entender-se pelo menos em dois sentidos:

a)**no quantitativo**, pelo qual se compreenderia uma instituição concretamente existente, possuidora de uma realidade própria, uma forma própria e uma finalidade própria, e capaz de se pluralizar pelo aparecimento de congêneres;

b)**no qualitativo**, pelo qual se compreenderia, antes de tudo, certa ordem fundamental, uma coerência objetiva e funcional, existindo na instituição considerada. Aí caberia a noção advinda do princípio henológico, que supõe a primazia da unidade sobre a multiplicidade.

Esse primeiro elemento significativo do termo “Universidade” põe-nos diante do tempo e do espaço.

Primeiramente, do tempo. Num dado momento da História, surgiu a Universidade. Os antecedentes que a prepararam poderiam classificar-se em próximos e remotos, como de costume. O fato é que houve o acontecimento, a potência passou a ser ato, passou a existir a primeira instituição que seria chamada “Universidade.” Este singular formalmente inaugural abria-se, fecundo, para a existência de congêneres. Veio pelo Homem e para o Homem. Pluralizar-se-ia pelo homem e para o homem.

Em segundo lugar, aquele elemento significativo nos coloca diante do espaço. O espaço foi o chão da Europa, tangível, localizado, conhecido e habitado. Chão historicizado pela existência do Homem sedentário, andarilho, carnal, espiritual, belicoso pacífico, besta, anjo, frágil, invencível, necessitado, bravo, indigente e sublime. O Homem.

O chão da Europa era um chão amadurecido. E maturação é devida mais ao tempo do que ao espaço. Sobre tudo as maturações naturais, as maturações autênticas. A primeira Universidade resultou do amadurecimento histórico, do amadurecimento do Homem.

O chão europeu estava amanhado para a Universidade, porque o tempo incidira sobre ele com virtude propícia. O tempo, só por

si, não geraria a Universidade; condiciona-la-ia, entretanto. Territórios culturalmente mais antigos só depois é que vieram a criar a instituição universitária, e, por outro lado, territórios de recente história já a possuem.

O espaço europeu e o tempo europeu intercruzaram-se para a gênese da Universidade.

Foi o Homem, porém, a sua causa existencial, agente e formal.

O segundo elemento a considerar é a **variedade**.

Também aqui mais de um sentido pode descobrir-se:

a) a diversidade de conhecimentos

b) a diversidade de estudantes segundo a nação de origem

c) a diversidade de escolas ou faculdades, etc.

Em face desse vário, que, por natureza tenderia à dispersão e ao desencontro, o ano funcionaria como princípio de coesão e de ordem.

Ai, e uma vez mais, é o Homem o autor, o motivo e o fim. Foi para servi-lo, ilustrando-o, qualificando-o, promovendo-o, que a Universidade veio.

Ainda há no termo em pauta, o terceiro elemento a que me referi: a **organicidade**. Este é que responde pela urdidura funcional da Universidade, pelo exercício ativo e hierarquizado das partes em si e entre si, pelo dinamismo ordenado, que nela deve reinar.

De feito, a Universidade, a verdadeira Universidade, é mais do que uma justaposição de escolas e institutos e uma superposição de camadas em escala. É uma corporatura organizada, expressiva de vida, e vida em abundância. Com um sistema circulatório de revitalização permanente. Com interfertilizações que assegurem, efetivamente, a unidade na variedade. E o centro e razão de ser dessa ordem e dessa vida, é também o Homem. Sempre o Homem.

Que a Universidade, em certo sentido, senão o Homem? O Homem unitário na sua individualidade, vário nas partes que o constituem, orgânico na disposição, ordem, função e vida dessas partes?

Mas que é o Homem, na sua mais alta acepção?

Não é um simples animal, nem mesmo um simples animal racional. É uma pessoa. E com isto se diz quase tudo. Quase: porque há mais: O Homem é uma criatura feita à imagem e semelhança de Deus. É por isto que ele não é um absurdo: é uma sublimidade. E é por isto também, sobretudo por isso, que a Universidade deve existir para ele, para formá-lo e não para perdê-lo.

Mas que vemos hoje, no palco do mundo?

A crise da Universidade, ao lado de outras crises.

Talvez fora mais correto dizer: o que existe, na base, é a crise do Homem.

Pode essa assertiva ser julgada “lugar comum,” todavia, o que perde por menos original, ganha por mais verdadeiro.

A crise primeira é mesmo a do Homem. Crise do Homem que perdeu o sentido de sua inteireza ontológica e fechou os olhos para a realidade de sua dimensão metafísica.

Crise do Homem, que se deixou levar pelo despotismo do tempo, e que ele conferiu poder absoluto.

Crise do Homem, que se deixou dominar por aquilo mesmo que ele inventou: a Máquina. Pior ainda: pelas maquinações da Máquina, pela idolatria da Máquina, pelo medo da Máquina.

Crise do Homem: descentrado de sua unidade pessoal, esfacelado, tragicamente, pelas vias obscuras e sangrentas de ideologias dominadoras e distorsivas.

O homem assim teria de levar a ser assim a Universidade. Daí a crise.

Tudo perdido?

Não. Porque o Homem não está perdido. O sangue do Cordeiro não correu inutilmente sobre o mundo. Nem foi maldição, como orgulhosa e insultuosamente o quiseram os deídicadas.

Foi redenção, verdadeiramente. Redenção que não se: frustraria jamais. Redenção definitiva.

Os caminhos do Homem são desconhecidos. Não assim os caminhos de Deus. Onde vemos luz, Deus pode ver trevas; onde vemos trevas, pode Deus pôr luz; onde nós o acaso, Deus a aurora; onde nós a fraqueza Deus a força; onde nós o dano Deus a salvação.

A Universidade contemporânea alfabetizou-se da Cruz. Seu saber voltou-se apenas para o imediato o pragmático, o sensível, o puramente natural. Não considero aqui as exceções, sejam estas em termos de Universidades como tais, ou em termos de universitários, docentes ou discentes, como tais. Tenho em vista um fato genérico, pelo menos uma tendência generalizante.

O vário se tornou único. O uno se tornou complexo. O orgânico se tornou caótico. O hierárquico, igualitário; o humanístico, subestimado; o técnico, tecnocêntrico; a sabedoria, apenas um saber. Foi o desmoronamento do Homem na Universidade, e o da Universidade no Homem.

Mas estamos diante de uma crise, tão somente. Ampla e funda, com certeza; não irremediável, porém. Crise talvez necessária, por mais paradoxal que isso pareça. Nunca se pensou tanto em Universidade. Nunca se estudou e reformou tanto a Universidade. Nunca tanto se meditou e refletiu sobre ela.

Não há que desesperar diante da crise, pois dentro dela podem observar-se sinais positivos de insatisfação, procura de novos caminhos e desejos de acertar.

De propósito, não falei em Universidade **humanística**. Penso que este atributo não diz tudo. Para a presente meditação preferi o termo “antropológico.” Por duas razões principais:

1ª – a ideia de homem, em “antropológico”, me parece mais substantiva e dinâmica;

2ª – “antropológico” supõe “homem” em termos de ciência, o que talvez fora mais próprio a aplicar à Universidade, segundo a perspectiva em causa.

Entendo que a Universidade tem uma dimensão antropológica. Entendo que essa dimensão não é mero espaço medível, mas é conotação específica, signo definidor, marca de identificação.

Entendo, ainda, que essequalificativo é simultaneamente intrínseco e extrínseco e que, uma vez desfigurado, cumpre recompô-lo, para devolver, íntegra, ao Homem, a sua imagem feita instituição, e a instituição, íntegra e operante, o retrato do Homem por quem ela foi criada.

A dimensão antropológica da Universidade não exclui outras dimensões, antes as supõe. A noção primeira de Universidade é uma noção de **universalidade**. Tudo pode ser por ela abrangido. O que importa é o respeito ao Homem, é o direito do Homem, é a hierarquia do Homem.

A Universidade precisa reforma-se. Reformar-se, no caso é também renovar-se. A organicidade a que antes aludi implica, necessariamente, nisso. Mas tudo em função do Homem, jamais em sacrifício dele.

O ritmo de nossos dias é mais que um ritmo breve: tem sido, por vezes, um ritmo louco. É preciso que não enlouqueçamos dentro dessa dança. É preciso que não percamos o rumo. É preciso olhar para trás, no sentido da experiência válida. É preciso olhar para frente, porque nosso espírito não é conteúdo arqueológico. É preciso, sobretudo, olhar para o Alto, porque nossa maior sede é a sede de Deus.

ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Hermano Gouveia Neto

Senhora Professora Leda Jesuino dos Santos⁸:

Na condição, que muito me honra, de Presidente desta Academia Baiana de Educação, eu a declaro membro titular, ocupando a cadeira que tem como patrona Maria Luiza Souza Alves e, como primeira titular, a saudosa acadêmica Angelina Rocha Assis.

A sua presença, Profa. Leda Jesuino dos Santos, nesta Academia, engrandece e enobrece o nosso quadro. A sua vida quase toda dedicada à Educação, a sua brilhante carreira no magistério, as funções que exerceu na administração educacional, os trabalhos que publicou, e a sua participação nos mais diversos movimentos educacionais justificaram, plenamente, a sua eleição.

Esperamos muito da sua participação. Temos certeza de que a sua contribuição será muito valiosa para que a nossa Academia cumpra os seus verdadeiros objetivos, como temos feito nos nossos sete anos de existência, estudando e divulgando a obra e a vida dos nossos educadores, estudando e analisando, com seriedade, os graves problemas da nossa educação e colaborando com instituições e colegas que atuam em nosso campo de atividades.

Nesta Academia, a colega terá convívio com destacadas figuras da nossa educação, entre as quais encontrará até ex-professores, velhos colegas e ex-alunos. Dentre esses nossos

⁸ Palavras pronunciadas pelo Prof. Hermano Gouveia Neto, presidente da Academia Baiana de Educação, em 1º de dezembro de 1989, no Museu de Artes da Bahia, na posse da Acadêmica Leda Jesuino dos Santos.

confrades, para citar apenas um, queremos destacar a figura impoluta, e por todos admirado e respeitado, do Acadêmico Antonino de Oliveira Dias, um dos nossos fundadores, nosso decano, membro de todas as diretorias e dos mais assíduos entre os membros da nossa Academia.

Ao lembrar o nome do Acadêmico Antonino de Oliveira Dias, queremos aproveitar a oportunidade desta brilhante sessão de sua posse, para homenageá-lo pelo transcurso dos seus noventa anos de benemérita existência, que não fizemos em sessão especial, tendo em vista o estado de saúde da sua querida e idolatrada esposa. Mas o fazemos agora, certos da sua aprovação e de todos os demais acadêmicos.

Senhora Acadêmica, Profa. Leda Jesuino dos Santos, a solenidade da sua posse é um dos melhores momentos vividos pela Academia Baiana de Educação.

No próximo ano acadêmico de 1990, queremos contar com a sua presença em todas as nossas reuniões, desejamos ouvir muitas vezes seus pronunciamentos e as suas comunicações.

Nossa Academia é também uma escola, onde todos desejamos aprender com os próprios confrades, no relato das suas experiências, na riqueza de suas vivências e através do relato de importantes fatos da educação baiana onde tenhamos sido participantes ou testemunhas.

Repetindo, Profa. Leda Jesuino dos Santos, a Academia Baiana de Educação está honrada com a sua presença entre nós.

Hermano Gouveia Neto

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFBA⁹:
REALIDADE E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO PARA
ALÉM DO CAPITAL¹⁰.

Celi Nelza Zulke Taffarel

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontaram diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente neste período de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nesta roupa emprestada...”. “...mas, só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito desta última e poderá produzir livremente dela”...(MARX. K. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 329)

⁹ Discurso proferido por Celi Nelza Zulke Taffarel, professora, doutora, titular, empossada diretora da FAGED / UFBA em 14 de janeiro de 2008. Na vice-direção foi empossada a professora Iracy Picanço da FAGED / UFBA.

¹⁰ O título do discurso de posse está referenciado: 1.) na lógica não tradicional de elaboração do pensamento científico que parte do real concreto para levantar elementos superadores enquanto possibilidade (CHEPTULIN, 1982) e; 2.) na obra de Mészáros (2002, 2003, 2005, 2006) que aponta para a superação da lógica desumanizadora do capital organizar a vida, para o sentido estruturante da educação e suas relações com o trabalho, e para as possibilidades criativas e emancipatórias da educação, o que passa necessariamente pela desalienação e construção de outra internalização e subjetividade, objetivando uma alternativa educacional significativamente diferente.

Estamos assumindo a FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFBA em tempos de acentuação da barbárie, do aprofundamento das políticas neoliberais¹¹, do influxo dos movimentos revolucionários, tempos de desesperança. Em tempos de necessidade de avanços no atendimento de reivindicações dos trabalhadores, de recomposição de forças de esquerda e de rupturas com a lógica do capital, mas, não o fazemos sós. O fazemos com base em um legado que completará, em 2009, 40 anos de instalação, legado este construído pelos que nos antecederam desde a primeira gestão da Faculdade de Educação na pessoa da Professora Leda Jesuíno dos Santos e sua equipe a quem coube, por designação do reitor Roberto Santos, coordenar a implantação da Faculdade de Educação da UFBA¹², até a recente gestão do professor Nelson Pretto e Mary Arapiraca,

¹¹ Em síntese, concordamos com LANDER (2005) que considera “o neoliberalismo um discurso hegemônico de um modelo civilizatório, síntese dos pressupostos e valores básicos da sociedade liberal moderna. O que o sustenta são as necessidades do capital de manter taxas de lucro. Ver mais In: LANDER, E. A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Buenos Aires. CLACSO – Consejo Latino-americano de Ciências Sociales. 2005.

¹² A FAGED/UFBA completa em fevereiro 40 anos de criação. Foi criada em fevereiro de 1968, através do decreto nº 62.241, que reestruturou a Universidade Federal da Bahia segundo a Reforma Universitária. Em 2009 completará 40 anos de instalação. Foi criada a Faculdade de Educação, como única unidade de ensino profissional e pesquisa aplicada que emergiu da antiga Faculdade de Filosofia e Letras da UFBA. Instalada no ano de 1969, a FAGED representou, desde o seu início, um desafio, “significando a exigência da demanda de um país em busca de uma resposta na árdua seara das indagações educacionais”, de acordo com palavras textuais da Professora Leda Jesuíno dos Santos. Na Bahia, esta unidade se formou a partir de quatro vertentes: o Departamento de Pedagogia da antiga Faculdade de Filosofia, o Colégio de Aplicação da mesma Faculdade, o Centro de Ensino de Ciências da Bahia e o Programa de Linguística, financiado pela Fundação Ford. Na graduação, a FAGED oferece os cursos de Pedagogia, Licenciatura em Ciências Naturais e Educação Física, assim como, é responsável pela formação pedagógica dos vinte e dois cursos de Licenciatura da UFBA

aos quais prestamos nossa justa homenagem pelo trabalho realizado nos últimos 8 anos¹³.

Assumem conosco os que zelaram e fizeram valer a frágil democracia instalada, respeitando a posição da maioria dos professores, dos técnico -administrativos e dos estudantes que, pautados em esclarecimentos, a partir de debates públicos sobre UM PROGRAMA PARA A FACED, nos indicaram para a direção da Faculdade. Assumem conosco os que, mesmo tendo desacordos pontuais táticos, se unificam na defesa da universidade pública e reconhecem a responsabilidade da instituição universitária e, especialmente, a da FACULDADE DE EDUCAÇÃO, no conjunto das responsabilidades das universidades públicas em um dos maiores bolsões de miséria da América Latina, o nordeste brasileiro¹⁴. Assumem conosco os que

13 Dirigentes da FACED UFBA Prof^ª. Leda Jesuíno dos Santos - Diretor ,Prof. Antônio Python Pinto - Vice-Diretor, De outubro/69 a julho/75, Prof^ª. Mariaugusta Rosa Rocha - Substituto Eventual, De agosto/75 a setembro/75 , Prof^ª. Jandira Leite Simões - Substituto Eventual , De setembro/75 a fevereiro/76, Prof^ª. Therezinha Teixeira Guimarães - Diretor , Prof^ª. Maria Anália Costa Moura - Vice-Diretor, De fevereiro/76 a fevereiro/80 , Prof^ª. Maria Anália Costa Moura – Diretor, Prof^ª. Alda Muniz Pepe - Vice-Diretor, De fevereiro/80 a julho/83, Prof^ª. Alda Muniz Pepe - Vice em exercício, De julho/83 a fevereiro/84 , Prof. Silvestre Ramos Teixeira - Substituto Eventual, De fevereiro/84 a agosto/83, Prof^ª. Jandira Leite Simões – Diretor, Prof^ª. Dilza Maria Andrade Atta - Vice-Diretor, De agosto/84 a agosto/88, Prof. Edivaldo Machado Boaventura – Decano, De agosto/88 a novembro/88, Prof^ª. Lucila Rupp de Magalhães - Diretor , Prof^ª. Ana Cristina Ruettimann Liberato - Vice-Diretor, De novembro/88 a novembro/92, Prof. José Oliveira Arapiraca – Diretor, Prof^ª. Nydia Lins Tourinho da Costa - Vice-Diretor, De novembro/92 a março/93, Prof. Menandro Celso de Castro Ramos - Vice-Diretor, De março/93 a dezembro/97, Diretor em Exercício, De março/93 a dezembro/93, Prof. Hermes Teixeira de Melo - Pro-Tempore, De dezembro/93 a dezembro/94, Prof^ª. Iracy da Silva Picanço – Diretora, De janeiro/95 a janeiro/99, Professor Nelson Pretto – Diretor Professora Mery Arapitaca – Vice-diretora, De janeiro/2000 a janeiro de 2008. Substitutos eventuais no período: Professor Carlos Roberto Colavolpe, Professora Antonia Elisa Calo e professora Dinéa Sobra Muniz.

¹⁴ ¹⁴ Sobre o Nordeste consultar BACELAR, Tânia. *Nordeste*,

objetivam para a universidade um ambiente para a produção científica de relevância social, de transmissão da cultura e, fundamentalmente, de formação de jovens profissionais. Assumimos, portanto, juntos, a direção da FAGED/UFBA em um contexto onde, cada vez mais, são clarificadas as questões sobre meios de subsistência, paradigmas científicos e educacionais e,

Nordestes: Que nordeste? In:

<http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obte013.doc>.

Acessado em 12 de janeiro de 2008, às 22h30min horas. A região nordestina, de onde e para onde estamos nos dirigindo, representa 20% do território brasileiro e vivem nela 29% da população do País. Segundo Bacelar, “É daqui que se origina aproximadamente 14% da produção nacional total (medida pelo PIB), 12% da produção industrial e quase 21% da produção agrícola....na região residem 23% da população urbana do Brasil e 46% de sua população rural. O lento crescimento econômico, que durante muitas décadas caracterizou o ambiente econômico nordestino, foi substituído, segundo Bacelar, pelo forte dinamismo de numerosas atividades que se desenvolvem na região, mas, alerta a cientista, “a pobreza continua a ser uma das marcas mais importantes do Nordeste, quando vista no contexto nacional”. É um traço antigo que o dinamismo econômico das últimas décadas não conseguiu alterar significativamente. Os dados do Instituto de Planejamento Econômico e Social – IPEA mostravam que, em 1990, dos 32 milhões de brasileiros indigentes, 17,3 milhões estavam no Nordeste (55% do total nacional). Mais de 10 milhões residiam na zona rural da região. Esta situação não se alterou significativamente nos dias atuais. Com 46% da população rural brasileira, o Nordeste tem 63% dos indigentes brasileiros que vivem nas áreas rurais. Dos indigentes urbanos do País, quase 46% estão no Nordeste. A situação social do nordeste continua sendo a mais grave do país. Os dados do PNERA – Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária demonstra a calamidade das escolas no campo no nordeste do Brasil.

relações humanas, evidenciando-se a tendência acelerada de destruição das forças produtivas – destruição do trabalhador e da natureza – (LESSA, 2007).

Enfim, chegamos à direção da FAGED/UFBA e nos valendo de João Cabral de Melo Neto em *Morte e Vida Severina* (1994, p. 18), dizemos:

“Não pensem que entro só.
Entra comigo a gente
Que comigo baixou
Por esta velha estrada
Que vem lá do interior;
Entra comigo os rios
A quem o mar chamou,
Entra comigo a gente
Que com o mar sonhou,
E também retirantes
Em quem só o suor não secou;
E entra essa gente triste,
A mais triste que já baixou,
A gente que a usina
Depois de mastigar, largou”.

Reconhecendo o relevante papel da UFBA, com seus 59 Cursos de Graduação dos quais 21 cursos de formação de professores, destes, 13 são cursos regulares de licenciatura, 7 de licenciaturas especiais e, um de pedagogia e, somando-se a isto os 22 anunciados no Plano de Expansão para o próximo período, destacamos dentro dela as responsabilidades insubstituíveis da FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Responsabilidades com o conjunto destes cursos, bem como, com o atendimento urgentíssimo da demanda apontada pelas Redes Municipais, Estadual e Federal de Ensino e pelos Movimentos de Luta Social da classe trabalhadora (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004), onde se destacam as reivindicações educacionais dos Movimentos de Luta pela reforma agrária, pela moradia, pelo

emprego, pela educação e, em especial, a luta pela educação do campo. Responsabilidade com as demandas pelos estudos clássicos das relações Trabalho-Educação, Currículo, Tecnologias e Formação de Professores, com a Ciência do Esporte. Responsabilidade com as demandas do Centro de Educação Física e Esporte, local a partir do qual todos e, principalmente, os 25 mil estudantes da UFBA devem ter o direito de acessar a cultura corporal, as práticas esportivas. Responsabilidade pela produção do conhecimento científico que deverá permitir a elaboração de sínteses superadoras, visto que, predominam produções científicas diluídas, difusas, desconectadas do contexto histórico, que não estão dando conta de explicar a realidade educacional no Brasil e, muito menos, de apontar caminhos superadores, no enfrentamento dos piores índices educacionais, como é o caso do Estado da Bahia¹⁵, apesar de estarmos entre as 6 maiores economias do país, considerando o Produto Interno Bruto dos Estados e estarmos entre as quatro maiores metrópoles do Brasil. Levamos em conta especificidades do nosso país, das quais destacamos “não ser produtor de ciência

¹⁵ Os dados sobre a Educação no Estado da Bahia podem ser localizados nas páginas do Governo Federal MEC/INEP, nos resultados de pesquisas encomendadas por órgãos de governo como é o caso do Ministério do Esporte ao IBGE, sobre a situação do Esporte nos municípios e, mais recentemente, nas conferências e textos de referência da Conferência Estadual de Educação do Estado da Bahia (2007), onde localizamos os dados, por exemplo, sobre alfabetização. “Apesar de ocupar a sexta posição entre os estados brasileiros no ranking nacional da economia, é na Bahia onde se registra o maior contingente absoluto de analfabetismo do país”. (MALTA; A. Alfabetização como direito. In: Textos de referência para os grupos de trabalho na Conferência Estadual de Educação. Bahia, 2007, p.13). Soma-se a isto a necessidade de combate à corrupção que no estado da Bahia é gravíssima conforme demonstram dados disponíveis em processos da Procuradoria Geral da república. As verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef), criado no governo Fernando Henrique Cardoso, em 1996, para incentivar o ensino fundamental, lideraram as ocorrências de fraudes que envolviam recursos federais repassados para os municípios, segundo a Controladoria Geral da União (CGU). A Procuradoria Geral da República investigou mais de 70 municípios baianos. Ver mais in: <http://www.consciencia.net/corrupcao/bahia.html>.

e tecnologia de ponta, com uma herança escravagista que nutre um autoritarismo crônico nas relações sociais e uma crescente concentração da riqueza e da renda, que mantém e acelera uma profunda desigualdade social (NEVES 2007, p.210). Levamos em conta que a redução do analfabetismo, a ampliação do atendimento educacional e a melhoria da educação básica são ainda promessas de campanha do governador Jaques Wagner na Bahia e de Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil¹⁶ apesar do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) lançado em 2007¹⁷.

Reconhecemos, portanto, tendo por referência, os diagnósticos sobre a educação brasileira na cidade e no campo, as recentes decisões no campo da Educação Superior do Brasil e, as medidas anunciadas e adotadas pelos governos, referentes aos serviços públicos, o papel estratégico dos Centros e Faculdades de Educação das universidades Públicas¹⁸. Para viabilizar a

16 O Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em seu segundo mandato, em 2007 lançou o PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação, que inclui, segundo palavras do governo “metas de qualidade para a educação básica. Isso contribui para que as escolas e secretarias de Educação se organizem para o atendimento dos alunos. Também cria uma base sobre a qual as famílias podem se apoiar para exigir uma educação de maior qualidade.” O plano prevê 52 ações e ainda acompanhamento e assessoria aos municípios com baixos indicadores de ensino. O PDE foi lançado na esteira do PAC – Plano de Aceleração do Crescimento (janeiro de 2007), que pelas suas premissas deve continuar sendo severamente criticado porque continua mantendo a subsunção do trabalho aos interesses de lucro do capital, com severas repercussões nos serviços públicos.

¹⁷ O Governo está disseminando a idéia de um plano para a educação vinculado a outro para o desenvolvimento (PAC - Programa de Aceleração do Crescimento), no entanto, a estrutura de ambos não permite considerá-los projetos de desenvolvimento, uma vez que não tratam de questões estruturais, mas de ações conjunturais e focalizadas – no caso da educação, meritocráticas e duvidosas. Falta-lhes o caráter sistêmico das políticas públicas, com idéias e eixos de ações interligados às diversas áreas de Estado, visando atingir objetivos e resultados não apenas quantitativos, mas qualitativos; de rompimento paradigmático; de amplo desenvolvimento social e não apenas econômico. Esta crítica vem sendo formulada, tanto pelos pesquisadores da área, quanto pela entidade sindical representativa da categoria o CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

¹⁸ O papel dos Centros e Faculdades de Educação do nordeste brasileiro vem

prioridade de formar professores para fazer face aos desafios do nordeste e fazer face ao “apagão”, como vêm sendo chamada a crise de déficit de professores, crise anunciada desde a década de 90⁵, no campo educacional, que está a exigir em médio prazo, 500 mil professores para assumirem as funções junto a educação infantil, o ensino fundamental e médio, a educação de jovens e adultos, a educação especial e profissional e a educação superior – e isto significa o “letramento” da população, significa garantir que se ensine e se aprenda efetivamente no sistema educacional brasileiro, são necessárias as Faculdades e Centros de Educação das Universidades Públicas preparadas para o desafio. Isto significa investimentos maciços nas condições objetivas para o trabalho docente, financiamento público para equipar as instituições com tecnologia de ponta, contratar e remunerar professores e funcionários técnico-administrativos condignamente, garantir a formação continuada destes profissionais, garantir a segurança e bem estar nos locais de trabalho, bem como, garantir o acesso, a permanência e a conclusão dos estudos universitários para todos os estudantes.

Significa, ademais, a participação em fóruns como o FORUMDIR (Fórum Nacional de Diretores de Faculdades e os Centros de Educação das Universidades Públicas), a ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), a ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação) e a SBPC (Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência), além de ampliar e consolidar relações com os demais cursos, unidades e faculdades de educação que funcionam na Bahia e as agências de incentivo e fomento ao desenvolvimento da ciência e tecnologia a nível local como a FAPESB e nacional como CAPES, CNPq, FINEP, entre outras. Isto visando ampliar financiamentos e o aprofundamento do debate sobre as políticas neoliberais, políticas estas baseadas em

sendo destacado tanto pelos seus diretores, a exemplo de João Francisco de Souza que dirigiu o Centro de Educação da UFPE, quanto pelo FORUMDIR – Fórum dos diretores das faculdades e centros de educação.

ajustes estruturais, reformas do Estado, contenção dos recursos públicos para investimentos educacionais, arrocho salarial, sucateamento das universidades públicas, parceria público-privado, transferência de verbas públicas para a iniciativa privada, mercadorização da educação superior, e suas nefastas conseqüências. Visando formulações superadoras às políticas compensatórias, assistencialistas e focais. Enfim, critica a todas as medidas que têm sido implementadas no atual e nos últimos governos para a educação no país e que tem demonstrado fracasso (SADER e GENTILI, 1995, 1999), para compreendermos e agirmos frente às disputas de modelos, projetos e propostas educacionais (LEHER, 2001; NEVES, 2007).

A profunda crise na educação (TRINDADE, 1999; CHAUI 2001), que não é de agora (RIBEIRO, 1984,) reveste-se de contornos cada vez mais dramáticos¹⁹. Para enfrentá-la necessitamos sim, de competências profissionais, e contam aí os anos de luta na defesa da universidade pública, na produção do conhecimento científico, na orientação e formação de jovens profissionais. Contam aí, sim, os programas e projetos prioritários, as equipes, os grupos, os coletivos comprometidos e responsáveis pelos serviços públicos educacionais, mas, muito mais, contam aí os investimentos públicos, os financiamentos que não imponham condições de subalternação das universidades a

¹⁹ João Francisco de Souza em 1997 ao ocupar o cargo de Diretor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco demonstrava as necessidades educacionais do nordeste. “A época o desafio era com a educação dos pobres, os “desnecessários” à ordem econômica mundial”, era o resgate da função social e política da escola, sem a qual o processo democrático efetivo do país e do nordeste estaria seriamente comprometido (INEP, 1985:14). De um lado, denunciava João Francisco, (1997:17) “punha-se o desafio da educação escolar dos necessários à atual e futura ordem econômico-social do mundo apontada pelos empresários para acompanhar o desenvolvimento tecnológico; de outro, não se lhe atribui nenhum significado para os descartáveis da população, sobretudo, no nordeste brasileiro...”. Os dados oficiais nos demonstram que realmente “a guerra da alfabetização”, por exemplo, foi perdida, conforme previa a UNESCO já no início dos anos 90.

políticas de governo, comprometendo sua autonomia e a democracia interna.

Nos preocupa, sobremaneira, em tempos de recursos parcos²⁰, a situação da FAGED/UFBA frente as suas responsabilidades com planos de expansão principalmente na formação dos professores não licenciados das redes Municipais, Estadual e Federal de ensino, na cidade e no campo, a necessária e inadiável formação continuada, tanto dos docentes da UFBA, como das redes de ensino municipal e estadual, e a sua não inclusão no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI - Decreto Lei no. 6096/07), sendo o teor deste decreto uma imposição do governo para que as universidades obtenham financiamento. A FAGED/UFBA, não pode ser punida pela sua capacidade de crítica e resistência, com a exclusão e não acesso à repartição de recursos advindos do governo federal, para o desenvolvimento das atividades fins da UFBA.

Portanto, em um tempo de enormes desafios locais, regionais, nacionais e internacionais no campo educacional, nas relações de trabalho, frente a mundialização da economia capitalista, frente aos avanços do imperialismo, com suas conseqüências parasitárias nefastas, nos cabe estabelecer referências de rupturas, de quebra de ilusões e de combate ao fetichismo²¹. Ruptura com paradigmas teóricos que iludem mais

²⁰ Vale destacar que os recursos parcos para os investimentos em educação pública no Brasil decorrem de decisões políticas a respeito de prioridades, prevalecendo no Brasil, à prioridade com pagamentos de dívidas do capital em detrimento do pagamento da dívida social. Ver a respeito FILGUEIRAS; I. e GONÇALVES, R. A Economia política do Governo Lula. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2007.

²¹ Assim como no plano econômico, também no plano educacional as rupturas são necessárias. Temos acordo com Filgueiras e Pinto quando afirmam que “Apesar do discurso do Governo Lula, não há a menor possibilidade de se transitar do modelo econômico liberal, e suas respectivas políticas, para um novo modelo de “forma lenta, gradual e segura”, sem nenhum tipo de ruptura.”

do que apóiam a elaboração de conhecimentos científicos (DUARTE, 2003), quebra de ilusões nas idéias de igualdade, fraternidade e democracia (CHOMSKY, 1999), do fetichismo do Estado-de-Bem-Estar-Social²² (LOMBARDI E SANFELICE, 2007), em tempos de ditadura do capital em sua fase superior, o imperialismo (LÊNIN, 2007) que se vale de táticas violentas para manter a hegemonia. Como exemplos, podemos citar as relações entre trabalho-capital, as relações internacionais entre nações, a propriedade privada da terra, a mídia concentrada nas mãos de poucos proprietários e a construção de consensos, com a famigerada conciliação de classes. Combate ao fetichismo da técnica, da tecnologia²³ que por si só, em uma sociedade de classes, não resolve os problemas de fundo a respeito da subsunção do trabalho ao capital, das guerras imperialistas (COGGIOLA, 2002) e da garantia do direito à educação socialmente referenciada para todos. A estes se agregam o combate ao individualismo (DUARTE, 2004), ao primado do mérito pessoal, ao competitivismo, ao produtivismo, ao pragmatismo do pós-modernismo e do subjetivismo, para reconstruir esperanças (FREITAS, 2005).

O descrito anteriormente como rupturas necessárias, não se dará sem enfrentamentos, sem disputas, sem embates, porque a

Ver a respeito FILGUEIRAS, L. e PINTO, E. Governo Lula: contradições e impasses da política econômica. In: <http://www.ie.ufu.br/>. Acesso dia 13 de janeiro de 2008 às 19h.

²² Segundo Silva Júnior (2007, p. 131-162) o Estado de bem estar, por meio de políticas e legislações sociais e econômicas exerce um papel econômico e ideológico de regulação social, seja no aspecto político, seja no econômico. Com isto participa da reprodução do capital e da força de trabalho de forma diferenciada, ocupando, desta maneira, um lugar central na dinâmica do fordismo onde o trabalho continua subsumido ao capital e a propriedade privada dos meios de produção é acentuada. Este é um processo econômico que nenhuma lei burguesa poderá derrubar, mas somente um processo revolucionário.

²³ Ver a respeito LESSA, S. Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo. São Paulo, Cortez, 2007, em especial Parte III. A atualidade de Marx, Capítulo VIII – Equívocos que se mantêm.

universidade apresenta-se, pelo impacto do neoliberalismo²⁴ em seu interior, como uma totalidade inexistente, fragmentada em partes heterogêneas e inimigas entre si (ROMANO, 1998). No entanto, para ser possível a convivência universitária entre áreas e pessoas, referências éticas e políticas se fazem necessárias, enfim, um pacto ou contrato social, para além do esgarçado pacto social liberal (SILVA JÚNIOR, 2007) e das estratégias do capital para manter a hegemonia construindo consensos (NEVES, 2005), para diminuir o mais possível as hierarquias autoritárias em proveito de uma coexistência entre procedimentos e resultados da pesquisa sob uma referência unificadora que é a defesa da universidade pública. (CHAUÍ, 2001, GENTILI, 2001). Enfim, tendo como referência o combate ao círculo vicioso da precarização do trabalho docente, da precarização do trabalho dos funcionários técnico-administrativos e a privatização dos espaços públicos, devem ser estabelecidas as referências éticas e políticas para a convivência universitária. O que está em jogo segundo Roberto Leher (2001, p.151-188) é o mercado de serviços educacionais, setor que, por seu vulto, foi inserido na pauta da Organização Mundial do Comércio (OMC), com o objetivo de promover a liberalização dos mercados. E, por isto, a relevância e importância de compreendermos a universidade hoje frente às “engenharias políticas” que visam adaptar o estado brasileiro às exigências impostas pela forma atual do capital, definida como racionalizadora e modernizadora. Compreendermos as brechas e rugosidades no pensamento único (LEHER, 2001). Compreendermos os projetos societários que estiveram e estão em disputa ao longo do século XX e neste início de século XXI, porque no bojo dos mesmos segundo Frigotto, (2005, p. 223) foram sendo estruturadas na forma e no conteúdo as instituições educacionais públicas no Brasil. Em função disto está a

²⁴ Ver mais a respeito de tais políticas nos textos organizados por BORON, Atilio no livro “Nova Hegemonia Mundial: Alternativas de mudanças e movimentos sociais”, editado pela CLACSO Conselho Latino Americano de Ciências Sociais em 2004, em especial o seu próprio texto intitulado “Hegemonia e imperialismo no sistema internacional”, p. 133-154.

relevância e importância de todas as instâncias democráticas, mesmo admitindo-se a fragilidade de tais construções considerando-se o contexto da luta de classes, a partir das quais, tomam-se decisões e vivem-se experiências, que na prática resultarão em lições que teremos que aprender. Esta é a saga, tanto dos que fazem a FAGED/UFBA, quanto dos que fazem a UFBA, quanto do povo brasileiro, quanto da própria humanidade. Se não tirarmos as lições das experiências anteriores, das gestões universitárias e da FAGED, dos Governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, dos governos de Antonio Carlos Magalhães e Jacques Wagner, lições da própria práxis da humanidade, corremos o risco de não termos outras oportunidades a não ser nos submetemos a tiranias e ditaduras, como o é, a ditadura do capital, a ditadura do liberalismo ou a ditadura do individualismo, as quais anunciam transformações somente em palavras, mas na prática mantêm o sistema onde poucos desfrutam de muito e muitos não desfrutam de nada, o que está levando a humanidade ao colapso.

A FAGED/UFBA sofre os impactos das políticas nacionais e mundiais de educação e de ciência e tecnologia (MELO, 2004; COGGIOLA,), visíveis na precarização do trabalho docente e no trabalho dos técnicos - administrativos, nas condições salariais, nos serviços básicos da Universidade e na falta de assistência estudantil. Contudo, a FAGED/UFBA chama, também, para si uma das principais responsabilidades que a UFBA terá que assumir em 2008 perante a sociedade brasileira. Isto é, a de expandir suas atividades com qualidade. E é importante situar-se que 2/3 dos novos cursos previstos para serem implantados com recursos do REUNI na UFBA são licenciaturas para formação de professores e nestas o lugar da FAGED é inquestionavelmente assumido.

As estatísticas oficiais assim como as avaliações internacionais comparadas e investigações científicas demonstram os problemas que afetam a educação no nosso país⁶.

Se a situação é grave no Brasil, agrava-se mais ainda na Bahia e no Nordeste Brasileiro. Educadores como Anísio Teixeira,²⁵ Paulo Freire²⁶, Dermeval Saviani²⁷ nos alertaram que o requisito fundamental para que um problema seja resolvido é a capacidade de equacioná-lo em sua profundidade, explicá-lo com radicalidade, no conjunto e na totalidade e, de dimensioná-lo em sua real magnitude. Portanto, além do equacionamento dos problemas, as metas prioritárias de enfrentamento dos problemas, estabelecidas em curto, médio e longo prazo são necessárias e vitais.

Uma Faculdade de Educação não pode se eximir dos diagnósticos, dos balanços, das avaliações e da responsabilidade em enfrentar os desafios históricos, tanto do ponto de vista da gestão, quanto da produção do conhecimento e da formação de professores. Os balanços sejam de reitorado ou de direção de Faculdades demonstram o quão difícil tem sido enfrentar esses desafios. Não podemos deixar de reconhecer que a gestão da FAGED/UFBA nos últimos oito anos empenhou esforços para enfrentar esta situação, ainda que com contradições, e neste momento nos colocamos dispostas para seguir enfrentando, resistindo, produzindo e defendendo que a FAGED/UFBA seja a referência de:

- 1) lugar, tempo e espaço onde todos têm o direito de estudar;
- 2) lugar, tempo e espaço onde uma nação pode se pensar a si mesma, com soberania e se projetar melhor para o futuro;

²⁵ Ver mais in: <http://www.centrorefeducacional.com.br/anisioteixer.htm> acesso em 13 de janeiro de 2008 as 18h30minh.

²⁶ Ver mais In: <http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo.html> acesso em 13 de janeiro de 2008 às 17h.

²⁷ Da vasta obra d Demerval Saviani destacamos o livro do senso comum

- 3) lugar, tempo e espaço de acessar o melhor que a humanidade produziu ao longo da história, nas artes, educação, esporte, ciência e tecnologia;
- 4) lugar, tempo e espaço onde nenhum tirano, rei, imperador, governante, ou estrutura de poder – militar, religiosa, mafiosa, criminosa, pode impor suas idéias e suas políticas;
- 5) lugar, tempo e espaço de pensar e transformar o mundo;
- 6) lugar, tempo e espaço da autonomia e da criatividade;
- 7) lugar, tempo e espaço da formação omnilateral, da humanização, da emancipação humana, o que exigirá a luta pela transição para uma sociedade que supere as classes sociais.

O direito à educação pública deve ser defendido, em sintonia com a luta histórica pelo direito de cada brasileiro de ser educado. O lugar que ocupamos para lutar por isto é a FAGED/UFBA. Mas não podemos criar ilusões, muito pelo contrário, devemos estar atentas as condições objetivas colocadas e suas determinações históricas. E neste sentido, entendemos que todos nós temos que assumir responsabilidades como docentes, discentes e técnico –administrativos.

Na condição de Direção da FAGED nos dispomos a contribuir para que:

- Os currículos dos cursos (Pedagogia, Ciências Naturais e Educação Física) sejam repensados e as contradições internas superadas;
- Os espaços físicos, instalações, equipamentos, acervos e propostas sejam recuperados, otimizados e ampliados (Bibliotecas, Laboratórios, CEFE, Colégio de Aplicação);

- Novos cursos de graduação (Licenciatura do Campo, Educação Física, Pedagogia, Ciências Naturais) e pós-graduação (Especialização, Mestrado, Doutorado), sejam consolidados e criados;
- O debate em torno de questões relevantes para a educação brasileira seja intensificado;
- As instâncias democráticas de decisão coletiva e a transparência na gestão sejam mantidas e ampliadas. Instituir a cultura avaliativa, rigorosa e sistemática do trabalho, da produção e da gestão;
- Os meios de comunicação e informação sejam utilizados de forma educativa (Laboratórios, Tabuleiro Digital, CEFE);
- A formação continuada dos professores da UFBA seja garantida com a promoção de ações que qualifiquem o exercício da docência no magistério superior sob a liderança da FAGED;
- Pugnar pela elaboração dos regimentos da UFBA e da FAGED tendo estes incondicional e intransigente como princípio a autonomia universitária como estabelece o Art.207 da Constituição Federal, ou seja, “As Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Além disso nos propomos a:

- Lutar pelo ensino público e gratuito, com qualidade social.
- Defender a Universidade Pública Federal gratuita, reafirmando o seu lugar na formulação das políticas educacionais e de ciência e tecnologia.
- Participar, ativa e concretamente, dos fóruns e discussões locais e nacionais sobre os rumos da educação brasileira.
- Defender o fortalecimento acadêmico, político e institucional da FAGED.

- Conduzir, inequivocamente, o processo de gestão como participativo e democrático, assegurando a indispensável troca de informações e as decisões democráticas e transparentes, contribuindo na construção de tais espaços e processos.
- Enfatizar a necessidade de articulação entre Graduação e Pós-graduação, Universidade-Sociedade.
- Incentivar o planejamento departamental dando apoio logístico e operacional, estimulando meios que garantam o incentivo à pesquisa, buscando canalizar os recursos junto aos órgãos de fomento.
- Fortalecer o desenvolvimento de Projetos e Programas de Extensão, integrando ensino e pesquisa, sem perder de vista o caráter institucional, preservando a necessidade de avaliação e controle pelas instâncias da FACED.
- Buscar oferecer as condições devidas e indispensáveis de infraestrutura, logísticas e operacionais para todas as atividades desenvolvidas na unidade.
- Consolidar e dar prosseguimento e total apoio a todas as atividades desenvolvidas e em desenvolvimento de inclusão digital.
- Consolidar e prosseguir garantindo meios para que os servidores técnico-administrativos tenham a devida valorização e auto-estima, possibilitando acesso à capacitação profissional, assegurando que o funcionário técnico-administrativo tenha o desempenho de suas atividades plenamente reconhecido.
- Intensificar os debates e as iniciativas no sentido da criação da Unidade (Faculdade ou Instituto) de Educação Física.
- Postular pela implantação dos cursos noturnos de licenciatura em Educação Física, Pedagogia e Ciências Naturais.
- Buscar, constantemente, a ampliação das condições e da utilização da Biblioteca da FACED.
- Defender um Programa de Assistência Estudantil na UFBA e buscar ampliação do número de bolsas de Iniciação Científica, de

Monitorias e de bolsas de Pós-graduação como forma de incentivo à formação científica e permanência dos estudantes na Universidade.

- Postular que a FAGED chame para si a responsabilidade de debater e coordenar o processo de discussão e construção de uma Proposta para Formação dos Professores (Licenciaturas) da UFBA.

Enfim, aliamo-nos a toda a comunidade da UFBA, estudantes, professores, técnicos – administrativos, aos dirigentes, diretores de unidades, que vem lutando para que o Estado assuma a responsabilidade com o financiamento da universidade, sem impor políticas neoliberais falidas, e para que a sociedade defenda esta instituição como um patrimônio fruto de conquistas e não de doação e concessões.

Lutaremos para responder com responsabilidade as tarefas que nos estão sendo confiadas e que transcendem o simples gerenciar a infra-estrutura, mas diz sim, da direção que deve ter o processo de formação em nível de graduação e de pós-graduação, da produção do conhecimento científico e da extensão na FAGED. Pretendemos fazer jus à tarefa a nós delega exercendo nossas funções segundo princípios que até então nortearam nossas vidas profissionais, principalmente primando pelo trabalho coletivo, cooperativo, pela defesa intransigente das instâncias democráticas em construção, pela defesa intransigente da universidade pública, gratuita, laica, socialmente referenciada.

Que este mandato se realize a serviço da soberania dos povos, do direito à educação do povo baiano, do povo nordestino, do povo brasileiro, do povo latino americano, a serviço das classes trabalhadoras que constituem os povos, enfim, a serviço de uma educação para além do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M; CALDART, R. MOLINA, M. *Por uma educação do campo*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2004.

BACELAR, Tânia. *Nordeste, Nordeste: Que nordeste?* In: <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obte013.doc>. Acessado em 12 de janeiro de 2008, às 22:30 horas.

BORON, Atílio. *Nova hegemonia mundial: Alternativas de mudanças e movimentos sociais*. Buenos Aires. CLACSO, 2004.

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo, UNESP, 2001.

CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética Materialista: Categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

CHOMSKY, N. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In: GENTILI, P. *Globalização Excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis/RJ, Vozes, CLACSO, 1999.

COGGIOLA, O. *O Capital contra a história*. São Paulo: Pulsar, Xamã, 2002.

DUARTE, N. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões*. Campinas/SP Autores Associados, 2003.

_____. *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas/SP Autores Associados, 2004.

FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. In: FISCHMANN, R. (Org.) *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREITAS, Luiz Carlos. *Uma pós-modernidade da libertação: Reconstruindo as esperanças*. Campinas/SP, Autores Associados, 2005.

FRIGOTTO; G. *Escola Pública Brasileira na atualidade: Lições da história*. In: LOMBARDI; J. SAVIANI, D. NASCIMENTO, M. (Org.) *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas/SP , Autores Associados, HISTEDBR, 2005.

FRIGOTTO; G. e CIAVATTA, M. (Org.) *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis/RJ. Vozes, 2001.

GENTILI, P. (Org.) *Universidades na penumbra*. São Paulo, Cortez , 2001.

LANDER, E. *A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino Americanas*. Buenos Aires. CLACSO – Consejo Latinoamericano de ciencias sociales. 2005

LENIN, V.I. *Como iludir o povo*. São Paulo, Global, 1979.

LENIN, V.I. *O que fazer*. São Paulo, Hucitec, 1988.

_____. *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. Brasília, Nova Palavra 2007.

LEHER, R. Projetos e modelos de autonomia e privatização das universidades públicas. In: GENTILI, P. *Universidade na Penumbra: neoliberalismo e reestruturação universitária*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 151-188.

LESSA; Sergio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo, Cortez 2007.

MARX; K. “*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*”. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cutlural, 1978

- MEC. *Acordo Nacional de Educação para Todos*. Conferência Nacional de Educação Para Todos, Brasília, 28 de agosto a 2 de setembro de 1994.
- MEC. *Plano de Desenvolvimento da Educação* (PDE). Brasília, 2007.
- MEC/ INPE *Índice de desenvolvimento da educação básica* (IDEB). Serie Documental: Textos para Discussão. Reynaldo Fernandes. Nº 26. Brasília-DF, 2007.
- MELO, A. A. S. de. *A mundialização da educação: consolidação do projeto neoliberal na América Latina. Brasil e Venezuela*. Maceió: EDUFAL, 2004.
- MELO NETO; J. C. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- MÉSZÁROS; I. *Para além do capital*. São Paulo, Boitempo, 2002.
- _____. *O século XXI: socialismo ou barbárie*. São Paulo, Boitempo, 2003.
- _____. *A educação para além do capital*. São Paulo, Boitempo, 2005.
- _____. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo, Boitempo, 2006.
- NEVES. L. (Org.) *A nova pedagogia da hegemonia: Estratégias do capital para educar o consenso*.
- RIBEIRO; D. *Nossa escola é uma calamidade*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984.
- ROMANO; R. *Entre as luzes e nossos dias*. In: DORIA; Francisco. *A crise da universidade*. Rio de Janeiro, Revan, 1998.
- SANFELICE, J. e LOMBARDI, J. *Liberalismo e educação em debate*. Campinas/SP, Autores Associados, Histedbr, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: Do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo, Cortez; Autores Associados, 1985.
- SOUZA, João Francisco. Os desafios educacionais do nordeste e a realidade dos Centros de educação de suas universidades públicas. In: *CADERNO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO*. Ano 1 Nº 0 Março de 1997.
- _____. *Uma pedagogia da revolução*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1987.
- SILVA Júnior, J. O longo período do esgarçamento do pacto social liberal: Breves considerações. In: SANFELICE, J. e LOMBARDI, J. *Liberalismo e educação em debate*. Campinas/SP, Autores Associados, Histedbr, 2007.p 131-162.
- TEIXEIRA; Anísio <http://www.prossiga.br/anisioteixeira/> Acesso em 13 de janeiro de 2008 as 18 horas.
- TRINDADE; H. (Org.) *Universidade em Ruínas na república dos professores*. Petrópolis/ Rio de Janeiro, Vozes, Rio Grande do Sul. CIPEDES, 1999.
- UNESCO, UNICEF, PNUD, BM. *Conferência Mundial de Educação para todos. Declaração Mundial sobre educação para todos*, Jomtien, Tailândia, 4 a 9 de março de 1990.

CELI NELZA ZÜLKE TAFFAREL (Diretora): Pós-Doutorado pela Universidade de Oldenburg/Alemanha; Doutora em Educação pela UNICAMP; Mestre em Ciências do

Movimento Humano pela UFSM; Licenciada em Educação Física pela UFPE; 33 anos de Experiência no Magistério Superior de Graduação e Pós-graduação; iniciou carreira universitária lecionando na UFPE e UNICAP e a carreira na educação básica no Colégio de Aplicação da UFPE. Ministrou aulas no Curso de Graduação em Educação Física da UNICAMP, foi professora Convidada dos PET – Programa Especial de Treinamento das universidades UFRGS, UFES, UEM; Orientação concluída de 10 monografias de especialização, 31 dissertação de mestrado e 8 teses de doutorado; bolsista de Produtividade do CNPq 1D; responsável pela orientação de 34% da produção do conhecimento em Educação Física nos Estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (dados de CHAVES e GAMBOA, 2007); mais de 40 artigos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais; 8 livros publicados/organizados; 21 capítulos de livros publicados; consultora *ad hoc* do CNPq, da FAPESB, da FACEPE; membro do Conselho Editorial de diversas Revistas Científicas; ex-Secretária Geral do ANDES-SN; componente do bloco da tesouraria do ANDES-SN; Ex Vice-Presidente da ADUFEPE; ex-Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, por duas gestões; ex-diretora do Núcleo de Educação Física da UFPE; Coordenadora do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer da FAGED/UFBA; Professora Titular da FAGED/UFBA, ex-coordenadora do Colegiado do Curso de Educação Física; integra o Comitê Local do PIBIC; gerencia recursos advindos de projetos e programas junto ao Ministério do Esporte, Ministério de Desenvolvimento Agrário, CNPq, Ministério da Educação, Ministério do Esporte, FAPESB; líder do Grupo de Pesquisa LEPEL/FAGED/UFBA cadastrado no CNPq.

UMA VISÃO DA BAHIA

Remy de Souza

Aqui vai a tradução do verbete Bahia da enciclopédia francesa.

Dicionário da Conversação e da Leitura obra em 16 volumes, publicada em Paris de 1863 a 1864.

O texto deve ser apreciado como uma velha foto de família.

BAHIA

Também chamada SAN – SALVADOR, capital de uma das províncias mais ricas e povoadas do império do Brasil, está situada a 1.350 quilômetros a noroeste do Rio de Janeiro, na entrada e na margem oriental da magnífica baía de Todos os Santos.

A extensão dessa cidade ao longo da costa é de cerca de 4 quilômetros e de mais de um quilômetro e meio de interior das terras. Uma só rua reina ao longo da margem, e as duas extremidades da cidade vão se retraindo; o espaço que elas encerram se eleva rapidamente a mais de 130 metros, e uma parte das casas está construída sobre esta inclinação escarpada. Quando se chega ao cume da colina, o terreno se aplaina e se goza de uma das mais belas perspectivas do mundo.

É nesta parte alta que estão situadas as mais belas casas da cidade, a maioria dos edifícios públicos, a magnífica igreja dos jesuítas, a de São Francisco, a cadeia, os arsenais, as lojas, o forte de São Pedro, o palácio do Presidente da província, as moradias das cônsules e o jardim público. À meia encosta se eleva o teatro. A bolsa está sobre o bordo do mar, e um fortim se ergue no meio da enseada.

A cidade está em geral mal construída; as ruas estão pouco limpas e atravancadas de negros. Só há de notável as igrejas e conventos, cuja riqueza contrasta de maneira surpreendente com a má construção e a sujeira de muitas casas particulares.

Os conventos dos frades estão quase desertos; a liberdade deles enxotou os cenobitas, que, por eles mesmos e sem serem forçados a isso pela lei, preferiam entrar no mundo. Muitas religiosas seguiram este exemplo.

As viaturas não podem, por causa do escarpamento do terreno, circular senão na menor parte da cidade. Em toda parte fora daí as pessoas ricas se fazem transportar em uma espécie de palanquim, composto de um pequeno dossel, de um soalho e de uma poltrona para uma só pessoas. A máquina está envolta de cortinados de sarja ou de seda e apresenta dois barrotes em madeira pintada, um na frente, o outro atrás, repousando cada um no ombro de um negro vigoroso. É de bom tom afetar a maior extravagância nas roupas desses carregadores cuja postura e a marcha rápida apavorariam nossas belezas francesas; ele têm as pernas e os pés nus, estão em maior parte penteados com um schako ou de um capacete, e recobertos de um jaleco e de uma calça semelhante às militares.

Não há nem carros nem carroças na cidade; os fardos mais pesados, as pipas de vinho, as caixas mais pesadas, são suspensas como lustres e fortes varas e levadas assim sobre os ombros dos negros que durante o trajeto ressoam no ar os gritos mais rudes e mais discordantes.

O porto da Bahia, defendido por fortes e baterias, oferece um bom ancoradouro ao abrigo de todos os ventos. O canal é sem perigo; pode-se entrar e sair de noite como de dia.

A cidade foi fundada por Coutinho, primeiro donatário do solo e muitas vezes destruída pelos tupinambás, nação indígena habitando o território compreendido entre Ilhéus e o rio São Francisco. Restabelecida pelo primeiro vice-rei do Brasil, Tomé de Souza, ela o foi ainda por um de seus sucessores, Mem de Sá.

Esses representantes da metrópole aí residiram enquanto ela foi a capital do Brasil, isto é 1776, época em que esse título foi transferido para o Rio de Janeiro.

Bahia é a última cidade de suas posses americanas na qual os portugueses se mantiveram, graças a sua admirável situação e a bravura do general Madeira, que aí comandava os soldados da mãe pátria. Desde sua incorporação no império do Brasil, várias revoltas aí explodiram e não é preciso procurar a causa alhures que na composição do povo que a habita; sobre seus 120.000 habitantes, contam-se 50.000 brancos, 30.000 mulatos e 40.000 negros.

Essas duas últimas castas fazem causa comum contra a primeira; e como existem n seu seio homens que, pela sua indústria, adquiriram uma fortuna considerável e em conseqüência uma grande influência, daí resulta as vezes revoltas sangrentas que felizmente foram sempre abafadas pelo governo, cujo olho está sem cessar aberto e que dispõe nos locais de uma força pública respeitável .

Bahia é a sede do presidente da província desse nome, autoridade administrativa civil, delegado imediato do poder executivo central, recebendo todas as comunicações, executando todas as ordens do governo imperial.

O comandante das armas e os chefes da polícia, da alfândega e da contabilidade financeira lhe são submetidos, bem que eles tenham suas nomeações do Rio de Janeiro. Além disso, ele está a frente do governo da província e, nessa qualidade, vela na execução das leis locais emanadas da assembléia provincial; composta de trinta e seis membros nomeados pelo povo.

A cidade deve seus principais embelezamentos ao seu antigo governador o Conde da Barca, e a seu atual presidente o Senador Gonçalves Martins. Mais do que todos os seus predecessores, eles se ocuparam de suas necessidades morais e de seus melhoramentos materiais.

Sobretudo graças ao último, Bahia mudou de face: em todas as partes novos trabalhos aí são diariamente empreendidos.

É igualmente na Bahia que sedia o tribunal de apelação da província que, quanto aos tribunais civis, criminais, comerciais e administrativos, está dividida em dezessete distritos ou comarcas. Há lá também um arcebispado, do qual dependem todos os bispados do Brasil. O comércio da cidade, que é considerável, consiste, para importação, em tecidos, lençóis, chapéus, sapatos, fazendas de seda, chitas que aí trazem os navios europeus, e, para a exportação, em açúcar, algodão, tabaco, café, mogno, goma que eles tomam na volta.

Remy de Souza

VOCÊ ACREDITA NUM MUNDO DE PAZ?

Helena Parente Cunha
Professora Emérita da UFRJ

Uma de minhas inquietações atuais também absorve estudiosos de várias áreas do conhecimento, além de preocupar e assustar os que se interessam pelo bem estar da sociedade e a paz mundial. A violência.

É paradoxal que o avanço cultural, científico e tecnológico, ao invés de atuar sobretudo ou apenas em benefício da humanidade, contribui para incrementar a violência, haja vista os sofisticados recursos para a fabricação de armas com incalculável poder de destruição.

Já nos habituamos às manchetes chamativas que nos informam sobre assaltos, estupros de crianças, pais que atiram meninas pelas janelas, adolescentes explodindo bombas em salas de aula, grupos de extermínio eliminando homossexuais, negros, jovens e toda sorte de crimes hediondos.

Ficamos atônitos ante a afirmação de que a violência é inerente ao ser humano. Entre os suportes que alicerçam o pensamento de Freud, destaquemos a pulsão de vida e a pulsão de morte, Eros e Tânatos, integrantes do nosso aparelho psíquico. Como é sabido, a pulsão de vida, responsável pelo instinto de sobrevivência, é representada pelos laços afetivos e amorosos que estabelecemos com o mundo, com os indivíduos e também conosco. A pulsão de morte se manifesta pela agressividade, pela destruição. Pela violência. Eros une e congrega, Tânatos separa, destrói.

Freud não se iludia quanto ao poder avassalador da pulsão de agressividade dos seres humanos. Durante os horrores

do regime nazista de Hitler, na Segunda Guerra Mundial, as proporções da barbárie resultaram na carnificina do Holocausto. Por meio de recursos técnicos altamente avançados, foi cometido, nos campos de concentração, o genocídio de milhões de judeus e outros indivíduos pertencentes a grupos politicamente indesejados pelo nazismo.

Enquanto a ciência e a tecnologia hoje assinalam descobertas que vêm mudando a face do planeta, constatamos estarrecidos que os avanços do poder bélico podem desembocar na destruição da humanidade.

Todos nós acompanhamos apreensivos as notícias sobre o programa nuclear do Irã, uma vez que o país resiste às pressões internacionais para a inspeção de suas pesquisas voltadas para a energia atômica.

A história de nossa civilização, desde os primórdios de que temos notícia, é um suceder de guerras e lutas de conquistas do povo mais forte sobre o povo mais fraco, invasões de territórios, estratégias para torturar e escravizar o vencido, estuprar mulheres e crianças, impor a cultura, a língua, a religião e toda a parafernália do empreendimento colonizador.

A humanidade, ao longo dos séculos, vem enaltecendo a bravura dos conquistadores que se apossaram dos territórios invadidos, após batalhas sangrentas. Com tal intensidade estamos imersos nesta nossa cultura erigida sobre as relações de poder e violência, que nem nos damos conta das aberrações a que nos submetemos. E quantas vezes celebramos exultantes as vitórias memoráveis dos comandantes, mas sempre esquecemos as chacinas cometidas.

São louvadas as artimanhas de Ulisses para driblar o cerco de Tróia. Admira-se o destemor de Alexandre Magno, rei

da Babilônia, por ter combatido para ampliar as fronteiras do seu reino.

Exaltam-se os generais que, durante séculos, porfiaram para estender os domínios do portentoso Império Romano a quase todo o mundo ocidental conhecido e mantido, graças a táticas e decisões estratégicas que ainda hoje ensinam as artimanhas para ganhar a guerra.

A História registra as empreitadas bélicas do Imperador Carlos Magno empenhado em dizimar os pagãos muçulmanos resistentes ao batismo, assim como destaca o famosíssimo talento estrategista de Napoleão Bonaparte.

Os vencedores sempre ocuparam lugar privilegiado nas páginas da História. Todavia, como se sabe, a Nova História volta o olhar para os vencidos, os excluídos, os que não tiveram voz nem vez nem lugar no Panteão dos privilegiados.

Agora, eu pergunto a vocês: O que realmente significa a visita, pelo menos uma vez por ano, ao túmulo do soldado desconhecido? Entre coroas de flores, saudações de tiros de canhões, militares de todas as patentes perfilados, bandeira pátria tremulando ao vento, olhares consternados. O que dizer desse compungido cerimonial?

Nem podemos deixar de mencionar a habitual violência exercida na vida privada e familiar, nas empresas, nas escolas, nas delegacias, nos presídios, nos asilos, nos orfanatos, nas casas de prostituição, nas ruas, nos becos.

Se até agora, nesta fala, visei sobretudo os agentes da violência, cumpre trocar o foco para os que pensaram num mundo de paz, os que desejaram as mudanças em nome de ideais humanitários. A História registra a resistência dos detentores do poder e dos acomodados para aceitarem as mudanças referentes aos modelos políticos, sociais, religiosos impostos pelas

conveniências ideológicas. Basta lembrar as fogueiras da Inquisição, sempre acesas para incendiar os que ousassem se afastar uma palavra que fosse dos dogmas inquestionáveis, intocáveis. Nem podemos calar a indignação ante a sanha com que foram exterminados milhões de nossos índios e milhões de representantes da cultura inca e azteca.

E eu pergunto a vocês: O que dizer do sumário pedido de perdão, formulado pelo papa, por conta do assassinato de grande parte do nosso povo indígena, perpetrado pelos que se consideravam soldados de Cristo?

Todos nós sabemos o destino dos que desafiam o engessamento dos padrões e apregoam novos rumos para um novo estar no mundo.

Lincoln aboliu a escravidão em 1863 e foi baleado, após haver prometido direito de voto aos negros.

Tiradentes sofreu o enforcamento em 1792 por haver sonhado, junto aos companheiros inconfidentes, com a libertação dos abusos do colonizador.

Gandhi, principal personalidade da independência da Índia, pregou a não violência como forma de luta, mas seus propósitos pacifistas não foram compreendidos e ele foi assassinado em 1948.

Martin Luther King, líder do movimento em defesa dos direitos dos negros nos Estados Unidos, fez a campanha da não violência e do amor ao próximo, tendo recebido o Prêmio Nobel da Paz. Foi assassinado em 1968.

Nelson Mandela, também lutou contra a discriminação racial e ainda contra a ditadura na África do Sul, o que lhe custou vinte e sete anos de prisão. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1993.

Chico Mendes, nascido em Xapuri, seringueiro, sindicalista, empenhou-se na defesa do meio ambiente e na preservação das florestas. Várias vezes ameaçado de morte, foi assassinado em 1988.

Nesta relação incompleta dos verdadeiros heróis que deram a vida pelo sonho de um mundo melhor, não foram incluídos os que, em oposição à ditadura militar no Brasil, sofreram prisão, torturas, exílio, morte.

Mas não posso deixar de celebrar Aquele que morreu crucificado pela incompreensão dos que rejeitaram sua pregação pacifista, sua proposta revolucionária, em defesa dos excluídos. O nome de Jesus Cristo nos atualiza com sua lição de amor incondicional e solidariedade.

Mencionei apenas alguns transgressores do establishment, mas ao longo do tempo, muitas indesejadas vozes anônimas foram obrigadas a se calar para não apontar que o rei estava nu.

E agora, depois destas minhas considerações tão desanimadoras, retomo a minha pergunta inicial: você acredita num mundo de paz? Vocês podem me encostar na parede, devolvendo-me a pergunta. Antes de responder, eu afirmo que acredito nas aceleradas mudanças políticas, econômicas, sociais que estão modificando a cara do planeta.

Nós, habitantes desta hora, temos o privilégio de testemunhar extraordinárias transformações políticas, econômicas, sociais com uma rapidez jamais encontrada em nossa História, como a ascensão de mulheres a postos de comando, antes ocupados apenas por homens, a exemplo das presidentes no Brasil, na Argentina, no Chile. Considerando também Barack?? Obama, o presidente negro do país que ainda não superou o racismo. E ainda, o presidente operário, Lula, que

deixou o poder com excepcional índice de aprovação popular, após oito anos de governo, sem contar com o inesperado prestígio no exterior, apesar das críticas recebidas pela sua famosa incompatibilidade com a gramática.

Muitas pessoas ainda não tomaram conhecimento de que o nosso Ministério do Trabalho e Emprego dispõe, já há algumas décadas, de uma Secretaria Nacional de Economia Solidária que, entre outros objetivos, analisa e apóia projetos de recuperação de empresas por trabalhadores organizados em autogestão, ao contrário dos parâmetros autoritários das empresas tradicionais, obcecadas pelo lucro, ignorando a situação do trabalhador.

A Economia solidária, que já vem sendo utilizada em escala crescente, no Brasil e no mundo, segue uma prática de desenvolvimento sustentável, que protege os ecossistemas e reverte a violência da lógica capitalista e seus conhecidos objetivos alheios aos valores humanitários.

A economia solidária se opõe à exploração do trabalhador e dos recursos naturais, considerando o ser humano a partir da sua integração como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Aumenta o número de empresas falidas e recuperadas após sérios problemas financeiros e que se tornaram propriedade dos trabalhadores que as dirigem coletivamente, através de esquema cooperativo e/ou em regime de autogestão.

Essas mudanças na organização do trabalho alteram as relações de poder, influenciam os parâmetros da realidade, exigem revisão nas filosofias da administração.

As grandes empresas até então dirigidas sob as rédeas do modelo capitalista, já começaram a rever e aperfeiçoar seus princípios, em função da nova realidade em processo de acelerada mudança.

Atualmente, muitas empresas de grande ou de menor porte, têm sido levadas a adotar a **responsabilidade social** que beneficia os empregados, por meio da proteção da saúde, análise de risco, segurança, integridade física, além de ações beneméritas junto às comunidades locais e de outros endereços. Hoje, muitas empresas exigem de seus fornecedores atitudes **comprovadas** de responsabilidade social.

Esta nova percepção do mundo, esta nova compreensão do ser humano, da natureza e da sociedade se inserem na visão holística da realidade, na qual, as partes de um sistema se inter-relacionam entre si e com o todo. Segundo a visão holística, o ser humano é um ser indivisível que não pode ser entendido, se suas diferentes partes forem analisadas separadamente. Trata-se de uma nova visão de mundo que aponta para a unicidade do ser humano consigo mesmo e com tudo que o cerca, em contínua interação.

Urge a superação do paradigma aliado da razão instrumental que recorre à visão compartimentada e fechada em si mesma, originada do cartesianismo e que fragmentou a realidade e o sujeito.

Já se configura o desenho cada vez mais nítido da nova consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos, quer sejam físicos ou biológicos, quer se apresentem do ponto de vista psicológico, social ou cultural e que já se expandem nas empresas, em instituições e situações em diversos âmbitos.

Não creio que seja forçar a barra pensar nos pontos de contato desta visão com os poderes agregadores, coesivos de Eros que Freud coloca em pé de igualdade na disputa com as forças tanáticas.

Neste tempo de vertiginosas mudanças que caracterizam nossa pós-modernidade, podemos apostar na urgentíssima ruptura com o modelo calcado nas relações de poder e na hierarquia discriminadora que será substituído pelo paradigma resultante das novas formas de pensamento, onde haverá lugar para a integração, a solidariedade, a ajuda mútua.

Sem me referir aos inúmeros movimentos pela paz mundial, nem pela emergência cada vez mais presente da ação ecológica, penso cada vez mais na crescente consciência para a urgente mudança de valores do nosso estar no mundo. Direta ou indiretamente, o novo paradigma já permeia os anseios de todos nós.

Parafraseando Leonardo Boff (*Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*), eu acredito que está emergindo uma nova forma de dialogação entre as pessoas, devido à crise atual. Jovens de países do Oriente Médio, vão para as praças públicas com intenção de enfrentar pacificamente os defensores oficiais do regime agonizante. Ditadores que durante décadas governaram o povo com mão de ferro são obrigados a renunciar. A resistência de Muamar Kadafi na Líbia, nada mais é que a desesperada tentativa da sobrevivência de um poder que se debate nos seus últimos estertores.

Os terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas, enchentes, deslizamentos e toda sorte de catástrofes que assolaram o planeta, nestes últimos anos, estão levando ao desenvolvimento de uma nova sensibilização entre homens e mulheres, como que forçados a adotar novos comportamentos, novos valores, novo olhar para o planeta e sua humanidade.

Para terminar esta fala, vou ler fragmentos da carta

CARTA DE UM SOBREVIVENTE DA TRAGÉDIA DA REGIÃO SERRANA

13.02 2011 **Sebastião Guerra**

Nos últimos dias, algumas pessoas e a mídia em geral têm usado, em nome do desejo de criar uma onda positiva, otimista, uma frase que me dói: "Estamos finalmente voltando ao normal". Como assim, voltando ao normal? Se o normal é como era antes, não posso aceitar que voltemos a ele. O normal de antes, era feito de muitos interesses separados; seja por grupos sociais e econômicos; seja por grupos de famílias; seja por religiões ou entre pessoas 'do bem e do mal'. O normal de antes era civilmente muito solitário, era feito de conselhos municipais esvaziados, envelhecidos antes de florescerem; era feito de instituições sociais importantes e maduras, atuando ingenuamente em nossa sociedade. O normal de antes tinha muito pouco tempo para solidariedade, para servir ao outro acima de tudo

Nestes dias, no meio da lama fedida, buscando corpos, lavando corpos, enterrando corpos de pessoas amadas, pude aprender sobre o amor. Amor como cuidado; amor como honra ao que vive no outro, seja isto fato presente ou memória. A crueza inesperada das situações que vivemos não poderá ser expressa por palavras jamais, está muito além delas. O sentimento do que vivemos está buscando seus caminhos de expressão. Fiquemos atentos! Agora é tempo de contar histórias sobre o amor que descobrimos;

SIM, EU ACREDITO NUM MUNDO DE PAZ

Efeitos Perversos da Lei 5692/1971

Alírio Fernando Barbosa de Souza
Membro da Academia Baiana de Educação

A Lei 5692 (Reforma do 1º e 2º Graus) publicada em 11 de agosto de 1971, trouxe em seu bojo a corajosa extinção do tristemente famoso Exame de Admissão ao Ginásio. Esse instrumento seletivo foi uma das formas hipócritas que o Estado Brasileiro encontrou para não dar educação escolar primária completa a seus cidadãos. Isso porque, como consequência das várias reformas havidas a partir da Revolução de 1930, a educação escolar primária e secundária ficou organizada até 1971, da seguinte forma: Ensino Primário, 4 anos; Curso Ginásial, 4 anos; Curso Secundário também chamado Colegial, 3 anos. O Curso Secundário, dividido de acordo com o interesse futuro pela formação em nível superior em Científico e Clássico. Quem optasse pelo vestibular para Medicina, Engenharia e carreiras afins, cursava o Científico. Os que optavam por Direito, Filosofia e outras humanidades, preferiam o Clássico, onde se estudava Grego, Latim, Filosofia, Sociologia, etc... Necessário é lembrar a existência do Curso Técnico, em nível ginásial e secundário.

Todavia o fulcro de nossa digressão é o panorama educacional 40 anos após a extinção do Exame de Admissão ao Ginásio, passagem forçada para prosseguir-se nos estudos, além dos 4 anos da escola primária.

O Exame de Admissão, assim chamado, era um pesadelo. Requeria no mínimo um ano de preparação. Era uma peneira muito fina. Colégios havia que se orgulhavam dos altos índices de reprovação e da rigorosa seleção dos futuros intelectuais do País. Ser aprovado no Exame de Admissão ao Ginásio era a glória do estudante, satisfação essa comparada à aprovação no terrível Exame Vestibular aos cursos superiores, antes de 1996, ano da publicação da Lei 9394, nova Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional, a qual regulamentou a Constituição de 1988 no que diz respeito à educação superior em escala empresarial.

E os reprovados no Exame de Admissão? Aos reprovados, o escárnio. “Burros, incompetentes, mal-preparados, preguiçosos”, e outros qualificativos depreciativos. Ninguém se lembrava de que aquela criança reprovada no Exame de Admissão e que não mais iria estudar, tinha apenas 11 anos de idade. Quem se importava com isso?

A Lei 5692/1971 trazia outras importantes medidas como a obrigatoriedade de profissionalização em nível de 2º Grau, atual Curso Médio, dispositivo esse corrigido ao longo do tempo e finalmente legislado com maior clareza através da Lei 9394/1996.

Genericamente as leis são criadas para atender a necessidades sociais presentes e futuras. Quando perdem a eficácia são substituídas. Durante sua vigência buscam atingir objetivos explícitos de sua criação. Entretanto, como resultado de seu existir, outros

fenômenos podem ocorrer, a exemplo do chamado “efeito perverso da lei”, também apontado no plural, “efeitos perversos da lei”.

O efeito perverso da lei decorre de conseqüências não programadas, sequer imaginadas. O legislador costuma ter a melhor das intenções em propor a lei, a qual, em sua vigência, provoca efeitos nefastos, distantes dos objetivos originais. Trata-se de fenômeno de há muito observado.

Na abertura do texto intitulado *Kant, Burke e os “Efeitos Perversos”: considerações sobre o papel da tradição no argumento racionalista*, Reis (1) diz:

“A procura da determinação das repercussões sociais não intencionais das ações humanas intencionais desde sempre têm constituído, deliberadamente ou não um dos principais focos das ciências sociais teóricas. E desde a publicação do livro de Raymond Boudon, Efeitos Perversos e Ordem

Social, em 1977, vem se tornando corriqueira na literatura a denominação sintética de “efeitos perversos” para designar o fenômeno. Infelizmente, talvez este seja o pior nome disponível, pois traz consigo um juízo de valor (“perverso”) que nem sempre se justifica. Com efeito, o principal desafio que a consideração dos efeitos perversos coloca á reflexão sobre assuntos humanos é o reconhecimento do fato de que ações intencionais individuais quando “agregadas” podem trazer conseqüências que - “perversas” ou não - não estavam entre os objetivos de nenhum dos agentes considerados individualmente.

Também Morgado (2) escrevendo em *SEMICIRCULO – Teoria Política, Filosofia e Comunicação* diz que o argumento do efeito perverso é: “qualquer tentativa para direcionar a ação social num determinado sentido faz realmente com que o movimento se dê, mas em direção oposta” (*apud* HIRSCHMAN, *Rhethoric of Reaction*, p.11).

A Lei 5692/1971 é apenas um caso. Outras leis, a exemplo do “Estatuto da Terra”, lei criada para ajudar a promover a paz no campo, provocou a expulsão dos trabalhadores de suas moradias nas propriedades rurais, deslocando-os para as periferias urbanas. Atualmente qualquer pequena cidade tem uma “favela”, habitada por “bóias-frias”.

Quanto à Lei 5692/1971, a distorção a que estamos a aludir ocorreu com o fim do Exame de Admissão ao Ginásio e o estabelecimento do Ensino de 1º Grau (Primário) de 8 anos.

É mister relembrar que o ensino público era elitista. O Exame de Admissão selecionava. A escola pública apresentava ensino de qualidade ao lado de escolas particulares, em grande número confessionais. Os estratos sociais alto e médio acorriam à escola pública em busca de qualidade. Dos estratos sociais inferiores poucos representantes assomavam. Mas, com a extinção do Exame de Admissão os pobres puderam completar os 8 anos do

1º Grau e matricular-se no 2º Grau. Esse fato provocou a revoada dos estratos sociais médio e superior, os quais foram povoar as escolas particulares.

A chamada “classe média”, estrato social de amplo espectro, é conhecida como termômetro social. Sabe-se também que a educação escolar requer um esforço conjunto da própria escola e da família. Famílias cujos membros têm tradição de frequência escolar, como as de “classe média”, pressionam seus jovens membros para o cumprimento de atividades escolares. Exigem da escola. Querem qualidade de ensino, regularidade de frequência dos alunos e dos professores. Cobram, exigem, fiscalizam. Por sua vez, as escolas de classe média e alta lembram às famílias obrigações que lhes competem.

Paulatinamente, a partir de 1971, o incremento na criação de escolas particulares ocorreu paralelamente à degradação da escola pública. O esvaziamento da escola pública pela fuga dos estratos sociais médios e superiores, esvaziaram-na também de reivindicações e de preocupações com a qualidade. Por exemplo, em determinado momento de triste memória para a história da educação pública no Estado da Bahia, faltaram professores. O aluno concluiu o ano letivo mesmo sem ter havido aulas de várias disciplinas. No seu histórico escolar, quando expedido, constavam como nota ou conceito as letras FP (faltou professor). Como explicar isso em outros Estados membros do País? E por que não havia críticas ou exigências? A primeira resposta sobre tal fato, a título de hipótese, foi a incapacidade crítica da nova clientela, oriunda largamente dos estratos sociais economicamente mais baixos, sem tradição escolar e sem saber o que exigir.

Trata-se também genericamente de uma clientela que chega à escola primária sem a experiência da pré-escola. Isso reflete-se na alta repetência, na desistência (evasão), ocorridas no primeiro ano do ensino primário (atual Ensino Fundamental). Enquanto crianças de classes sociais média e alta preparam-se para frequentar a escola, seus colegas dos estratos sociais

economicamente inferiores aprendem a conviver com a rua, com os prazeres de uma liberdade sem fronteiras e sem horários. Certo dia, levados para a escola, sentem-se prisioneiros. E permanecem no 1º ano até internalizarem habilidades que deveriam ter ocorrido na pré-escola.

A intenção da Lei 5692/1971 foi a melhor possível: a profissionalização em nível de ensino médio. Isso não foi conseguido. As escolas em geral não foram equipadas para a profissionalização. E burlas foram praticadas enquanto na realidade atendia-se ao desejo das classes média e alta, a preparação para o processo seletivo de acesso à educação superior.

Quarenta anos após o fim do Exame de Admissão suas conseqüências ainda se desdobram, a exemplo da chamada política de “quotas sociais”.

NOTAS

(1) REIS, Bruno W. - *Kant, Burke e os Efeitos Perversos*. Disponível em <<http://www.scribd.com>>. Acesso em 13 de dezembro de 2010.

(2) MORGADO, Isabel S. – *SEMICIRCULO – Teoria Política, Filosofia e Comunicação*. Disponível em http://em_semicirculo.blogspot.com.2006/5. Acesso em 13.12.2010.

(No prelo. Publicação no futuro número da Revista da Academia Baiana de Educação)

Prof. Augusto Alexandre Machado, Machadinho, um grande educador, 1896 – 1974

Hermano Augusto Palmeira Machado

Augusto Alexandre Machado nasceu em Salvador a 2 de junho de 1895. Era o filho mais moço do Engenheiro Alexandre Augusto Machado e D. Elvira Machado. Tinha um irmão, dois anos mais velho, Antonio Augusto Machado que após concluir o curso médio e o jurídico iria igualmente se dedicar ao magistério se tornando catedrático do Instituto Normal da Bahia, alcançando notoriedade pela invulgar cultura humanística. Cedo lhe faleceu o pai e, órfão, estudou enfrentando dificuldades, no Salesiano onde aprendeu a profissão de Tipógrafo.

Augusto Alexandre Machado formou-se primeiramente em contador pela Escola Comercial da Bahia. Neste velho casarão situada a Praça da Piedade, onde hoje se situa a Faculdade de Economia da UFBA, foi aluno laureado e orador da sua turma se tornando, logo que diplomado, professor da casa.

Trabalhou desde a infância como comerciário. Primeiramente foi empregado da firma M. G. Duarte, e depois de Augusto de Carvalho e Cia, onde chegou à gerente e interessado.

Mais tarde recordava com orgulho os tempos de caxeiro dizendo que com um ano de trabalho já se tornara merecedor da confiança do patrão que confiava a ele as chaves da casa porque era quem chegava mais cedo e já lhe notara a excepcional capacidade de trabalho. Quis estudar um curso superior e com grande sacrifício financeiro desistiu da situação de

gerente e interessado em 1917, quando ingressou na Faculdade de Direito. Consegue um emprego na Imprensa Oficial e ganha mais alguma coisa como professor explicador de humanidades. Formou-se em Direito em 1921, quando saiu como grande aluno, sendo novamente escolhido para orador oficial da turma. Concorreu na indicação para orador com Aloísio de Carvalho Filho, também aluno de excepcional brilho e grande orador, já jornalista militante, filho de Aloísio de Carvalho – O Lulu Parola – de tradicional família baiana e seu grande amigo.

Eis como traçam então o seu perfil no Imparcial na série Rubis de 1927.

De férula na mão, sempre didático.
Ei-lo que surge, ufano e doutrinário.
Inteligente, estridulante, -----
É verdadeiramente extraordinário.
No Salesiano foi ator dramático.
E no palco, ou da vida no cenário.
É a facúndia em pessoa, dogmático.
Profundo como um bom dicionário.

Aleitou-se nos seios de Calhope.
Bebeu caudais de estética e eloquência.
Com a mesma sede de um deserto etíope.

Sua linguagem é sempre metafórica.
O Machadinho é um poço de ciência.
Um canteiro de flores de retórica.

De 1922 a 1934 militou como causídico, exerceu as funções de advogado do Loys Brasileiro e da Associação dos Varejistas da Bahia, onde, em reconhecimento pelo trabalho

desempenhado, no seu afastamento, inauguram, em sua homenagem, o seu retrato a óleo como benemérito da ENTIDADE. Entretanto a vocação docente cedo se confirma afastando-lhe da advocacia.

Em 1926 faz livre docência de Educação Moral e Cívica no Ginásio Estadual da Bahia apresentando e defendendo tese intitulada – Educação e Evolução. – Defendeu a necessidade de uma cultura brasileira própria capaz de definir os nossos destinos e galvanizar as nossas energias, mas uma cultura, não a friamente insulada, elaborada no silêncio do gabinete, formando o sábio, mas, sim principalmente uma cultura dos assuntos gerais, palpitantes para a vida social, pela imprensa, pela tribuna, pelos congressos, onde cada qual concorra com a sua experiência evidenciando aos olhos e alcance de todas as necessidades do país, sem a visão estreita d’aquelas teorias dogmáticas e preconcebidas, antes aceitando toda a reforma ou sugestão que parece melhorar a vida em seus efeitos práticos, acima da vaidade própria a preocupação do bem estar de todos.

Estreava no campo da defesa dos ideais generosos.

Em 1928 faz a livre docência de Economia na Faculdade de Direito – casa ciumenta das suas tradições onde eram mestres, os filhos das famílias patricias com tese – Alguns aspectos do Trabalho Econômico – onde ressalta a dignidade do trabalho e que o mesmo não pode ser considerado uma simples mercadoria.

Em 1930 conquista a cátedra de Economia Política e Finanças na Faculdade Direito em concurso brilhante em que foi aprovado com distinção. A tese apresentada foi Estudo Econômico e Financeiro da Despesa Pública, que mereceu

citação e referência elogiosa de livros de doutrina da época como trabalho em que se esgota o tema proposto.

Publicou ainda a dissertação Banco e Operações Bancárias, trabalho de 147 páginas sobre ponto sorteado no concurso.

Em 1934 se torna professor catedrático de Histórica da Civilização do Ginásio Estadual da Bahia, Casa de Ensino de grande prestígio intelectual na época onde lecionavam intelectuais de renome e figuras prestigiosas da sociedade como Francisco Calmon, Aristides Maltez, Deraldo Dias de Moraes, Gelásio de Farias, Conceição Menezes, Bernardino de Souza, Cristiano Muller, Inácio Tosta Filho e, o sábio Pirajá da Silva.

Publica em 1935 o livro de doutrina – O Liberalismo Econômico e o Proletariado, livro avançado para a época. Nele analisa a concentração econômica e pauperização do proletariado, a duração da jornada de trabalho e a necessidade do salário mínimo, a situação da mulher operária, o direito de greve e seus limites, as juntas de conciliação e os conflitos do trabalho o seguro operário, as cooperativas de consumo operário, os problemas de habitação popular a responsabilidade patronal nos acidentes de trabalho. A importância do nascente Direito do Trabalho e o caráter internacional das leis operárias, a importância da ação sindical, as crises cíclicas da economia no capitalismo. Analisava a ação de Roosevelt após a crise de 1929. Preconiza o dirigismo econômico, estuda os problemas do crescimento populacional. Inicia o seu livro com o capítulo – O Funeral do Liberalismo – e o finaliza com o capítulo – A marcha para o verdadeiro socialismo – Mas, o socialismo que preconiza é o socialismo de não revolucionário, alheio a concepção materialista e refletindo as lições da Doutrina Social Cristã.

Já intelectual de nomeada se torna catedrático de Economia Política, quando da organização da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia e igualmente catedrático de História das Doutrinas Econômicas na condição de fundador, quando criada a Faculdade de Economia Católica do Salvador – Tornara-se o tetra-catedrático de que tanto se orgulhava o antigo comerciante irrequieto.

Fora do magistério se dedica a colaboração jornalística. Publica sonetos e crônicas literárias – as Filigranas – sob o pseudônimo de Augma, no Diário de Notícias. Crônicas de miniaturistas românticos. Intimista, apesar do precioso requinte formal e do vocabulário rico. Mais tarde como articulista do Imparcial escreve artigos semanais sobre questões econômicas e sociais. Deixando de circular o referido jornal passa a colaborar também semanalmente no jornal do seu ex-aluno e amigo João Falcão – o Jornal da Bahia até poucos anos antes do seu falecimento.

A sua produção intelectual teria sido maior e teria continuado a publicação de novos livros após 1935 se não fosse constrangido pelo tempo tomado por um esmagador trabalho docente. Tramou-se, porém, copiosa nestes artigos onde preconiza o valor das aspirações éticas na solução dos problemas econômicos e firma a crença nas idéias – forças da justiça social e responsabilidade moral, recusando-se a aceitar o homem como ser exclusivamente egoísta, alheio ao chamamento dos grandes ideais.

Na vida particular, namorara e casara com Helena Palmeira Machado, a quem sempre chamaria: Menina Lena. Tinha 32 anos quando casou e a noiva 20 anos.

Helena filha de Oscar Hermógenes Palmeira, sócio da firma de ferragens – Palmeira Beltrão e Cia – e Joana Borges Palmeira, era uma bela jovem de olhos azuis, tantas vezes cantados em seus sonetos.

Olhos azuis sublimes e perenal encanto
Em sonhos refletindo um celeste dulçar
Olhos que tem um brilho e que reluzem tanto
Que parecem estrelas de raro esplendor

Olhos azuis, soberba imagem de um albor
De aurora, noite fria amortecedendo em pranto,
Que lembra à ternura a placidez de um santo
Inspirando na vida, uma ilusão: o amor.

Olhos que encerram a virginal pureza
De uma expressão mui santa e de tanta beleza
Pelo azul espargindo irradiação de luz
Olhos que tem alma e também muito siso.

Olhos alegres como o divino sorriso
Da Samarita a encontrar Jesus.

Foi feliz no lar junto à dedicada companheira que lhe soube amar, compreender, admirar e perdoar as excentricidades. O rapaz pobre e ambicioso das vitórias do espírito que medindo os obstáculos a vencer escrevera num momento de pessimismo:

Ilusão teve eu, quando ainda era criança
No tempo em que da vida os nossos mal contava
E minha mãe tão boa, alegre me falava
Dum mundo cheios de visões e de esperança.

Ilusão embalou da vida na bonança
E alentando o meu sonho a palma desejava
Em louco batalhar, sem medo e com pujança.

Mas, logo pressenti da vida os dissabores
Vendo a traição, a inveja, o vil desprezo, horrores
No florir da maldade a farta sementeira.

Vi tristonho morrer das ilusões o lume
Compreendendo afinal que tudo se resume
No sorriso feral e eterno da Caveira

Que tão jovem e cheio de ambições e vida sentia
às vezes o frio desânimo e o arrepio do
sentimento da inevitável presença da morte e da
dor na existência humana.

A Dor

Dor, companheira atroz da vida, és o terror
Do rico acastelado e do mendigo errante,
Que aqui, ali, além vives a todo instante
Sempre triste e sempre misteriosa, Oh Dor!

O pobre como o rico o débil e o possante
O forte de talento e vítima do amor.
Na vida o que tem olhar de triunfante
Todos terão sentido a sensação da Dor.

Que dores há na vida e de toda a grandeza
Nascida da opulência e filha da pobreza
Porque varia a dor como varia a sorte.

Mas a dor que redime e a todos aparece
E que para evitar não há poder nem prece
E a dor que mata a vida, a dor fatal da morte.

A Morte

Pálida esguia, a morte vaguear não cansa
Temor e transluz sua visão sombria
O medo do avarento aumenta dia-a-dia
Morrer, triste pavor guardava-me a lembrança
Quando em pleno folgar tão cheio de alegria
Correndo pelo azul sereno e calmo envia
As brancas ilusões do tempo de crença.

Passou, porém da vida o doce encanto ledó
E nunca mais da morte, eu tive tanto medo
Ao ver seu cortejo imenso em funeral...

Para que da desgraça o riso teve cedo
Carpindo a sua dor de amor muito em segredo
A redenção da morte é prêmio divinal.

Mas, agora que ele amava e era amado num lar em que três filhos: Hermano Augusto, Marlene e Maria Helena, lhe alegravam a casa enchendo-a de novo de sonhos e aspirações que proclamara perdidos, ele feliz da situação criada “Em louco batalhar, sem medo e com pujança” se sentia um homem realizado.

Inicia então sua carreira nos postos administrativos sendo nomeado presidente da comissão do Salário Mínimo no Estado da Bahia.

Após é nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, (mais importante autarquia federal aqui então existente, depois da via férrea Leste Federal) exercendo o mandato de 1943 a 1949.

É nomeado então membro então membro do Conselho Regional do Trabalho órgão com as funções

que são hoje exercidas pelo Tribunal Regional do Trabalho.

Foi ainda presidente do Instituto de Economia e Finanças da Bahia, duas vezes diretor com mandato de três anos da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia.

É no seu último mandato que inaugura o atual prédio desta Faculdade, na gestão profícua do inolvidável reitor Edgar Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia, e seu grande amigo. Foi ainda Vice-Diretor da Faculdade de Direito da UFBA e diretor do Colégio Estadual da Bahia (quando Secretário da Educação Anísio Teixeira) que era juntamente com o Instituto Normal da Bahia, a maior e modelar instituição de ensino secundário. Foi este o último cargo administrativo que desempenhou daí em diante se retraindo e se desinteressando de qualquer incumbência administrativa.

Na marcha desta carreira firmou-se como intelectual de renome, grande orador em discursos de arrebatadora eloquência em que a par da extraordinária fluência e segurança de oração, conseguia ferir afundo, as notas de emoção e sentimento do auditório. Falava ainda melhor de improviso, tendo um dos seus grandes trunfos oratórios quando nesta condição, saudou o presidente Eurico Gaspar Dutra no Conselho Superior das Caixas Econômicas na Capital do País. Tornou-se membro da diretoria do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, casa presidida por Bencardino de Souza que o edificara com enorme esforço e aonde chega a exercer as funções de Vice-Presidente, não deixando a sua diretoria senão poucos anos antes da sua morte.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – A Casa da Bahia se constitui então além de centro de estudos históricos – onde se fazia sentir o labor de Braz do Amaral, Wanderley de Pinho, Alberto Silva, Luiz Viana Filho, Afonso Ruy de Souza, José Calazans Brandão da Silva. Luiz Meneses Monteiro da Costa, Luiz Henrique Dias Tavares – um centro cívico onde ecoavam todos os fatos da vida da Bahia, roda intelectual e literária, tão a gosto da vida baiana até os anos de 1955, com as suas conferências e discursos que ecoavam na pacata Salvador d’aqueles tempos, da sua cotidiana pujança na referida instituição faziam parte Francisco Magalhães Neto, Edith Mendes da Gama e Abreu (amiga fraternal), Monsenhor Aquino Barbosa, Paulo Pedreira, Pedro Calmon, Deraldo Dias de Moraes.

Machadinho, amiguelo, extrovertido, alegre, homem de princípios rígidos, padrão de honradez, rigoroso cumpridor dos seus deveres, se tornou então uma instituição baiana, objeto de reconhecimento da comunidade orador oficial de grande parte das solenidades públicas, homem admirado, festejado e querido em todos os círculos sociais. Ingressou na Academia de Letras da Bahia, em 1944 na cadeira 18, que tinha como patrono Zacharias de Góes e Vasconcelos, sucedendo ao grande José Joaquim Seabra, sendo recebido pelo Monsenhor Aquino Barbosa.

O Zenith da sua carreira está pelos anos de 1945 a 1955. Há este tempo é convidado pelo general Renato Onofre Pinto Aleixo, interventor no Estado da Bahia, para compor com o seu nome a chapa de deputados federais apresentadas pelo Párido Social Democrático,

garantindo-lhe o mesmo todos os esforços pela sua eleição e sem sacrifícios financeiros, pois, sabia ser ele um homem pobre. Recusou o oferecimento mostrando-se sempre avesso aos postos políticos. Tinha, no entanto enorme admiração pelo Presidente Getúlio Vargas, embora seus amigos fraternais fossem todos adversários políticos do mesmo – Aloísio de Carvalho, Aliomar Baleeiro, Orlando Gomes Américo Silva.

No campo das amizades é imprescindível ressaltar a amiga-irmã D. Edite da Gama de Abreu a quem queria tanto, (e que com Aloísio de Carvalho, preparou a sua entrada na Academia) e o Prof. Hermano de Santana, professor da Faculdade de filosofia da Bahia e do Ginásio Estadual da Bahia, membro da Academia Bahiana de Letras, figura agigantada, solteirão excêntrico, que escondia num físico de colosso uma inteligência e sensibilidade agudas e uma enorme erudição, os dois formavam uma constante dupla e pelos anos da década de 30, eram chamados Muth e Jeff pelo contraste do gigante com a estatura-meia e o vulto franzino do jovem Machadinho.

A figura física de Machadinho, como carinhosamente foi chamado, era, na juventude, de um rapaz esguio e baixinho, de pele alva, a atrair a origem portuguesa de seu pai, cabelos castanhos claros abundantes ao vento de pince-nez, vestido com apuro, inquieto, afirmativo, loquaz a fazer soar alto a sua voz, fazendo-se notar em qualquer roda. Grande dançarino e namorador jurava a minha mãe que nunca mais olhara para outra mulher, depois, que se apaixonara, já com trinta anos, pela Menina Lena.

Com a idade madura, tornou-se um cidadão baixote, de óculos, gorducho e meio calvo, sempre encadernado em um jaquetão escuro e portando uma pasta e um guarda-chuva detalhe inconfundível era – o chapéu de feltro de luxo, duro, redondo e com debrum que ele mandava buscar as caixas no Rio de Janeiro. Pois, aqui só quem o usava além dele era o Prof. Antonio Balbino de Carvalho Filho.

Nesta última fase ele se dedica exclusivamente ao ensino. Este homem modesto, que tanto quis e alcançou no campo intelectual, foi, no entanto, um desprendido de coisas materiais. Neste campo, ele que pobre nasceu e pobre se conservou, antes cuidava em dar e socorrer do que obter e reter. Na vocação franciscana de puro professor, achou a sua realização e a ela se integrou totalmente. Viveu pelo espírito e a ele se ateve.

Mas, pouco tendo materialmente a dar, se fez magnífico doador de si mesmo e da sua capacidade de trabalho sem preocupação de retribuição material. Do seu desprendimento material e do seu desamor as pampas dá medida ao seguinte episódio ao ser nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, ele que nunca tivera nem viria a ter automóvel, a primeira coisa que fez foi vender o carro, que servia a presidência e não comprou enquanto presidente, nenhum outro.

Com o tempo o seu desprendimento e a sua bondade se destacaram. Desde a mocidade se sabia que pagava a matrícula para estudantes pobres, como ele o fora, do seu bolso, ajudando a formar a muitos, inclusive figuras hoje ilustres. Mas, agora, ninguém lhe procurava aflito, à tarde, no Instituto Histórico a contar uma

necessidade ou um sofrimento que não sáisse com um pouco dos seus poucos recursos.

Empenhava-se pelos mesmos juntos aos órgãos públicos.

Ele que fora amigo de interventores e governadores, Renato Onofre Pinto Aleixo, Otávio Mangabeira a quem toda semana visitava no palácio, Regis Pacheco, (amigo de família, tio de Hermano de Santana seu inseparável amigo), Antônio Balbino de Carvalho, Luiz Viana Filho e nada pedira para si ou para os seus familiares, agora dirigia cartões em pedidos pelos aflitos ou desamparados. Machadinho lá pelos anos de 1965 já era uma figura que pertencia a um tipo de cultura e sociedade que aos poucos fora desaparecendo. Já não se reverenciava tanto ao saber humanitário e desinteressado. A eloquência já não era tão apreciada nem afluíam às multidões, aos discursos e conferências puramente literárias.

A sua economia já não acompanhava a nova ciência após – Keynesiana que requeria uma forte base matemática que ele não possuía. No crepúsculo da sua existência, a sua imensa bondade e desambição pelas coisas materiais constituíam o trato que revestia a sua personalidade, com características humanas desencontradas e raras que o singularizavam, exaltavam e magnificavam. Aquele velhote excêntrico tinha em si alguma coisa de profundamente humano que quando as novas gerações que lhe desconheciam o passado e se distanciavam dos seus valores e ideais, entravam em contato com ele, sabiam descobrir.

Se já não era mais admirado, foi sempre querido pela mocidade. Temia horrivelmente a aposentadoria compulsória, quando ela chegou, continuou a ensinar na Escola de Comércio. Escola onde obteve o primeiro diploma como arma da sua escalada, e onde primeiro fora professor, o que foi também na qual por último ensinou. Vencido pela diabetes, envelheceu rapidamente, nos últimos 5 anos de vida, parecendo bem mais velho do que era.

Faleceu em 25 de abril de 1974, após um mês de terrível luta contra a coma diabética e a pneumonia, onde mais uma vez, patenteou uma complexão privilegiada que lhe dera o seu excepcional poder de trabalho.

Era de esperar, que estivesse esquecido, havia cerca de 10 anos que se aposentara e, nos últimos anos não saía mais de casa, há mais tempo ainda, não exercia cargos de mando. O seu corpo foi para a Faculdade de Direito, a sua eleita e preferida, aquela que lhe era mais grata ao seu coração e fonte de seu mais sofisticado orgulho. Os jornais deram amplo necrológico e dezenas de instituições manifestaram o seu pesar. O Conselho Universitário e o Tribunal de Justiça, A Câmara Estadual, o Tribunal Regional do Trabalho, o Conselho Estadual de Educação, o Conselho Estadual de Cultura, o Governo do Estado da Bahia, a Universidade Católica do Salvador, a Ordem dos advogados, o conselho Regional de Economistas, o Conselho Regional de Contabilistas, o Tribunal de Contas do Estado e muitas outras instituições. Chegaram à família uma centena de telegramas de amigos e ex-alunos distantes e constrictados. Não tendo sido político nem um homem

poderoso e sim um simples, um bom homem modesto, a sala da Congregação da Faculdade de Direito da UFBA. se apinhou de figuras de todas as classes sociais. O governador Antonio Carlos Magalhães, filho do seu amigo Francisco Magalhães Neto, o Reitor Lafaiete Pondé, seu colega e amigo de Faculdade de Direito, Reitor Monsenhor Eugênio Veiga, Secretário de Educação Rômulo Galvão, desembargadores, deputados, grandes advogados, jornalistas, homens do comércio e da indústria e também figuras das classes mais humildes, e, em todas se sentia a sinceridade da sua solidariedade. Poucos poderosos tiveram o enterro desse professor universitário. Na tristeza do ato, pode a família enlutada receber o consolo desta última manifestação de carinho e ver que o morto não se enganava quando via junto às fraquezas da condição humana a força dos sentimentos nobres e desinteressados como o fundamento da sua pregação social.

Capítulo I
Denominação, sede e fins

- Art. 1.º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 9 de setembro de 1982 e com personalidade jurídica própria, com sede e foro em Salvador, Capital do Estado da Bahia prazo de duração indeterminado, passa a ser regida pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais e demais disposições legais.
- Art. 2.º - A Academia tem por finalidade estudos e pesquisas sobre educação e ensino, em sua acepção geral, competindo-lhe, como organização para cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações, nessa área de conhecimento:
- I – manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras, demais instituições e órgãos culturais oficiais e particulares relacionadas com a educação e o ensino;
 - II – cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra dos patronos de suas cadeiras acadêmicas e de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;
 - III – promover, em convênio, cursos de pós-graduação sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;
 - IV – promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;

- V – instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;
- VI– adotar iniciativas e realizações que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo II

Constituição do quadro de patronos

E espécies de sócios

Art. 3.º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares, tendo cada uma delas um patrono que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia, nomes, portanto, de grandes vultos, já desaparecidos, da educação na Bahia, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber.

§1.º - As cadeiras serão numeradas, cronologicamente, de 1 a 40, conforme a relação em anexo.

§2.º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam, há mais de 10 (dez) anos, à Academia, e que tenham colaborado, ativamente, para o desenvolvimento e renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§3.º- A academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§4.º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no §2.º , são considerados membros eméritos, “in memoriam”, os sócios fundadores Hermano Jose de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4.º - São membros fundadores os que, em número de 9 (nove), criaram a Academia Baiana de Educação, conforme a relação seguinte: Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias, Antônio Pithon Pinto, Edivaldo Machado Boaventura, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, José da Matta, Raymundo Nonato de Almeida Gouveia e Remy Pompílio de Souza.

Capítulo III

Admissão de membros ou sócios

Art. 5.º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma abaixo disposta:

§1.º - A admissão de membro titular estará sujeita às seguintes condições:

- a) ser brasileiro, nato ou naturalizado;
- b) ser educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa;
- c) ter domicílio no Estado da Bahia;
- d) possuir idoneidade moral e científico-cultural;
- e) haver declaração de vacância da cadeira;
- f) ocorrer decurso de trinta dias, após a declaração de vacância;

g) efetuar-se processo específico para a escolha, conforme estabelecido pelas normas regimentais.

§2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, 10 (dez) membros titulares e eméritos, atendidas as condições previstas no §2.º do art. 3.º deste Estatuto.

§3.º - Somente poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora do Estado da Bahia, nacionais ou estrangeiros, por proposta de, pelos menos, 10 (dez) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

§4.º - Somente poderão ser membros honorários educadores de notável saber em educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de, pelo menos, 20 (vinte) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

§5.º - A particulares e instituições que fizeram donativos à Academia, ou tenham prestado serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Art. 6.º - Os membros titulares e eméritos são vitalícios, devendo seus nomes perpetuar-se vinculados ao respectivo patrono, no quadro anexo, após seus falecimentos.

Capítulo IV

Direitos e deveres dos sócios

Art. 7.º - São direitos dos titulares e eméritos:

a) votar e ser votado, nos termos estabelecidos pelas normas regimentais;

- b) frequentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates plenários e encaminhar, para publicação, à Revista da Academia, trabalhos de interesse educacional, obedecidos normas e critérios adotados pela publicação.

Art. 8.º - São deveres dos titulares e eméritos:

- a) cumprir e fazer cumprir o Estatuto e Regimento da Academia, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da entidade;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) frequentar, com assiduidade, as sessões da Academia;
- d) contribuir, financeiramente, para o custeio das atividades da Academia.

Parágrafo Único – Poderá, entretanto, o membro emérito, se assim desejar, solicitar dispensa do pagamento da anuidade e da frequência às sessões.

Art. 9.º - É de direito do membro correspondente e do honorário frequentar a Academia e corresponder-se com ela.

Art. 10 – É dever do membro correspondente e do honorário contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 11 – Os membros correspondentes e honorários não terão direito a voto, nem podem ser votados.

Capítulo V

Administração da Academia

Art. 12 – São órgãos da Academia:

- a) a Diretoria;
- b) a Assembléia Geral.

Art. 13 – A Diretoria é constituída dos seguintes membros:

- 1. Presidente
- 2. Vice-Presidente
- 3. Primeiro Secretário
- 4. Segundo Secretário
- 5. Tesoureiro
- 6. Diretor de Publicações
- 7. Diretor de Biblioteca e Memória

Art. 14 – A Diretoria será eleita por um período de 2 (dois) anos e exercerá seu mandato gratuitamente.

§ 1.º - Ao vagas ocorridas com cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição, e as ocorridas no segundo mandato serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2.º - A eleição da Diretoria ocorrerá no penúltimo mês de seu mandato.

§ 3.º - Os membros da Diretoria poderão ser reeleitos, mas a recondução deve ser limitada a uma vez subsequente, salvo caso excepcional de diretor específico cujos serviços não devam ser interrompidos e mediante recomendação da maioria absoluta dos membros titulares e eméritos.

Art. 15 – Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia, em juízo ou fora dele, em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro Acadêmico que, para esse fim, designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da Academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e resolver os casos urgentes, não previstos no Estatuto, “ad referendum” da Assembléia Geral;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de Acadêmicos;
- i) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e expediente dirigido às autoridades e instituições.
- j) movimentar, conjuntamente com o Tesoureiro, os fundos e contas bancárias da Academia.

Art. 16 – Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos, exercendo as prerrogativas e atribuições deste.

Art. 17 – Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativa, supervisionando o pessoal;
- c) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os juntamente com, o Presidente;
- d) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- e) substituir o Vice-Presidente, em suas faltas e impedimentos:
- f) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando, para publicação na *Revista da Academia*, a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- g) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 18 – Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler, em sessão, o expediente;
- b) ter sob responsabilidade os livros de atas e presenças;

- c) substituir o Primeiro Secretário, em suas faltas e impedimentos, e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 19 – Ao Tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo, sob sua guarda, valores em moedas ou título, e realizar despesas para as quais for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 20 – Ao Diretor de Publicações compete:

- a) coletar e organizar o material a ser editado nas publicações bibliográficas e digitais da Academia, especialmente a *Revista da Academia* e seu Boletim;
- b) promover a distribuições dessas publicações, responsabilizando-se pelo respectivo cumprimento dos critérios e normas pertinentes;
- c) supervisionar a veiculação do *site* da Academia na Internet, observando sua ampliação e atualização.

Art. 21 – Ao Diretor da Biblioteca e Memória compete:

- a) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação na Bahia;
- b) supervisionar as atividades de processamento, armazenamento, acesso e uso dos acervos biblioteconômicos e arquivísticos que compõem a memória da Academia e da educação na Bahia;
- c) viabilizar a consulta do acervo aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- d) contactar com livrarias, editoras e outras instituições, com a finalidade de angariar publicações e doações para o acervo da Biblioteca;
- e) organizar o acervo museológico da Academia, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- f) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Art. 22 – A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, cabendo-lhe, privativamente:

- a) eleger a Diretoria;
- b) destituir a Diretoria;
- c) alterar o Estatuto e o Regimento;
- d) decidir quanto à dissolução da Academia.

CAPÍTULO VI

Patrimônio e fontes de recursos da Academia

Art. 23 – A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição de seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Art. 24 – Os bens imóveis e móveis adquiridos, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos, bem com outras receitas, constituirão o patrimônio da Academia.

Art. 25 – Em caso de dissolução, os bens e valores da Academia serão destinados ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Capítulo VII Alteração do Estatuto e Dissolução da Academia

Art. 26 – As alterações do Estatuto, independentemente de sua extensão ou conteúdo, terão de ser aprovadas pela Assembléia Geral.

Art. 27 – A dissolução da Academia somente poderá ser levada a efeito por proposta da maioria dos membros titulares e eméritos ou da Diretoria e com aprovação final da Assembléia Geral.

Capítulo VIII

Disposições gerais e transitórias

- Art. 28 – Considerando a excepcionalidade da atuação da Professora Leda Jesuíno dos Santos, em toda a sua carreira de educadora na Bahia, a Academia Baiana de Educação lhe confere o título de Presidente de Honra, em caráter vitalício, como membro da Diretoria da Academia, sem que exista esse cargo ou função com a sua vacância.
- Art. 29 – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo número e vencimentos serão fixados pela Diretoria.
- Art. 30 – A Academia Baiana de Educação adota como lema “LUCEAT LUZ VESTRA” (“LUZA A VOSSA LUZ”), inserido em suas insígnias.
- Art. 31 – A Academia deverá incentivar a organização de Academias Municipais congêneres no interior do Estado e desenvolver efetiva cooperação com as mesmas.
- Art. 32 – O presente Estatuto, devidamente aprovado pela Assembléia Geral, entrará em vigor após trinta dias de sua publicação.

Capítulo I
Da organização e administração da Academia

Art. 1.º - A natureza jurídica, a organização e administração da Academia Baiana de Educação estão definidas pelas disposições dos Capítulos I, II, III e V do ESTATUTO DA ACADEMIA BAHIANA DE EDUCAÇÃO, nos seus artigos 1.º e 2.º, e 3.º e 4.º, 5.º e 6.º e artigo 12 a 22 e respectivos incisos, alíneas e parágrafos.

Capítulo II
Das Sessões da Academia

Art. 2.º - A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

Art. 3.º - As sessões ordinárias serão realizadas uma vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados.

Art. 4.º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para eleição da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente.

Art. 5.º - As sessões serão realizadas:

- a) no dia 9 (nove) de setembro, de cada ano, para celebrar a data da criação da Academia;
- b) na posse de novos Acadêmicos;
- c) no elogio dos Acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

Art. 6.º - Quando a natureza do assunto o exige, a Academia reunir-se-á em sessão reservada, rescrita aos membros titulares.

Art. 7.º - As sessões e extraordinárias são instaladas com a presença de, no mínimo, cinco membros emérito e titulares, somente podendo deliberar com o mínimo de nove membros.

Parágrafo único – A Assembléia Geral, em primeira convocação, só poderá deliberar com a presença da maioria absoluta de seus membros; e, em seguida convocação, com a presença da maioria dos membros presentes, respeitando-se o disposto no *caput* deste artigo.

Art. 8.º - Não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido; havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que constará de leitura do dia.

§ 1.º - Apartes serão concedidos, desde que o orador permita.

§ 2.º - Os que falarem, no expediente, intervindo, poderão usar da palavra uma vez, e durante 5 (cinco) minutos, no máximo.

§ 3.º - No caso de moções, deverão ser apresentadas ao plenário e assinadas, pelos menos, por 10 (dez) Acadêmicos.

Capítulo III

Da votação e eleição

Art. 9.º - As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 10 – Para eleição de novo membro titular, decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada Acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência, para preenchimento da vaga.

§ 1.º - Os membros titulares ou eméritos que se encontrarem impossibilitado de comparecer à referida sessão poderão encaminhar suas indicações ao Presidente da Academia em envelopes fechados.

§ 2.º - Apuradas, imediatamente, as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido, pelo menos, três preferências, para fins de votação, interrompendo-se os trabalhos, após organizada a lista, por 30 (trinta) dias.

§ 3.º - Não será permitido voto por procuração.

Art. 11 – Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão, com a presença mínima de titulares e eméritos, proceder-se-á à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria dos votos dos Acadêmicos presentes, ficando, entretanto, a proclamação do nome eleito suspensa, até que o escolhido manifeste, por escrito, sua aceitação, após recebimento da comunicação feita pelo Presidente.

Art. 12 – Continuará vagas a cadeira, cão nenhum nome tenha alcançado, após 3 (três) escrutínio, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa por escrito.

- Art. 13** – Só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos.
- Art. 14** – As eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês de seu mandato.
- Art. 15** – As vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (hum) ano para o termino do mesmo biênio, devendo, neste caso, o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até as próximas eleições.
- Art. 16** – As eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas em sessão extraordinária.
- Art.17**– Nenhum membro titular poderá exercer, cumulativamente, dois cargos na Diretoria.
- Art. 18** – A votação para preenchimento dos cargos da Diretoria deverá estender-se por 1 (uma) hora e, em seguida, será processada a apuração, para o que o Presidente designará, entre os Acadêmicos, escrutinadores para contagem dos votos, conferido o número de votantes com o constante na lista, para isto preparada.
- Art. 19** – Nas votações, o Presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as eleições dos cargos da Diretoria e de novos titulares.

Capítulo IV

Da posse dos Acadêmicos e da Diretoria

- Art. 20** – A posse da Diretoria será na sessão solene de 9 de setembro, no ano em que a mesma for eleita.
- Art. 21** – A posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, cabendo ao eleito escolher, entre os Acadêmicos, aquele que fará o discurso de recepção.
- Art. 22** – Ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e de seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: *“Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar, quanto em mim couber, por seu engrandecimento e bom nome.”*

Capítulo V

Disposições Gerais

- Art. 23** – A Academia Baiana de Educação entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.
- Art. 24** – Este Regimento entrará em vigor após trinta dias de sua aprovação.

**PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO
E ACADÊMICOS TITULARES**

N.º	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
1	Abílio César Borges	1824-1891	• Ruy Simões • José Simões e Silva Júnior • Maria Conceição Costa e Silva
2	Alfredo Brito	1876-	• Jair de Oliveira Santos • Adelaide Rogério de Rezende
3	Alfredo Ferreira Magalhães	1873-1943	• Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira • José Carlos Almeida da Silva
4	Alípio Correia Franca	1971-1957	• José Francisco de Sá Teles
5	Álvaro Augusto da Silva	1890-1977	• Edivaldo Machado Boaventura • Alfredo Eurico Rodrigo Matta
6	Amélia do Sacramento Rodrigues	1861-1926	• Germano Dias Machado
7	Afrisia Santiago	1894-1970	• Remy Pompílio Fernandes de Souza
8	Anísio Spínola Teixeira	1900-1971	• Hermano José de Almeida Gouveia • Maria Anália Costa Moura
9	Antônio Borges dos Reis	1859-1952	• Guiomar de Andrade Florence • Alírio Fernando Barbosa de Souza
10	Antônio de Castro Alves	1847-1871	• Consuelo Ponde de Senna
11	Antônio Pacifico Pereira	1846-1902	• Ângelo Lyrio Alves de Almeida • Maria Betty Coelho
12	Arlindo Silva Costa		• Adroaldo Ribeiro Costa • Bárbara Vasconcelos de Carvalho • Rosa Pereira Levita
13	Arthur de Salles	1879-1952	• Raul de Souza da Costa e Sá • Elsiar Moreira Alves
14	Augusto Alexandre Machado	1896-1947	• Enock Sena Souza
15	Cosme de Farias	1875-1972	• João Eurico Matta
16	Diógenes Gomes da Costa Vinhaes		• Roisie Alaor Metzker Coutinho • Jermano Tabacof
17	Egas Moniz Barreto de Aragão	1870-1924	• Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
18	Ernesto Carneiro de Ribeiro	1839-1920	• José Newton Alves de Souza • Maria Luígia Magnavita Galeffi • Nadja Maria Valverde Viana
19	Francisco da Conceição Menezes	1896-1959	• Cid José Cavalcante Teixeira
20	Gelásio de Abreu Farias	1882-	• Hermano Augusto Palmeira Machado
21	Helvécio Carneiro Ribeiro	1880-1969	• Pedro Júlio Barbuda • Milton Almeida Rabelo • Eliel Judson Duarte de Pinheiro
22	Henriqueta Martins Catarino	1886-1968	• Zilma Gomes Parente de Barros
23	Hugo Balthazar da Silveira	1888-	• Rômulo Galvão de Carvalho • Eraldo Tinoco de Melo • Eduardo Saback Dias de Moraes
24	Isaias Alves de Almeida	1888-1968	• Antônio Python Pinto • Joselice Macedo Barreira • Hélio Rocha
25	João Alves Portela		• Cícero Pessoa da Silva

			• Maria José Pacheco de Andrade Costa
26	João Florêncio Gomes	1846-1925	• Astor de Castro Pessoa
27	José Olímpio de Azevedo	1843-1920	• Thales Olímpio Gôes de Azevedo • Antônio Jesuino dos Santos Netto
28	Júlio Afrânio Peixoto	1876-1947	• Oldegar Franco Vieira • Roberto Figueira Santos
29	Luiz da França Pinto de Carvalho		• Luiz Fernando Seixas de M. Costa • Hermes Teixeira de Mello
30	Luiz Gonzaga Cabral	1853-	• Luiz Augusto F. Navarro de Brito • Luis Henrique Dias Tavares • Maria Thereza Oliva Marçílio de Souza
31	Manoel Carlos Devoto	1853-	• Adelmo Soares Pessoa • Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho
32	Maria Luiza de Souza Alves	1860-	• Angelina Rocha de Assis • Leda Jesuino dos Santos
33	Maria Romana Calmon de Bittencourt		• Jorge Calmon Moniz de Bittencourt • José Corgonzinho Carvalho Filho
34	Paulo Fábio Dantas	1900-	• Raymundo Nonato de Almeida Gouveia • Fernando Floriano da Rocha • José Rogério da Costa Vargens
35	Pedro Júlio Barbuda	1837-	• Cassilandro Everaldo Barbuda • João Fernandes da Cunha • Vanda Angélica da Cunha
36	Pedro Tenório de Albuquerque	1906-1982	• Yeda Barradas Carneiro
37	Possidonio Dias Coelho		• Francisco Pinheiro Lima Júnior • Josué da Silva Mello
38	Roberta Correia	1876-1941	• Olga Pereira Mettig • Marcelo Rocha
39	Rui Barbosa de Oliveira	1849-1923	• Raimundo José da Matta • Lafayette de Azevedo Ponde • Geraldo Leite
40	Sátiro de Oliveira Dias	1844-1913	• Antonino de Oliveira Dias • Hildérico Pinheiro de Oliveira • José Nilton Carvalho Pereira

MEMBROS EMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- **Bárbara Carvalho**
- **Edivaldo Machado Boaventura**
- **Francisco Pinheiro Lima Junior**
- **Jair de Oliveira Santos**
- **Jorge Calmon**
- **José Newton Alves de Souza**
- **Luis Henrique Dias Tavares**
- **Oldegar Franco Vieira**
- **Olga Pereira Mettig**
- **Raymundo Nonato de Almeida Gouveia**

**MEMBROS BENEMÉRITOS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO**

- José Corgozinho Carvalho Filho
 - Jose Nilton Carvalho Pereira
-

EDUCADOR DO ANO

- | | |
|----------------------------------|------|
| • José Carlos Almeida | 1995 |
| • Zilma Parente de Barros | 1996 |
| • Divaldo Pereira Franco | 1997 |
| • Edivaldo Machado Boaventura | 1998 |
| • Olga Pereira Metting | 1999 |
| • José Corgozinho Carvalho Filho | 2000 |
| • Dirlene Mendonça | 2001 |
| • Jair de Oliveira Santos | 2002 |
| • Leda Jesuino dos Santos | 2003 |
| • Antônio de Pádua Carneiro | 2004 |
| • João Fernandes da Cunha | 2005 |
| • Astor de Castro Pessoa | 2006 |
| • Maria Augusta Cruz Abdon | 2007 |
| • Josué Mello | 2008 |
| • Francisco Soares Senna | 2009 |
-

MEMBRO CORRESPONDENTE DA ABE - EM ARACAJU

- Maria Thetis Nunes
-

**GRUPO DE FUNDADORES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO,
INSTITUÍDA EM 9 DE SETEMBRO DE 1982.**

- 1 - Hermano José De Almeida Gouveia – líder da iniciativa**
 - 2 - Raimundo Nonato De Almeida Gouveia**
 - 3 - Jose Newton Alves De Souza**
 - 4 - Adroaldo Ribeiro Costa,**
 - 5 - Antonio Oliveira Dias,**
 - 6 - Antonio Pithon.**
 - 7 - Edivaldo Machado Boaventura,**
 - 8 - Raymundo José Da Matta,**
 - 9 - Remy Pompilio De Souza**
-

PRESIDENTES

- | | |
|---|-------------------------|
| 1 - Raimundo Nonato De Almeida Gouveia | - De 1982 A 1986 |
| 2 - Hermano José De Almeida Gouveia Neto | - De 1986 A 1990 |
| 3 - Edvaldo Machado Boaventura | - De 1990 A 1996 |
| (Instituiu O Prêmio De Educador Do Ano) | |
| 4 - Jair De Oliveira Santos | - De 1996 A 1998 |
| (Reformou O Estatuto E O Regimento Da Academia) | |
| 5 - Hildérico Pinheiro De Oliveira | - De 1998 A 2002 |
| 6 - Alírio Fernando Barbosa De Souza | - De 2002 A 2004 |
| 7 - Roberto Figueira Santos | - De 2004 A 2008 |
| (Realizador de 3 Ciclos de Seminários e Deixou o 4º Planejado) | |
| 8 - José Rogerio Da Costa Vargens | - De 2008 A |
-

ACADÊMICOS TITULARES

ADELAIDE RÓGERIO DE REZENDE
ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA
ALÍRIO BARBOSA FERNANDES DE SOUZA
ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO
ASTOR DE CASTRO PESSOA
CID JOSÉ CAVALCANTE TEIXEIRA
CONSUELO PONDÉ DE SENA
EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA
EDUARDO SABACK DIAS DE MORAES
ELIEL JUDSON DUARTE DE PINHEIRO
ELSIOR MOREIRA ALVES
ENOCH SENA DE SOUZA
FRANCISCO PINHEIRO LIMA JÚNIOR
GERALDO LEITE
GERMANO MACHADO
GERMANO TABACOF
HÉLIO ROCHA
HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO
HERMES TEIXEIRA DE MELO
JAIR DE OLIVEIRA SANTOS
JOÃO EURICO MATTA
JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA
JOSÉ CORGOZINHO CARVALHO FILHO
JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUZA
JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA
JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VARGENS
JOSUÉ DA SILVA MELLO
LEDA JESUÍNO DOS SANTOS
LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES
MANOEL JOAQUIM F. BARROS SOBRINHO
MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA
MARIA ANÁLIA COSTA MOURA
MARIA AUGUSTA CARVALHO CRUZ ABDON
MARIA BETTY COELHO SILVA
MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA E SILVA
MARIA JOSÉ PACHECO DE ANDRADE COSTA
MARIA THEREZA OLIVA MARCÍLIO DE SOUZA
NADJA MARIA VALVERDE VIANA
REMY POMPÍLIO FERNANDES DE SOUZA
ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
ROSA PEREIRA LEVITA
VANDA ANGÉLICA DA CUNHA
YEDA BARRADAS CARNEIRO
ZILMA PARENTE DE BARROS

ENDEREÇO DOS ACEDÊMICOS TITULARES

Adelaide Rogério de Rezende

Rua João da Silva Campos, nº 121 – Itaigara – Salvador – BA. CEP. 41815-200
3359-7079 / 3353-5566 / 8106-0955. Aniversário: 19 de janeiro
adelaide@consultec.com.br

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Av. Sete de Setembro, nº 1914, Edf. Delmar, apt. 401, Vitória – Salvador-BA.
CEP. 40008-004
4102-6738 / 9968-2550 . Aniversário: 25 de junho
alfredo@matta.pro.br

Alirio Fernando Barbosa de Souza

Rua Edith da Gama e Abreu, nº 545, edf, apt. 202 – Itaigara – Salvador-BA.
CEP: 41815-010
3358-5758 / 8717-1944. Aniversário: 4 de novembro
aliriosouza@uol.com.br

Antonio Jesuino dos Santos Netto

Rua Piauí, nº 751, apt. 1401, Edf. Vila de Malta – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41170-140
3240-0461 / 9961-4062
Aniversário 18/setembro

Astor de Castro Pessoa

Rua Amazonas, nº 53, apt. 102, edf. Vila Real – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41830-380.
3347-7577 / 9973-7736 . Aniversário: 2 de agosto
cee@sec.ba.gov.br

Cid Teixeira

Rua das Violetas, nº 85, Parque Nossa Senhora da Luz – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41810-080
3358-1089. Aniversário: 15 de agosto

Consuelo Pondé de Sena

Av. Princesa Leopoldina, nº 288, Edf. Mansão Princesa Leopoldina, Apt. 301 Graça
– Salvador-BA CEP: 40150-121
3336-6205 / 3247-6669 / 8777-5415. Aniversário: 19 de janeiro
consueloponde@terra.com.br

Edivaldo Machado Boaventura

Rua Dr. José Carlos, nº99, Edf. Parque das Mangueiras, apt. 801 – Acupe de Brotas – Salvador-BA CEP: 40290-040
3340-8505 / 3276-1242. Aniversário: 9 de dezembro
edivaldoboaventura@terra.com.br

Eduardo Saback Dias de Moraes

Av. 7 de setembro, nº 2937, apt. 1302 – Vitória – Salvador-BA. CEP: 40130-000
3336-0146 / 9195-9791. Aniversário: 20 de maio
eduardosdm@hotmail.com

Eliel Judson Duarte de Pinho

Rua Priscila Dultra, Condomínio Palm Ville, nº 701, casa 37 – Lauro de Freitas_BA CEP: 42700-000
3379-9484 / 9276-1301. Aniversário: 23 de julho
ejdpinheiro@hotmail.com

Elisior Moreira Alves

Rua Euclides da Cunha, nº 116, Edf. Mansão da Graça – Graça – Salvador-BA CEP: 40150-121
3245-7806. Aniversário: 5 de abril

Enoch Senna Souza

Alameda Praia de Iguape, nº 55 – Vilas do Altântico – Lauro de Freitas-BA CEP: 42700-000
3289-0369 / 9988-4639. Aniversário: 15 de maio
sennaenoch@hotmail.com

Francisco Pinheiro Lima Júnior

Rua Comendador Horário Urpia, nº4 – Graça – Salvador-BA. CEP: 40150-250
3247-0956 / 9962-2179. Aniversário: 13 de novembro

Geraldo Machado Leite

Rua Território do Rio Branco, nº 316 – Pituba – Salvador-BA CEP: 41830-530
3240-5169 / 9622-3671
leite.geraldo@uol.com.br

Germano Dias Machado

Rua Manoel Barreto, nº 688, edf. Cidade de Laranjeiras, apt. 102 – Graça – Salvador-BA. CEP: 40150-360
3242-0502 / 3237-6909 – 8884-0205. Aniversário: 28 de maio
Germanomachado83@gmail.com

Germano Tabacof

Rua Mato Grosso, nº 465, apt. 501 – Pituba – Salvador-BA. CEP: 41830-151
3248-2228 / 8884-0225. Aniversário: 29 de dezembro
gwtabacof@hotmail.com

Hélio Rocha

Rua Clarival do Prado Valadares, nº 264, Edf. Mansão Caminho das Árvores, apt. 203 – Caminho das Árvores – Salvador-BA CEP: 41820-700
9207-9753. Aniversário: 30 de março
paulorocha@integralweb.com.br

Hermes Teixeira de Melo

Rua Plínio Moscoso, nº 955 – apt 301 – Apipema – Salvador-BA. CEP: 40155-020
3247-4338 / 8702-4338. Aniversário: 19 de março
hermestm@hotmail.com

Hermano Augusto Palmeira Machado

Av. Santa Luiza, nº 149, edf. Condomínio Bosque Itália – Horto Florestal – Brotas – Salvador-BA CEP:40295-050
3276-2325 / 8289-5947. Aniversário: 19 de dezembro
hd.augusta@hotmail.com

Jair de Oliveria Santos

Rua Rio de Janeiro, nº679 Pituba – Salvador-BA CEP: 41830-000
3245-4382 / 3205-2211. Aniversário: 17 de maio
jairsantos@castroalves.br

João Eurico Matta

Rua Afonso Celso, nº 301 edf. Concórdia, apt. 302 – Barra – Salvador-BA
CEP: 40144-080
3247-0869 / 8880-0869 . Aniversário: 16 de julho
jematta@terra.com.br

José Carlos Almeida da Silva

Rua Desembargador Balduino de Andrade, nº79 edf. Mansão Green Park Chame Chame, apt 1101 – Barra – Salvador-BA CEP: 40000-000
UCSAL 3324-7629 / 7619 / 9137-8472 . Aniversário: 9 de julho
reitoria@ucsal.br

José Corgozinho Carvalho

Parque da Fundação José Carvalho – Estrada de Santiago – Pojuca-BA
CEP: 48120-000
3645-8990(FERBASA) 3645-8801(Vice Presidente). Aniversário: 17 de abril

José Newton Alves de Souza

AV. Euclides da Cunha, nº 216, apt. 16 – Graça – Salvador-BA CEP: 40150-122
3263-1065. Aniversário: 5 de junho

José Nilton Carvalho Pereira

Rua Miguel Bournier, nº 185, Edif. Barra Tropical, Apt. 712 – Barra - Salvador-BA
CEP: 40140-190
3379-0191 / 9617-8901. Aniversário: 12 de maio
jncpereira@gmail.com

José Rogério da Costa Vargens

Rua Manoel Gomes de Mendonça, nº 305, apt. 602 – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41810-820
3248-7409 / 9139-9913
rogeriovargens@gmail.com

Josué da Silva Mello

Rua Senador Balduino Andrade, nº 211, edif. Residencial Central Park, apt 1402 – Chame-Chame – Salvador-BA
3263-0838 / 9206-7429. Aniversário 23 de junho
josue@f2j@edu.br

Leda Jesuino dos Santos

Rua Piauí, nº 751, edif. Vila de Malta, apt. 1401 – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41830-270
3240-0461 / 9961-4602. Aniversário 18 de setembro

Luis Henrique Dias Tavares

Rua do Ébano, nº 159, edif. Henri Matisse, apt. 802 – Caminho das Árvores – Salvador-BA CEP: 41820-370
3245-3524. Aniversário: 25 de janeiro

Manoel Joaquim F. de Barros

Rua Dr. José Peroba, nº 251, sala 1001 – Stiep – Salvador-BA CEP: 41770-235
3245-5233. Aniversário: 15 de junho
mjfb@terra.com.br

Marcelo Augusto Carvalho Rocha

Rua da Mangueira, nº 33 – Nazaré – Salvador-BA CEP: 40040-400
2108-1568 / 8151-1152. Aniversário: 22 de abril
diretoria@famettig.br

Maria Anália Costa Moura

Rua Nita Costa, nº 9, apt. 802 – Jardim Apipena – Salvador-BA CEP: 40155-000
3235-8767 / 9989-8383. Aniversário: 10 de março
moura-500@uol.com.br

Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

Av. Sete de Setembro, nº 1738, edf. Vitória Régia, apt. 504 – Vitória – Salvador-BA
CEP: 40080-0001
3337-0031 / 8819-7686. Aniversário: 15 de setembro
therezadp@gmail.com

Maria Betty Coelho Silva

Rua Monsenhor Gaspar Sadock, nº 385, apt 13 Costa Azul – Salvador-BA
CEP: 41760-200
3342-1711. Aniversário: 24 de abril

Maria da Conceição Costa e Silva

Av. Princesa Isabel, nº 252, apt. 502 – Barra – Salvador-BA CEP: 40050-080
3264-7772 / 8751-2327. Aniversário: 22 de maio
ccsilva1@gmail.com

Maria José Pacheco

Rua Dr. Américo Silva, Edf. Mansão Morro do Gato, nº 96, apt. 602 – Morro do gato
– Salvador-BA CEP: 40140-490
3235-0001 / 9971-0815 Aniversário: 15 de agosto
mariajosepacheco@terra.com.br

Maria Thereza Olivia Marcilio de Souza

Rua Professor Aristides Novis, nº 634, Apt. 1501 – Federação – Salvador-BA
CEP: 40210-630
3263-3404. Aniversário: 30 de maio
therezamarcilio@yahoo.com.br

Nadja Maria Valverde Viana

Rua Nina Mota, Quadra 29, lote 2 – Piatã – Salvador-BA CEP: 41650-320
2106-3984 / 8778-3040. Aniversário: 7 de janeiro
nviana@devrybrasil.com.br

Remy de Souza

Rua B Alberto Vita, Quadra 29, lote 2, condomínio Colina da Fonte – Itapuã –
Salvador-BA CEP: 41640-660
3249-7969. Aniversário: 7 de julho

Roberto Figueira Santos

Rua Basílio Catalã de Castro, nº 346, lote A, Quinta do Candeal – Candeal –
Salvador-BA CEP: 40296-730
3276-5759. Aniversário: 15 de setembro
rfsantos @terra.com.br

Rosa Pereira Levita

Clarival Prado Valadares, nº 241, Edf. Rosa Branca, ATP. 1304 – Pituba – Salvador-BA CEP: 41820-700
3352-5880 / 9963-6115. Aniversário: 6 de abril

Vanda Angélica da Cunha

Rua Conde Filho, nº 310apt. 1503 – Graça – Salvador-BA CEP: 40150-150
3247-5627 / 9978-3654 . Aniversário: 13 de maio
avangeli200@yahoo.com.br avangeli@ufba.br

Yeda Barradas Carneiro

Alameda dos Sombrieros, nº 90 – Caminho das Árvores – Salvador-BA
CEP: 41820-420
3351-0040 / 3248-9905(irmã Miriam). Aniversário: 26 de abril

Zilma Parente de Barros

Rua da Flórida, nº 211, Edf. El Prado, apt. 203 – Graça – Salvador-BA
CEP: 40055-000
3336-7583. Aniversário: 10 de agosto
zilmaparente@uol.com.br